



Carlos Drummond de Andrade:

O poeta que aprendeu a ver o Brasil com olhos deslocados



 Minas Gerais - Brasil

LITERATURA - Leia no site



Por J.B Wolf
EDITOR-CHEFE

Quando Carlos Drummond de Andrade publicou seu primeiro livro, em 1930, o título escolhido já dizia muito sobre o poeta que surgia: *Alguns poemas*. Não a poesia definitiva, nem uma declaração solene sobre o que deveria ser escrito. Apenas alguns poemas. Havia certa modéstia no título, mas também ironia. Drummond entrava na literatura brasileira desconfiando das grandes afirmações, inclusive das próprias.

Nasceu em 31 de outubro de 1902, em Itabira, Minas Gerais. A cidade mineradora ficaria para sempre ligada à sua escrita. Montanhas, casas, relações familiares, diferenças sociais, lembranças da infância e o avanço da mineração reapareceriam anos depois, transformados pela memória. Itabira nunca seria apenas uma cidade natal. Tornou-se uma espécie de território interior ao qual Drummond retornava sem conseguir voltar de fato.

Esse movimento ajuda a compreender uma característica persistente de sua poesia: o sentimento de estar dentro e fora ao mesmo tempo.

A infância mineira aparece em seus versos sem a idealização que costuma acompanhar as recordações da casa e da família. Há afeto, mas também autoridade, hierarquia, silêncio e perda. O passado não retorna intacto. Quando Drummond escreve sobre a infância, quem olha para o menino é o homem que já conhece aquilo que veio depois.



Sua formação passou por Belo Horizonte e Nova Friburgo. Em 1925, concluiu o curso de Farmácia, profissão que não chegou a exercer. Literatura, jornalismo e serviço público ocupariam sua vida profissional. O trabalho na imprensa teve peso particular em sua escrita. O jornal lhe oferecia diariamente aquilo que sua literatura aprenderia a observar muito bem: acontecimentos aparentemente pequenos, personagens anônimos, conversas, notícias, contradições da cidade e situações que poderiam passar despercebidas.

Drummond chegou ao Modernismo quando a ruptura iniciada na década anterior já havia abalado parte das convenções literárias brasileiras. A Semana de Arte Moderna de 1922 abriu espaço para experiências que recusavam o excesso de solenidade e buscavam outra relação com a língua falada no país. Ele seguiu por um caminho próprio. Não tinha a atitude pública provocadora de Oswald de Andrade, por exemplo. Sua irreverência aparecia de outro modo, às vezes numa frase simples, numa repetição incômoda ou numa palavra colocada exatamente onde não se esperava encontrá-la.

Verso livre, humor, coloquialismo e cenas do cotidiano convivem em sua obra com formas tradicionais e referências eruditas. Essa liberdade talvez explique por que é difícil reduzir Drummond a uma única fase ou fórmula.

Em 1928, dois anos antes de *Alguns poemas*, publicou na Revista de Antropofagia um poema que provocaria uma das controvérsias mais conhecidas da literatura brasileira: No meio do caminho.

A pedra se repetia.

E justamente aquela repetição incomodou.

O poema recebeu críticas, ironias e paródias. Para alguns leitores, parecia simples demais. A insistência na mesma imagem foi tratada como provocação ou defeito. A história posterior do poema tomou outra direção. A pedra passou a admitir inúmeras leituras: obstáculo, lembrança persistente, interrupção, limite, acontecimento que a consciência não consegue abandonar.

Drummond não explicou a pedra até esgotá-la. Deixou-a no caminho.

Em 1934, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como funcionário público e, posteriormente, no Ministério da Educação e Saúde, ligado ao gabinete de Gustavo Capanema. A experiência colocou o escritor perto da administração pública e das discussões culturais de um período politicamente tenso, inclusive durante o Estado Novo.

Essa proximidade com as instituições não eliminou sua desconfiança diante do poder. Talvez tenha tornado algumas de suas contradições ainda mais visíveis. O funcionário público e o poeta crítico habitavam o mesmo homem.

Nos anos 1940, algo se altera de maneira perceptível em sua poesia.

Sentimento do mundo, publicado em 1940, registra um poeta mais diretamente atingido pelos acontecimentos de seu tempo. Guerra, autoritarismo, desigualdade e medo entram no poema sem apagar a experiência individual.

O sujeito drummondiano continua inquieto e limitado, mas agora percebe com maior intensidade que sua inquietação existe dentro de uma história compartilhada por milhões de pessoas.

A pergunta deixa de ser apenas "o que acontece comigo?" e se aproxima de outra: o que pode fazer a palavra diante do que acontece conosco?

Não há resposta confortável.

Em José, publicado em 1942, o impasse ganha uma figura humana. José é um nome comum, quase qualquer pessoa. A festa terminou, as possibilidades parecem esgotadas e a pergunta permanece. Para onde ir?

A força do poema está justamente na recusa de uma solução conveniente. José não recebe uma saída providencial. Não se transforma repentinamente em herói. Continua diante do vazio, obrigado a existir mesmo quando as respostas desapareceram.

Três anos depois, *A rosa do povo* levou a dimensão histórica e social da poesia de Drummond a uma de suas expressões mais conhecidas. Publicado em 1945, o livro carrega as tensões da Segunda Guerra Mundial, do autoritarismo e das expectativas políticas daquele período. O mundo coletivo entra com força nos poemas, mas sem converter a literatura em simples palavra de ordem.

Drummond sabia que escrever um poema não interromperia uma guerra nem acabaria com a injustiça. Sua questão era outra: o que a poesia ainda pode fazer quando parece tão pequena diante da realidade?

Essa dúvida nunca desapareceu completamente.

Claro enigma, de 1951, apresenta outro movimento. A linguagem torna-se mais concentrada, a presença de formas tradicionais se intensifica e questões como tempo, morte, memória, amor e os limites da própria palavra ganham espaço. O título já contém uma tensão tipicamente drummondiana. Se é claro, por que continua sendo enigma?

Décadas depois, a série *Boitempo*, iniciada em livro em 1968, conduziria Drummond novamente a Minas, à família, aos objetos da casa, aos costumes e às imagens de sua formação. Mas aquele que retorna pela escrita já não é o menino de Itabira. É um homem envelhecido tentando compreender aquilo que o tempo modificou.

Por isso a memória drummondiana raramente funciona como fotografia. Lembrar também significa alterar. Certas coisas crescem quando vistas à distância; outras perdem contorno. Algumas doem mais depois de décadas.

Na prosa, especialmente na crônica, aparece um observador extraordinariamente atento ao cotidiano. Drummond podia partir de uma conversa, uma notícia, uma situação urbana ou um objeto qualquer. Não precisava procurar acontecimentos espetaculares. Seu material estava na rua, nos apartamentos, nos jornais, nos desencontros e nas pequenas estranhezas da vida comum.

Essa atenção também está na poesia.

A aparente simplicidade de muitos versos engana. Por trás dela existe controle de ritmo, pausa, repetição, escolha lexical e ambiguidade. Drummond aproximou a poesia da conversa sem transformar o poema em conversa casual. Sabia que uma palavra cotidiana, colocada no lugar certo, poderia produzir mais desconforto do que uma construção grandiosa.

Talvez por isso algumas imagens tenham sobrevivido tão intensamente na cultura brasileira: a pedra, José, o gaúcho, Itabira, a rosa. São imagens diferentes, mas compartilham algo. Nenhuma oferece uma resposta completa.

O gaúcho, figura anunciada desde o *Poema de sete faces*, ajuda a compreender esse olhar. É aquele que parece ocupar uma posição ligeiramente inadequada diante do mundo. Não está completamente excluído, mas tampouco consegue ajustar-se a ele. Observa de lado.

Desse ângulo surgem muitos dos temas que atravessam sua obra: família, memória, cidade, trabalho, burocracia, desigualdade, política, desejo, amor, solidão, morte e a própria dificuldade de escrever.

Drummond ocupa posição central na segunda fase do Modernismo brasileiro, período em que a literatura produzida no país ampliou sua atenção para conflitos sociais, inquietações existenciais e diferentes experiências regionais. Na poesia, dialoga com autores de sua época como Murilo Mendes, Jorge de Lima e Vinícius de Moraes, mantendo também proximidade literária e intelectual com nomes de outras trajetórias modernistas, entre eles Manuel Bandeira e Mário de Andrade.

Itabira era pequena diante do Brasil, mas não precisava deixar de ser Itabira para que seus conflitos alcançassem outros leitores. Família, poder, perda, memória e pertencimento podiam nascer de uma rua mineira e ainda assim falar a alguém que jamais estivera ali.

Sua relação com a política também recusou acomodações simples. Na década de 1940, aproximou-se de círculos ligados ao comunismo e participou do jornal *Tribuna Popular*, vinculado ao Partido Comunista Brasileiro, mas afastou-se do periódico após divergências. A experiência ajuda a entender por que sua poesia social não cabe facilmente numa leitura partidária. Havia preocupação com desigualdade, guerra e

injustiça, mas também resistência à submissão da literatura a respostas prontas.

Com o passar dos anos, o poeta continuou escrevendo sobre aquilo que o acompanhara desde cedo, agora observado pelo homem que envelhecia. As impurezas do branco, *A paixão medida*, *Corpo* e outros livros mostram uma escrita ainda ocupada pelo amor, pelo corpo, pelo tempo e pela morte.

A perda chegaria de maneira brutal em 1987.

Maria Julieta Drummond de Andrade, sua única filha, morreu em 5 de agosto. Carlos Drummond de Andrade morreu doze dias depois, em 17 de agosto, no Rio de Janeiro. Tinha 84 anos.

Sua obra permaneceu.

Talvez permaneça justamente porque Drummond desconfiava das respostas definitivas. Seus poemas não exigem que o leitor admire o poeta. Pedem que ele observe. Uma rua. Uma família. Uma guerra. Um funcionário. Uma lembrança. Uma palavra. Uma pedra.

Há escritores que procuram explicar o mundo. Drummond frequentemente parece interessado no instante anterior à explicação, quando alguma coisa conhecida se torna estranha e somos obrigados a olhar novamente.

É aí que seus olhos deslocados ainda encontram os nossos.

E talvez a pedra continue no caminho por isso.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando ChatGPT 5.2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/08/2026"

Edições 2026

13ª EDIÇÃO - SETEMBRO



13ª EDIÇÃO - SETEMBRO



Download

12ª EDIÇÃO - AGOSTO



Download

11ª EDIÇÃO - JULHO



Download

10ª EDIÇÃO - JUNHO



Download

9ª EDIÇÃO - MAIO



Download

8ª EDIÇÃO - ABRIL



Download

7ª EDIÇÃO - MARÇO



Download

6ª EDIÇÃO - FEVEREIRO



Download

5ª EDIÇÃO - JANEIRO



Download

The Bard News

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica

VOL. II / Jornal No. 13, SETEMBRO 07, 2026

COLUNISTAS FIXOS: Publicados

EDIÇÃO ESPECIAL

- Jeane Tertuliano
- Stella Gaspar
- J.B Wolf
- Renata Munhoz
- Drika Gomes
- Mariana Pacheco
- Beth Baltar
- Aline A. Santana
- Magna Aspásia
- Claúdia Faggi
- Edna Lessa
- Sandra Santiago
- Camila Barros

ANUNCIE:

- Publicidade no Site
- Publicidade no Modelo Impresso em PDF interativo
- Classificados
- Vitrine The Bard News

CONTATO/WHATSAPP: (61) 9 8474-7033



CLIQUE AQUI

EDITAL SUBMISSÃO:



INSCRIÇÕES

"O The Bard News é um convite aberto. Envie seu texto, arte ou sugestão e faça parte deste movimento."

EXPEDIENTE

Entre palavras, cores e ideias, The Bard News constrói pontes entre leitores, autores, artistas e o mundo. Aqui, cada edição é feita com paixão, escuta e a certeza de que a cultura transforma.

Edição: Vol II - Jornal Nº 13 - Setembro /2026

Direção Geral: J.B Wolf

Editor-Chefe: J.B Wolf

Conselho Editorial: [Lista de membros]

Redação: [Redatores, jornalistas, estagiários]

Coordenação de Arte e Design:
Agência The Wolf Bard

Suporte Técnico: [TI e Web]

Contato: redacao@thebardnews.com |
Instagram: @thebardnews

Endereço: Brasília - DF

Colaboradores: [Convidados]

Contato para publicações: participe@thebardnews.com

LITERATURA

CRÔNICAS

Em Setembro nasci



POR
Stella Gaspar

Em setembro nasci
Para uma vida em movimentos
Com sonhos ampliados
Com a grandeza
E a generosidade, do amor.
Os sinos e os rouxinóis
Cantaram no meu nascimento
Ofertando carícia,
na minha alma.

Sou do signo de virgem.
Forte com a esperança
E em um mar
De rosas,
Meus sonhos realizo.

Imagine uma centelha que em sentido
figurado, podemos chamar de uma
inspiração ou imaginação inesperada. A
crônica poética que escrevi, traz aspectos de
um texto lírico, com emoções e sentimentos.

Setembro pode ser assim, um
florescimento, desabrochando para cada
um de nós.

Reconhecer o valor de cada momento
de nossas vidas, amadurecidas por nossas
experiências positivas ou negativas, é uma
oportunidade de aprendemos com todas elas.

Durante o ano, um novo mês, proponho
acreditarmos que podemos ser felizes,
tornando nossas jornadas mais confortáveis,
evitando o pessimismo. Se as coisas saírem
erradas, tente novamente, nós seres humanos
temos uma riqueza que nenhum pássaro,
nenhuma árvore, nenhuma estrela ou arco-
íris possuem, nós temos a consciência. Somos
seres de escolhas, de coragens. Um novo mês,
novos caminhos. Permita-se deleitar-se com
suas conquistas, seja o tesouro de seu mundo,
sinta motivações, aprenda novas coisas do
viver, observe as estrelas e arrisque sonhar.

Que mês bonito, é setembro
florescido, com um clima de bem-estar
interior. Sinta-se radiante, transborde de
levezas e em setembro, busque a sua total
satisfação.

Lembre-se: quando há ventos
fortes, as ondas se movimentam altas e
semi-baixas; quando os ventos desaparecem,
incrivelmente as ondas se aquietam. Somos
dependentes como as ondas, dependentes
dos ventos, sempre estamos ansiando por
algo novo, nutrindo nossos desejos.

Desfrute das luzes de setembro,
habite na casa da sensibilidade, sinta o
coração do amor, seja em setembro o amor,
o seu próprio amor!



POETA & ESCRITOR
J.B Wolf

Miniconto
Pesadelo Azul

E ela olhou
nas sombras do céu,
o seu mais
profundo
pesadelo azul.

@jbwolfoficial

POEMAS

Sonhe como quem toca o impossível



POETA
Stella Gaspar



@stella_maria_gaspar

Há desejos que só despertam quando o
coração arde sem medo.
Parecem uma tecelagem no útero se
entrelaçando com o fio da vida.

Não tento conter o que nasce para
incendiar minhas narrativas amorosas.
Na verdade, alguns ventos
chegam como amantes.

Varrem a alma, arrepiam a pele,
e deixam um rastro que
nenhuma distância apaga.

Todo tempo é tempo de aumentar a história de
nossos sintomas de paixão.

O amor verdadeiro não se esconde,
ele invade, atravessa mundos,
e nos encontra mesmo quando
você tenta se proteger.

Sobre o nosso corpo, ele deixa memórias.
Posse a posse, somos inteiros.
Com tempestades de beijos perfeitos.

POEMAS

Serpente Verde



POETA
J.B Wolf



@poetajbwolf

Inveja, ó veneno sutil que se infiltra
pelos poros da alma desprevenida,
és tu quem transforma jardins em desertos
e corações generosos em pedra fria.

Nasces do olhar que compara sem cessar,
que mede a própria vida pela alheia,
que vê no sucesso do próximo
espelho cruel da própria pequenez.

És serpente verde que se alimenta
da felicidade que não conseguimos ter,
roendo por dentro como ácido corrosivo
até que nada reste além de amargura.

Quando te apossas de uma alma,
transformas virtudes em defeitos,
fazes da alegria alheia tortura
e da própria existência um fardo pesado.

Inveja maldita, que cega os olhos
para as bênçãos que já possuímos,
que faz esquecer a própria luz
na obsessão pela luz dos outros.

Mas há cura para teu veneno mortal:
é aprender a celebrar conquistas alheias,
é encontrar na própria jornada
razões suficientes para gratidão.

Que eu saiba transformar-te em inspiração,
que tua presença me ensine humildade,
que teu sussurro venenoso se torne
chamado para cultivar meu próprio jardim.

POEMAS

Vou



POETA
Arcely Soares



@ms_arelly

Quando dizem
Que não posso voar,
Eu voo!
Quando dizem
Que eu não posso ir,
Eu vou!
Em ambos,
Tenho um par
De asas,
Um sonho
E uma liberdade.

POEMAS

Invencível é o amor



POETA
Rute Ella Dominici



@ruteelladominici

Invencível é o amor que não se explica,
nem pede ao mundo licença para arder.
Chega em silêncio, habita e multiplica
o corpo alheio em casa de viver.

Eu te amo sem cálculo ou defesa,
com pele acesa e sede de verdade;
meu coração aprende outra linguagem
quando teu nome chama a claridade.

Em ti, desejo não é jogo ou cena:
é maré viva, é chama sem razão.
Teu toque rompe, em forma leve e plena,
as fortalezas frágeis da ilusão.

E ao te querer inteiro, reconheço:
há uma luz triste em tudo que é maior.
Mas fico, volto e no mesmo tropeço
te amo mais, ainda que seja dor.

Invencível, assim se faz destino:
perder-se em ti e,
ao fim, achar caminho.



Participe e Publique a sua Arte

CLIQUE AQUI!

REVISTA THE BARD®

Revista Atual lançada - 38ª edição Julho e Agosto



QUANDO FALAR JÁ NÃO É DIZER:
"O esvaziamento da palavra no século
de hiperconexão"

[Clique aqui para acessar](#)

Em Processo Editorial - 39ª edição Setembro e Outubro 2026
Lançamento dia 13 de Setembro



INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL:
a formação cultural desde os primeiros anos

EM BREVE
[Clique aqui para acessar](#)

Edital Aberto - 40ª edição Novembro e Dezembro 2026
Início dia 04 de Agosto | Término dia 30 de Setembro



DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:
Imagens Que Salvam a Humanidade

[Clique aqui para acessar](#)

Site da Revista The Bard

[Clique aqui para acessar](#)

Edital Aberto

[Clique aqui para acessar](#)

Instagram

[Clique aqui para acessar](#)

Canal no Instagram

[Clique aqui para acessar](#)

Canal no Whatsapp

[Clique aqui para acessar](#)



CASTELOS & CATEDRAIS

Chambord: O Castelo onde Francisco I transformou a caça em espetáculo de poder

ARTE & ARQUITETURA

Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

“Por que Francisco I construiu um castelo tão grandioso para passar tão pouco tempo nele? Chambord esconde uma disputa de poder por trás de cada torre.”



No vale do Loire, o Castelo de Chambord parece menos uma residência prática do que uma ideia arquitetônica construída em pedra. Erguido por ordem de Francisco I no século XVI, o palácio mistura tradição defensiva francesa, referências italianas e uma quantidade incomum de torres, chaminés e escadarias. Foi concebido como retiro de caça, mas acabou servindo a um objetivo maior: mostrar que o rei francês conhecia as novidades do Renascimento e pretendia disputar com outras cortes europeias o controle da arte, da cultura e da imagem do poder.

Quem chega a Chambord costuma perceber primeiro o telhado. A cobertura é tão movimentada que parece uma cidade vista de cima: torres, lanternas, chaminés, claraboias e pequenas estruturas se espalham sobre o edifício principal. A fachada, por sua vez, combina simetria e excesso. Há uma ordem geométrica no conjunto, mas também uma profusão de detalhes que impede o olhar de descansar.

O castelo fica no vale do Loire, em uma área de florestas e antigos domínios reais. Foi nesse ambiente que Francisco I decidiu construir, a partir de 1519, uma residência dedicada principalmente à caça. A escolha do local tinha uma explicação prática. A região era rica em caça e ficava relativamente próxima de outras propriedades da monarquia. Havia também uma razão política: depois das campanhas na Itália, o rei voltara impressionado com a arte, a arquitetura e os hábitos das cortes italianas. Chambord seria uma forma de levar essa experiência para o território francês.

A obra começou em um momento de confiança. Francisco I havia participado das disputas pelo controle do norte da Itália e queria



IMAGEM GERADA POR IA “usando GPT Image 2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/08/2026”

apresentar a França como uma potência capaz de competir com o papado, o Sacro Império e as grandes cortes italianas. O castelo não foi planejado como uma fortaleza de fronteira. Sua aparência conserva torres e elementos associados à arquitetura militar medieval, mas sua função era outra. O que importava ali era a residência, a circulação, a decoração e o espetáculo oferecido aos visitantes.

O projeto inicial costuma ser associado ao arquiteto Domenico da Cortona, que trabalhava para a corte francesa. A participação de Leonardo da Vinci também aparece com frequência nas histórias sobre Chambord, sobretudo por causa da escadaria de dupla revolução. Leonardo viveu os últimos anos de sua vida na França como convidado de Francisco I, no Castelo de Clos Lucé, perto de Amboise, e manteve contato com o rei. Ainda assim, não existe prova conclusiva de que tenha desenhado Chambord ou a escadaria.

A ligação faz sentido no imaginário do Renascimento, mas precisa ser apresentada com cautela.

A escadaria central é, de fato, uma das soluções mais conhecidas do castelo. Duas rampas sobem em espiral ao redor de um vazio central sem se cruzar. Quem utiliza uma delas pode subir ou descer sem encontrar diretamente quem está na outra. O efeito é engenhoso e teatral, mas a escada também cumpre uma função prática: organiza o acesso entre os diferentes níveis e conduz os visitantes até os terraços superiores. Ali, o edifício revela uma parte de sua verdadeira personalidade. O telhado deixa de ser apenas cobertura e se transforma em espaço de circulação e observação.

O núcleo de Chambord é formado por um edifício central, conhecido como donjon, organizado em torno de um plano regular. Quatro torres ocupam os cantos, e os apartamentos se distribuem de maneira simétrica. Esse desenho se afasta das construções medievais que cresceram de forma irregular ao longo de séculos. Em Chambord, a geometria é deliberada. O castelo

não parece ter sido adaptado a partir de uma estrutura anterior; foi concebido como uma composição completa, na qual cada eixo, abertura e passagem participa de um sistema.



A presença de elementos medievais não é acidental. As torres circulares, os telhados altos e as formas verticais lembram castelos tradicionais, mas a organização interna e os ornamentos apontam para outra época. É justamente dessa combinação que surge a aparência singular de Chambord. A construção não abandona completamente a imagem da fortaleza, porque a monarquia ainda valorizava os símbolos da tradição guerreira. Ao mesmo tempo, incorpora a simetria, a proporção e o interesse pela Antiguidade que caracterizavam o Renascimento.

Francisco I acompanhou a construção, mas nunca viu o castelo concluído. O projeto se prolongou por décadas, em parte porque era enorme e caro. As guerras, as mudanças políticas e as dificuldades logísticas também interferiram no ritmo das obras. Quando o rei morreu, em 1547,

Chambord ainda estava longe de ser finalizado. O edifício continuou a receber intervenções durante os reinados seguintes, sem que se tornasse uma residência habitual da família real.

Essa ausência é uma das características mais curiosas do castelo. Chambord foi construído para receber o rei e sua corte, mas o tamanho da comitiva necessária para ocupá-lo tornava as estadias difíceis. A região era isolada, e manter uma residência desse porte exigia transportar alimentos, móveis, funcionários e equipamentos. O castelo recebeu monarcas e convidados em ocasiões específicas, principalmente durante temporadas de caça, mas não se transformou em centro permanente do governo francês.

Sob Luís XIV, algumas obras foram retomadas. O rei visitou Chambord e mandou adaptar espaços internos para torná-los mais confortáveis. Molière apresentou peças no castelo, incluindo obras ligadas à corte, e o palácio serviu como cenário para festas e encontros aristocráticos. Ainda assim, Versalhes e outras residências reais ofereciam condições melhores para a administração do reino. Chambord permaneceu como uma propriedade de representação, associada ao lazer aristocrático e à imagem do rei como senhor das terras e da caça.

A Revolução Francesa modificou a situação do castelo. Os símbolos da monarquia perderam valor político, e Chambord foi saqueado. Móveis, objetos decorativos e parte dos elementos que lembravam a presença real foram vendidos ou retirados. O edifício não foi demolido, mas deixou de ser tratado como uma residência protegida pela Coroa. Durante o século XIX, passou por diferentes proprietários e recebeu novas iniciativas de conservação.

O interesse por Chambord cresceu quando o patrimônio medieval e renascentista passou a ser valorizado como parte da história nacional. A restauração buscou reparar danos e devolver ao conjunto uma aparência coerente, embora nem sempre fosse possível distinguir com clareza o que era original, reconstruído ou reinterpretado.

do. Como ocorre com muitos monumentos históricos, o castelo que vemos hoje é resultado de várias camadas de intervenção.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Chambord foi usado para proteger obras de arte retiradas de museus franceses. A localização, distante das principais zonas de combate e cercada por florestas, ajudou a transformar o castelo em local de armazenamento temporário. Pinturas e esculturas foram transferidas para lá, entre elas peças importantes das coleções nacionais. O edifício, que havia sido concebido para exibir riqueza, passou então a abrigar obras escondidas para evitar sua destruição ou captura.

Em 1981, o Castelo de Chambord foi incluído pela UNESCO na lista do Patrimônio Mundial como parte do conjunto do vale do Loire. O reconhecimento internacional consolidou sua posição como monumento histórico, mas também trouxe responsabilidades. A conservação exige controlar a umidade, acompanhar o desgaste das pedras, preservar os telhados e administrar o fluxo de. A floresta ao redor também faz parte da experiência de Chambord, embora sua paisagem atual resulte de séculos de manejo e não de uma natureza intocada.

Chambord continua sendo apresentado como um dos grandes símbolos do Renascimento francês, mas sua história é mais interessante quando se abandona a ideia de perfeição. O castelo reúne ambição, improviso, gastos elevados, mudanças de projeto e longos períodos de pouca utilização. Foi criado para a caça, usado para festas, esvaziado pela Revolução e transformado em patrimônio público. Sua aparência monumental permanece, mas o edifício também revela os limites do poder: até um rei capaz de ordenar uma obra dessa escala dependia de tempo, dinheiro, trabalhadores e circunstâncias políticas favoráveis.

No fim, Chambord não é apenas uma residência real que sobreviveu. É o registro de uma corte tentando se reinventar. Francisco I queria um castelo francês com linguagem internacional, capaz de associar a tradição da monarquia às novidades do Renascimento. O resultado foi uma construção difícil de classificar, meio palácio, meio fortaleza, quase sempre mais impressionante do que prática. É justamente nessa tensão que está sua força. Chambord não foi feito para a vida cotidiana. Foi feito para ser visto.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA “usando GPT Image 2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/08/2026”

CASTELOS & CATEDRAIS



A Cúpula que mudou Florença: A história da Catedral de Santa Maria del Fiore



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/08/2026"

ARTE & ARQUITETURA

Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação



“Como Brunelleschi cobriu um espaço que ninguém sabia como fechar? A cúpula de Florença nasceu de uma disputa, de cálculos arriscados e de uma cidade que queria impressionar o mundo”



No centro de Florença, a Catedral de Santa Maria del Fiore guarda uma das maiores realizações da arquitetura ocidental: a cúpula de Filippo Brunelleschi. Construída ao longo de mais de um século, a igreja nasceu como projeto religioso, tornou-se afirmação do poder urbano e acabou associada ao nascimento do Renascimento. Sua história envolve disputas entre famílias, avanços de engenharia, mudanças políticas e uma pergunta que ainda impressiona: como os florentinos conseguiram erguer uma cúpula monumental sem os conhecimentos estruturais disponíveis hoje?

A silhueta de Florença é inseparável da cúpula de Santa Maria del Fiore. Vista das colinas, das pontes sobre o Arno ou das ruas estreitas do centro histórico, ela aparece acima dos telhados como uma presença constante. A cor avermelhada das telhas contrasta com o mármore claro da catedral, enquanto o Campanile de Giotto se eleva ao lado, estreito e vertical. O conjunto não foi construído de uma só vez. É o resultado de mais de um século de obras, decisões interrompidas, mudanças de projeto e disputas sobre a imagem que a principal igreja da cidade deveria projetar.

A construção começou em 1296, sobre os restos da antiga Catedral de Santa Reparata. O projeto foi confiado a Arnolfo di Cambio, arquiteto e escultor que já havia trabalhado em importantes edifícios de Florença. A nova catedral deveria ser maior do que as igrejas das cidades rivais da Toscana, especialmente Pisa e Siena. Naquele período, os centros urbanos italianos competiam por influência comercial, prestígio religioso e autonomia política. Uma igreja monumental era uma forma visível de afirmar a riqueza e a confiança de uma comunidade.

O nome Santa Maria del Fiore, dedicado à Virgem Maria e associado ao símbolo de Florença, reforçava essa ambição. A cidade enriquecera com o comércio, com as atividades bancárias e com a produção de tecidos. O investimento no templo envolvia autoridades civis, membros do clero, corporações profissionais e famílias poderosas. O edifício não era apenas um lugar de culto. Também funcionava como declaração pública de que Florença tinha recursos para criar uma obra comparável às grandes catedrais europeias.

As obras avançaram lentamente. Arnolfo di Cambio morreu por volta de 1302, e a construção sofreu interrupções. No século XIV, o projeto foi retomado e ampliado. O arquiteto Francesco Talenti modificou as proporções da nave e aumentou o tamanho do transepto, tornando a igreja ainda mais ambiciosa. A escala cresceu a tal ponto que a parte central passou a representar um problema técnico sem solução evidente. Era possível erguer as paredes, mas como cobrir o enorme espaço octogonal acima delas?

Enquanto a questão da cúpula permanecia sem resposta, outras partes do complexo eram desenvolvidas. Giotto di Bondone assumiu, em 1334, a direção dos trabalhos do campanile, a torre do sino que hoje leva seu nome. Giotto morreu poucos anos depois, mas o projeto continuou com Andrea Pisano e Francesco Talenti. Revestido de mármore branco, verde e vermelho, o campanile combina painéis esculpidos, nichos e janelas que diminuem de tamanho à medida que a torre sobe. Sua função era prática, ligada aos sinos e à organização da vida religiosa, mas o resultado também era visual: uma torre que transformava o perfil urbano em composição arquitetônica.

A fachada principal da catedral tem uma história diferente. A estrutura medieval permaneceu inacabada durante séculos e acabou sendo desmontada no final do século XVI. A fachada que se vê hoje foi projetada no século XIX por Emilio de Fabris e concluída em 1887, seguindo uma linguagem neogótica inspirada no restante do conjunto. Por isso, Santa Maria del Fiore apresenta uma aparência uniforme à distância,

embora suas partes pertençam a períodos muito diferentes. O visitante vê uma catedral; o historiador vê uma sequência de decisões tomadas em épocas distintas.

O desafio central encontrou uma resposta em Filippo Brunelleschi. Em 1418, a cidade lançou uma competição para encontrar uma solução para a cobertura do octógono. Brunelleschi apresentou uma proposta ousada, mas não explicou todos os detalhes de como a cúpula seria construída. Sua experiência anterior como ourives e escultor não parecia, à primeira vista, suficiente para comandar a maior obra de engenharia da cidade. Ainda assim, ele recebeu a responsabilidade, dividindo a direção dos trabalhos com Lorenzo Ghiberti nos primeiros anos.



A construção começou em 1420. Brunelleschi projetou uma cúpula de dupla casca, formada por uma estrutura interna mais pesada e uma camada externa protegida por telhas. O sistema reduzia o peso e permitia organizar a carga sem depender de uma enorme armação de madeira. A alvenaria foi disposta com técnicas que ajudavam a controlar a pressão das paredes, e a obra avançava por meio de plataformas, guindastes e mecanismos concebidos pelo próprio arquiteto. Muitos desses equipamentos não eram comuns na construção da época.

A cúpula não é uma esfera perfeita nem uma estrutura simples. Seus oito lados sobem em direção ao lanternim, e a geometria distribui o peso por diferentes pontos. Brunelleschi também

precisou administrar a segurança dos trabalhadores, o transporte dos materiais e a ventilação dos espaços internos. A escala tornava qualquer erro perigoso. Uma fissura, uma deformação ou uma falha na distribuição das forças poderia comprometer décadas de trabalho.

O lanternim no topo foi concluído depois da morte de Brunelleschi, em 1446. A catedral foi consagrada em 1436 pelo papa Eugênio IV, embora ainda houvesse trabalhos a realizar. O evento contou com a presença de autoridades religiosas e políticas e confirmou a importância de Florença no cenário italiano. A cúpula já dominava a cidade e se tornara o principal símbolo de sua capacidade técnica.

O interior da catedral é mais sóbrio do que a fachada leva a imaginar. A escala da nave, as colunas e a luz filtrada pelas janelas produzem uma experiência diferente da decoração intensa de outras igrejas italianas. O grande destaque visual é o afresco do Juízo Final, pintado na cúpula por Giorgio Vasari e Federico Zuccari entre 1572 e 1579. A obra cobre uma área enorme e organiza centenas de figuras em diferentes níveis do espaço celeste e infernal.

A catedral também está ligada ao poder dos Médici, família que dominou a política florentina por gerações. Lorenzo de Médici frequentava o templo, e seu assassinato durante a conspiração dos Pazzi, em 1478, ocorreu na Catedral de Santa Maria del Fiore. O episódio deixou claro que o edifício era mais do que cenário de cerimônias religiosas. Era um lugar onde a elite se reunia e onde as disputas da cidade podiam assumir consequências violentas. A tentativa de eliminar os Médici durante uma missa transformou uma celebração pública em um dos acontecimentos políticos mais lembrados da história de Florença.

A catedral também atravessou o período de Girolamo Savonarola, frade dominicano que pregava contra o luxo e a corrupção da sociedade florentina. Seus sermões atraíram multidões, e Santa Maria del Fiore tornou-se

um de seus principais de pregação. A presença de Savonarola mostra como a igreja participava diretamente das tensões religiosas e políticas do final do século XV, quando Florença oscilava entre o esplendor artístico e a condenação moral dos excessos da elite.

Hoje, a Catedral de Maria del Fiore recebe milhões de visitantes e integra, com o campanile e o Batistério de São João, um dos conjuntos históricos mais conhecidos da Europa. A cúpula continua sendo o ponto de maior interesse, tanto pela beleza quanto pela audácia de sua construção. Subir até seus níveis superiores permite observar a estrutura interna, os afrescos e a cidade que se desenvolveu ao redor do monumento.



Santa Maria del Fiore não nasceu pronta nem pertence a um único estilo. Ela começou como uma obra gótica, incorporou soluções renascentistas, recebeu uma fachada neogótica e continua dependendo de técnicas contemporâneas de conservação. Sua unidade não está na uniformidade, mas na capacidade de reunir épocas diferentes em um mesmo edifício. A cúpula de Brunelleschi permanece no centro dessa história porque resolveu um problema concreto e, ao mesmo tempo, alterou a maneira como a arquitetura passou a pensar o espaço. Em Florença, a engenharia deixou de ser apenas uma ferramenta da construção. Tornou-se parte da própria linguagem da arte.



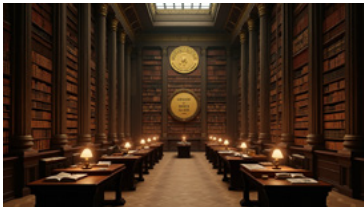
IMAGEM GERADA POR IA "usando Gpt Image 2 sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/08/2026"



NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1915 – Romain Rolland (França)

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



“Série: Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura”



Romain Rolland:
o escritor que enfrentou a guerra em nome da consciência humana



Quando a Academia Sueca concedeu o Prêmio Nobel de Literatura a Romain Rolland, em 1915, a Europa estava mergulhada na Primeira Guerra Mundial. O conflito havia destruído a confiança no progresso contínuo, dividido antigas alianças culturais e transformado o patriotismo em instrumento de mobilização para uma carnificina sem precedentes. Nesse cenário, a escolha de Rolland não foi apenas o reconhecimento de um escritor consagrado. Foi também uma tomada de posição moral.

A Academia afirmou que o prêmio lhe era concedido “como homenagem ao elevado idealismo de sua produção literária e à simpatia e verdade com que descreveu diferentes tipos humanos”. A justificativa parecia descrever uma obra literária, mas carregava uma resposta à guerra. Rolland era um autor que defendia a cultura como espaço de diálogo entre os povos e que se recusava a aceitar a ideia de que o escritor deveria colocar sua consciência a serviço da propaganda nacionalista.

A escolha também tinha um significado especial porque o prêmio de 1914 não havia sido concedido. A ausência daquele ano refletira o impacto imediato da guerra sobre a Europa. Em 1915, ao premiar Romain Rolland, a Academia retomava sua atividade e escolhia um escritor cuja obra e cuja atuação pública estavam diretamente ligadas ao problema que dominava o continente: como preservar a humanidade quando as nações transformam seus cidadãos em inimigos?

Romain Rolland nasceu em 1866, em Clamecy, na região da Borgonha, em uma família de classe média. Desde cedo, demonstrou interesse por música, história e literatura. A música, em particular, permaneceria como uma das grandes paixões de sua vida e como uma das chaves para compreender seu pensamento. Rolland acreditava que a música

era uma linguagem capaz de atravessar fronteiras nacionais, religiosas e sociais. Em Beethoven, por exemplo, via não apenas um compositor genial, mas uma consciência universal em luta contra o sofrimento.

Estudou na École Normale Supérieure, em Paris, uma das instituições intelectuais mais importantes da França. Depois, passou um período em Roma, onde aprofundou seus estudos históricos e entrou em contato com a tradição cultural italiana. Sua formação combinava erudição, sensibilidade artística e uma preocupação permanente com o destino moral da Europa. Não era um escritor interessado apenas em construir frases elegantes. Via a literatura como forma de conhecimento, testemunho e intervenção.

Rolland escreveu ensaios sobre músicos, peças teatrais, biografias e romances. Durante certo período, dedicou grande atenção ao teatro histórico, buscando recuperar figuras como Danton e Robespierre para refletir sobre revolução, idealismo e violência política. No entanto, foi com o romance Jean-Christophe que alcançou sua maior dimensão literária.

Publicado em dez volumes entre 1904 e 1912, Jean-Christophe acompanha a vida de um músico alemão desde a infância até a maturidade. O personagem atravessa crises familiares, conflitos amorosos, dificuldades financeiras, disputas artísticas e tensões políticas. A estrutura do romance permite que Rolland examine não apenas a formação de um indivíduo, mas também o ambiente cultural da Europa anterior à Primeira Guerra Mundial.

Jean-Christophe é alemão, mas o autor é francês. Essa diferença não é um detalhe decorativo. O romance nasce justamente da tentativa de compreender o outro lado de uma fronteira que, na vida real, alimentava desconfiança e hostilidade. Rolland não transforma o personagem em símbolo de uma nacionalidade perfeita. Pelo contrário, mostra suas contradições, sua arrogância, sua generosidade e suas fraquezas. A Alemanha de Jean-Christophe não é uma caricatura do inimigo, assim como a França não aparece como representante automática da razão e da civilização.

O romance europeu em escala humana

A grande ambição de Jean-Christophe era criar um romance de formação que fosse também um retrato espiritual da Europa. Rolland queria acompanhar a evolução de um artista, mas também observar as forças históricas que moldavam a vida de sua geração. A música oferece ao protagonista uma possibilidade de comunhão, mas a sociedade ao redor está marcada por rivalidades, convenções e nacionalismos.

O personagem enfrenta a incompreensão dos ambientes artísticos, a superficialidade da vida burguesa e as limitações impostas pelas instituições. Em vez de aceitar a arte como ornamento social, Jean-Christophe exige dela sinceridade e verdade. Seu temperamento difícil nasce, em parte, dessa exigência. Ele não consegue se adaptar completamente a um mundo em que artistas são celebrados desde que não incomodem ninguém.

Rolland também utiliza o romance para questionar a própria ideia de identidade nacional. França e Alemanha aparecem como culturas distintas, mas não incommunicáveis. Há conflitos históricos entre elas, porém também existem afinidades profundas, intercâmbios artísticos e experiências humanas que ultrapassam as fronteiras. O escritor não ignora as diferenças, mas recusa a transformação dessas diferenças em justificativa para o ódio.

Essa posição tornaria a obra particularmente relevante depois de 1914. Quando a guerra começou, muitos escritores e intelectuais franceses e alemães passaram a defender seus respectivos países com uma retórica de superioridade moral. Revistas, jornais e manifestos foram utilizados para apresentar cada lado como vítima absoluta e o adversário como encarnação da barbárie. Rolland tomou um caminho diferente. Para ele, a primeira obrigação do intelectual era conservar a independência de julgamento.

O romance foi recebido com entusiasmo por muitos leitores, embora também tenha



IMAGEM GERADAPORIA “usando SEARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026”

enfrentado críticas. Alguns consideraram a construção excessivamente idealista e a mensagem humanitária explícita demais. Outros reconheceram em Rolland uma tentativa rara de fazer da literatura um espaço de reconciliação cultural. Jean-Christophe não oferecia uma solução simples para os conflitos europeus, mas insistia que nenhuma nação tinha o monopólio da virtude.

O escritor contra a guerra

A Primeira Guerra Mundial começou quando Rolland já era um escritor conhecido. Ele estava na Suíça durante os primeiros meses do conflito e decidiu permanecer no país. A distância geográfica permitiu que acompanhasse a guerra sem estar submetido diretamente à censura e à mobilização patriótica que dominavam a França.

Em textos publicados na imprensa suíça, especialmente na série reunida sob o título “Acima da batalha”, Rolland denunciou o fanatismo nacionalista e a submissão dos intelectuais à propaganda. Sua posição provocou reações violentas. Na França, foi acusado de trair a pátria e de demonstrar simpatia pelo inimigo. Na Alemanha, também não foi inteiramente acolhido, pois sua crítica não poupava nenhum dos lados.

Rolland não defendia uma neutralidade indiferente. Seu pacifismo não significava acreditar que todos os envolvidos tivessem a mesma responsabilidade em cada episódio da guerra. O que ele rejeitava era a transformação da literatura em arma de exaltação nacional, bem como a ideia de que a consciência individual deveria se curvar automaticamente à decisão dos governos.

Em um dos momentos mais intensos do

conflito, escreveu que o dever dos intelectuais era permanecer fiéis à verdade, mesmo quando essa verdade fosse impopular. Para Rolland, o escritor deveria preservar a possibilidade de pensar além da fronteira, da trincheira e do uniforme. Essa postura lhe trouxe isolamento, mas também o transformou em uma das principais vozes pacifistas da Europa.

O Nobel de 1915 foi, por isso, interpretado de maneiras diferentes. Para admiradores, era uma merecida consagração de sua obra e de sua coragem. Para críticos, a Academia estava premiando uma posição política controversa em meio ao conflito. A escolha não era neutra, ainda que a instituição utilizasse uma linguagem literária para apresentá-la. Ao reconhecer Rolland, a Academia dava visibilidade a uma concepção de cultura baseada no diálogo internacional e na resistência ao patriotismo agressivo.

Humanismo, engajamento e os limites da consciência

O pacifismo de Rolland não surgiu de uma teoria isolada. Ele estava ligado à sua concepção de cultura. O escritor via a arte como uma força capaz de ampliar a percepção moral dos indivíduos. Uma sinfonia de Beethoven, uma peça de Shakespeare ou um romance de Tolstói podiam, em sua visão, aproximar pessoas que pertenciam a tradições históricas diferentes.

Essa confiança na cultura não era ingênua em todos os sentidos, mas certamente carregava um idealismo forte. Rolland acreditava que o contato com grandes obras poderia ajudar a combater o fanatismo e o egoísmo coletivo. A experiência do século XX mostraria que a cultura, sozinha, não impede a barbárie. Pessoas instruídas e amantes da música também poderiam participar de sistemas de violência.

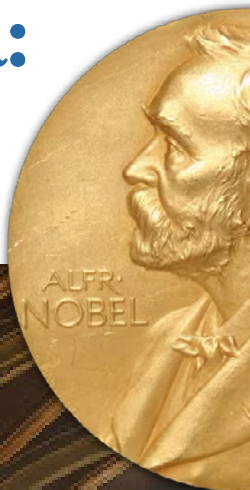
Ainda assim, sua insistência na responsabilidade moral dos artistas conserva importância.

Depois da guerra, Rolland aproximou-se de movimentos socialistas e manteve relações intelectuais com figuras políticas de diferentes correntes. Também demonstrou interesse profundo pela Índia e por líderes como Mahatma Gandhi. Escreveu sobre Gandhi em 1924, ajudando a apresentar sua figura a leitores europeus. A aproximação não significava uma adesão simples a todas as posições políticas de Gandhi, mas uma afinidade em torno da resistência não violenta, da disciplina moral e da oposição ao domínio imperial.

Rolland também manteve contato com intelectuais e artistas que buscavam alternativas ao nacionalismo tradicional. Ao longo dos anos, sua posição política tornou-se objeto de disputas. Admiradores o viram como consciência independente, enquanto adversários consideraram que seu idealismo podia levá-lo a fazer concessões perigosas diante de regimes autoritários. Essa ambiguidade acompanhou especialmente sua relação com o comunismo soviético.

Como muitos intelectuais europeus de sua geração, Rolland enxergou na Revolução Russa a possibilidade de uma transformação social profunda. Em certos momentos, demonstrou simpatia pela experiência soviética e esperanças de que ela pudesse construir uma sociedade mais justa. Com o passar do tempo, porém, as contradições do regime e os sinais de repressão tornaram essa posição cada vez mais difícil de sustentar. Sua trajetória mostra como o desejo de superar a injustiça pode levar intelectuais a depositar confiança excessiva em projetos políticos que prometem redenção histórica.

Leitura Completa no Site



NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1916 – Verner Von Heidenstam (Suécia)



Verner von Heidenstam: o escritor que reinventou a memória da Suécia entre tradição e modernidade



Quando Verner von Heidenstam recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em 1916, a Europa atravessava o terceiro ano da Primeira Guerra Mundial. As trincheiras haviam transformado o continente em um imenso campo de morte, impérios começavam a ruir e a confiança no progresso civilizatório estava sendo soterrada junto com os soldados. Nesse cenário, a Academia Sueca

escolheu um escritor que, à primeira vista, parecia olhar para trás. Heidenstam escrevia sobre a história da Suécia, sobre guerreiros, reis, camponeses e antigas paisagens nacionais. Sua obra parecia nascer de uma nostalgia por um mundo anterior à industrialização e às disputas políticas modernas.

Mas a escolha não era tão simples. Heidenstam não foi premiado apenas por celebrar o passado. Sua importância estava em ter percebido que a literatura precisava encontrar novas formas de imaginar a identidade nacional. Ele queria afastar a poesia sueca do naturalismo excessivamente preso à vida cotidiana e ao determinismo social, abrindo espaço para a fantasia, a aventura, a memória histórica e a experiência individual. A Academia justificou o prêmio reconhecendo sua posição como “o principal representante de uma nova era na literatura mundial”.

A expressão pode parecer estranha hoje, sobretudo porque Heidenstam é pouco conhecido fora da Suécia. No entanto, no fim do século XIX, sua obra representava uma reação importante contra a literatura de observação social que dominava parte da Europa. Para ele, a literatura não deveria apenas reproduzir o ambiente imediato. Também precisava recuperar o sonho, o mito, a imaginação e a dimensão espiritual da história.

A infância entre a paisagem e a memória

Carl Gustaf Verner von Heidenstam nasceu em 1859, em Olshammar, na região de Närke, no centro da Suécia. Sua família pertencia à nobreza, embora não estivesse entre os grupos mais poderosos do país. O pai era engenheiro e trabalhava em projetos ligados ao desenvolvimento da infraestrutura sueca. A origem familiar colocava Heidenstam em contato com uma tradição social antiga, mas

a profissão paterna também o aproximava da modernização técnica que começava a transformar a Europa.

A infância foi vivida em propriedades rurais, cercada por lagos, florestas e vestígios de um passado aristocrático que ainda sobrevivia na paisagem. Esse ambiente teria papel decisivo em sua imaginação. Para Heidenstam, a natureza não era apenas um cenário bonito. Era um arquivo de memórias. Cada ruína, estrada antiga ou igreja de pedra parecia guardar uma camada da história nacional.

Sua saúde frágil impediu que seguisse uma formação convencional. Ainda jovem, abandonou os estudos regulares e passou longos períodos viajando. Conheceu o Oriente Médio, a Grécia, a Itália e outras regiões do Mediterrâneo. A experiência foi decisiva porque o afastou da paisagem sueca sem romper sua ligação com ela. Ao visitar países de tradição histórica muito antiga, Heidenstam percebeu que sua própria terra também possuía mitos, heróis e conflitos capazes de alimentar uma literatura ambiciosa.

Durante as viagens, entrou em contato com a arte clássica, com a arquitetura oriental e com a tradição romântica europeia. A luz do Mediterrâneo, as ruínas e os desertos contrastavam fortemente com o clima nórdico de sua infância. Essa diferença o levou a questionar a ideia de que a literatura sueca deveria imitar os modelos franceses, alemães ou russos para alcançar relevância. Ele queria encontrar uma voz própria, embora essa voz também fosse construída a partir de influências estrangeiras.

A estreia contra o naturalismo

A estreia literária de Heidenstam ocorreu em 1888, com Valfart och vandringsår, livro de poemas que pode ser traduzido como Peregrinação e anos de viagem. A obra causou

impacto porque se afastava do tom austero e realista que muitos leitores associavam à literatura escandinava daquele período. Em vez de concentrar-se em trabalhadores, problemas sociais e ambientes urbanos, Heidenstam oferecia uma poesia de paisagens distantes, sensualidade, cor e movimento.

O livro trazia a marca das viagens do autor e parecia abrir as janelas de uma cultura que, segundo ele, havia se tomado excessivamente fechada em si mesma. O Oriente e o Sul europeu apareciam como espaços de descoberta estética. A poesia era mais luminosa, musical e imaginativa do que a produção de muitos de seus contemporâneos suecos.

Essa mudança não foi apenas estilística. Heidenstam estava reagindo a uma visão de literatura. O naturalismo, influenciado por ideias científicas e deterministas, tendia a apresentar os personagens como produtos da hereditariedade, do ambiente e das condições econômicas. O escritor sueco não negava a existência desses fatores, mas considerava insuficiente uma arte que reduzisse a vida humana a causas externas. Para ele, o indivíduo também era formado por desejos, sonhos, escolhas e lembranças.

A recepção foi intensa. Alguns críticos acusaram o jovem escritor de superficialidade e exotismo. Outros celebraram justamente a novidade de sua linguagem. Heidenstam não era um revolucionário no sentido de destruir a tradição. Sua rebeldia consistia em recuperar elementos que o realismo mais ortodoxo havia deixado de lado, como a beleza, a aventura, o heroísmo e a imaginação histórica.

Depois da estreia poética, Heidenstam passou a dedicar atenção cada vez maior à história da Suécia. Seu interesse não era o de um historiador acadêmico, preocupado em reconstruir os fatos com absoluta precisão documental. Ele buscava a verdade emocional do passado, aquilo que as antigas narrativas podiam revelar sobre o caráter de um povo e sobre os conflitos que atravessam gerações.

Essa preocupação aparece com força em Hans Alienus, romance publicado em 1892. O protagonista é um viajante que atravessa diferentes épocas e civilizações, deslocando-se por paisagens históricas e culturais diversas. O livro combina aventura, alegoria e reflexão filosófica. Mais do que contar uma história linear, Heidenstam cria uma espécie de peregrinação intelectual, em que o personagem procura um lugar no mundo e uma forma de compreender a própria existência.

A obra que consolidou sua reputação como escritor histórico foi Karolinerne, publicada em dois volumes entre 1897 e 1898. O romance acompanha figuras ligadas ao período do rei Carlos XII e às guerras suecas do início do século XVIII. Heidenstam retrata soldados, oficiais, camponeses e membros da corte em um momento de grande tensão nacional.

Karolinerne não é simplesmente uma glorificação militar. Embora o autor admire a coragem, a disciplina e o sentimento de lealdade dos personagens, também mostra o preço humano das guerras. Os soldados enfrentam fome, exaustão, mutilações e morte. As campanhas militares aparecem como experiências de grandeza e destruição, capazes de produzir orgulho nacional, mas também sofrimento irreparável.

Essa ambivalência é uma das características mais interessantes do livro. Heidenstam tinha simpatia por valores como honra, dever e fidelidade, mas não ignorava a violência envolvida na construção das nações. O passado podia ser fonte de inspiração, porém não deveria ser transformado em propaganda sem sombras.

Para os leitores suecos, Karolinerne oferecia uma narrativa sobre um período decisivo da história nacional. A Suécia havia sido uma potência militar importante, mas perdera grande parte de sua influência ao longo do século XVIII. Ao revisitar esse passado, Heidenstam ajudava seus contemporâneos a refletir sobre grandeza, derrota e identidade. O livro tornou-se uma de suas obras mais influentes e contribuiu para fixar sua imagem como escritor da memória nacional.

Entre a história e o nacionalismo

A relação de Heidenstam com o nacionalismo precisa ser examinada com

cuidado. Ele escreveu em uma época em que vários países europeus buscavam construir identidades nacionais por meio da literatura, da escola, dos monumentos e das comemorações históricas. A Suécia não era exceção. Em meio à industrialização e às mudanças sociais, havia uma sensação de que antigas tradições estavam desaparecendo.

Heidenstam participou desse movimento de recuperação do passado. Em seus textos, valorizava os costumes locais, as paisagens suecas, as figuras históricas e as tradições populares. Também defendia a necessidade de uma cultura nacional forte, capaz de resistir à imitação automática de modelos estrangeiros.

Esse nacionalismo, porém, não se encaixa perfeitamente nas categorias políticas atuais. Em alguns momentos, Heidenstam assumiu posições conservadoras e expressou desconfiança diante da democracia de massas, do igualitarismo radical e do socialismo. Via com preocupação a perda de autoridade das instituições tradicionais e a dissolução de hierarquias que considerava importantes.

Ao mesmo tempo, sua literatura não pode ser reduzida a um programa político. Os personagens de Heidenstam são frequentemente contraditórios, e o passado que ele evoca não aparece como um paraíso sem conflitos. Há crueldade, injustiça, fanatismo e opressão em suas narrativas. A admiração por heróis antigos convive com a consciência de que a história é feita de violência e perdas.

Essa tensão explica parte da força e também parte das limitações de sua obra. Heidenstam acreditava que um povo precisava de imagens compartilhadas de si mesmo. Mas imagens nacionais podem unir comunidades e, ao mesmo tempo, excluir aqueles que não se encaixam nelas. A literatura histórica pode recuperar vozes esquecidas, mas também pode selecionar quais memórias serão celebradas.

O Nobel em um país neutro

A premiação de Heidenstam, em 1916, ocorreu enquanto a Suécia mantinha uma posição de neutralidade na Primeira Guerra Mundial. O país não estava diretamente envolvido no conflito, mas não permanecia isolado de suas consequências. Havia escassez, tensões políticas, discussões sobre defesa nacional e debates intensos sobre o papel da Suécia em uma Europa em guerra.

Nesse contexto, Heidenstam era uma escolha compreensível para a Academia Sueca. Ele representava a literatura nacional em um momento em que a identidade cultural parecia especialmente importante. Sua obra oferecia ao público uma narrativa de continuidade histórica, ligando a Suécia moderna a seus reis, soldados, camponeses e paisagens ancestrais.

Mas o prêmio também foi controverso. Alguns críticos consideravam que a Academia havia escolhido um escritor excessivamente ligado ao passado, justamente quando a literatura europeia começava a enfrentar a ruptura produzida pela guerra. Outros viam na decisão uma reação contra o modernismo e contra as tendências políticas mais igualitárias que ganhavam força.

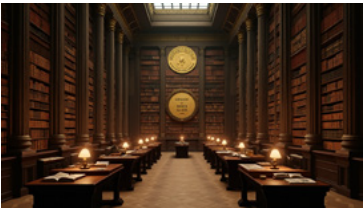
A Academia, por sua vez, parecia enxergar em Heidenstam algo mais amplo do que um simples poeta nacional. A fórmula usada na justificativa, ao falar de uma nova era na literatura mundial, indicava que ele era visto como representante de uma mudança estética. A novidade não estava necessariamente na forma experimental, mas na recuperação de uma literatura capaz de combinar história, imaginação e idealismo.

A escolha também revela a natureza do Nobel em seus primeiros anos. A premiação ainda não possuía um critério único e estável. Às vezes reconhecia a inovação formal, como no caso de Maeterlinck. Em outras ocasiões, premiava uma filosofia espiritual, como em Eucken, ou uma obra voltada para a identidade nacional, como a de Heidenstam. O prêmio era uma disputa entre diferentes ideias sobre o que a literatura deveria fazer.

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1917 — Karl Gjellerup e Henrik Pontoppidan (Dinamarca)

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



“Série: Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura”



Karl Gjellerup e Henrik Pontoppidan: dois retratos da Dinamarca entre a fé, o progresso e a dúvida



Em 1917, o Prêmio Nobel de Literatura foi dividido entre dois escritores dinamarqueses que seguiram caminhos muito diferentes. Karl Gjellerup era poeta, romancista e pensador, um homem interessado nas relações entre religião, filosofia e literatura. Henrik Pontoppidan dedicou-se sobretudo ao romance e ao conto, observando com desconfiança a sociedade dinamarquesa, suas classes, suas instituições e suas promessas de progresso.

A escolha ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial, quando a Europa já conhecia a dimensão da catástrofe iniciada três anos antes. A Dinamarca mantinha sua neutralidade, mas a guerra atingia o país por meio da escassez, das restrições comerciais e da tensão política. Em meio a esse cenário, a Academia Sueca voltou-se para dois autores que ofereciam respostas distintas às inquietações do período. Gjellerup procurava uma saída espiritual para a crise do homem moderno. Pontoppidan examinava o mundo concreto, onde os ideais quase sempre esbarravam em interesses, desigualdades e fraquezas pessoais.

A justificativa do prêmio revelava essa diferença. Gjellerup foi reconhecido por sua produção variada e rica, inspirada por elevados ideais. Pontoppidan recebeu a distinção por suas descrições autênticas da vida contemporânea na Dinamarca. Um representava a inquietação metafísica. O outro, a observação crítica da sociedade.

Não era comum que dois autores recebessem juntos o Nobel de Literatura. A decisão de 1917 tinha, portanto, um significado especial. A Academia parecia querer apresentar a literatura dinamarquesa em sua amplitude, reunindo a busca filosófica de Gjellerup e o realismo social

de Pontoppidan. A proximidade entre os dois terminava, em grande medida, na nacionalidade e no ano de nascimento.

Karl Gjellerup e uma vida em busca de sentido

Karl Adolph Gjellerup nasceu em 1857, em Roholte, na ilha dinamarquesa da Zelândia. Seu pai era pastor luterano, e a religião fazia parte do ambiente familiar desde os primeiros anos. Essa formação deixaria marcas profundas em sua obra, embora Gjellerup não tenha permanecido fiel às convicções religiosas herdadas.

Ainda jovem, começou a questionar o cristianismo tradicional e aproximou-se das ideias científicas e filosóficas que circulavam na Europa do fim do século XIX. O avanço do darwinismo, os estudos comparados das religiões e a crítica histórica à Bíblia abalavam certezas antigas. Gjellerup viveu esse processo de maneira intensa. Em vez de abandonar completamente a religião, passou a procurá-la em outras formas de pensamento.

Estudou teologia na Universidade de Copenhague, mas seus interesses iam muito além da carreira religiosa. Lia literatura clássica, filosofia e autores modernos. A princípio, aproximou-se do naturalismo, corrente que tentava explicar o comportamento humano a partir da hereditariedade, do meio social e das condições materiais. Depois, afastou-se dessa perspectiva e voltou-se para questões espirituais.

Sua trajetória intelectual não foi linear. Em alguns períodos, defendeu ideias radicais e anticlericais. Em outros, aproximou-se de posições mais conservadoras e de uma religiosidade influenciada pelo budismo e por tradições orientais. Essa mudança constante não era mero oportunismo. Gjellerup parecia escrever sempre a partir de uma crise interior, como alguém que encontrava uma resposta provisória e logo percebia que ela não bastava.

A obra literária nasceu dessa inquietação. Seus personagens costumam enfrentar conflitos entre desejo e renúncia, fé e razão, liberdade e destino. Mesmo quando a narrativa se passa em ambientes distantes ou em épocas antigas, a pergunta permanece próxima: como viver quando as antigas certezas perderam sua autoridade?

O peregrino Kamanita e a influência do budismo

A obra de Gjellerup é extensa e inclui poesia, romances, peças teatrais e ensaios. Grande parte dela ficou restrita ao público de língua alemã e dinamarquesa, o que ajuda a explicar seu desaparecimento da leitura internacional. Seu livro mais conhecido é O peregrino Kamanita, publicado em 1906.

O romance se passa na Índia antiga e acompanha a vida de Kamanita, um homem dividido entre o amor, o desejo e a busca por libertação. Gjellerup constrói uma narrativa de inspiração budista, interessada na ideia de que o sofrimento nasce do apego e da tentativa de transformar aquilo que é passageiro em algo permanente.

Kamanita deseja encontrar uma felicidade estável. Quer amar e ser amado, vencer as limitações impostas pela existência e alcançar uma forma de realização que o proteja da perda. A narrativa, porém, conduz o personagem a uma conclusão menos confortável. A felicidade baseada na posse, na vaidade ou na permanência de qualquer vínculo está sujeita ao tempo. A libertação exige outro tipo de relação com o mundo.

A Índia descrita por Gjellerup não corresponde necessariamente à realidade histórica e cultural do país. Trata-se de uma Índia imaginada por um escritor europeu, construída a partir de leituras, interpretações e interesses filosóficos do início do século XX. O romance deve ser lido levando em conta essa distância. Seu valor está menos na precisão documental do cenário e mais na maneira como utiliza o budismo para responder a uma crise que Gjellerup identificava na cultura ocidental.

O escritor encontrou no pensamento oriental uma alternativa ao materialismo e às disputas ideológicas da Europa. Essa escolha fazia parte de uma tendência mais ampla entre intelectuais de seu tempo, muitos dos quais buscavam



IMAGEM GERADAPORIA “usando SEAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/08/2026”

fora das igrejas tradicionais uma linguagem espiritual capaz de dar sentido ao sofrimento. Em Gjellerup, essa procura assumiu uma forma literária, marcada por longas reflexões e por personagens que parecem estar sempre à beira de uma descoberta.

Henrik Pontoppidan diante da Dinamarca real

Henrik Pontoppidan também nasceu em 1857, em Fredericia, na região da Jutlândia. Seu pai era pastor, como o pai de Gjellerup, mas sua relação com a religião tomou outro rumo. Pontoppidan afastou-se do cristianismo e desenvolveu uma visão crítica em relação às instituições que organizavam a sociedade dinamarquesa.

Estudou engenharia em Copenhague e chegou a trabalhar como professor. A formação técnica contribuiu para seu interesse por questões práticas. Pontoppidan observava a mudança das cidades, a expansão das ferrovias, a transformação do campo e o crescimento de novos movimentos políticos. Sua literatura nasceu da atenção ao ambiente em que as pessoas viviam, trabalhavam e disputavam espaço.

A Dinamarca de sua época passava por uma transição profunda. A sociedade rural ainda tinha grande peso, mas as cidades cresciam e as relações econômicas se modificavam. O movimento camponês ganhava força, o parlamentarismo alterava o equilíbrio político e o socialismo começava a mobilizar trabalhadores. A Igreja continuava influente, embora sua autoridade fosse questionada por uma parcela crescente da população.

Pontoppidan acompanhou tudo isso com uma combinação de simpatia e desconfiança. Não idealizava os camponeses, os trabalhadores ou os reformadores. Também não aceitava que

as elites se apresentassem como defensoras naturais da ordem e da razão. Seus personagens carregam boas intenções, ressentimentos, vaidades e medo. O escritor raramente permite que alguém permaneça confortável em uma posição moral simples.

O país prometido e a desilusão

Uma das obras mais importantes de Pontoppidan é A terra prometida, publicada em três volumes entre 1891 e 1895. O protagonista, Emanuel Hansted, é um pastor que abandona os ambientes tradicionais da Igreja e tenta criar uma comunidade religiosa entre camponeses.

Emanuel deseja aproximar a fé da vida cotidiana. Seu projeto rejeita a formalidade das instituições e procura uma religiosidade mais próxima do povo. A intenção parece generosa, mas o personagem não consegue separar completamente a vocação espiritual da necessidade de reconhecimento. Aos poucos, a liderança que deveria servir à comunidade também alimenta sua vaidade.

Pontoppidan não trata o fracasso como resultado de uma única falha individual. A comunidade tem suas divisões, os camponeses carregam seus próprios interesses e a estrutura social dificulta qualquer tentativa de mudança. O romance mostra como uma ideia pode se transformar quando passa pelas pessoas que tentam colocá-la em prática.

A crítica de Pontoppidan não se dirige apenas à religião. Ele desconfiava de qualquer movimento que promettesse uma solução total para a sociedade. Ideais políticos, projetos de modernização e reformas morais podiam nascer de necessidades legítimas, mas eram frequentemente deformados por ambição e disputa.

Essa desconfiança aparece de maneira ainda mais desenvolvida em Lykke Per, conhecido em português como Per, o afortunado. Publicado em vários volumes entre 1898 e 1904, o romance acompanha Per Sidenius, jovem de origem religiosa que tenta romper com a família e construir uma existência moderna baseada na ciência, na técnica e na própria vontade.

Per quer projetar canais, portos e sistemas de transporte capazes de transformar a economia dinamarquesa. Ele acredita que o conhecimento técnico pode libertar o país da pobreza e do atraso. Seu sonho tem uma dimensão pública, mas também nasce de uma necessidade pessoal. Per deseja provar que não está condenado a repetir a história da família.

O personagem, porém, não consegue alcançar a liberdade que imagina. Afasta-se da religião, mas não se livra inteiramente da culpa. Procura o sucesso, mas descobre que a ambição cobra um preço. Deseja independência, embora muitas vezes confunda autonomia com isolamento.

Pontoppidan constrói o romance sem transformar Per em herói ou vilão. Ele é inteligente, talentoso e capaz de enxergar problemas que outros preferem ignorar. Também é orgulhoso, instável e incapaz de compreender completamente as pessoas que o cercam. Sua trajetória expõe as contradições de uma sociedade que celebra o progresso, mas não sabe o que fazer com os indivíduos que ele deixa para trás.

Dois escritores no mesmo prêmio

A decisão de premiar Gjellerup e Pontoppidan em 1917 pode ser entendida como...

Leitura Completa no Site

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1918 – não concedido (sem laureado)



Em meio ao último ano da Primeira Guerra Mundial, a Academia Sueca interrompeu o calendário do Nobel.

O silêncio de 1918 também entrou para a história da literatura.



Em 1918, o Prêmio Nobel de Literatura não foi concedido. Pela segunda vez desde a criação da premiação, a Academia Sueca deixou a linha correspondente ao ano sem um nome. Não houve cerimônia para celebrar um escritor, nem discurso de consagração, nem uma obra escolhida como representação da literatura daquele momento.

A decisão ocorreu no último ano da Primeira Guerra Mundial, quando a Europa estava exausta por quatro anos de combates. Impérios haviam desmoronado, milhões de pessoas tinham morrido e as sociedades enfrentavam fome, epidemias e deslocamentos em massa. A guerra terminaria em novembro, mas, quando a Academia precisou tomar sua decisão, o continente ainda estava em conflito.

O Nobel de 1918 não foi simplesmente cancelado. O dinheiro destinado ao prêmio foi encaminhado ao fundo especial da seção de literatura da Fundação Nobel. A distinção permaneceu sem laureado, registrada nos arquivos como uma interrupção oficial. O silêncio passou a fazer parte da história do prêmio.

A guerra e o funcionamento interrompido da cultura

A Primeira Guerra Mundial atingiu diretamente as condições que permitiam a circulação literária. Livros deixaram de atravessar fronteiras com facilidade, revistas suspenderam atividades, editoras enfrentaram falta de papel e muitos escritores foram convocados ou se envolveram na propaganda dos governos. Outros morreram no front. A vida literária continuava, mas já não funcionava segundo o ritmo anterior a 1914.

A Suécia não participou militarmente do conflito e manteve sua neutralidade. Isso não significava isolamento. O país sofria com dificuldades de abastecimento, restrições comerciais e incertezas diplomáticas. A guerra também afetava as relações intelectuais com o restante da Europa. Correspondências demoravam a chegar, traduções eram interrompidas e o acesso a obras estrangeiras se tornava mais difícil.

A Academia Sueca precisava avaliar uma produção literária que chegava de maneira irregular. Havia ainda uma dificuldade de outra ordem. Em tempos de guerra, qualquer escolha poderia ser interpretada como uma tomada de posição nacional. Um escritor alemão, francês ou britânico não seria recebido apenas como autor. Seu nome carregaria a origem do país envolvido no conflito.

Isso não explica sozinho a decisão de 1918. A Academia não apresentou uma justificativa pública detalhada que permitisse atribuir a suspensão a uma única causa. O regulamento do Nobel previa a possibilidade de não conceder o prêmio quando nenhum candidato fosse considerado suficientemente qualificado. Em anos de guerra, porém, as condições políticas e materiais pesavam sobre todas as instituições culturais.

A suspensão de 1914 havia mostrado essa dificuldade. Em 1915, o prêmio voltou a ser concedido a Romain Rolland, escritor francês conhecido por sua defesa do pacifismo e por suas críticas ao nacionalismo beligerante. Em 1916, a escolha foi Verner von Heidenstam, da Suécia. No ano seguinte, a Academia premiou os dinamarqueses Karl Gjellerup e Henrik Pontoppidan.

A interrupção de 1918 veio depois de três premiações realizadas durante a guerra. O gesto não formava uma política contínua. Mostrava, antes, que a Academia ainda procurava um equilíbrio entre sua rotina institucional e um continente em colapso.

Desde o início, o Prêmio Nobel não foi concebido como uma distinção obrigatória todos os anos. A vontade de Alfred Nobel permitia que o prêmio não fosse concedido quando não houvesse uma obra ou um autor que correspondesse aos critérios estabelecidos. O dinheiro poderia ser reservado para o ano seguinte ou encaminhado ao fundo previsto pelo regulamento.

Essa cláusula tinha consequências importantes. Ela impedia que a Academia fosse obrigada a escolher um nome apenas para preencher o calendário. Também deixava claro que o Nobel não funcionaria como uma competição esportiva, com um vencedor anual definido de maneira automática.

Na prática, porém, a ausência de um laureado costuma ser interpretada como comentário sobre o momento histórico. Quando uma instituição criada para celebrar a literatura deixa de fazê-lo, o leitor tende a procurar uma explicação no ambiente político, nas dificuldades administrativas ou no estado da própria produção literária.

No caso de 1918, não é necessário afirmar

que faltavam grandes escritores. O período tinha autores de enorme importância. Marcel Proust publicava. Em busca do tempo perdido, James Joyce trabalhava em textos que transformariam a prosa moderna, Virginia Woolf começava a estabelecer sua voz e Franz Kafka escrevia obras que só seriam reconhecidas amplamente depois de sua morte.

A ausência do Nobel não prova que a literatura daquele ano estivesse sem força. A Academia avaliava obras publicadas, traduções disponíveis, reputações estabelecidas e candidaturas encaminhadas dentro de um sistema específico. O prêmio não era uma fotografia completa da literatura mundial. Em 1918, essa limitação ficou particularmente visível.

A literatura produzida durante a Primeira Guerra Mundial estava dividida entre registros muito diferentes. Alguns escritores apoiaram o esforço nacional e escreveram textos patrióticos. Outros denunciaram a violência e a falsidade dos discursos oficiais. Muitos passaram a escrever sobre medo, luto, mutilação e perda de sentido. A experiência das trincheiras modificou a linguagem de uma geração. O heroísmo tradicional parecia inadequado diante das metralhadoras, dos gases tóxicos e dos bombardeios prolongados. A morte deixou de ser um acontecimento individual ou excepcional. Tornou-se rotina industrial.

Escritores como Henri Barbusse, Erich Maria Remarque e Siegfried Sassoon desenvolveriam, em momentos diferentes, uma literatura marcada pela crítica à guerra e pela atenção aos soldados comuns. Nem todos esses autores estavam em condições de ser considerados pelo Nobel em 1918, e alguns de seus livros só seriam publicados mais tarde. Ainda assim, ajudam a compreender o ambiente cultural em que a decisão da Academia foi recebida.

O fim da guerra também não trouxe alívio imediato. Em 1918, a pandemia de influenza começou a se espalhar pelo mundo. A doença atingiu populações já debilitadas pela fome e pelos deslocamentos provocados pelo conflito. A censura militar fez com que muitos países evitassem divulgar a dimensão do problema, enquanto a Espanha, por estar fora da guerra, noticiava mais abertamente os casos. Por isso, a pandemia ficou conhecida como gripe espanhola, embora não tenha se originado necessariamente na Espanha.

A combinação de guerra, doença e colapso econômico alterou o clima intelectual. A ideia de progresso, tão forte no século XIX, havia perdido credibilidade. A literatura passou a lidar com uma realidade em que as instituições modernas, em vez de protegerem as pessoas, também podiam organizar a destruição em escala inédita.

O ano de 1918 também ajuda a lembrar que o Nobel ainda era uma instituição relativamente jovem. O primeiro prêmio havia sido entregue apenas em 1901. A Academia Sueca ainda construía seus critérios, definia suas preferências e enfrentava críticas sobre escolhas que favoreciam determinadas tradições literárias.

Nos primeiros anos, a premiação oscilou entre autores de perfis muito diferentes. Foram reconhecidos poetas ligados à tradição clássica, escritores de forte orientação filosófica, dramaturgos simbolistas, romancistas realistas e autores comprometidos com questões nacionais. Não havia uma definição única de grande literatura.

A suspensão de 1918 não representa, portanto, uma mudança clara de rumo. Ela mostra os limites de uma instituição que precisava tomar decisões internacionais em um momento em que a própria ideia de diálogo internacional estava comprometida. A Academia era sueca, mas o prêmio se pretendia mundial. A guerra tornava essa pretensão mais difícil de sustentar.

Também havia uma diferença entre a permanência formal do prêmio e sua força simbólica. Mesmo sem laureado, o Nobel continuava sendo observado por jornais, escritores e governos. A decisão de não escolher alguém também seria interpretada. O silêncio não eliminava a responsabilidade institucional. Apenas mudava sua forma.

Quando a Academia voltou a conceder o Nobel de Literatura, o escolhido foi Carl Spitteler, escritor suíço de língua alemã. A escolha tinha uma particularidade evidente.

A Suíça havia permanecido neutra durante a guerra, como a Suécia. Spitteler era um autor respeitado, conhecido por sua poesia épica e por sua atuação intelectual, mas seu país de origem também tornava a premiação menos vulnerável às disputas entre vencedores e derrotados do conflito.

A escolha de Spitteler não apagou a interrupção de 1918. O hiato permaneceu como registro de uma época em que o prêmio não pôde ou não quis seguir seu calendário habitual. Nos anos seguintes, a Academia voltaria a enfrentar o problema de premiar escritores em uma Europa reorganizada por tratados, revoluções e ressentimentos.

A decisão de 1919 também apontava para uma preocupação recorrente do Nobel naquele período: reconhecer autores capazes de representar uma cultura literária sem estar diretamente associados às nações responsáveis pela condução da guerra. Não se tratava de uma regra explícita, mas a situação política inevitavelmente fazia parte da recepção de cada escolha.

O que significa um ano sem vencedor

A ausência de um laureado em 1918 não deve ser transformada em uma alegoria fácil. O Nobel não ficou sem vencedor porque a literatura teria perdido sua função, nem porque nenhum escritor merecesse reconhecimento. A produção literária continuou, muitas vezes sob condições precárias e perigosas.

O que desapareceu foi a possibilidade de celebrar a literatura da maneira habitual. Uma premiação exige distância, circulação e alguma confiança na estabilidade das instituições. Em 1918, essas condições estavam abaladas. A Academia podia continuar lendo e deliberando, mas o gesto público de consagrar um escritor carregava um peso que não existia antes da guerra.

Essa interrupção também expõe a diferença entre literatura e instituições literárias. A criação não depende de um prêmio para existir. Escritores podem trabalhar fora do reconhecimento oficial, publicar em pequenas revistas, escrever cartas, manter manuscritos guardados ou simplesmente continuar produzindo em silêncio. O Nobel registra uma seleção posterior. Não determina, sozinho, o valor de uma obra.

Alguns dos autores mais importantes do século XX nunca receberam a distinção. Outros foram premiados muitos anos depois de publicarem seus livros decisivos. O calendário do Nobel não acompanha perfeitamente a história da literatura. Em 1918, essa distância ficou mais evidente porque o calendário simplesmente parou.

A linha sem nome

O Nobel de Literatura de 1918 permanece como uma linha vazia na lista dos laureados. Ao lado de 1914, é uma das marcas deixadas pela Primeira Guerra Mundial no percurso da premiação. A ausência não oferece uma resposta sobre qual escritor deveria ter vencido. Oferece outra informação: naquele momento, a instituição não encontrou condições, consenso ou disposição para fazer a escolha.

A guerra terminaria em novembro, mas seus efeitos se prolongariam por décadas. A literatura que veio depois seria atravessada pelo trauma dos mortos, pela instabilidade política e pela desconfiança em relação às antigas certezas. O Nobel também entraria em uma nova fase, obrigado a lidar com escritores e obras que já não podiam ser avaliados apenas segundo os padrões do século XIX.

Em 1918, nenhum nome ocupou o lugar reservado ao laureado. A literatura, no entanto, não ficou vazia. Continuou sendo escrita por pessoas que tentavam compreender o que havia acontecido, registrar o que estava desaparecendo e encontrar uma linguagem para um mundo que já não parecia obedecer às promessas feitas antes da guerra.

ARTE

As Coleções de Obras Asiáticas em Paris
Como a França Concentrou 60 Mil Tesouros Asiáticos Longe de Casa



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduiche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.

@marianapacheco.mp

Ao visitar Paris, além das obras do famoso museu do Louvre, se pode encontrar a coleção mais abrangente de arte asiática do mundo, além de ser a maior da Europa, com aproximadamente mais de 60 mil objetos, nas instalações do Museu Guimet, localizado na Place d'Iéna.



A constituição de tal acervo se deu, primeiramente, pela coleção particular de Emile Guimet – que dá nome ao museu –, empresário da produção industrial do azul marino artificial, no século XIX. Depois, expandiu para abraçar a coleção de porcelana chinesa de Ernest Grandidier, outro industrial provindo de uma família rica, que lhe permitiu realizar viagens pelas Américas do Norte e Sul e, posteriormente, Ásia. Outro espaço que chama a atenção é o museu Cernuschi, localizado na antiga mansão do banqueiro italiano Henri Cernuschi, com cerca de 13 mil peças.

Todas as coleções mencionadas, antes particulares, se compõem de objetos providos do Japão, da China, da Coreia (ainda unificada), do Vietnã, Himalaias, Camboja, Tailândia e Indonésia. A maioria dos artefatos foi trazida para a França na segunda metade o século XIX, após a abertura dos portos chineses e dos outros países asiáticos para do Ocidente – alguns já sendo colônias da França e Inglaterra, como Camboja, Vietnã e Laos.



Esta região foi conhecida durante o período colonial (1887-1954) como Indochina Francesa, e além da exploração de matérias-primas da região, a França também se apropriou de artefatos históricos locais, durante saques e pilhagens de tropas coloniais nos territórios.

E, especificamente no caso da China, o enfraquecimento econômico causado após as Guerras do Ópio (1839-1842 e 1856-1860), em que o país asiático enfrentou Inglaterra e França, facilitou a compra e remoção de artefatos históricos e arqueológicos pelas potências ocidentais do território chinês, por meio de expedições militares e diplomáticas realizadas por países europeus, inclusive a França.



Em exemplo extremo, temos o Saque do Palácio de Verão, em 1860, onde o complexo palaciano imperial chinês foi invadido por tropas inglesas e francesas, em retaliação pela captura de negociantes britânicos. O ocorrido resultou em roubo e perda de relíquias culturais e obras de arte importantes, que foram levadas para a Europa e exibidas pela França como espólio na época. O autor Victor Hugo condenou o ocorrido, comparando como a destruição e desaparecimento de um modelo de sonho.

Como os artefatos históricos foram adquiridos por magnatas de seu século não está contado nas placas de identificação de cada peça ou na história dos museus em seus portais online. Entretanto, ao adentrarmos nestes espaços, tão repletos de obras, cerâmicas, têxteis, estátuas e joias, temos tanto um sentimento de admiração pela riqueza histórica, quanto um mal-estar em pensar o porquê destas obras estarem tão longe



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/01/2026”

de casa – algumas porcelanas chinesas nem a China possui mais, mas estão em museus europeus. É um dilema aos visitantes.



Por este motivo, constantemente se abre o debate sobre a devolução de peças arqueológicas por países europeus, inclusive a França, para o acervo nacional dos locais originais, com fala do atual presidente Emmanuel Macron. No caso das artes asiáticas, o país europeu se volta para a devolução de artefatos para o Museu Nacional

do Camboja. E também há uma promessa de investimento milionário para rastrear a procedência de objetos do período colonial.



Como Victor Hugo esperamos o dia em que a França devolva essa pilhagem aos seus donos de verdade, para que a história e cultura asiáticas possam ser contadas e revividas em seus próprios museus, e não tão longe de casa.

O Mercado de Arte Independente: Como Colecionadores Estão Redefinindo o Valor da Produção Cultural



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I.Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.),

@fontenellemagna

Quando o Alternativo Vira Referência: O Laboratório de Inovação que Transforma Resistência em Legitimidade Cultural"

Quando o Alternativo Vira Referência

O mercado de arte independente deixou de ser um espaço marginal e tornou-se referência de experimentação e legitimidade cultural. Plataformas digitais permitem que obras circulem internacionalmente, com 38% das transações globais ocorrendo online, conectando artistas e colecionadores de forma inédita.

“O mercado independente deixou de ser apenas um espaço de resistência; ele se transformou em um campo fértil de inovação e diálogo cultural.”

Pesquisadora do setor

Mais de 60% dos colecionadores têm menos de 45 anos, priorizando obras que dialogam com causas sociais, identidade e autenticidade, em vez de status. Feiras alternativas oferecem preços até 70% mais baixos que galerias tradicionais, mas muitas obras apresentam grande potencial de valorização.

Coletivos brasileiros participam de feiras em Portugal, Alemanha e EUA, promovendo troca universal de valores e ampliando a circulação cultural. Mais da metade das coleções independentes prioriza obras ligadas a temas sociais, ambientais e identitários.

“A arte independente está comprometida com o agora, om os dilemas humanos, com o meio ambiente e com a diversidade cultural. É isso que lhe dá força.”

Colecionador jovem

O mercado independente é, assim, um laboratório de inovação e afirmação simbólica, mostrando que quando o alternativo vira referência, nasce um novo paradigma cultural.

Tendências Rápidas

- Crescimento Digital: 38% das vendas globais de arte são online
- Novos Colecionadores: 60% têm menos de 45 anos
- Valorização Acessível: Obras em feiras independentes custam até 70% menos
- Internacionalização: Feiras no exterior ampliam circulação cultural
- Engajamento Social: Mais da metade prioriza causas sociais, ambientais e identitárias.

O mercado de arte independente evoluiu de espaço marginal para referência de experimentação cultural: 38% das transações globais ocorrem online, 60% dos colecionadores têm menos de 45 anos priorizando causas sociais sobre status. Feiras alternativas oferecem preços 70% menores que galerias tradicionais, enquanto coletivos brasileiros participam internacionalmente. Mais da metade das coleções foca temas sociais, ambientais e identitários, criando novo paradigma cultural.



ARTE

Expressão do Amor e do Desejo em Diversas Criações Artísticas

Como Grandes Mestres Traduziram os Sentimentos Mais Profundos da Humanidade



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

Acredito que a maioria dos leitores(as) entende os sentimentos do amor e do desejo como temas universais e atemporais, como sentimentos nobres e lindos. Por isso, entendemos como os filósofos atenienses que todos nós carregamos o desejo por algo que não temos. E não há nada melhor do que o desejo de aprender o que ainda não se conhece. E a esse desejo também chamamos amor. Com as comédias românticas e os contos de fadas, aprendemos que a vida só faz sentido se acompanhada.



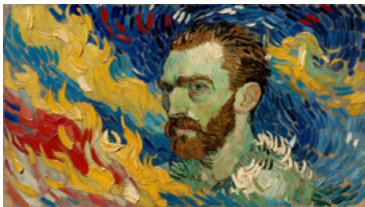
Como o amor e o desejo aparecem em diferentes obras de artes?

Os artistas usam uma gama de técnicas, simbolismos e narrativas para explorar as muitas facetas desses sentimentos, que vão desde o amor platônico até o amor romântico. Penso que o

objetivo das obras voltadas para o amor e o desejo seja descortinar as nossas impressões.

Nas artes, o amor e o desejo aparecem como uma forma de os artistas revelarem seus sentimentos mais puros e profundos, ou seja: a arte como uma expressão da alma.

Conforme Van Gogh, o amor era visto como uma força poderosa e transformadora, essencial para a vida e a arte, descrevendo-o como uma chama que aquece, uma calma que traz paz, e algo que liberta o espírito. Ele reconhecia que o amor se manifestava de diferentes maneiras, sendo às vezes leve como uma brisa, outras vezes denso como a chuva.



Portanto, o objetivo desse artigo jornalístico é descortinar a construção do amor e do desejo em envolventes produções, onde ambos podem ser inebriantes, com um “amor em paixões” colorindo o nosso imaginário.

Manifestações artísticas.

“A arte não reproduz o que vemos. Ela faz-nos ver.” — Paul Klee

O amor pode se manifestar por meio da capacidade de sentir a vida, de sonhar, de apreciar a arte, a música, o silêncio, a natureza, pois ele nos coloca em contato com o que existe de melhor na essência humana. A manifestação do desejo, frequentemente associada a conceitos como a “Lei da Atração”, é um processo que envolve o uso da mente, dos pensamentos e das emoções para atrair os resultados desejados na realidade.

Assim, destacamos artistas que conseguiram traduzir o amor e o desejo em obras de arte absolutamente perfeitas. As obras apresentam diversas linguagens, como na pintura, escultura, literatura, no cinema, utilizando-se de símbolos visuais, cores e formas que evocam paixão e conexão humana.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/01/2026”

O beijo é uma das maiores expressões de amor que o ser humano conhece. Um casal, coberto pelo dourado manto do amor, define assim o sentimento no quadro O Beijo que Gustav Klimt pintou entre 1907 e 1908.



Rembrandt descreveu perfeitamente o amor de um pai por seu filho, pintando o quadro O retorno do filho pródigo. A cena evoca o momento em que um pai recebe de volta seu filho que estava perdido, segundo a Parábola do Filho Pródigo, contada por Jesus Cristo na Bíblia.

O Beijo do Hotel de Ville é talvez a mais famosa fotografia de um beijo que existe e uma

das fotos mais vendidas de todos os tempos. Na cidade do amor, Paris, Robert Doisneau capturou a essência do amor: o tempo que parece parar quando se beija a pessoa amada.



O amor é cumplicidade, carinho e amizade nesta obra do americano John Singer Sargent, onde mãe e filha protagonizam a cena. A obra 'Srª Fiske Warren e sua filha Rachel' foi pintada em 1903.

Paixão, movimento e entrega total emanam de uma das mais famosas esculturas de Auguste Rodin, O beijo.

Tirar um cochilo com quem se ama também é amor. E o amor, como os cochilos, pode acontecer em qualquer lugar. Van Gogh pintou Siesta para provar isso mesmo.

Vênus, deusa do amor, nasceu assim, segundo Botticelli, em O nascimento de Vênus. Ao pintar o amor encarnado, o ideal de perfeição, ele traduz, talvez, a nossa esperança de que o amor seja perfeito?

O bom e belo da arte é que ela permite a expressão de sentimentos que são difíceis de verbalizar, oferecendo um meio para os artistas e o público explorarem a profundidade e a complexidade do amor e do desejo.

Por fim, mergulhei com leveza nesse apaixonante tema, sem a pretensão de o esgotar. Tecemos construtos como tecelãs que trançam diferentes fios, nos dois relevantes e profundos sentimentos “Amor” e “Desejo”, incluso no mundo das diversas linguagens artísticas.

PARE DE CONVERSAR COM A IA.
COMECE A DELEGAR.

Com o poder de mais de 50 IAs, o **Modo Agente da INNER AI** transforma comandos em entregas completas sem que você precise ficar horas na frente do computador.

Pesquisas e Análise
Agente de IA

Relatórios Inteligentes
Agente de IA

Dashboards e Dados
Agente de IA

Apresentações
Agente de IA

Documentos e PDFs
Agente de IA

Word e Textos
Agente de IA

Excel e Planilhas
Agente de IA

PowerPoint
Agente de IA

Imagens e Design
Agente de IA

PDFs e Conversão
Agente de IA

→ COMEÇAR AGORA

ARTE

Michelangelo:
O artista que conectou a beleza ao divino.



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/04/2026"



masculina, dilatando-a e explorando-a na mais completa tradução. Entregou-se às paixões proibidas da sua homossexualidade latente, muitas vezes dilacerando os sentimentos para proteger-se do seu tempo.



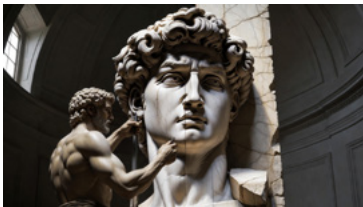
Era um homem que conhecia o peso da existência. E, ainda assim, continuou acreditando que a arte podia revelar algo sagrado, mesmo quando o sagrado parecia distante. Michelangelo foi o primeiro artista a ter biografias publicadas enquanto ainda estava vivo, consolidando seu status como gênio máximo da arte ocidental. Deixou um lembrete: o divino não está distante, apenas espera que alguém o liberte da matéria.



A herança de um artista

Revisitar Michelangelo é lembrar que a criação artística pode ser, acima de tudo, um gesto de transcendência. A escultura "Davi", por exemplo, não é apenas um símbolo de força e coragem. É a representação de um corpo humano tão harmonioso que transcende a própria humanidade. Michelangelo acreditava

que a figura já existia no bloco de mármore e que seu papel era libertá-la. Esse gesto, quase ritualístico, revela sua visão espiritual da criação artística.



Se a escultura lhe permitia revelar o divino na forma humana, a pintura lhe ofereceu a chance de narrar a própria relação entre Deus e a humanidade. A Capela Sistina, concluída em 1512, é talvez o exemplo mais grandioso dessa ambição.

A Capela Sistina não é apenas um marco da arte ocidental; é um manifesto visual. Michelangelo pintou o teto como quem escreve um tratado sobre a relação entre humanidade e transcendência. O quase-toque entre Deus e Adão virou símbolo universal porque traduz uma ideia poderosa: a vida é um sopro divino, e a beleza é a prova disso.

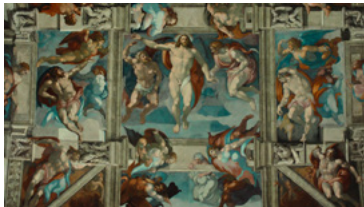
No centro da obra, o célebre "A Criação de Adão" mostra o instante em que a centelha divina passa do Criador ao primeiro homem. A cena, eternizada pelo quase toque entre dois dedos, tornou-se um ícone universal da ligação entre o humano e o transcendente. Ali, Michelangelo não apenas pintou corpos; pintou a própria ideia de vida como dádiva divina.

Na arquitetura, Michelangelo deixou sua marca mais imponente na Basílica de São Pedro, no Vaticano. Seu projeto para a cúpula, que ainda hoje domina o horizonte de Roma, foi concebido

como um gesto de elevação: uma estrutura que conduz o olhar para o alto, como se a própria construção fosse uma oração em pedra.

Décadas depois, ao retornar para pintar o "Juízo Final", o artista já era outro, mais maduro, mais inquieto, mais consciente da fragilidade humana.

Sua obra reflete uma busca incessante pela perfeição anatômica, impulsionada por uma fé profunda e pela influência da filosofia neoplatônica, que via na beleza do corpo a expressão da bondade divina.



Michelangelo como ponte entre
Beleza e Divino

Um homem obstinado pela ideia de que a beleza não era um capricho estético, mas uma forma de revelar o que há de mais elevado na condição humana. Em tempos em que a arte frequentemente se dobra às modas, às rupturas e às provocações vazias, revisitar Michelangelo é quase um ato de resistência, viveu e trabalhou em um tempo onde sua arte redefiniu a relação entre o ser humano e Deus, posicionando-o como um mestre que, ao moldar a beleza, esculpia o divino na terra.

Michelangelo tinha uma visão de mundo diferenciada; para ele, a beleza não era um fim, mas um caminho. Um caminho para Deus. Em pleno Renascimento, quando a razão e a ciência

ganhavam força, ousou afirmar que o corpo humano, com toda sua musculatura exagerada e tensão dramática, era um espelho do divino. Não por acaso, seu Davi encara o futuro com a serenidade de quem sabe que carrega algo maior do que si mesmo.

Em uma era saturada de imagens rápidas e descartáveis, Michelangelo nos lembra que a beleza pode, e deve, ser profunda. Que a arte pode ser um gesto de transcendência. Que o humano e o divino não são opostos, mas partes de uma mesma busca.

Um poema lírico inspirado na relação entre Michelangelo, a beleza e o divino.

Michelangelo sabia: a beleza não é forma, é revelação. É o instante em que o humano recorda que veio da luz. E assim, entre pincéis e cinzéis, ele nos deixou um segredo. O divino não está distante. Está escondido, sempre, naquilo que ousamos chamar de belo.

Michelangelo não produzia arte apenas para ser bela, mas para ser uma prece visual, capaz de elevar a mente do espectador do mundo terreno para o divino.



Michelangelo não conectou a beleza ao divino por acaso. Ele o fez porque acreditava que, sem essa conexão, a arte perde sua alma. E talvez seja essa a lição mais urgente que ele nos deixa.

Não buscava a beleza por vaidade. Buscava-a como quem procura Deus. E talvez seja por isso que sua obra ainda nos inquieta: porque nos lembra que o divino não está distante, mas escondido, às vezes, na curva de um ombro, no gesto de uma mão, na coragem de imaginar o impossível.

Michelangelo não conectou a beleza ao divino. Ele apenas revelou que, desde sempre, elas eram a mesma coisa. Há artistas que moldam a matéria. E há Michelangelo aquele que a desperta.

Em suas mãos, o mármore deixava de ser pedra. Tornava-se pele, sopro, silêncio prestes a falar. Ele parecia ouvir algo que o resto de nós não escutava: um rumor antigo, talvez divino, escondido no coração da matéria. E sua arte era o gesto de libertar esse segredo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/04/2026"

ARTE

Música e Identidade Nacional: mulheres no choro



Por Camila Barros
COLONISTA

Doutora em Ciência da Informação (2017), com estágio de pesquisa na Université de Montréal (Canadá). Atualmente em estágio de pós-doutorado, é Bibliotecária de formação. Docente e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina nos níveis de graduação em Biblioteconomia e Pós-Graduação em Ciência da Informação. Aspirante a cavaquinista, faz parte do grupo de choro "Academia no Choro", formado por professoras da UFSC. @cami_camilabarro



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/04/2026"

Quando se pensa em “vamos ouvir um chorinho”, “hoje tem roda de choro”, qual é a imagem que surge na mente de cada pessoa?

A imagem mental que se tem do gênero musical Choro representa justamente a memória construída histórica e socialmente sobre essa música. Tal memória é composta por diferentes sensações, contatos e histórias contadas sobre o choro. As vivências que temos nos dão ideias do que o choro pode significar e, a partir daí, desenvolvemos nosso próprio significado do que é o choro. Significar é um processo construtivo que engloba relações entre diversos elementos possibilitadas pela percepção sensível.

A partir do trabalho envolvendo pesquisadores e pesquisadoras, órgãos governamentais e não governamentais, musicistas, apreciadores e apreciadoras, em 29 de fevereiro de 2024 o Choro tornou-se Patrimônio Cultural do Brasil, registrado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A coordenação de pesquisa e texto, no âmbito do desenvolvimento do dossiê para Instrução Técnica do Processo de Registro do Choro como Patrimônio Cultural do Brasil foi e continua sob responsabilidade de Lúcia Pompeu de Freitas Campos, Pedro de Moura Aragão e Rafael Henrique Soares Velloso. As informações coletadas para o dossiê - além do contínuo registro de acervos, ações de ensino, associações e clubes, rodas e locais de performance, discografia

e pesquisas e publicações - estão disponíveis na Base de Dados Choro Patrimônio. Se você tiver informações e quiser colaborar com a memória do choro, pode contribuir com a Base de Dados.



Ao tornar o Choro patrimônio, constrói-se uma caracterização e uma memória que preserva, além de pessoas, lugares e eventos, também rastros, pistas para construção de narrativas múltiplas e expandidas sobre o choro. Nesse sentido, mesmo que o Choro pareça constituir um tipo de identidade nacional geral e (quase) homogênea a partir de seu reconhecimento como patrimônio, o que ocorre é justamente o oposto.

O Choro patrimônio reflete o mosaico cultural que o constitui e a diversidade que povoa a cultura popular alheia às fronteiras político-geográficas. A palavra de destaque, então, é a representatividade.

Quantas expressões do “choro” são necessárias para compor uma identidade nacional tornada

patrimônio? Quem, que lugares, que “choros” irão compor esse mosaico? Como mitigar ao máximo a possível invisibilização daquilo que não se tem conhecimento e, portanto, não se sabe do esquecimento?

O registro dessa memória, a forma de contar sobre a construção, permanência e mutações desse patrimônio depende de recortes, olhares, escolha de caminhos. Uma perspectiva para isso é a participação feminina no Choro.

Considerando que o papel de constituição de identidades plurais e que a continuidade ocorre nas práticas sociais, sofre mudanças, é recriada e ressignificada pelos grupos que a praticam, colocamos em evidência o choro, patrimônio brasileiro, fundado também por mulheres.

É preciso registrar que essa “descoberta” não é nova, mas sua redescoberta tem movimentado a cena do choro no Brasil e, consequentemente, a imagem construída sobre esse patrimônio e as identidades que representa.

Clamado como primeiro gênero musical genuinamente brasileiro e, reconhecidamente, como junção e/ou fusão de vários subgêneros (lundu, maxixe, polca, valsa, choro-sambado, entre outros), nomes como Chiquinha Gonzaga (1847-1935), Joaquim Callado (1848-1880), Ernesto Nazareth (1863-1934), Pixinguinha (1897-1973), Jacob do Bandolim (1918-1969) e Waldir Azevedo (1923-1980) são importantes

referências do choro brasileiro.

Os citados como expoentes dessa música desenharam um contorno quase que unicamente masculino à memória do choro. Chiquinha Gonzaga (compositora e pianista), graças a “Ô Abre Alas”, é a mulher mais lembrada quando o assunto é choro, já que teve a “audácia” de ter uma vida pública na música no final do séc. XIX. Já Tia Amélia (1897-1983, compositora e pianista), Lina Pesce (1913-1995, compositora e pianista) e Carolina Cardoso Menezes (1913-2000, compositora e pianista) não tiveram o mesmo reconhecimento.

Passando da primeira metade do séc. XX, temos outras choronas de grande escalão. Luciana Rabello (1961-) é compositora e multi-instrumentista, reconhecida como cavaquinista, foi a primeira mulher a integrar um regional (grupo profissional de choro), “Os Carioquinhas”, em 1976. Sim, você não leu errado... isso aconteceu somente em 1976. Praticamente ontem...

Outros nomes poderiam ser citados como Nilze Carvalho (1969- , compositora, bandolinista e cavaquinista), Jane Silvana Corilov (1962- , Jane do Bandolim) e Samara Líbano (1985- , compositora e violonista sete cordas). Contribuindo para a cena atual do choro, Ângela Coltri (1981-), compositora e flautista, lançou, em dezembro de 2025, o álbum “Eclipse”, exclusivamente com composições

autorais originais.

Passando pelo choro, o álbum ainda traz choro-sambado, maxixe, landó (música afro-peruana) e valsa. O álbum pode ser acessado no canal oficial da instrumentista no Youtube:

NO SITE ACESSEM OS LINKS

- YOUTUBE
- SPOTIFY

Quando se trata de identidade nacional o foco precisa ser na vivência do choro. O choro é um fenômeno que ocorre em todas as regiões do Brasil com diferentes sotaques e ritualidades. Não pretendemos, de forma alguma, reduzir a importância dos regionais e dos palcos para a disseminação desse gênero musical, mas é preciso considerar que, fundamentalmente, alguém precisa fazer a música, o choro precisa ser realizado por pessoas e é na performance que ocorre a efetivação das condições de criação e de reconhecimento da música. É no evento, no acontecimento musical, no fazer da roda de choro, no encontro de chorões, choronas, comunidades, ruas, esquinas, calçadas, que se revela o lugar social do choro. É daí que precisam ser extraídas as referências dos significados e das imagens mentais dessa sonoridade.

Em muitos casos, as convenções identitárias baseadas na música são transformadas em convenções de mercado e as características sociais e musicais são desfiguradas. Nesse ponto, retomamos a ideia de mosaico da memória cultural. Símbolos nacionais como aqueles representados pela patrimonialização são memórias registradas e sua fixação precisa de contextualização para garantir a tal representatividade.

Coletivos, grupos de choro e movimentos como a Roda de Choro Mulheril (Florianópolis, desde 2022), Roda das Minas (desde 2016, Curitiba), Abre a Roda (desde 2017, em Belo Horizonte), Chora – Mulheres na Roda (desde 2018, no Rio de Janeiro) - para os quais daremos mais atenção em outra oportunidade - são belíssimos exemplos da redescoberta do choro que contribuem para a composição da memória desse patrimônio. Nesse mosaico, o choro, como identidade nacional, ganha mais contornos também femininos.



PUBLIQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião)
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

LITERATURA

Nas teias do amor e da poesia: a visão de Edgar Morin



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

“Para ele, amor e poesia são inseparáveis, nascendo do desejo de transcender o imediato e criar comunhão com o mistério do viver.”

Edgar Nahoun (mais tarde Morin). Filósofo da complexidade, nasceu em Paris em 1921, francês, de origem judaica sefardita, parcialmente italiano e espanhol, amplamente mediterrâneo, europeu cultural, cidadão do mundo, filho da Terra-Pátria. Sociólogo, antropólogo, historiador, doutor honoris causa em 17 universidades e um dos últimos grandes intelectuais da época de ouro do pensamento francês do século XX. Aos 102 anos, é autor de mais de 60 livros sobre temas que vão do cinema à filosofia, da política à psicologia, e da etnologia à educação. Sua obra mais importante, composta por 6 volumes, não tirando o mérito das outras é: O método.

Assim, se apresenta com uma identidade única e plural. Para Morin, mesmo acreditando nas certezas, precisamos aprender que toda vida é um navegar num oceano de incertezas, atravessando ilhas ou arquipélagos, onde nos reabastecemos. A incerteza e o inesperado precisam ser integrados na História humana.

O amor e a poesia são lembrados por Edgar Morin sob o olhar da complexidade, como fios essenciais na tapeçaria do viver. A



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/12/2025"

palavra complexo deve ser entendida em seu sentido literal: “complexus”, aquilo que se tece em conjunto. Segundo ele, o amor é algo único, como uma tapeçaria tecida com fios extremamente diversos, de origens diferentes. (Morin, 2001, p. 16). Neste sentido, pode-se afirmar que por trás de um “eu te amo”, há um componente físico, biológico, sexual e corporal.

Na perspectiva de Morin, o amor é “encontro e descoberta”, mas é também incerteza, risco e metamorfose, é entrega e o medo de perder-se. O amor, na perspectiva moriniana, é também a experiência do outro, é um mergulho na alteridade. Amar é, ao mesmo tempo, reconhecer e desconhecer, acolher o mistério e o imprevisível. Sendo possível, nossos rostos cristalizarem os componentes do amor. Daí a beleza e o drama do amor na sua essência: criar laços sem jamais aprisionar.

Então, o que é o amor?

Morin vê o amor como uma forma de resistência às crueldades do mundo, promovendo a união e a ética em oposição ao ódio e à separação. Em sua obra Amor, poesia, sabedoria (2001), Morin explora o amor como um elemento que nos conecta com a poesia e a sabedoria, convidando-nos a refletir sobre a importância de amar com a

complexidade da vida, a qual é, ao mesmo tempo, trágica e magnífica. Ele se considera um “eterno amoroso”. Viúvo inconsolável, o sociólogo Edgar Morin escreveu, em 2009, uma declaração de amor à “Edwige”, sua esposa com quem partilhou sua vida durante 30 anos.

Nas palavras de Morin...

“Edwige era uma mulher muito secreta e pudorosa. Com exceção de algumas amigas, as pessoas não a viam senão através das aparências. Então, eu senti a necessidade de fazê-la reconhecer. Era uma pessoa que exalava poesia por sua grande capacidade de admiração. Ela ficava maravilhada com a nossa gata, com a natureza, com as belas coisas da vida. Ela amava a beleza de uma maneira extraordinária e sentia tudo o que é poético na vida. Eu considero que o amor está em um casal quando o outro é fonte de poesia. Se um dos dois deixar de ser isso, não faz mais sentido” (Morin, 2011). Assim, o amor, na poesia da vida, segundo ele, deve espalhar-se pela vida na totalidade, com seus sonhos e acasos.

Nas teias do amor e da poesia: eles inseparáveis.

Para Morin, amor e poesia são inseparáveis. Ambos nascem do desejo de transcender o imediato, de criar comunhão com o mistério

do viver. Nesse sentido, a dimensão poética vai além dos poemas, alcançando a poesia da vida. Desse ponto de vista, parece claro a necessidade de reconhecimento que pode ser manifesto através do amor. Ser amado é ser considerado e digno de amor, ser admirado e visto como uma pessoa amada, boa e bonita, satisfazendo a autoestima, cujo pilar é reconhecer e conferir legitimidade ao outro. Morin diz que ela é um gesto poético, tornando a vida mais ampla, mais porosa, mais verdadeira. Afinal, somos razão, emoção, dedicação e poesia.

O poeta ama o encanto das emoções, das suavidades do amor correspondido.

Para ele, ao abraçarmos o amor e a poesia, tornamo-nos mais inteiros, mais humanos capazes de viver, pensar e sentir com toda a riqueza e ambivalência que a existência nos oferece.

Concluo, desejando que essa narrativa provoque em você, leitor(a), a capacidade imaginativa para a criação de obras-primas de poesias, literaturas e artes, permitindo ao amor revelar a sua beleza secreta.

Quando as Histórias Curam:

Biblioterapia e o Poder Terapêutico da Literatura Infantil

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

Em uma ala pediátrica de São Paulo, uma menina de oito anos se recusa a falar desde que chegou ao hospital. Os médicos tentaram de tudo, os pais estão desesperados, e as enfermeiras já não sabem mais como se aproximar. Até que uma voluntária traz um livro: "O Monstro das Cores", de Anna Llenas. Página por página, a criança começa a apontar para as emoções coloridas do personagem. Primeiro o medo, depois a tristeza, até que finalmente sussurra: "Eu também estou toda misturada por dentro."

Esta cena, que se repete diariamente em hospitais, escolas e consultórios pelo Brasil, ilustra uma verdade que a ciência vem confirmando: as histórias têm o poder de curar. Não de forma mágica ou fantasiosa, mas através de um processo estruturado e fundamentado que a psicologia chama de biblioterapia. É a prova concreta de que a literatura infantojuvenil possui, sim, aquela "urgência mansa" e "força que sussurra" capazes de transformar dores em palavras e medos em compreensão.

A biblioterapia não é uma novidade. Suas raízes remontam à Grécia Antiga, onde bibliotecas eram consideradas "lugares de cura para a alma". No contexto contemporâneo, especialmente aplicada ao público infantojuvenil, ela se define como o uso estruturado da literatura para promover saúde mental, facilitar a expressão de sentimentos e desenvolver estratégias de enfrentamento para situações difíceis.

@poetajbwolf



PARTICIPE DO EDITAL

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI



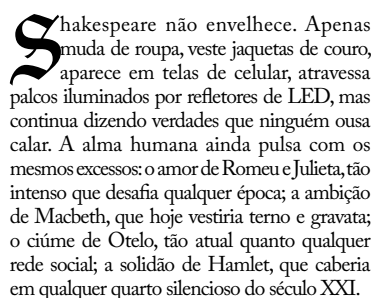
LITERATURA

Shakespeare no Século XXI: modernidade sem perder a tradição



 @jeanetertuliano

“Como o Bardo Atravessa Séculos Vestindo Jaquetas de Couro Sem Perder a Essência de Suas Verdades Eternas”



Não é o Bardo que precisa se atualizar, somos nós que precisamos parar para ouvi-lo! Suas palavras têm peso, ritmo, poesia... não podem tradução para o imediato de nosso tempo. Quando uma Julieta troca cartas por mensagens digitais, não é para facilitar Shakespeare, mas para mostrar que o coração humano nunca mudou de endereço, apenas trocou o CEP.

A tradição não é prisão; é raiz. Quem arranca raízes para parecer moderno não floresce, murcha. Preservar o texto original não é nostalgia, é respeito por aquilo que exige fôlego. Shakespeare não obriga a respirar devagar... e isso, hoje, já é um ato de resistência.



Releituras são bem-vindas, desde que dialoguem com a essência. O duende travesso de *Sonho de uma Noite de Verão* ainda provoca risos, Lear ainda grita contra a ingratidão dos filhos, Ricardo III ainda manobra como qualquer político ambicioso. Modernizar é vestir o clássico com novas cores, não rasgar o tecido que o sustenta.



Shakespeare sobrevive porque fala o que fingimos não ouvir, sobre amor, poder, loucura, medo... sobre nós! Não há século capaz de silenciar uma voz tão humana.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/12/2025”

Participe do Edital da Revista The Bard

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:



Imagens que salvam a humanidade

40ª
EDIÇÃO



22 categorias com temas livres

Clique aqui

Edital Novembro e Dezembro aberto até dia 30/09/2026.

LITERATURA

RESENHA

Trese: Caçadora de Demônios para adultos



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.
@marianapacheco.mp

RESENHA

Antes do filme sul-coreano “K-Pop Demon Hunters” conquistar as premiações estadunidenses, como o Globo de Ouro e Annie Awards, neste ano de 2026, se tornando a animação de maior sucesso da plataforma de streaming Netflix e uma representação do folclore asiático para o mundo ocidental, em 2021 a série “Trese” já havia trazido uma protetora para a humanidade e um elo de equilíbrio entre o sobrenatural.



A série animada é a adaptação das Histórias em Quadrinhos homônimas filipinas escritas por Budjette Tan e Kajo Baldismo. É válido dizer que as Filipinas é um país que ama HQs, e tem ais quadrinistas ilustres e talentosos do que autores clássicos de outros gêneros literários. Isso não reduz o valor da obra, pelo contrário: a linguagem das Histórias em Quadrinhos acessibiliza uma cultura e sociedade pouco discutida dentro da literatura e dos estudos



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/03/2026"

asiáticos, ainda que de forma desafiadora para tradução em países ocidentais.



No Brasil, por exemplo, “Trese” é publicado em seu formato de História em Quadrinhos apenas em 2025, pela editora Mori, voltada para títulos associados ao Terror e ao Suspense – adequado, aliás. É provável que os brasileiros mais leigos se conectem com a narrativa através da série animada previamente produzida pela Netflix. Entretanto, a narrativa de Tan e Baldismo é um prato cheio para conhecer Manila e também mergulhar em traços únicos e personagens que conversam com uma cultura e sociedade que ainda transita entre o folclore tradicional, a colonização espanhola, o conservadorismo religioso e a própria identidade entre guerreiros e xamãs.

Tanto nos quadrinhos quanto na série animada, “Trese” carrega uma aura mais sombria,

quando a noite cai sobre as ruas de Manila (capital das Filipinas) e os perigos vão além de sequestradores e ladrões, se estendendo para criaturas do folclore místico das Filipinas, que espertam nas sombras e nas camadas sociais. Casos de assassinatos, quando se mostram pouco convencionais, obrigam o sargento da polícia a chamar Alexandra Trese, a sexta filha do sexto filho mandirigma (guerreiro) com uma balaylan (xamã), assumindo ambas as funções e conhecimentos dos pais.

Alexandra Trese, diferentemente das personagens guerreiras do K-Pop, se veste de negro, tem cabelos curtos e é extremamente racional para cumprir sua função como protetora da humanidade – a Lakan. E seus casos, muitas vezes, não envolvem monstros bonitos, mas metamorfos vampíricos e necrófagos (aswang) envolvidos em tráfico de almas e carne humana; bebês abortados e abandonados que ressurgem em busca do ventre maternos (tiyanak), e mortos vivos convocados em busca da justiça de assassinatos causados pela polícia local, sem um julgamento.

A história traz figuras folclóricas, mas influentes em situações reais da sociedade filipina. E, por isso, a narrativa ganha o tom mais impactante e obscuro: o terror não está apenas nas figuras folclóricas e nas cenas de sangue, bem

como as batalhas de Alexandra Trese junto com os Kambal – dois gêmeos semideuses filhos de Talagbusao (deus da Guerra), que se tornam seus guarda-costas particulares, mas em como a humanidade desequilibra a relação entre o sobrenatural por violarmos as regras.

No volume 2, Alexandra Trese explica ao sargento que as regras do submundo são simples: aquelas velhas regras sobre boas maneiras, mostrar respeito e ajudar o próximo. Só que as consequências de desobedecer às lições são mais extremas, porque o submundo não perdoa como o mundo humano. E é isso que nos assusta.

As Guerreiras do K-Pop conquistaram fãs de todas as idades, de crianças aos adultos, por trazer músicas cativantes, personagens únicas e boa estratégia de comunicação. Mas “Trese” é para um público adulto que não tenha medo de ler ou assistir a noite, ou mesmo de entender que existem coisas que não sabemos explicar ou lidar em nosso mundo e na fina camada de crença. E para enfrenta-los, saber cantar não é suficiente, é preciso se armar de conhecimento antigo, coragem, frieza e um bom punhal.

Resenha de Livro

"O Auto da Compadecida"

Ariano Suassuna

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

No panteão da literatura brasileira, poucas obras alcançaram o status de ícone cultural como "O Auto da Compadecida". Escrita em 1955 pelo genial Ariano Suassuna, esta peça de teatro não é apenas a sua obra mais famosa, mas um verdadeiro marco que encapsula a riqueza do folclore, a profundidade da religiosidade e o humor mordaz do sertão nordestino. Através das peripécias de seus inesquecíveis protagonistas, João Grilo e Chicó, Suassuna tecu uma narrativa que, décadas após sua criação, continua a ressoar com o público, provando a atemporalidade de sua genialidade e a força de sua visão artística.

Ariano Suassuna (1927-2014) foi um escritor, dramaturgo, poeta e ensaísta brasileiro, um dos maiores defensores da cultura popular nordestina e um dos fundadores do Movimento Armorial, que buscava criar uma arte brasileira erudita a partir das raízes populares. "O Auto da Compadecida" é a materialização perfeita dessa filosofia. A peça é um "auto", um gênero teatral medieval de origem religiosa, que Suassuna revitalizou com elementos tipicamente brasileiros, criando uma obra que é ao mesmo tempo universal e profundamente enraizada em sua terra.

A história se desenrola na pequena cidade de Taperóá, Paraíba, e acompanha as desventuras de João Grilo, um sertanejo pobre, esperto e mentiroso, e seu amigo Chicó, um sujeito covarde e ingênuo, mas com uma imaginação fértil para contar "causos". Juntos, eles tentam sobreviver às adversidades do sertão, usando a malandragem e a sorte para se livrar de situações complicadas, envolvendo figuras como o Padeiro e sua esposa adúltera, o Major Antônio Moraes, o Padre João e o Bispo.

A trama atinge seu clímax com a morte dos personagens e o subsequente julgamento no céu, onde são confrontados por Jesus Cristo (o Encourado), o Diabo e, crucialmente, Nossa Senhora, a Compadecida. É a intervenção misericordiosa da Compadecida que oferece uma chance de redenção aos pecadores, especialmente a João Grilo, que, apesar de suas falhas, demonstra um coração simples e uma fé genuína. Essa fusão de elementos cômicos, trágicos e religiosos é o que confere à peça sua profundidade e seu apelo duradouro.

@poetajbwolf

PUBLIQUE SEU LIVRO



NEVOEIRO

Textos e Poemas

Uma coletânea sensível sobre alma, silêncio e os mistérios que nos habitam.

Autora
Mia Koda

CONHEÇA O LIVRO

LITERATURA

Linhas Cruzadas: Joyce e a Temperatura do Mundo



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Jornalista, Comendadora e Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras da Humanidade, Professora de Português e Literatura, Palestrante Internacional e Pesquisadora em Educação e Tecnologias Educacionais e MBA em Saúde Mental no Trabalho

@prof.alineabreu

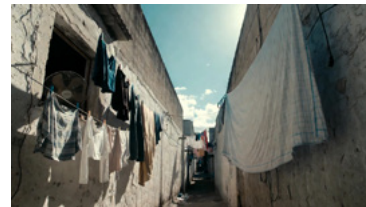
"Entre o verão punitivo da laje da avó e o verão "educado" dos apartamentos no Morumbi onde a mãe trabalha como diarista"

Joyce aprendeu cedo que a cidade não era a mesma para todo mundo. Não foi por livro, nem por mapa, nem por professor em sala de aula. Foi pela pele.



Em Heliópolis, o calor subia do chão como se a rua respirasse fogo. A laje da casa da avó queimava a sola do pé, o corredor apertado prendia o vento, e o ventilador da sala fazia mais barulho do que milagre. No verão, a geladeira trabalhava dobrado e a conta de luz vinha como castigo. A mãe, Sandra, repetia enquanto estendia roupa na corda da área:

— "Menina, fecha essa porta que o frio foge." Mas não havia frio suficiente para fugir. Havia apenas o pouco. Pouca sombra. Pouca árvore. Pouco espaço. Pouco descanso.



Do outro lado da cidade, onde Sandra passava o dia limpando vidros que davam para jardins irrigados, havia outro verão. Lá no Morumbi, o calor parecia mais educado. Chegava, mas não se instalava com a mesma violência. Entrava pelas varandas largas, era vencido pelo ar-condicionado, diluído nas copas das árvores, contido pelas paredes grossas e pelos silêncios caros dos apartamentos. Joyce descobriu isso ainda menina, quando começou a acompanhar a mãe em alguns trabalhos de fim de semana.

A primeira vez que Joyce subiu com a mãe até um daqueles prédios, achou que tinha entrado em outro país. O elevador era espelhado, o hall cheirava a flor que não crescia no seu bairro, e o chão não devolvia o calor para o corpo. Havia água fresca na geladeira de inox, frutas arrumadas numa fruteira grande demais, e um cachorro que dormia em almofadas mais macias do que o colchão de sua casa.

— "Não mexe em nada", sussurrou Sandra para Joyce, já amarrando o pano na cintura.

Joyce não mexeu. Só olhou. Olhou tanto que aquilo ficou dentro dela como ficam certas humilhações e certos desejos: sem nome no início, mas insistentes.

Na volta para casa, o ônibus descia a cidade como quem desce uma escada invisível. E era sempre nessa hora, entre o vidro embaçado e o cansaço da mãe, que Joyce percebia que São Paulo também era feita de temperatura social. No Morumbi, o verão era abafado. Em Heliópolis, era punitivo.

Sandra, sem nunca ter lido teorias sobre desigualdade, conhecia suas regras pelo cansaço. Aprendeu a sustentar o mundo com as mãos. Passava roupa, lavava banheiro, esfregava chão, deixava a própria coluna nos apartamentos alheios para que a filha pudesse estudar. Havia nela uma dignidade áspera, dessas que não fazem discurso, mas deixam marcas. Joyce cresceu observando essa força e entendendo, ainda menina, que para mulheres como sua mãe nada vinha inteiro, nada vinha fácil, nada vinha sem custo.

— "Você não vai viver de favor na casa dos outros", dizia a mãe.

Só que Sandra sabia, e Joyce também, que estudar não desfazia o mapa da cidade. No máximo, ensinava a lê-lo.



Joyce foi boa aluna. Não porque tivesse vocação para ser exemplo, mas porque entendeu cedo que, para meninas como ela, o erro custa mais caro. Aprendeu a falar baixo, a escrever bonito, a pedir desculpa mesmo quando não sabia por quê. Na escola pública do bairro, ganhou de uma professora de português um livro já usado, com páginas amareladas e anotações a lápis. Era Memórias de Martha. Levou para casa sem imaginar que ali, entre aquelas linhas, encontraria uma prima antiga.

Leu devagar, deitada perto da janela, com a testa úmida e o barulho da rua entrando aos pedaços. Leu uma menina pobre narrando a própria vida e percebeu o milagre: alguém tinha transformado em literatura aquilo que o resto do mundo chamava apenas de destino.

Joyce ainda não conhecia Martha direito, mas já vivia perguntas parecidas com as dela. Muito antes de encontrar o romance de Júlia Lopes de Almeida, já intuía, sem saber formular, que a cidade havia sido desenhada para que alguns atravessassem a vida por corredores sombreados, enquanto outros precisassem inventar sombra com o próprio corpo. Essa descoberta não veio de uma vez. Foi se formando aos poucos, no calor que subia da laje, no silêncio obediente dos elevadores do Morumbi, no jeito como a mãe chegava exausta e, mesmo assim, punha a casa em ordem antes de descansar.



Na semana seguinte, comentou com a professora:

— "Parece que a Martha sabe umas coisas antes de todo mundo."

A professora sorriu:

— "Quem sofre cedo aprende a perceber antes."

Essa frase nunca saiu dela.

Joyce cresceu, prestou vestibular, entrou numa universidade pública e, numa dessas ironias que a cidade adora praticar, foi dar aula justamente numa escola particular do Morumbi. Todos os dias fazia o trajeto entre Heliópolis e aquele pedaço arborizado de São Paulo onde o calor, ainda no século vinte e um, chegava a ser até quinze graus menor do que em bairros como o dela. Não era metáfora. Era dado. Satélite. Pesquisa. Superfície medindo o que a pele já sabia.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/03/2026"

Na sala dos professores, a conversa às vezes passava pela onda de calor. Uma colega dizia:

— "Está insuportável. Meu ar-condicionado quebrou e eu quase morri ontem."

Joyce pensava na avó sentada diante de um ventilador antigo, toalha molhada no pescoço, janela aberta para um vento que não vinha. Pensava nas crianças de Heliópolis tentando dormir em quartos baixos, com telha esquentando até de madrugada. Pensava na conta de luz chegando como uma ameaça. Pensava que até o suor era desigual.

Um dia, uma aluna do terceiro ano reclamou enquanto guardava o celular na mochila:

— "Professora, eu não consigo render nesse calor."

Joyce olhou pela janela da sala climatizada e respondeu com calma:

— "Imagine render num bairro onde o calor entra pela parede."

A menina ficou sem reação. Talvez não tenha entendido totalmente. Talvez ninguém entenda de verdade o que nunca precisou atravessar.

Mas Joyce não disse aquilo por amargura. Disse porque se cansou de ver o desconforto tratado como experiência universal. Não era. O calor não batia em todos da mesma forma. O verão tinha CEP.

Em casa, à noite, Sandra agora trabalhava menos. As mãos continuavam ásperas, a postura ainda carregava os anos de serviço, mas havia orgulho na forma como arrumava a mesa para jantar. Gostava de ouvir a filha contar da escola.

— "E os meninos de lá, como são?", perguntava.

— "São meninos, mãe. Só que crescem achando que o mundo combina com eles."

Sandra soltava um riso curto, sem humor. — "Isso ajuda muito."

Joyce também ria, mas por dentro pensava em Martha. Na ascensão parcial, na distância que não desaparece, no esforço que não garante pertencimento. Estava do lado de dentro da escola, tinha diploma, carteira assinada, voz firme em sala de aula. E, ainda assim, às vezes sentia que seu corpo carregava um documento secreto, visível apenas aos olhos treinados da cidade. Um jeito de sentar. Uma origem na pronúncia de certas palavras. Um excesso de cuidado. Uma prontidão antiga para não incomodar.

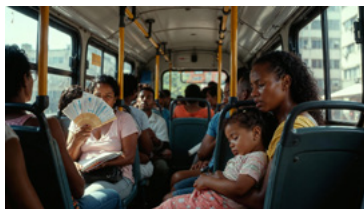
Foi também isso que aprendeu com Memórias de Martha: subir não é o mesmo que ser aceito. Mudar de espaço não significa deixar de ser medida pela régua da origem.

No auge daquele verão em que os jornais publicaram mapas térmicos de São Paulo como se revelassem uma novidade, Joyce quis rir da surpresa geral. "Diferença de até 15 °C entre Paraisópolis e Morumbi", dizia a manchete. Heliópolis acima dos 44°C. Capão em quase 47 °C. Soluções baseadas na natureza, corredores

verdes, árvores, telhados vivos. Tudo correto, tudo urgente, tudo tardio.

Ela leu a notícia no celular dentro do ônibus, a caminho de casa. Ao seu lado, uma mulher abanava o rosto com uma apostila. Mais à frente, um menino dormia no colo da mãe, a testa molhada, o corpo vencido pelo calor antes mesmo de vencer o dia. Joyce guardou o telefone e ficou olhando a cidade passar.

Pensou que Martha, se vivesse hoje, talvez escrevesse não apenas sobre o cortiço e a escola, mas sobre a temperatura. Sobre como a desigualdade também se mede em graus, em sombra, em circulação de ar, em chance de respirar sem esforço. Talvez escrevesse sobre mães que continuam sustentando o mundo com as mãos, embora a cidade insista em chamá-las apenas de mão de obra. Talvez escrevesse sobre filhas que estudam para fugir e, quando conseguem, descobrem que a fuga nunca é completa.



Naquela noite, ao chegar em casa, encontrou Sandra sentada perto da porta, buscando o pouco vento que corria pelo corredor.

— "Hoje foi brabo", disse a mãe.

— "Foi", respondeu Joyce, deixando a bolsa no sofá.

Ficaram caladas por alguns segundos, escutando o ventilador e os ruídos do bairro.

Depois, Sandra perguntou:

— "Você acha que um dia isso muda?" Joyce olhou para a rua estreita, para o concreto quente, para a lua pálida acima dos fios, e pensou na cidade, em Martha, na própria vida, nas meninas que ainda estavam começando a perceber o mundo.

— "Muda", disse por fim. "Mas não sozinho." Sandra assentiu, como quem conhece a diferença entre desejo e trabalho.

E foi nesse instante, entre o calor acumulado do dia e a noite que custava a refrescar, que Joyce entendeu o que a ligava de forma tão funda àquela personagem do século dezenove. Não era só a pobreza, nem a mãe sacrificada, nem a escola como travessia. Era a consciência dura de que a cidade, o país, o tempo, tudo parece mudar depressa para alguns e devagar demais para outros.

Martha saía do cortiço carregando consigo a marca do cortiço. Joyce saía de Heliópolis levando Heliópolis no corpo. Não como vergonha. Como verdade.

No dia seguinte, pisaria novamente no chão

fresco da escola do Morumbi, abriria a janela de uma sala com temperatura controlada e falaria sobre literatura como quem oferece água. Talvez algum aluno entendesse. Talvez não. Mas ela seguiria.

Porque, no fundo, há mulheres que estudam não apenas para subir na vida. Estudam para nomear o mundo. E, quando conseguem, ainda que em voz baixa, o mundo já não permanece exatamente o mesmo.

Conexão com o livro "Memórias de Martha" (1899), de Júlia Lopes de Almeida

Esta crônica estabelece diálogo com "Memórias de Martha" ao recuperar, em chave contemporânea, a trajetória de uma jovem marcada pela desigualdade social, pela observação precoce das diferenças de classe e pela educação como possibilidade de deslocamento, embora nunca como garantia plena de pertencimento. Assim como Martha, Joyce é uma personagem que aprende cedo a ler o mundo por meio da privação, da humilhação silenciosa e do esforço materno para mantê-la em movimento.

No romance de Júlia Lopes de Almeida, a protagonista narra a própria formação em meio à pobreza, à instabilidade e às limitações impostas às mulheres de sua condição social. Na crônica, essa experiência ressurge no contraste entre Heliópolis e Morumbi, onde a desigualdade não aparece apenas na renda, na moradia ou no acesso a oportunidades, mas também no calor, no corpo e nas formas de atravessar a cidade. Dessa maneira, o texto atualiza a sensibilidade social de "Memórias de Martha" e mostra que certas distâncias históricas ainda persistem, apenas assumindo novas feições.

A conexão também se dá na figura da mãe. Em ambas as narrativas, a maternidade aparece associada ao trabalho exaustivo, ao sacrifício e à tentativa de abrir caminhos para a filha. Sandra, como a mãe de Martha, sustenta o presente com o próprio corpo para que a jovem possa imaginar outro futuro. Por isso, a crônica não apenas homenageia o romance de 1899, mas reafirma sua atualidade: a luta por estudo, dignidade e reconhecimento ainda atravessa a vida de muitas mulheres, sobretudo quando a cidade e a sociedade continuam distribuindo sombra e calor de forma desigual.

Curiosidade

Em São Paulo, o calor também revela desigualdades. Um estudo com imagens de satélite mostrou que, no verão de 2024/2025, Paraisópolis chegou a registrar temperaturas de superfície de até 45 °C, enquanto o Morumbi, bairro vizinho, ficou em torno de 30 °C. Isso significa uma diferença de até 15 °C entre lugares separados por poucos quilômetros. Em outras palavras, a desigualdade urbana também pode ser sentida na pele: onde há menos árvores, mais concreto, telhas metálicas e pouca circulação de vento, o calor se acumula com mais força, aumentando os riscos à saúde e os gastos das famílias com energia.

LITERATURA

LINHAS CRUZADAS: O Javanês Nosso De Cada Dia - Parte III



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Jornalista, Comendadora e Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras da Humanidade, Professora de Português e Literatura, Palestrante Internacional e Pesquisadora em Educação e Tecnologias Educacionais e MBA em Saúde Mental no Trabalho
@prof.alineabreu



IMAGEM GERADA POR IA "usando Manu ia, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 12/08/2026"

Quando as dúvidas aumentaram, ele fez o que já se tornou uma saída elegante em tempos de exposição constante. Gravou um vídeo sobre “a leitura possível no mundo contemporâneo”. Disse que ninguém mais lê como no século XIX, que a experiência fragmentada também é experiência, que o importante é circular sentido, não ostentar completude, e que seu trabalho sempre foi o de aproximar obras e pessoas, não o de prestar contas a uma patrulha livresca. Foi aplaudido por muitos. Ganhou novos seguidores. Lançou, dias depois, um curso de leitura crítica em oito módulos.

As vagas esgotaram-se rapidamente.

Talvez porque muita gente não procure exatamente um leitor, mas um intérprete com boa dicção. Alguém que empreste profundidade pronta ao que daria trabalho pensar sozinho. E, no grande mercado do prestígio cultural, poucos papéis rendem tanto quanto o daquele que fala longamente sobre livros que os outros não leram e que, às vezes, ele próprio mal leu.

No fim, o crítico não comentava apenas obras difíceis. Comentava, sem admitir, a disposição de seu tempo para aceitar a aparência da leitura como substituta da leitura. E nisso havia uma ironia antiga, apenas atualizada por câmera, algoritmo e estante iluminada: a de que, muitas vezes, basta saber circular bem entre os sinais do saber para que o mundo dispense o trabalho de perguntar quanto, de fato, se sabe.



Conexão com conto e “O Homem que Sabia Javanês” (1911) de Lima Barreto

A conexão com “O Homem que Sabia Javanês” (1911), de Lima Barreto, está no modo como essa crônica retoma a crítica à autoridade construída mais pela aparência do que pela verdade. No conto, o prestígio do personagem nasce não de um saber real, mas da habilidade de representar esse saber diante de um público disposto a acreditar. Na crônica, esse mesmo mecanismo reaparece em figuras contemporâneas que transformam imagem, discurso e encenação em legitimidade, mostrando que, embora mudem os cenários e as linguagens, permanece atual a ironia de Lima Barreto sobre a facilidade com que a sociedade confunde performance com conhecimento.



1. O Crítico que Lia pelas Bordas

Ele falava de livros como quem atravessara todos eles.

Diante da câmera, com uma estante cuidadosamente montada ao fundo, óculos discretos, iluminação morna e uma caneca apoiada ao lado de edições marcadas por post-its estrategicamente visíveis, comentava romances densos, filósofos difíceis e autores que a maioria do público talvez jamais abrisse por conta própria. Seus vídeos tinham títulos sedutores: “O que ninguém entendeu em Proust”, “A violência silenciosa em Kafka”, “Por que Dostoiévski ainda nos desmonta”, “O verdadeiro sentido de Grande Sertão: Veredas”. Falava pausadamente, com a segurança de quem parecia não apenas ter lido, mas decifrado.

Não fazia resenhas. Fazia “leituras de profundidade”.

Era assim que gostava de chamar seu trabalho. Dizia que não comentava livros, mas “desdobrava camadas”. Cada obra surgia em seus vídeos envolta numa névoa respeitável de complexidade. Havia sempre um conceito, uma tensão, uma chave interpretativa, uma frase de efeito suficientemente abstrata para

soar importante. O público, fascinado, sentia-se diante de alguém que finalmente podia traduzir a grande literatura sem vulgarizá-la. E isso, nos tempos apressados, tinha grande valor simbólico.

Vieram os convites para mesas-redondas, clubes de leitura, feiras literárias, entrevistas e cursos sobre formação de leitores. Depois, as parcerias com editoras, os descontos afiliados, os módulos pagos sobre “como ler os clássicos sem medo” e os comentários reverentes de seguidores que agradeciam por ele tornar acessível o que parecia inalcançável. Já não era apenas um criador de conteúdo. Tornara-se uma pequena autoridade em literatura.



O detalhe é que ele quase não lia os livros de que falava.

Lia a orelha, a quarta capa, dois ou três prefácios, resenhas de jornais, comentários em fóruns, vídeos estrangeiros e, quando muito, algum capítulo mais citado. Sabia localizar frases emblemáticas, enfileirar referências e repetir com elegância certas interpretações já circulantes. Sua especialidade não era propriamente a leitura, mas a administração habilidosa dos sinais externos dela. Sabia parecer leitor com notável eficiência.



E talvez esse seja, hoje, um dos talentos mais premiados.

Porque ler exige tempo, demora, hesitação, retorno, dúvida, silêncio e até fracasso. Já comentar bem um livro sem tê-lo lido inteiramente exige outra coisa: vocabulário seguro, montagem de imagem, domínio do tom e a percepção precisa de que boa parte do público não verificará nada. Entre a leitura real e a performance de leitura, as redes quase sempre recompensam a segunda, sobretudo quando ela vem embalada em eloquência.

Foi uma falha pequena que começou a desmanchar a névoa.

Durante uma transmissão ao vivo, perguntaram-lhe sobre uma cena central de um romance que ele havia chamado, dias antes, de “inesgotável”. Ele sorriu, ajeitou os óculos, tomou água e respondeu de forma circular. Falou do contexto, da atmosfera, do drama existencial, da crise do sujeito moderno. O problema é que a pergunta era simples e direta, ligada a um episódio concreto do enredo. Ele contornou uma vez, duas, três, até que ficou claro, para quem realmente conhecia a obra, que não estava comentando o livro, mas a reputação do livro.

Ainda assim, nada desmoronou de imediato.

Houve quem o defendesse dizendo que a literatura não deve ser reduzida à narrativa. Outros afirmaram que seu valor estava na interpretação, não na memória de detalhes. Alguns chegaram a sugerir que a leitura integral é um fetiche pedante, e que um bom mediador cultural não precisa necessariamente passar página por página para captar o essencial. A precariedade, como acontece com frequência, foi sendo reapresentada como sofisticação.

O problema, porém, não estava apenas na leitura incompleta, mas na facilidade com que isso se convertia em prestígio. Aos moldes de Lima Barreto em “O Homem que Sabia Javanês”, bastava ocupar com naturalidade o lugar de quem domina um saber raro para que o restante fosse completado pela admiração alheia. No caso desse especialista de YouTube, a estante bem montada, os autores difíceis, o tom grave e a linguagem abstrata faziam as vezes do conhecimento que, em boa medida, ficara do lado de fora das páginas.

A literatura, então, deixava de ser encontro com o texto para virar ornamento de autoridade.

O livro, que deveria abrir perguntas, servia antes para fechar a imagem do comentarista. Importava menos o que a obra dizia do que o efeito de prestígio produzido ao citá-la. Havia uma espécie de consumo indireto da leitura: não era preciso ler Proust, Borges ou Rosa; bastava assistir a alguém que parecesse tê-los absorvido por todos. O intermediário crescia, o texto encolhia, e a crítica literária passava a flertar com o espetáculo.

PUBLIQUE SEU LIVRO



Livro de Poesias

Um amor em poesias como uma flor de lótus.

Autora
STELLA GASPAR

Conheça o livro >



LITERATURA

Café Passagem - Cap. 11: Escrevendo Juntos

GÊNERO - CONTO

Por J.B Wolf
ESCRITOR

Recapitulação
Capítulo 10: Primeira Saída



Daniel busca Luísa com margaridas brancas, escolhidas por impulso, não por visão. Eles jantam na Livraria Babel, um café literário que Daniel frequenta desde adolescente. Durante a conversa, Daniel revela sua conversa com Miguel e sua nova compreensão de que o dom era uma escolha, uma forma de fugir do presente. Ambos admitem que passaram a vida evitando o presente, ele através das visões, ela através da solidão e do trabalho. Após o jantar, caminham sem destino pelas ruas históricas, explorando a cidade e as possibilidades de quem podem ser juntos. O capítulo termina com um beijo na praça e Luísa convidando Daniel para subir ao apartamento, ambos finalmente vivendo plenamente o presente.



O Café Passagem
Capítulo 11: Escrevendo Juntos

O apartamento de Luísa parecia diferente à luz suave das luminárias noturnas. Daniel observou os detalhes que havia notado rapidamente antes: as fotografias de viagens em molduras simples, a manta de crochê sobre o sofá, o cheiro sutil de lavanda que impregnava o ambiente.

— Café mesmo ou era só uma desculpa? — Luísa perguntou, tirando os sapatos e se dirigindo à cozinha.

— Um pouco dos dois — Daniel admitiu, seguindo-a.

Enquanto ela preparava o café, ele observou seus movimentos — a forma precisa como media a água, como organizava as xícaras na bandeja. Havia algo hipnótico na domesticidade do momento.

— Daniel? — Luísa se virou e o encontrou olhando-a intensamente. — No que está pensando?

— Em como é estranho estar aqui. Durante três anos, imaginei este apartamento, esta cozinha, você fazendo café. Mas a realidade é... diferente.



— Melhor ou pior?

— Mais real. Mais... presente.

Eles se sentaram no sofá da sala, as xícaras fumegantes entre eles. Luísa havia acendido apenas uma luminária, criando uma atmosfera íntima e acolhedora.

— Posso te mostrar uma coisa? — ela perguntou.

— Claro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026"

Luísa se levantou e foi até a estante, de onde tirou um caderno de capa vermelha.

— Comecei a escrever depois que nos conhecemos — disse, sentando-se mais perto dele. — Não sobre o futuro, como você fazia. Sobre o presente.

Daniel pegou o caderno com cuidado, como se fosse algo precioso.

— Posso ler?

— É para isso que estou mostrando.

Ele abriu na primeira página e leu em voz alta:



"Domingo, 15 de março. Conheci um homem hoje que diz escrever sobre o futuro. Mas o que mais me impressiona não são suas visões impossíveis, e sim a forma como ele olha para mim — como se estivesse vendo algo que eu mesma não sei que existe."

Daniel ergueu os olhos para ela.

— Você escreve bem.

— Continue lendo.

"Segunda-feira, 16 de março. Passei o dia inteiro pensando nele. Não nas coisas estranhas que disse, mas na vulnerabilidade que vi em seus olhos quando admitiu que não sabia como explicar o que acontecia com ele. Há algo profundamente humano em alguém que carrega um mistério que nem ele mesmo compreende."

— Luísa...

— Há mais.

Daniel continuou folheando. Cada entrada documentava não eventos extraordinários, mas momentos pequenos e íntimos: a forma como ele mexia o café, o jeito como seus olhos se iluminavam quando falava sobre livros, como sua voz mudava quando estava nervoso.

— Por que começou a escrever? — ele perguntou.

— Porque você me inspirou. Não o dom, mas a ideia de documentar algo importante. E percebi que nossa história, mesmo sem magia, valia a pena ser registrada.

Daniel fechou o caderno e olhou para ela.

— Tenho uma ideia.

— Qual?

— E se escrevêssemos juntos? Não sobre o futuro, mas sobre agora. Sobre este momento, esta noite, o que estamos construindo.

Luísa sorriu.

— Como seria?

— Você escreve sobre mim, eu escrevo sobre você. Mas no presente, sobre o que estamos vivendo agora.

— Uma espécie de diário compartilhado?

— Exatamente.

Luísa foi buscar outro caderno — este de capa azul — e duas canetas. Sentaram-se no chão da sala, usando a mesa de centro como apoio.

— Como fazemos? — ela perguntou.

— Escrevemos ao mesmo tempo. Cinco minutos sobre este momento, sobre o que estamos sentindo agora.

— E depois?

— Depois lemos um para o outro.

Eles se posicionaram em lados opostos da mesa, cada um com seu caderno. Daniel olhou para o relógio.

— Prontos? Começamos... agora.

Por cinco minutos, o apartamento ficou em silêncio, exceto pelo som das canetas deslizando sobre o papel. Ocasionalmente, um deles erguia os olhos para observar o outro escrevendo, sorria, e voltava ao texto.

Quando o tempo terminou, eles trocaram os cadernos.

Daniel leu o texto de Luísa primeiro:

"Estou sentada no chão da minha sala, observando um homem que até uma semana atrás era um estranho, e agora parece ser a pessoa mais importante da minha vida. Há algo surreal em como rapidamente duas vidas podem se entrelaçar. Ele está concentrado, a testa ligeiramente franzida, e posso ver que está escolhendo cada palavra com cuidado. Não sei o que está escrevendo sobre mim, mas espero que seja gentil. Espero que veja em mim pelo menos

metade da beleza que vejo nele neste momento."

— Luísa... — Daniel começou, mas ela fez um gesto para que esperasse.

Luísa leu o texto dele:

"Ela morde levemente o lábio quando está concentrada, como faz agora. Há uma graça em seus movimentos que me faz entender por que passei três anos sonhando com este momento. Mas a realidade supera qualquer visão: o som de sua respiração, o cheiro de lavanda em seus cabelos, a forma como a luz da luminária cria sombras suaves em seu rosto. Estou escrevendo sobre o presente pela primeira vez em quinze anos, e descobrindo que é infinitamente mais rico que qualquer futuro que já imaginei."

Quando terminaram de ler, ficaram se olhando em silêncio.

— É estranho — Luísa disse finalmente.

— O quê?

— Ler como alguém me vê. É... íntimo de uma forma que não esperava.

— Quer parar?

— Não. Quero continuar. Mas talvez... — ela hesitou — talvez possamos escrever sobre outras coisas também. Sobre nossos medos, nossos sonhos, o que esperamos desta... seja lá o que isto for.

Daniel se aproximou dela no chão.

— Luísa, posso te dizer uma coisa?

— Claro.

— Pela primeira vez em quinze anos, não tenho medo do futuro. Não porque sei o que vai acontecer, mas porque sei que, aconteça o que acontecer, quero que você esteja lá.

— Mesmo que eu não seja perfeita? Mesmo que decepcione você?

— Especialmente então. Porque perfeição é previsível, e eu cansei de previsibilidade.

Luísa se inclinou e o beijou suavemente.



— Então vamos fazer um pacto — ela sussurrou contra seus lábios.

— Que tipo de pacto?

— Vamos escrever nossa história juntos. Uma página de cada vez, sem saber como vai terminar.

— E se der errado?

— Então pelo menos teremos documentado algo bonito enquanto durou.

Daniel sorriu e a puxou para mais perto.

— Aceito o pacto.

Eles passaram o resto da noite escrevendo — às vezes sobre o momento presente, às vezes sobre memórias, às vezes sobre sonhos para o futuro. Quando o sono finalmente chegou, estavam deitados no sofá, os cadernos abertos sobre a mesa de centro, as mãos entrelaçadas.



Pela primeira vez em suas vidas, ambos adormeceram sem medo do que o amanhã traria. Porque sabiam que, qualquer que fosse o futuro, eles o escreveriam juntos.

E isso, descobriram, era muito mais emocionante que qualquer destino predeterminado.

Na manhã seguinte, Daniel acordou com o sol entrando pelas janelas e Luísa ainda dormindo em seus braços. Observou seu rosto relaxado, os cabelos espalhados sobre o travesseiro improvisado, e teve vontade de escrever sobre aquele momento.

Mas em vez disso, simplesmente ficou ali, vivendo-o.

Porque algumas coisas, percebeu, eram belas demais para serem documentadas. Eram para serem vividas, sentidas, guardadas na memória do coração.

E pela primeira vez em quinze anos, isso era mais que suficiente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT Image 2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026"

CULTURA

O Desaparecimento da Moda Como Forma De Expressão Cultural



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.
@marianapacheco.mp

A moda sempre foi mais do que vestimenta



No filme “A Duquesa” (2014), que retrata a vida da duquesa de Devonshire, a personagem demonstra como suas vestimentas são ferramentas de comunicação e expressão feminina em um mundo masculino. Em um dos eventos que participa, a duquesa diz que a enorme pena que usa em sua cabeça tem apenas dois exemplares, aquele e outro em Versalhes, utilizado pela rainha Maria Antonieta. Da mesma forma, o filme de Sofia Coppola “Maria Antonieta” (2006) também expõe a

influência da última rainha da França pelos seus enormes e caros vestidos, que extravasariam os cofres públicos. Ambas representariam uma época e dariam voz pelas roupas que usavam.

A moda, mais do a representação de um período histórico e a voz de um gênero, especialmente o feminino, também carrega elementos culturais o período Georgiano na Inglaterra e o Rococó da França podiam ocorrer simultaneamente, mas o estilo das vestimentas carregava diferenças sutis que representavam a cultura local, como extravagância e sobriedade, tecidos e cores, acessórios e chapéus. A moda também é um elemento forte na hora de expressar uma identidade nacional, lhe dando poder de se comunicar e visibilidade para transformar.

Entretanto, a função da moda também se associa ao consumo. A moda, hoje, é formada

dentro de ateliês, salas de editores de revistas críticas e de campanhas publicitárias, mas formar opinião das passarelas às lojas de departamento, como Miranda Priestly ensina em “O Diabo Veste Prada” (2006). Acharmos que criamos e consumimos algo único, mas a roupa é feita para consumirmos, antes de comunicar nossa identidade. As francesas se vestem diferente das brasileiras. Os tons pastéis e sóbrios nas coleções Outono-Inverno da Europa não são os mesmos para o território Latino-Americano. Entretanto, a modelagem é similar. Se quer vestir como as potências da moda se vestem (Paris, Milão, Nova York). A moda tem reforçado o que antes já existia: é mais sobre venda de status do que cultura. A representação, porém, está sendo padronizada direto na fábrica.

Na Ásia, por exemplo, essa transformação está mais sutil e a roupa tradicional cultural ainda está presente, como o hanbok para a Coreia do

Sul, ainda sendo um elemento marcante em eventos e cerimônias, além de representado em séries midiáticas. Entretanto, com o movimento pop da Onda Coreana, esta roupa ganha traços mais atualizados e vendáveis para uso diário e ocidental, em releituras que são apresentadas pelos ídolos de K-Pop. Assim, a identidade cultural vem sendo transformada em sua representação, e a moda é só um dos pontos deste processo, em que passado e presente podem transitar para criar novos vínculos fora daquele lugar de origem.

E até os lugares mais isolados também podem ter sua moda inserida no mercado de luxo ocidental e serem reinterpretados, como foi o caso do Butão, o chamado país da felicidade nos Himalaias, que ganhou 13 modelos de sapatos desenvolvidos pela marca Louboutin. O processo iniciou-se pela paixão do criador da marca, Christian Louboutin pelo país,

então, em parceria com o governo local, acessa artesãos que criam 13 estampas tradicionais para uma coleção exclusiva que tem o Butão como referência – “LouBhouthan” (2012) -, e depois adiciona a costura e o solado vermelho que vende ao mundo luxo e status. Nesse último caso, a cultura tradicional, quando feita a mão, vira luxo, mas também se ocidentaliza, se comercializa por alto valor por sua raridade estética de uma cultura singular.

Por fim, a moda pode carregar elementos culturais e conversar com pessoas e países por conservá-los, entretanto, por estar estreitamente entrelaçada com o status de poder e o consumo, e isso desde sempre (não sendo exclusividade da modernidade), acaba por perder elementos singulares em pró da venda em nichos diferentes. E o consumidor se felicita por acessar algo que pode considerar único aquele país ou cultura – como o kimono (Japão) e o hanfu (China), considerados tradicionais, mas que podem facilmente ser encontrados em lojas de vestimentas na Liberdade, em São Paulo.

Hoje, a unicidade da moda não se resume à cultura, mas sim à individualidade de seu usuário. Os consumidores não querem ser associados à apropriação cultural, mas desejam que a roupa que usam carregue algo próprio de sua identidade pessoal. Por isso, os serviços de customização crescem e marcas que produzem sob medida e com exclusividade também tem maior valorização no mercado. Para se manter dentro da moda, a cultura precisa se fundir às linhas das máquinas massivas e continuar vendável. Entretanto, é desafiador sustentar esses termos e sua unicidade. O maior desafio é descobrir o que torna a identidade cultural vendável sem perder sua essência local.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026”



A transmissão da cultura ocidental: por que o passado importa mais do que nunca?



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinamentos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

Em uma época marcada pela velocidade da informação, pela troca constante de referências e pela absorção automática de costumes, a preservação da cultura ocidental deixou de ser um assunto restrito às universidades. Hoje essa discussão envolve questões muito mais amplas, ligadas à identidade, à memória coletiva e à continuidade histórica das sociedades.

A tradição ocidental foi construída ao longo dos séculos a partir de diferentes influências, entre elas a filosofia grega, o direito romano e os valores judaico-cristãos. Dessa formação nasceram princípios que moldaram o mundo contemporâneo, como a dignidade humana, a liberdade individual, a racionalidade científica e a ideia de cidadania. Muitos desses conceitos parecem naturais atualmente justamente porque foram incorporados, pouco a pouco, à vida social e política do Ocidente.

Preservar esse legado cultural vai muito além do estudo formal da História. Trata-se de compreender as raízes que ajudaram a formar a civilização contemporânea e de reconhecer o valor da memória histórica em tempos de instabilidade cultural. Em O choque das civilizações, Samuel P. Huntington afirma que as civilizações se sustentam em valores, símbolos e memórias compartilhadas. Quando esses elementos se enfraquecem, cresce também o sentimento de desorientação social e de vazio cultural.

Os vestígios dessa herança aparecem em diferentes aspectos da vida ocidental. As grandes catedrais europeias, por exemplo, revelam a religiosidade de uma época e testemunham avanços artísticos, arquitetônicos e científicos. Na literatura, obras como A Divina Comédia, de Dante Alighieri, Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, e os textos de William Shakespeare permanecem atuais porque tratam de conflitos humanos universais, como amor, ambição, honra, culpa e responsabilidade.

Em Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental, Thomas E. Woods destaca a importância das universidades medievais, dos

mosteiros e da preservação dos textos clássicos para a formação intelectual do Ocidente. Em diversos períodos de crise, essas instituições garantiram a continuidade de conhecimentos filosóficos, científicos e artísticos que poderiam ter desaparecido ao longo da História.

As críticas ao eurocentrismo também precisam ser consideradas. A expansão ocidental esteve associada, em muitos momentos, a processos de dominação política, econômica e cultural. Ainda assim, reconhecer os erros históricos não significa abandonar completamente os valores e produções culturais construídos ao longo dos séculos. O estudo crítico do passado permite compreender falhas, evitar a repetição de tragédias sociais e fortalecer princípios humanitários fundamentais.

Diante disso, transmitir a cultura ocidental às novas gerações torna-se uma tarefa cada vez mais necessária. Sociedades que perdem suas referências culturais costumam enfrentar crises de identidade e o enfraquecimento dos vínculos sociais. Em um tempo marcado pelo imediatismo das redes sociais e pela superficialidade da informação fragmentada, o contato com o patrimônio cultural oferece profundidade, continuidade e senso de pertencimento.

Valorizar o passado, portanto, significa compreender que nenhuma civilização permanece viva sem memória. A cultura ocidental continua relevante porque ainda oferece instrumentos intelectuais, éticos e artísticos capazes de ajudar o homem contemporâneo a compreender o mundo e a si mesmo.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026”

CULTURA

Grupos de Reisados: Importância Histórica E Cultural



Por Beth Baltar
COLUNISTA

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

@beth_baltar

O Reisado ou Folia de Reis é uma manifestação cultural, religiosa e folclórica, de origem europeia e trazida para o Brasil no período da colonização, pelos portugueses. Os países de tradição cristã comemoram com festividades a visita dos três Reis Magos: Baltazar, Gaspar e Belchior, ao menino Jesus, que foi apresentado com mirra, ouro e incenso, simbolizando, respectivamente, imortalidade, realeza e divindade, como sinal de devoção e respeito.



Desse modo, o Reisado celebra o nascimento de Jesus, sendo festejado do dia 24 de dezembro, véspera de Natal, ao dia 6 de janeiro, dia de Reis, cuja manifestação é composta de cantos populares, versos religiosos, coreografias e homenagens aos Reis Magos e acontece em diferentes regiões do Brasil, marcando uma tradição centenária na cultura popular brasileira.

As comemorações são realizadas conforme as tradições e particularidades de cada região do país e essa diversidade caracteriza a riqueza cultural do reisado, com comidas típicas, cantorias, versos, danças e o artesanato, além de vários instrumentos musicais como pandeiros, violões, reco-reco, cavaquinhos, acordeons e violas. Os brincantes trajam roupas de diferentes formas, coloridas e cheias de vida e alegria, com fitas, espelinhos e chapéus de variadas formas e estilos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/12/2025"

Para os foliões a comemoração de Reis transcende a representação, pois, o seu maior sentido é a devoção religiosa que tem conseguido sobreviver como uma manifestação revestida de um dinamismo próprio, apesar de algumas transformações decorrentes da diversidade de cada localidade.

A Folia de Reis, também conhecida como Companhia de Reis, é conduzida por um Grupo de Reisado, contando com um mestre ou



embaixador, contramestre, os três Reis Magos, palhaço, alferes e brincantes em sua formação, além de personagens comuns como Mateus, Catirina, rei e rainha. Esta manifestação cultural reúne famílias de foliões, que é passada de geração em geração, inspirando jovens em torno

da magia da festividade, perpetuando assim, a tradição e os costumes regionais.

Os Grupos de Reisados se apresentam em desfiles pelas ruas e, comumente, visitam casas de devotos, cujos moradores oferecem comidas e prendas para ofertar aos mais necessitados. Uma das músicas cantadas é:

"Porta aberta, luz acesa
Sinal de muita alegria
Entra eu, entra meu terno
Entra toda a companhia
Graças a Deus já vimos
Sua casa iluminar
Já que nos abriram a porta
Falta nos fazer passar
Este é o primeiro verso
Que nesta casa eu canto
Em nome de Deus começo
Padre, Filho Espírito Santo
Estes três Reis por serem santos
Que saíram a caminhar
Procurando Jesus Cristo
Nesta casa vieram achar"

Uma característica peculiar dos Grupos

dos Reisados é que cada um tem a sua própria bandeira ou estandarte, com imagens de santos e orações, reforçando a tradição católica e a representatividade do sagrado, com tecidos variados e cores, cuidadosamente confeccionada por artesãos. Cabe ressaltar que a adoração ao divino e a devoção dos foliões é tão forte e presente no meio familiar, que formam artistas, cujos artesanatos, com seus traços, desenhos, peças e adornos se tornam verdadeiras obras de arte.

Em alguns estados brasileiros, o Reisado foi reconhecido como patrimônio cultural imaterial, dado o seu valor histórico, a exemplo de Pernambuco. Entretanto, encontramos esta tradição que se perpetua, também nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Piauí, Paraíba e Goiás, considerando as devidas variações regionais. Como o Reisado do Congo, com elementos da cultura afro-brasileira; Reisado de Caretas, com uso de máscaras e fantasias coloridas; Reisado de Couro, pelo uso dos instrumentos musicais feitos de couro; Reisado dos Irmãos, com grupos familiares; Reisado dos Bailes, com danças e coreografias bem preparadas; e os Torés Indígenas, com elementos da cultura indígena.

Portanto, o Reisado simboliza o reconhecimento da cultura, fé e do trabalho de cada indivíduo, resultando não somente a história do nascimento de Cristo, mas também o sustento e a renda de famílias, preservando a tradição cultural brasileira, promovendo em suas festividades, alegria e o sentimento de renovação e paz a cada ano.



Cultura e Economia Criativa: Monetização da Arte e Talento

CULTURA - Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

"Como criadores de conteúdo, artistas e profissionais criativos estão transformando suas habilidades em modelos de negócio viáveis."

A economia criativa deixou de ser um conceito distante para se transformar em realidade no cotidiano de milhões de pessoas. Em 2026, ela não é apenas uma tendência: é uma forma de viver, trabalhar e existir. Cada vez mais, artistas, criadores de conteúdo e profissionais que lidam com imaginação e sensibilidade descobrem caminhos para transformar seu talento em sustento. O que antes era tratado como hobby, vocação ou até "coisa de sonhador", agora ganha força como modelo de negócio legítimo e, principalmente, necessário.



Esse movimento não acontece por acaso. O mundo atravessa uma fase de cansaço das produções padronizadas, das fórmulas prontas e da ausência de alma. As pessoas buscam conexão, histórias reais, expressões que falem sobre quem somos e para onde vamos. Nesse cenário, a criatividade se tornou um farol. Pela primeira vez em muito tempo, a arte não é apenas contemplada: ela é consumida, compartilhada, vivida e valorizada como nunca. E isso abre espaço para algo transformador: que alguém com um pincel, uma câmera, uma ideia ou uma narrativa consiga alcançar pessoas do outro lado do mundo.



A revolução digital acelerou esse processo. Hoje, um ilustrador pode vender suas obras diretamente no celular. Uma cantora independente lança seu EP sem pedir permissão a gravadoras. Uma artesã do interior encontra compradores em outros continentes. Os portões da cultura foram escancarados, e quem entra agora encontra um terreno fértil, mas também desafiador. A facilidade de criar e compartilhar veio acompanhada de uma imensa concorrência e da necessidade de entender ferramentas que vão muito além do talento: marketing, gestão, planejamento, constância e até algoritmos.

Apesar disso, muitos criadores afirmam que nunca se sentiram tão livres. Pela primeira vez, conseguem construir uma carreira sem depender do reconhecimento de grandes instituições. A relação é direta: é o público que determina quem cresce, quem se mantém e quem inspira. É a comunidade que financia projetos, apoia campanhas, compra produtos e transforma o artista em empreendedor. E esse vínculo, mais íntimo e coletivo, dá ao trabalho cultural um valor que não cabe apenas nos números da economia.

Mas a jornada não é só feita de conquistas. Há desafios reais. Muitos criadores ainda enfrentam instabilidade financeira, falta de apoio público, dificuldade de acesso a recursos e o peso emocional de viver em um mercado que exige presença constante. A pressão por relevância pode sufocar, e a necessidade de produzir de forma contínua faz com que alguns artistas questionem onde termina a arte e começa a obrigação. Ainda assim, mesmo com essas tensões, a vontade de criar continua sendo mais forte que qualquer obstáculo.



No entanto, quando olhamos para o todo, fica evidente algo poderoso: a economia criativa

está fortalecendo não apenas indivíduos, mas culturas inteiras. Ela preserva histórias, valoriza identidades, amplia vozes antes silenciadas e cria novas pontes entre pessoas de diferentes lugares e realidades. Cada vídeo, pintura, texto, música, bordado, dança ou performance carrega um pouco do mundo de alguém — e isso tem um impacto imenso na forma como a sociedade se expressa e se entende.

Em um tempo em que máquinas fazem cálculos em segundos e automatizam tarefas complexas, é quase poético perceber que o que move a economia criativa é justamente aquilo que a tecnologia não consegue imitar: sensibilidade, emoção, estética, memória e humanidade. A criatividade, enfim, virou uma forma de trabalho, mas também uma forma de existir.



CULTURA

Identidade Cultural do Artesanato Brasileiro



IMAGEM GERADA POR IA "usando Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/03/2026"



Por Beth Baltar
COLUNISTA

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

@beth_baltar

“O artesanato brasileiro como uma expressão milenar da criatividade e da identidade do país”

A produção artesanal é uma expressão artística milenar que acompanhou a história da humanidade. Por mais heterogênea e diversa que seja a cultura brasileira, constituída por distintas raças, etnias, tradições, cores e formas, existe algo que a une de norte ao sul, de leste ao oeste: o artesanato.

O artesanato é definido como produtos confeccionados por artesãos, seja totalmente manual ou com uso de ferramentas, representa em uma das formas mais ricas de expressão da cultura e da criatividade do povo.

Através de técnicas passadas de geração a geração e do uso de materiais locais, o artesanato expressa de forma visual e material a identidade do local em que é produzido. Cada região do Brasil possui características únicas que se manifestam em seus estilos de artesanato, resultando em uma ampla variedade de técnicas, materiais e designs, agregando o valor cultural e identitário ao artefato.

De volta ao passado, o artesanato brasileiro remonta a tempos ancestrais, com influências indígenas, europeias, africanas e asiáticas. Os indígenas confeccionavam peças criadas com materiais da natureza, como a palha, madeira, sementes e argila, como as cestarias, cerâmicas, máscaras e instrumentos musicais; já as cores e ritmos, são características do artesanato de tradições africanas como metais, tecidos com cores marcante, desenhos geométricos e símbolos religiosos; os bordados, rendas, tapeçarias e técnicas de marcenaria são as contribuições europeias para a arte brasileira.

Estes mosaicos de culturas são exemplos que demonstram a diversidade cultural e da criatividade do povo brasileiro e cada região do país, embora com essas influências culturais, traz sua identidade e criatividade artesanal.

Os estilos regionais do artesanato do Brasil são encantadores:

As rendas de bilro e bordados, delicados e de cores vibrantes, artes em barro, pedra, couro, palha e tapeçaria, entre outros materiais, com fortes influências africanas, indígenas e portuguesas, marcam o artesanato na região Nordeste, principalmente no estado do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Bahia.

O artesanato na região Sudeste reflete a tradição e a modernidade encontrados nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, com peças em madeira, cerâmica, com uma variedade de técnicas e uso criativo de materiais reciclados, além de crochê, tricô, bordados e couro e trabalhos em pedra-sabão em Minas Gerais.

A região Centro-Oeste é marcada pela tradição indígena e pela cerâmica que retratam a fauna, a flora e a espiritualidade indígena, principalmente nos estados do Mato Grosso do Sul e Goiás.

A conexão entre o homem e a natureza, a biodiversidade da Amazônia e da cultura indígena influenciam a confecção de peças feitas como materiais naturais como a madeira, fibras vegetais e sementes na região Norte. Destaca-se nesta região a cerâmica marajoara, pelos seus

desenhos e símbolos, no estado do Pará e o capim dourado em Tocantins, na confecção de brincos, bolsas, cestos e anéis, entre tantas outras peças.

A tradição europeia se faz presente na região Sul, nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com técnicas de bordados, madeira e tecelagem, deixados pela herança cultural dos imigrantes europeus. A sustentabilidade se sobressai com a utilização da lã de ovinos para peças de tricô, crochê e em técnicas de tecelagem. Nesta região também se encontram artesanatos feitos com renda de bilro, cerâmica, madeira e vidro, além do couro muito presente no vestuário, chapéus e cuias.

O artesanato brasileiro é um patrimônio cultural que expressa a identidade, o cotidiano e a resistência de diversos povos, além de ser uma atividade econômica criativa. A valorização e o consumo destes artefatos preservam os saberes e fazeres ancestrais, promovendo, consequentemente a diversidade cultural do Brasil.

O artesanato do Brasil é muito mais do que simples conjunto de objetos, é uma expressão viva da identidade e cultura do país. E dentre tantas riquezas culturais, o artesanato tem um papel importante na economia, na preservação da identidade, no desenvolvimento sustentável, no empreendedorismo e na inclusão social.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/03/2026"

GÊNERO - CONTO

O Colecionador de Suspiros

Por J.B Wolf



Capítulo 6º - Fim

No hospital, a enfermeira Carla continuava carregando o frasco no bolso do uniforme. Ela havia tentado se livrar dele várias vezes, mas sempre acabava voltando para pegá-lo. Era como se o objeto exercesse uma atração magnética sobre ela.

Durante os plantões, ela notou que sua capacidade de ouvir os pacientes havia se intensificado. Não apenas suas palavras faladas, mas também aquelas que ficavam presas na garganta, que se formavam no pensamento mas nunca encontravam voz. Era um dom perturbador e belo ao mesmo tempo.

Uma noite, enquanto cuidava de um senhor de oitenta anos em estado terminal, ela ouviu claramente a palavra "obrigado" se formando em seus lábios, embora ele estivesse inconsciente há dias. Instintivamente, ela segurou o frasco e sussurrou:

— Eu ouvi. Você não precisa mais guardar isso.

O homem morreu pacificamente cinco minutos depois, com um sorriso sereno no rosto.

Carla compreendeu então que havia herdado mais do que um simples frasco. Havia se tornado a nova guardiã das palavras não pronunciadas, a sucessora de uma tradição que ela nem sabia que existia.

Mas são apenas ecos.

Ou talvez não. Talvez sejam sementes de uma nova coleção, fragmentos de almas que se recusam a partir sem dizer o que precisam dizer. Talvez o ciclo esteja apenas recomeçando, com novos coletores e novos frascos, numa dança eterna entre palavra e silêncio.

Ecos são tudo o que resta quando finalmente aprendemos a falar.

Mas às vezes, quando a noite está suficientemente quieta e o coração suficientemente aberto, os ecos se transformam em sussurros. E os sussurros, se alguém estiver realmente ouvindo, podem se tornar palavras.

E as palavras, quando finalmente encontram voz, têm o poder de libertar não apenas quem as pronuncia, mas também quem as escuta.

No apartamento do Bixiga, a pequena Sofia continua acordando nas madrugadas, estendendo as mãozinhas para o ar como se estivesse coletando algo invisível. Seus pais acreditam que ela está brincando com sombras na parede.

Mas Sofia sabe a verdade.

Ela está aprendendo a ouvir.

E um dia, quando crescer, talvez se torne a próxima colecionadora de palavras perdidas.

Ou talvez se torne algo ainda mais poderoso: alguém que ensina as palavras a não se perderem.

O tempo dirá.

O tempo sempre diz, mesmo quando ninguém está ouvindo.

FIM....



@poetajbwolf

CULTURA

O resgate da cultura clássica: por que Homero, Virgílio e Dante ainda importam?



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profrenatamunhoz

Você já leu algum dos chamados “clássicos” da literatura universal? Por mais que os colégios incentivem esse tipo de leitura com versões adaptadas, é comum ouvirmos que os livros considerados “clássicos” parecem envoltos em uma nuvem de distanciamento... Embora cada vez mais cobrada socialmente, a habilidade de interpretação de texto tem sido uma “pedra no caminho” dos cidadãos atuais. O excesso de informações disponíveis parece não contribuir para a formação de leitores proficientes. Prova disso é o constante aumento dos números de analfabetos funcionais no Brasil (29% da população entre 15 e 64 anos, conforme o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) de 2024).



Embora autores canônicos como Homero, Virgílio e Dante Alighieri pareçam pertencer a um universo inacessível a muitos leitores contemporâneos. Mas o que é ser “canônico”, afinal? Um texto canônico é uma obra considerada fundamental, que não perde a validade com o passar do tempo. Normalmente por tratarem de questões intrínsecas aos conflitos humanos sempre atuais, essas obras servem como padrão e referência para um embasamento cultural a qualquer área do saber. Com o passar dos séculos, as grandes questões da alma humana permanecem surpreendentemente as mesmas.

Sendo assim, a cultura clássica, frequentemente associada a bibliotecas eruditas e ambientes acadêmicos, na realidade constitui uma das bases do imaginário coletivo do Ocidente. São referências a todo cidadão e não apenas aos pesquisadores eruditos. Trata-se de histórias de heróis, jornadas espirituais, dilemas éticos e reflexões sobre o destino humano. Por exemplo, a poesia épica de livros como A Odisseia e A Ilíada, cujas autorias são atribuídas a Homero, apresentam estruturas narrativas que fundamentam grande parte do que assistimos em filmes e séries nos streamings atuais..

Esse fenômeno foi analisado pelo mitólogo Joseph Campbell, que, em O Herói de Mil Faces, em que se descreve a recorrência

da chamada “jornada do herói”. Segundo Campbell, diferentes culturas compartilham narrativas estruturadas em torno de um percurso de transformação: o herói deixa seu mundo cotidiano, enfrenta desafios, amadurece e retorna transformado.



Entre esses textos fundadores, destaca-se também A Eneida, de Virgílio, uma obra que articula literatura, política e identidade cultural. Ao narrar a trajetória de Eneias rumo à fundação de uma nova civilização, Virgílio constrói uma reflexão sobre dever, responsabilidade histórica e pertencimento. Os versos revelam como a literatura desempenha papel decisivo na formação de valores e na construção da memória coletiva.

Outro exemplo incontornável é A Divina Comédia, de Dante Alighieri. Recentemente,

ao reler essa obra monumental, voltei a me impressionar com a profundidade de sua arquitetura poética. O percurso de Dante pelas partes do “Inferno”, “Purgatório” e “Paraíso” revela mais que o pensamento religioso do período medieval, retrata o constante dilema das ações humanas no “binômio bem e mal”.

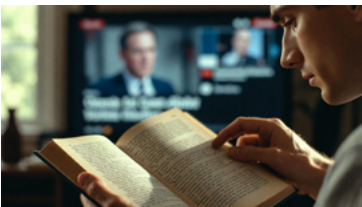
Por ser parte essencial da formação cultural de qualquer sociedade, cabe a reflexão de que o cânone literário consiste em mais uma manifestação de elitismo cultural no Brasil. Nesse sentido, em tempos de tanto tanto discurso de ódio, devemos retomar o olhar de um dos maiores estudiosos brasileiros de Literatura, Antonio Candido. Em seu ensaio “Direito à Literatura”, Candido, comprova cientificamente que ser a literatura uma necessidade humana fundamental, bem como a educação, a arte e a cultura. É por meio da leitura que se formam a sensibilidade, a imaginação e empatia.

Felizmente, várias iniciativas recentes têm buscado reaproximar o público dessas obras. Clubes de leitura e projetos educacionais inspirados por instituições como o Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de São Paulo demonstram que existe um interesse renovado pela tradição clássica. Esse movimento de resgate prova a consciência de que as obras canônicas da

literatura universal permanecem fundamentais para a compreensão da experiência humana.

Ao revisitarmos, entramos em contato com perguntas que atravessam séculos: o que significa agir com justiça? qual o peso das escolhas individuais? de que modo a esperança e a redenção se tornam possíveis?

Em um mundo de textos cada vez mais acelerados, redescobrir os clássicos pode ser uma forma de recuperar a profundidade intelectual e a sensibilidade humana e estética. E, mais que isso, autores como Homero, Virgílio e Dante trazem à tona a inadiável reflexão sobre a consequência das ações individuais. Diante das notícias de tanta crueldade humana, por si só, essa análise sobre as ações de cada um já valeria todas as palavras já escritas por um ser humano...



“O elitismo cultural em torno do cânone, lembrando, com Antonio Candido, que literatura é direito e necessidade humana básica, não privilégio.”



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/03/2026”

O Perigo da Cultura de Cancelamento: Intolerância Disfarçada de Virtude



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicóloga Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

quase sempre envolta em um discurso sedutor. Ela se apresenta como vigilância ética, como defesa de valores e como expressão de justiça moral. A aparência é virtuosa. A prática, no entanto, revela traços menos nobres.



Por trás dessa fachada costuma existir uma combinação preocupante de pressa em julgar, escassez de escuta e uma satisfação pública em condenar. As redes sociais, que poderiam ampliar horizontes de diálogo, frequentemente se transformam em arenas de julgamento moral. Ali, opiniões são analisadas em segundos e sentenças são proferidas com rapidez impressionante, como se a complexidade humana pudesse ser resolvida em poucos caracteres.

Basta um comentário deslocado, uma opinião impopular ou uma frase retirada de contexto para desencadear uma reação coletiva. Multidões digitais se mobilizam com uma velocidade impressionante. Não para compreender circunstâncias, mas para rotular.

Não para ponderar argumentos, mas para decretar culpados. A pessoa deixa de ser vista em sua totalidade e passa a ser reduzida a um único episódio, tratado como prova definitiva de sua identidade moral.

Esse fenômeno revela muito sobre o clima intelectual da nossa época. Quando a discordância passa a ser tratada como falha moral, o debate público perde densidade. Ideias deixam de ser examinadas com rigor e passam a ser policiadas como se cada palavra carregasse o potencial de um delito.

A filósofa Hannah Arendt lembrava que o pensamento exige pausa, distanciamento e disposição para considerar perspectivas diferentes. Pensar é um exercício que demanda tempo, reflexão e coragem intelectual. Nada disso se harmoniza com o ritmo vertiginoso das condenações digitais, onde a indignação surge antes da compreensão e a certeza aparece antes da análise.

Em vez de reflexão, instala-se a indignação automática. Em vez de diálogo, prospera um ambiente de vigilância constante sobre palavras e opiniões. Nesse cenário, a crítica deixa de ser instrumento de esclarecimento e passa a funcionar como mecanismo de exclusão social. O erro deixa de ser oportunidade de aprendizado e passa a ser tratado como sentença definitiva.

Quando a virtude se transforma em

espetáculo público, a justiça corre o risco de perder sua substância. O debate se empobrece, o pensamento se torna cauteloso demais para ser honesto e a liberdade de expressão começa a conviver com um medo silencioso.

Sociedades intelectualmente maduras não se fortalecem pelo silêncio imposto, mas pela convivência com a divergência. Ideias precisam ser debatidas, erros precisam ser revistos e seres humanos precisam ser reconhecidos em sua complexidade. Uma cultura que transforma cada falha em condenação perpétua não produz justiça nem promove reflexão. Ela apenas substitui o

diálogo pela punição pública e transforma o espaço democrático em um território cada vez mais estreito para o pensamento livre.

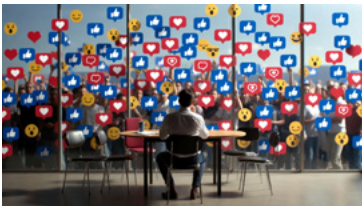


IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/03/2026”

FILOSOFIA

Nietzsche, Niilismo e Cristianismo: Ética Entre a Morte de Deus e a Criação



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I.Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.),
@fontenellemagna

Friedrich Nietzsche e a Travessia dos Abismos Mais Sombrios da Modernidade: Do Vazio Niilista à Coragem Criadora

Friedrich Nietzsche foi um pensador que ousou atravessar os abismos mais sombrios da modernidade. Ao escrever A Gaia Ciência que “Deus está morto”, ele não anunciava apenas a descrença religiosa, mas denunciava a ruína de todo um edifício cultural que, por séculos, sustentara o Ocidente. O que se tornaria da ética, do sentido e da vida humana quando o fundamento transcendente desmorona?



“Quando as lágrimas começam a cair, as virtudes encaram a humilhação.

O homem que é tão sarcástico que perde a ENTIDADE: O que resta do HOMEM?”. Shabani.K.F- VIRTUE HUMILLATED,2021-tradução-Magna Aspásia Fontenelle,2021.



IMAGEM GERADAPORIA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/12/2025”

Esse é o coração do niilismo: a experiência do vazio, da perda de respostas últimas, da dissolução de valores que antes pareciam inabaláveis.

“Os valores supremos se desvalorizaram”, dirá Nietzsche nos fragmentos de Vontade de Potência. Já não há finalidade universal, já não há um “para quê?” que organize a existência. E o homem moderno, órfão de certezas, precisa encarar o espelho de sua própria liberdade.



No cristianismo, Nietzsche vê o grande artífice dessa inversão. Em Genealogia da Moral, descreve como a religião, em vez de afirmar a vida, teria instaurado uma moral do ressentimento: glorificou a humildade, a

submissão e o sacrifício, enquanto condenou a força, o orgulho e a potência. O resultado foi uma moral de escravos, que afastou o homem de seus instintos vitais e lhe ofereceu, em troca, a promessa de um além-mundo.

No entanto, sua crítica não é negacionista, ao anunciar a morte de Deus abre um novo pensar para a ética, permitindo ao homem criá-la. Tomando o pensamento de Nietzsche um construtor de novas provocações, capaz de afirmar a vida em toda a sua intensidade.



O conceito do eterno retorno, que Nietzsche apresenta em A Gaia Ciência e volta a discutir em Zarathustra, reforça essa ideia de ética. Ele propõe que devamos viver de forma que

desejemos repetir infinitamente cada momento da nossa vida. Não é mais sobre esperar por um paraíso no futuro, mas sim viver neste mundo como se ele fosse eterno.



Nesse embate entre niilismo e cristianismo, o que se coloca é a pergunta pela ética: permaneceremos reféns de valores herdados, que perderam sua força, ou ousaremos criar caminhos? O niilismo passivo paralisa; o niilismo ativo inaugura. A ética, nesse cenário, não é obediência a mandamentos, mas coragem criadora.

Nietzsche nos convida, enfim, a abandonar ídolos mortos e a encarar a vida como obra de arte. A morte de Deus não é apenas perda: é

libertação. E, nesse vazio que tanto assusta, talvez resida a mais profunda responsabilidade humana, a de inventar, com nossas próprias mãos, a medida do sentido.



VOCÊ SENTE QUE VOCÊ OU O SEU NEGÓCIO TEM POTENCIAL, MAS ALGO AINDA ESTÁ TRAVANDO O CRESCIMENTO?

Somos especialistas em criação de logos, artes visuais impactantes e mentoria estratégica de negócios.

QUER SABER COMO FUNCIONA?

81 99590.9237

Mais de 3 mil marcas criadas no Brasil e em mais 16 países.

MAIS DE 200 MASCOTES CRIADOS

MASCOTE PERSONALIZADO R\$100

FILOSOFIA



O Labirinto da Liberdade: A Crise da Legitimidade na Democracia Moderna

FILOSOFIA

- Leia o artigo completo no Site

POR

The Bard News, Redação

A democracia moderna enfrenta crise de legitimidade onde a tensão entre poder e liberdade se intensifica na era digital, exigindo reimaginação democrática através de diálogo contínuo, participação cidadã e equilíbrio entre autonomia individual e responsabilidade coletiva para garantir convivência social sustentável.



A pergunta "Como devemos viver em sociedade?" não é apenas uma indagação filosófica abstrata; ela pulsa nas ruas, nos debates parlamentares e nas interações digitais. Em um mundo onde a informação circula à velocidade da luz e onde cada voz tem o potencial de alcançar milhões, a tensão entre poder e liberdade se torna mais evidente e complexa. Afinal, o que torna o poder legítimo? E como equilibrar a liberdade individual com a responsabilidade coletiva?



As raízes dessa discussão remontam à Grécia Antiga, onde Platão e Aristóteles já debatiam a necessidade de dividir o poder para evitar a tirania. A ideia de que o poder não deve estar concentrado nas mãos de poucos foi evoluindo ao longo dos séculos, culminando nas teorias do constitucionalismo moderno. No Brasil, por exemplo, a Constituição de 1988 estabeleceu uma divisão clara entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, buscando equilibrar autoridade e liberdade. No entanto, essa estrutura enfrenta desafios inéditos em pleno 2026.

Hoje, o Poder Judiciário é frequentemente visto como o guardião dos direitos fundamentais, especialmente em defesa das minorias. Por outro lado, o Legislativo reivindica sua legitimidade por ser a voz direta do povo. Essa dualidade gera um

impasse filosófico e prático. Quando juízes são acusados de ativismo judicial, e parlamentares de representar interesses corporativos, a confiança nas instituições se abala. A legitimidade do poder, então, não parece mais tão clara.



Tomemos, por exemplo, os protestos que têm varrido o Brasil e o mundo. Eles refletem uma crise de representatividade, onde a população sente que suas vozes não são ouvidas ou respeitadas. John Stuart Mill, no século XIX, ofereceu um princípio orientador: a liberdade individual deve ser limitada apenas quando causa dano a terceiros. Mas definir "dano" em uma sociedade hiperconectada e polarizada é um desafio monumental. Um discurso de ódio é apenas uma opinião ou é um ato de violência simbólica? A resposta não é simples, e a linha entre liberdade e abuso é tênue e frequentemente cruzada.

Aqui entra a ideia de "facticidade" do direito, um conceito que vai além da mera existência formal das leis. As normas precisam ser efetivas na vida real, refletindo e respeitando as dinâmicas sociais. Quando as leis existem apenas no papel, sem impacto concreto, o contrato social se desgasta. A população começa a ver as instituições como entidades distantes e descoladas da realidade cotidiana.



A solução talvez esteja em reimaginar a democracia como um processo contínuo de diálogo e ajuste. Experiências como orçamentos participativos e assembleias cidadãs mostram que, quando pessoas comuns têm acesso à informação e são convidadas a participar ativamente, são capazes de tomar decisões complexas e ponderadas. A democracia não é apenas um sistema de governo, mas uma prática constante de escuta e ajuste mútuo.

Contudo, a ameaça à autonomia individual e coletiva persiste. O autoritarismo, a violência estatal e a fragmentação social são desafios que exigem respostas urgentes e multifacetadas. No Brasil, a polarização política exacerbada nos últimos anos ilustra essa tensão. De um lado, movimentos sociais exigem reconhecimento e direitos; de outro, forças conservadoras buscam manter estruturas tradicionais. Onde fica a liberdade nesse embate? E como garantir que a responsabilidade coletiva não se torne uma desculpa para suprimir vozes dissidentes?

A resposta pode estar na interconexão ético-política da democracia. Não basta que as instituições funcionem bem; elas precisam ser percebidas como justas e inclusivas. Isso significa que tribunais, parlamentos e governos devem não apenas ouvir, mas também dialogar com as comunidades. A filosofia contemporânea nos ensina que a legitimidade do poder depende dessa capacidade de integrar vozes diversas, reconhecendo que nenhuma perspectiva detém a verdade absoluta.



Além disso, a liberdade individual só pode prosperar em um ambiente onde o coletivo garante condições básicas de dignidade. Educação, saúde, segurança e oportunidades econômicas são pilares que sustentam essa liberdade. Sem eles, a autonomia individual se torna uma ilusão para muitos. Por outro lado, o bem comum não pode ser imposto sem considerar as liberdades individuais, sob o risco de se transformar em opressão.

No cenário atual, onde a tecnologia redefine constantemente as fronteiras do público e do privado, essa tensão se intensifica. As redes sociais, por exemplo, amplificam vozes antes silenciadas, mas também propagam desinformação e discursos de ódio. A solução não está em censurar ou em liberar completamente, mas em criar mecanismos de diálogo que permitam a coexistência de diferentes perspectivas, sempre mediadas pela ética e pelo respeito mútuo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/12/2025"



A democracia, em sua essência, é um equilíbrio delicado. Ela exige que cada indivíduo reconheça o valor das normas coletivas, ao mesmo tempo que protege o direito de cada um de questioná-las. Em um mundo onde a informação é abundante e as opiniões são diversas, a tarefa de viver juntos se torna mais desafiadora, mas também mais rica. Afinal, como bem pontuou um estudo recente, "a liberdade não é um ponto de chegada, mas o modo de caminhar".

Em 2026, mais do que nunca, precisamos de uma democracia que se reinvente. Uma democracia onde cada voz, respaldada por conhecimento e sensibilidade, tenha espaço. Onde o poder seja exercido com responsabilidade e onde a liberdade seja vista não como ausência de regras, mas como capacidade de participar ativamente na construção dessas regras. Afinal, viver em sociedade é um exercício contínuo de equilíbrio entre o que cada um deseja e o que todos precisam.



J.B Wolf

FILOSOFIA

Existe um Sentido Filosófico no Sofrimento?

Uma Reflexão Profunda sobre a Consciência, Dor e Autoconhecimento na Filosofia Contemporânea



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

"o sofrimento como ponte silenciosa entre experiência e reflexão", argumentando que a dor consciente não é punição, mas convite à profundidade existencial."



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/01/2026"



Sentir nasce do pensar. Cada emoção é sombra e reflexo dos labirintos da mente. Quando os estímulos negativos insistem, o fluxo de pensamentos se adensa, como nuvens pesadas sobre a consciência! Sofrer, então, não é apenas experimentar dor: é atravessar o próprio pensamento e se reconhecer nas fissuras que o mundo insiste em revelar! Como dizia Schopenhauer, "A vida oscila como um pêndulo entre dor e tédio"; nesse pêndulo, o sofrimento nos torna conscientes, nos aproxima de nós mesmos.

O sofrimento é ponte silenciosa entre experiência e reflexão. Ele não surge de maneira aleatória; nasce quando a consciência encontra obstáculos que a obrigam a confrontar o que muitas vezes se deseja ignorar: nossas falhas,

limites, incertezas. Nesse confronto, a dor adquire densidade filosófica, lembrando-nos que pensar e sentir são inseparáveis, que a consciência é ao mesmo tempo luz e sombra, silêncio e grito!



Vivemos tempos de liquidez extrema, onde tudo se move rápido demais, onde relações, ideias e afetos se consomem com urgência e descartabilidade. Nessa velocidade, o sofrimento parece raridade, quase exotismo da alma. Mas é nesse hiato entre o instante efêmero e a atenção plena que a reflexão filosófica encontra seu terreno fértil. Quem sofre, hoje, é aquele que ousa permanecer na densidade do instante, resistindo à distração constante, aceitando o peso de suas próprias reflexões! Nietzsche lembraria que aquilo que nos desafia e nos fere também pode nos fortalecer.



*O sentido não está em
ESCAPAR da dor;
mas atravessá-la com
coragem e pensamen-
to. Paradoxalmente,
isso nos leva à
LIBERDADE!*

O mal da consciência, então, não é punição, mas convite. É chamada à profundidade, à autenticidade de existir. Quem se acomete desse mal descobre algo raro: a capacidade de enxergar o mundo com nitidez, de perceber que a vida não é apenas movimento superficial, mas tensão e silêncio, alegria e dor entrelaçados. É no sofrimento que a consciência encontra sua voz mais verdadeira, sua chance de questionar, de reinventar, de significar! Kierkegaard nos alertaria que é nesse desespero e nessa ansiedade conscientes que a alma encontra sua verdade.



Não se trata de romantizar a dor. Sofrer não é ato heroico; é condição inevitável da consciência desperta. A filosofia, desde os gregos até os pensadores contemporâneos, sempre buscou compreender o sofrimento não para eliminá-lo, mas para transformá-lo em aprendizado,

reflexão que enriquece a experiência de existir. A dor, quando pensada, deixa de ser tormento e se torna espelho, mapa, alerta e até arte!



Perguntar se há sentido filosófico no sofrimento é aceitar que a consciência é espaço onde luz e sombra coexistem. O sentido não está em escapar da dor, mas em atravessá-la com atenção, coragem e pensamento. Quem se permite sofrer de maneira consciente, longe das distrações líquidas do mundo moderno, encontra na própria dor um caminho de autoconhecimento e, paradoxalmente, de liberdade. Sofrer, então, deixa de ser destino cruel e se transforma em rito íntimo de filosofia vivida!

PUBLIQUE SEU LIVRO



Re-tratos Poéticos

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com **leveza**.

Arely Soares



Conheça o livro >

FILOSOFIA

Vivemos na Caverna de Platão? Como os Algoritmos se Tornaram as Novas Sombras na Parede

FILOSOFIA
- Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

"Uma Análise Filosófica
Sobre a Manipulação
Digital da Realidade e a
Busca pela Verdade no
Século XXI"

Há mais de dois milênios, o filósofo grego Platão concebeu uma das mais poderosas alegorias da história do pensamento ocidental. Em sua obra "A República", ele nos convida a imaginar um grupo de prisioneiros acorrentados desde a infância no fundo de uma caverna. Virados para uma parede, tudo o que conhecem do mundo são as sombras projetadas de objetos que passam por trás deles, iluminados por uma fogueira. Para esses prisioneiros, as sombras não são representações. Elas são a própria realidade.



Esta imagem ancestral, que parece distante de nossa era de supercomputadores e conectividade instantânea, nunca foi tão relevante. Hoje, a caverna de Platão foi reconstruída com fibra óptica, e as correntes são forjadas com linhas de código. As sombras na parede não são mais projetadas por uma fogueira, mas por algoritmos complexos que governam nossas redes sociais, plataformas de streaming e motores de busca. Sem perceber, nos tornamos os novos prisioneiros, e nossa percepção do mundo é moldada por um espetáculo de marionetes digital, curado para nos manter engajados, passivos e, acima de tudo, previsíveis.



A Arquitetura da Caverna Digital

A caverna moderna funciona com uma eficiência que Platão jamais poderia imaginar. Seus arquitetos, as grandes corporações de tecnologia, criaram um ecossistema onde cada clique, cada curtida, cada segundo que passamos olhando para uma imagem ou vídeo é um dado coletado. Esses dados alimentam os algoritmos, cujo objetivo principal não é informar ou educar, mas maximizar o tempo de permanência do usuário na plataforma. Para isso, eles aprenderam uma lição simples sobre a psicologia humana: nós amamos o que já conhecemos e nos sentimos confortáveis com o que confirma nossas crenças.

O mecanismo é sutil e poderoso. O feed infinito do TikTok, as recomendações "para você" do YouTube e as sugestões de amizade do Facebook não são janelas para o mundo; são espelhos. Eles operam com base em um princípio de retroalimentação constante. Ao identificar que um usuário interage com conteúdo de um

determinado espectro político, por exemplo, o algoritmo passa a entregar, prioritariamente, mais daquele mesmo tipo de conteúdo. O resultado é a criação de uma "bolha informacional" ou "câmara de eco", um ambiente digital hermeticamente fechado onde visões de mundo divergentes se tornam cada vez mais raras, até desaparecerem por completo.



A complexidade desses sistemas vai além da simples recomendação. Eles utilizam técnicas de "filtragem colaborativa", onde o comportamento de milhões de usuários é cruzado para prever o que você vai gostar. Se pessoas com gostos parecidos com os seus assistiram a um vídeo específico até o final, é quase certo que esse vídeo aparecerá em sua tela. Essa lógica cria feudos digitais, onde grupos de pessoas com perfis semelhantes consomem exatamente a mesma dieta informacional, reforçando a identidade do grupo e aprofundando o abismo que os separa dos outros.



Os Guardiões das Sombras e a Economia da Atenção

Na alegoria de Platão, havia os "portadores de artefatos", as pessoas que caminhavam atrás dos prisioneiros segurando os objetos cujas sombras eram projetadas. Na nossa versão moderna, esses guardiões são as próprias plataformas de tecnologia, e sua motivação é clara: o lucro. Vivemos na era da economia da atenção, um modelo de negócios onde a atenção do usuário é o produto mais valioso, sendo vendido a anunciantes pelo maior lance.



Para manter essa atenção cativa, os algoritmos são projetados para provocar reações emocionais fortes. Conteúdos que geram indignação, medo ou euforia têm um desempenho comprovadamente superior em termos de engajamento. Uma

notícia equilibrada e ponderada raramente se torna viral, mas uma manchete sensacionalista ou uma teoria da conspiração bem elaborada pode viajar pelo mundo em questão de horas. As plataformas não têm, inerentemente, um viés ideológico, mas têm um viés econômico em direção ao que é extremo, polarizador e viciante.

A filósofa e estudiosa de Harvard, Shoshana Zuboff, cunhou o termo "capitalismo de vigilância" para descrever esse modelo. Não estamos apenas usando um serviço gratuito; estamos fornecendo a matéria-prima (nossos dados comportamentais) que é transformada em produtos de previsão e vendida em um novo tipo de mercado. As sombras que vemos na parede não são apenas entretenimento. Elas são iscas cuidadosamente desenhadas para nos manter na caverna, produzindo dados que alimentam uma das indústrias mais lucrativas da história humana.



O Impacto na Psique e na Sociedade

O efeito de viver permanentemente dentro dessa caverna digital é profundo. Em nível individual, ela atrofia nossa capacidade de pensamento crítico. Quando somos constantemente poupados do desconforto de encontrar uma ideia que desafie nossas convicções, nosso "músculo" intelectual para o debate e a argumentação se enfraquece. O mundo exterior, com sua complexidade, nuances e contradições, começa a parecer ameaçador e confuso. A segurança da caverna, com suas sombras familiares e previsíveis, torna-se um refúgio.

Socialmente, as consequências são catastróficas. As bolhas informacionais são o combustível da polarização extrema que define nossa era. Grupos políticos e sociais passam a viver em realidades paralelas, consumindo "fatos" e narrativas completamente diferentes sobre os mesmos eventos. O diálogo se torna impossível, pois não há mais um terreno comum de fatos compartilhados sobre o qual a conversa possa ocorrer. Cada lado enxerga o outro não como um grupo de cidadãos com opiniões diferentes, mas como pessoas iludidas ou mal-intencionadas, que assistem a um conjunto diferente e perigoso de sombras.



Essa fratura social é visível em debates sobre tudo, desde políticas públicas e eleições até questões científicas como vacinas e mudanças climáticas. A confiança nas instituições tradicionais, como a imprensa e a academia, que historicamente serviam como árbitros de uma realidade compartilhada, é erodida. Por que confiar em um jornal quando sua "tribo" digital oferece uma explicação muito mais coesa e satisfatória para os eventos do mundo, uma que se encaixa perfeitamente em sua visão preexistente?



A Jornada para Fora da Caverna: Um Manual de Fuga

Se a situação parece sombria, é porque é. No entanto, a alegoria de Platão não termina com os prisioneiros na escuridão. Ela narra a difícil jornada de um prisioneiro que é libertado e forçado a sair da caverna. A luz do sol a princípio o cega e o machuca, e a realidade parece menos "real" do que as sombras a que estava acostumado. Mas, gradualmente, seus olhos se ajustam, e ele passa a compreender o mundo como ele verdadeiramente é. Sair da caverna digital é igualmente uma jornada difícil, que exige esforço consciente em múltiplas frentes.

Primeiro, a fuga é um ato individual de consciência e disciplina digital. Isso significa transformar o consumo passivo de informação em uma busca ativa. Envolve o esforço deliberado de seguir fontes e pessoas com visões de mundo diferentes das suas, não para brigar, mas para entender. Significa usar ferramentas como feeds RSS ou visitar diretamente os sites de notícias, em vez de depender do que o algoritmo decide mostrar. Pausas digitais, ou "detox", também são cruciais para permitir que a mente se reajuste a um ritmo menos frenético e a uma realidade não mediada por uma tela.



Segundo, a solução passa pela educação. É imperativo que a alfabetização midiática e o pensamento crítico sejam ensinados nas escolas desde cedo. As futuras gerações precisam aprender não apenas a usar a tecnologia, mas a questioná-la. Devem entender como os algoritmos funcionam, qual é o modelo de negócios por trás das plataformas "gratuitas" e como identificar desinformação e manipulação. Uma população

educada digitalmente é a primeira e mais forte linha de defesa contra a tirania das sombras.



Terceiro, precisamos exigir mais das próprias plataformas de tecnologia. A transparência algorítmica não pode ser opcional. Os usuários devem ter o direito de saber por que um determinado conteúdo lhes foi recomendado e devem ter controle real sobre seus feeds, como a opção de um feed puramente cronológico. O design das plataformas, que hoje otimiza para o vício, pode e deve ser repensado para otimizar para o bem-estar do usuário e para a saúde do discurso cívico.



Finalmente, a discussão sobre regulação é inevitável. Assim como leis foram criadas para garantir a segurança de alimentos e veículos, talvez seja hora de considerar uma regulação mais robusta para os algoritmos que moldam nossa sociedade. Questões sobre privacidade de dados, responsabilidade por danos causados pela disseminação de desinformação e práticas monopolistas precisam ser enfrentadas pelos legisladores.



O desafio final não é destruir a tecnologia, mas aprender a dominá-la, a usá-la como uma janela para o mundo real, em vez de permitir que ela se torne a parede onde somos forçados a assistir a um espetáculo infinito de sombras. A jornada para fora da caverna digital é talvez a mais importante de nosso tempo, uma busca coletiva e individual pela luz de uma realidade compartilhada, mesmo que ela seja, a princípio, dolorosamente ofuscante.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

FILOSOFIA

O Filósofo Educador Arthur Schopenhauer: Análise e Interpretação Nietzscheana



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/05/2026"



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar

“Nietzsche reinterpreto o pensamento schopenhaueriano, transformando a “vontade de viver” em sua própria “vontade de poder” e propondo a autossuperação como princípio educativo.”



Arthur Schopenhauer (1788–1860), conhecido por sua filosofia pessimista e por enfatizar a vontade como a força fundamental do mundo, provou ser influente para Nietzsche, que o considerava um verdadeiro “educador filosófico”. Foi o pessimismo filosófico de Schopenhauer que disse a Nietzsche que o homem tinha que cessar a busca pelo significado metafísico de sua vida e lidar com a natureza trágica da mesma. Nietzsche identificou em Schopenhauer o arquétipo do verdadeiro mestre e a articulação do gênio que a educação deve buscar como uma instância de formação humana para os jovens. Mais do que a ideia, foi a atitude filosófica de Schopenhauer que atraiu Nietzsche. Em suma, os temas da vida a vontade de viver contra a vontade de não viver, a felicidade em seu estado mais sublime, o sofrimento contra o tédio são os fios condutores da filosofia e do pensamento de Schopenhauer. Seu pensamento é baseado na experiência vivida; não é um produto do conhecimento, mas uma expressão vital. O sistema filosófico introduzido por Schopenhauer busca não somente explicar como o universo está organizado, mas responder à questão do sofrimento e, mais especificamente, ao fato de que não há justificativa para sua existência. Schopenhauer foi, para Nietzsche, o epitome do pensador livre que não se esquivaria de questões sobre o certo ou errado ou o modo correto ou incorreto de viver, que não poderia ser amarrado aos ditames do que se acreditava ser certo pelos outros.

A perspectiva nietzschiana vê em Schopenhauer o papel de inspirador/provocador, em virtude de defender o cultivo de seres autônomos e criativos, em vez da reprodução sem sentido de sistemas de crenças aceitos. Desta forma, proporcionando autoeducação, uma educação externa que consistiria em emancipação existencial, com o ponto final na maturidade, fecundidade e desenvolvimento harmonioso no ser humano. Nietzsche seleciona Schopenhauer como seu guia ideal porque vê nele três características principais: sinceridade, serenidade e firmeza. Ao fazer isso, ele permite que Schopenhauer se distancie do perfil típico do “acadêmico erudito”, preocupado em agradar instituições e adquirir prestígio.

Schopenhauer dizia que os eruditos são aqueles que leram coisas nos livros, mas os pensadores, os gênios, os fâcos de luz e promotores da espécie humana são aqueles que as leram diretamente no livro do mundo. Nietzsche encontra em Schopenhauer alguém que não buscava aprovação; que não se submetia ao sistema, que deliberadamente quebrava os limites esperados dos acadêmicos. É precisamente por essa razão que Schopenhauer serve, para Nietzsche, como um mestre eleito: um personagem cuja independência intelectual

e coragem de pensar por si mesmo inspiram admiração ao seu próprio trabalho em filosofia. O filósofo elege Schopenhauer como seu grande professor, porque somente a filosofia proporciona ao homem um asilo que nenhuma tirania pode alcançar (Nietzsche, 1999, p. 8). Nietzsche identifica três modelos idênticos de homem, como o homem de Rousseau, que personifica o espírito de rebanho e que acreditava que a civilização corrompe o humano; como o homem de Goethe, um revolucionário contemplativo que perdeu seu ideal quando Fausto se torna um servo e deixa de ser livre; e como o homem de Schopenhauer, para quem, segundo Nietzsche, é o humano por essa medida puro no ideal: ele aceita o sofrimento voluntariamente em sua busca pela verdade e grandeza presentemente e não busca a felicidade, mas simplesmente uma vida heroica. Portanto, vê em Schopenhauer a figura que sempre admirou como o herói homérico. Para ele, é o filósofo que é o super-homem: alguém que enfrenta perigos, transcende a si mesmo e que é um libertador, um educador. É uma das contribuições de Nietzsche, finalmente, é a ideia de uma educação na qual é o que o indivíduo constrói em uma gama mais ampla de outras capacidades, sendo mais reflexiva e, portanto, em certo sentido, sensível e menos alienada do conhecimento.

Nietzsche então via Schopenhauer como um educador e um mestre, e assim como um mestre que havia formulado uma crença no que constitui a essência a filosofia que ele desde então trouxe à luz não estava preocupada com “sua substância”, mas sim com a “vontade” e, portanto, uma visão do mundo como parte dela.

Nietzsche via Schopenhauer como um “educador” e um “mestre”, criador de uma filosofia que via a “vontade” como essência do mundo, e abriu caminho para uma percepção filosófica que olhava além das aparências. Sempre invocando

Schopenhauer, parece expressar a gratidão pelo mestre que, ironicamente, lhe abriu o caminho para superá-lo; retratando o filósofo como um modelo de integridade intelectual alguém que vive com suas próprias ideias e assim sugere uma educação enraizada na autenticidade e na busca por uma cultura mais elevada.

Um formador nesta perspectiva é um modelo de ética, de estética, de política, de seriedade frente ao conhecimento científico e à cultura em geral. É, também, um modelo prático de didática e de profícuo desempenho técnico-pedagógico. Mas, paradoxalmente, um modelo para ser superado, não para ser copiado. É uma pedagogia que exige uma tarefa interminável, quer dizer, a autoformação, a educação de si próprio continuamente.

Nietzsche adotou a visão de Schopenhauer de que, no fundo, o mundo é movido por uma vontade cega e irracional. Contudo, ao invés de permanecer nesse pessimismo, ele a reinterpretou radicalmente: transformou a “vontade de viver” schopenhaueriana em sua própria “Vontade de Poder”, uma força ativa, criativa e afirmativa da vida.

Entretanto, o que mais se destaca em Nietzsche sobre Schopenhauer é a exigência constante e imperiosa da autossuperação como uma das máximas fundamentais para a formação do homem. Não estar contente consigo próprio como se é, sem condescender à preguiça ou ao narcisismo, modos próprios de ser do homem contemporâneo, além de outros. Portanto, quem tem consciência do que é a vida não se espantará por saber que a formação e a educação são uma atividade interminável e intransferível.

Schopenhauer foi para Nietzsche o modelo do filósofo que irrompeu contra seu tempo, e

por ter sido o avesso da cultura alemã, seria o educador que iria educar o próprio Nietzsche a irromper contra seu tempo.

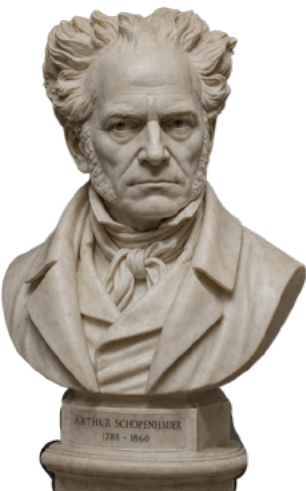


IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/04/2026"

FILOSOFIA

A Filosofia do Belo na Arte: Aristóteles vs. Kant



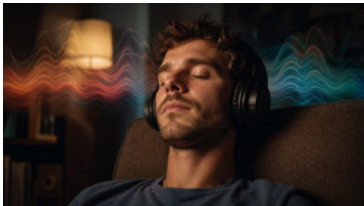
Por Drika Gomes
COLONISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psiq



IMAGEM GERADA POR IA "usando ChatCPT Image 2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/05/2026"



Por que algumas obras de arte parecem atravessar a alma humana de forma tão profunda? Por que certas músicas provocam lágrimas sem que entendamos exatamente o motivo? O que existe em uma pintura, em um poema ou em uma melodia capaz de interromper, ainda que por alguns instantes, o ruído do mundo dentro de nós?

Desde a antiguidade, filósofos tentam compreender o que é o belo e por que ele exerce tamanho impacto sobre a experiência humana. Afinal, a beleza seria uma característica da própria obra... ou nasceria dentro daquele que a contempla?

Entre os pensadores que mais influenciaram essa discussão estão Aristóteles e Immanuel Kant. Separados por séculos, ambos ofereceram visões profundas e bastante diferentes sobre a arte, a beleza e a emoção humana.

Para Aristóteles, a beleza estava ligada à harmonia, à proporção e à ordem. O filósofo grego acreditava que o ser humano reconhece naturalmente padrões organizados como

agradáveis porque existe uma espécie de inteligência estrutural no universo. Na arte, isso se manifesta no equilíbrio das formas, no ritmo, na simetria e na coerência entre as partes e o todo.

Mas Aristóteles não via a arte apenas como contemplação estética. Para ele, a arte possuía função emocional e transformadora. Em sua análise sobre a tragédia grega, surge o conceito de catarse: a capacidade da arte de provocar uma purificação emocional. Ao assistir uma tragédia, o indivíduo experimentava medo, compaixão, dor e reflexão, reorganizando emoções internas através da experiência artística.

De certa forma, Aristóteles compreendia algo que hoje a neurociência também começa a revelar: a arte modifica estados mentais.

Uma música pode desacelerar o sistema nervoso. Um filme pode despertar memórias profundas. Uma pintura pode induzir contemplação. O belo, nesse sentido, não seria apenas algo "bonito", mas algo capaz de reorganizar a experiência humana.

Talvez seja por isso que civilizações inteiras sempre utilizaram arte, música e símbolos como instrumentos de conexão emocional e espiritual. A beleza nunca ocupou apenas o campo do entretenimento. Ela sempre esteve associada ao mistério, à transcendência e ao sentido da existência.

Séculos depois, Kant amplia essa discussão de maneira revolucionária.

Enquanto Aristóteles associava a beleza à harmonia objetiva das formas, Kant desloca a experiência do belo para dentro do observador. Em sua obra Crítica da Faculdade do Juízo, o filósofo afirma que o belo não existe apenas no objeto, mas nasce da relação subjetiva entre a obra e quem a contempla.

Para Kant, algo é belo quando produz um prazer desinteressado. Ou seja: admiramos não porque aquilo possui utilidade prática, mas porque desperta uma sensação livre de contemplação. O belo suspende, por instantes, as exigências do mundo.

É como quando ouvimos uma música e, por alguns segundos, o tempo parece parar.

Ou quando observamos uma obra de arte e sentimos algo impossível de explicar racionalmente.

Kant entendia que a experiência estética toca uma dimensão profunda da consciência humana. O belo não precisa servir para nada. Seu valor está justamente na experiência sensível que provoca.

E talvez seja exatamente por isso que a arte continue sendo tão necessária em uma sociedade exausta.

Vivemos em um tempo acelerado, funcional e hiperestimulado, onde quase tudo precisa gerar produtividade, resultado ou performance. A arte resiste a essa lógica. Ela nos devolve pausa,

contemplação e presença.

Em meio ao excesso de estímulos digitais, a experiência estética se torna quase um ato de resistência emocional. Sentar para ouvir uma música com profundidade, contemplar uma pintura ou ler poesia sem pressa passou a ser algo raro. E justamente por isso, profundamente terapêutico.

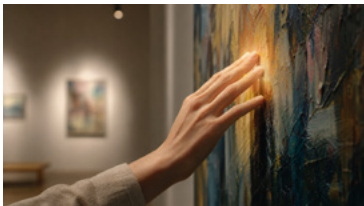
A arte desacelera o cérebro.

Ela reorganiza a atenção, suaviza o estado de alerta e permite que o indivíduo volte a sentir. Talvez o belo seja uma das poucas experiências capazes de lembrar o ser humano de que ele não nasceu apenas para produzir, correr e sobreviver, mas também para contemplar.

Aristóteles nos ensinou que o belo organiza.

Kant nos mostrou que o belo desperta.

E entre organização e despertar, a arte continua sendo uma das experiências mais profundamente humanas que existem.



Comparativos

"Aristóteles e Immanuel Kant"

A disputa intelectual entre Aristóteles e Immanuel Kant define os dois grandes eixos da estética ocidental: a beleza como uma propriedade do objeto versus a beleza como uma experiência do sujeito.



1. Aristóteles: A Estética da Objetividade:

Para Aristóteles, a beleza é uma questão de estrutura e proporção. Ela existe "lá fora", no mundo físico, e pode ser medida e analisada racionalmente.

O Belo como Ordem: Um objeto é belo se possui simetria, ordem (taxis) e uma dimensão que permita ser apreendido pela visão de uma só vez.

Mimese e Verdade: A arte é uma imitação da natureza que revela verdades universais. Ela tem uma função pedagógica e social, purificando as emoções do público (Catarse).

Ponto Forte: Oferece critérios claros e objetivos para avaliar a qualidade técnica e a harmonia de uma obra.



2. Immanuel Kant: A Estética da Subjetividade

Kant revolucionou a área ao afirmar que a beleza não está na coisa em si, mas no sentimento de quem a observa.

Juízo de Gosto: O belo é o que agrada universalmente sem a necessidade de um conceito lógico. É uma resposta emocional, não um cálculo matemático.

Desinteresse: A verdadeira apreciação estética deve ser livre de interesses práticos (não importa se o objeto é útil ou caro, apenas como ele afeta sua sensibilidade).

Livre Jogo: A beleza nasce do equilíbrio harmonioso entre a nossa imaginação e o nosso entendimento ao contemplar uma forma.

Ponto Forte: Valoriza a liberdade individual e a experiência emocional única de cada ser humano diante da arte.

MÚSICA, CIÊNCIA E EMOÇÕES PARA TRANSFORMAR VIDAS.

NEUROCIÊNCIA, MÚSICA E CONSCIÊNCIA A SERVIÇO DA **REGULAÇÃO EMOCIONAL** E DO BEM-ESTAR.

DRIKA GOMES

NEUROCIENTISTA DA MÚSICA
PSICANALISTA
HIPNOTERAPEUTA

CRIADORA DO

NeuroMusic®



Unindo neurociência, música e profundidade terapêutica, Drika Gomes desenvolve métodos e experiências que promovem autoconhecimento, regulação emocional e expansão da consciência. Bem-vindo ao universo **NeuroMusic®**.

CONTEÚDOS, PROJETOS E EXPERIÊNCIAS



LIVRO

Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Reflexões profundas sobre escolhas, padrões e transformação.



NEUROMUSIC EXPERIENCE®

Imersão ao vivo que ativa emoções, expande a consciência e promove transformações reais.



JORNADA DA ALMA

Processo terapêutico profundo para cura emocional, ressignificação e reconexão com a sua essência.



RÁDIO NEUROMUSIC®

Rádio online 24h com músicas e conteúdos que nutrem, acolhem e elevam a consciência.



YOUTUBE OFICIAL

Vídeos, aulas, entrevistas e conteúdos exclusivos para inspirar e transformar.



INSTAGRAM OFICIAL

Conteúdos diários sobre neurociência, música, emoções e consciência. Conecte-se!

PROGRAMA ALQUIMIA DA MENTE



Programa de desenvolvimento emocional que integra ciência, música e terapias para reprogramar a mente, regular emoções e criar uma vida com mais equilíbrio, clareza e propósito.



ACESSE O PORTAL OFICIAL E ENTRE NO UNIVERSO NEUROMUSIC®
www.drikagomes.com.br



ARTIGOS E CONTEÚDOS EXCLUSIVOS



AGENDA DE ATENDIMENTOS E EVENTOS



LIVROS E E-BOOKS



IMERSÕES E PROJETOS



E MUITO MAIS DO UNIVERSO NEUROMUSIC®

HISTÓRIA

A Grande Muralha de Gorgan: O Segredo Milenar do Dragão Vermelho do Irã

HISTÓRIA

- Leia o artigo completo no Site



Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

"Escondida na paisagem do Irã, uma muralha de tijolos vermelhos redesenha o mapa da engenharia militar antiga"

Esqueça tudo o que você pensa saber sobre grandes muralhas. No coração do Irã, uma colossal fortificação de tijolos vermelhos, tão vasta quanto misteriosa, emerge das areias do tempo para reescrever a história da engenharia militar antiga. Conhecida como o "Dragão Vermelho", a Grande Muralha de Gorgan não é apenas uma barreira física; é um testemunho esquecido de um império poderoso, uma maravilha arquitetônica que rivaliza com a famosa muralha chinesa e que, agora, finalmente revela seus segredos mais profundos. Prepare-se para uma jornada através de séculos de estratégia, engenhosidade e mistério que redefine o que sabemos sobre as defesas do mundo antigo.



A Grande Muralha de Gorgan: O Dragão Vermelho que Guardou a Pérsia e Reaparece para o Mundo

No vasto e enigmático território do Irã, uma estrutura monumental desafia a imaginação e reescreve capítulos da história antiga. Menos célebre que sua contraparte chinesa, mas igualmente impressionante em escala e engenhosidade, a Grande Muralha de Gorgan, carinhosamente apelidada de "Muralha Vermelha" ou "Dragão Vermelho" devido à tonalidade de seus tijolos, é uma das maiores construções defensivas da Antiguidade. Estendendo-se por quase 200 quilômetros através de planícies férteis e colinas ondulantes, desde as margens do Mar Cáspio até as montanhas de Alborz, esta fortificação colossal foi o baluarte do Império Sassânida, protegendo as ricas terras persas contra as incursões implacáveis de tribos nômades vindas das estepes do norte.



Por séculos, a Grande Muralha de Gorgan permaneceu envolta em relativo esquecimento, sua grandiosidade obscurecida pela passagem do tempo e pela falta de reconhecimento global. No entanto, nas últimas décadas, uma série de descobertas arqueológicas e estudos aprofundados têm trazido à luz a verdadeira magnitude e complexidade desta obra-prima da engenharia militar. Arqueólogos iranianos e britânicos, em uma colaboração frutífera, têm desvendado os segredos de sua construção, sua função estratégica e a vida das dezenas de milhares de soldados e civis que a habitaram.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/02/2026"



Um Legado Sassânida de Defesa e Inovação

A construção da Grande Muralha de Gorgan é atribuída principalmente ao Império Sassânida, que floresceu entre 224 e 651 d.C. Embora haja indícios de fases construtivas anteriores, possivelmente do período Parta, a maior parte da estrutura que vemos hoje foi erguida entre os séculos V e VI d.C. O propósito era claro e vital: conter a ameaça constante de povos como os Hunos Brancos (Heftalitas), que representavam um perigo existencial para a estabilidade e prosperidade do império. A muralha não era apenas uma barreira física; era um sistema defensivo integrado, projetado para abrigar guarnições militares permanentes e facilitar a resposta rápida a qualquer invasão.

A engenharia por trás da Muralha de Gorgan é um testemunho da sofisticação sassânida. Com uma extensão que varia entre 195 e 200 quilômetros, a muralha ostentava uma altura média de 6 a 10 metros e uma largura impressionante de 2 a 10 metros. Sua característica mais marcante são os milhões de tijolos de barro cozido, de coloração avermelhada, que lhe renderam seu apelido vívido. A argamassa, uma mistura robusta de cal e areia, garantia a durabilidade da estrutura.



Mas a muralha era apenas uma parte de um sistema muito maior. Ao longo de seu percurso, um fosso defensivo de 5 a 10 metros de largura e 2 a 4 metros de profundidade corria paralelamente, servindo como obstáculo adicional e fonte de material para os tijolos. Mais de 30 fortalezas maiores e cerca de 100 torres de vigia menores pontilhavam a paisagem, estrategicamente espaçadas para permitir a vigilância constante e a comunicação eficiente. Essas fortalezas não eram meros postos avançados; eram verdadeiras cidades-guarnição, com quartéis, casas, fornos e toda a infraestrutura necessária para sustentar uma força militar considerável.



A Vida na Fronteira: Descobertas que Falam

As escavações arqueológicas têm sido um portal para o passado, revelando detalhes íntimos sobre a vida na fronteira sassânida. Cerâmicas, ferramentas e vestígios de assentamentos dentro das fortalezas oferecem um vislumbre do cotidiano dos soldados e suas famílias. A logística da construção é igualmente fascinante: a descoberta de fornos de tijolos em larga escala próximos à muralha demonstra a capacidade de produção em massa e o planejamento meticuloso do império.



Um dos aspectos mais inovadores da Muralha de Gorgan é seu complexo sistema hidráulico. Canais e represas não apenas forneciam água potável para as guarnições, mas também podiam ser manipulados para inundar o fosso em pontos estratégicos, transformando-o em uma barreira intransponível. Essa maestria em engenharia hídrica, combinada com a disposição tática das fortificações, sugere um nível de planejamento militar que rivaliza com as grandes potências da época. Estima-se que a muralha poderia ter abrigado uma guarnição permanente de até 30.000 soldados, uma das maiores concentrações militares do mundo antigo.



Um Símbolo de Poder e um Desafio para o Futuro

A Grande Muralha de Gorgan não era apenas uma defesa física; era um poderoso símbolo do poder e da capacidade do Império Sassânida. Ela controlava o movimento de pessoas e bens, facilitava a coleta de impostos e servia como uma declaração imponente para amigos e inimigos. Seu legado militar é inegável, representando um dos exemplos mais sofisticados de engenharia defensiva da Antiguidade Tardia.

Hoje, a muralha enfrenta os desafios do tempo. A erosão natural, a atividade agrícola e o saque de materiais de construção causaram danos significativos. No entanto, há um esforço crescente para proteger e conservar este tesouro arqueológico. Equipes de conservação e autori-

dades iranianas trabalham incansavelmente para mapear, escavar e restaurar seções da muralha. A inclusão da Grande Muralha de Gorgan na lista de Patrimônios Mundiais da UNESCO é um objetivo ativo, que traria maior visibilidade e proteção internacional a este sítio inestimável.



Ao lado da Grande Muralha da China, a Muralha de Gorgan emerge como uma imã na defesa, um testemunho da engenhosidade humana em proteger civilizações. Sua redescoberta não é apenas um feito arqueológico; é um convite para reavaliar nossa compreensão da história, da engenharia e da resiliência dos impérios antigos. O "Dragão Vermelho" do Irã está finalmente pronto para contar sua história ao mundo, revelando um capítulo esquecido, mas crucial, da saga humana.

O Palco de Confrontos Épicos



Os principais adversários dos Sassânidas na fronteira norte eram as tribos nômades da Ásia Central, notadamente os Hunos Brancos, ou Heftalitas. Esses guerreiros, conhecidos por sua ferocidade e mobilidade, representavam uma ameaça constante às ricas províncias persas. A muralha de Gorgan era a primeira e mais formidável barreira. As batalhas não eram apenas cercos a fortalezas, mas também confrontos em campo aberto, onde a infantaria e a cavalaria sassânida, apoiadas pelas torres de vigia e pela capacidade de mobilização rápida, enfrentavam as hordas nômades.

As fortalezas ao longo da muralha, como Fort 2, que foi extensivamente escavado, eram mais do que simples postos de guarda; eram bases militares complexas, capazes de sustentar guarnições significativas. Os arqueólogos encontraram evidências de armas, armaduras e até mesmo restos mortais que sugerem a intensidade desses confrontos. A estratégia sassânida envolvia não apenas a defesa passiva, mas também a capacidade de lançar contra-ataques coordenados, utilizando a muralha como um ponto de partida seguro para suas forças. A comunicação rápida entre as torres, provavelmente por sinais de fumaça ou fogo, era crucial para alertar sobre a aproximação inimiga e coordenar a defesa.

Curiosidades Além do Campo de Batalha

Além das batalhas, a Grande Muralha de Gorgan guarda uma série de curiosidades que revelam a sofisticação e o cotidiano de seus construtores e defensores:

A "Muralha Vermelha" e seus Tijolos: A cor distintiva da muralha vem dos milhões de tijolos de barro cozido, produzidos em fornos gigantes localizados estrategicamente ao longo de sua extensão. A escala da produção de tijolos é uma maravilha da logística antiga, exigindo uma organização e mão de obra impressionantes.



A "Grande Muralha da China" do Ocidente: Embora menos famosa, a Muralha de Gorgan é a segunda maior muralha defensiva antiga do mundo, superada apenas pela Grande Muralha da China. Em alguns aspectos, como a densidade de fortes e a complexidade do sistema hidráulico, ela pode até ser considerada mais avançada para sua época.



Engenharia Hídrica Avançada: O sistema de canais e represas que acompanhava a muralha não era apenas para abastecimento de água. Ele permitia que os defensores inundassem o fosso em pontos estratégicos, criando uma barreira de água adicional que tornava a travessia ainda mais perigosa para os invasores.

A Vida dos Soldados: As escavações revelaram que as fortalezas eram pequenas cidades, com alojamentos para soldados e suas famílias, cozinhas, fornos e até mesmo áreas de lazer. A vida na fronteira era dura, mas os Sassânidas garantiam que suas tropas tivessem o suporte necessário para manter a moral e a eficácia.



Um Exército Escondido: Estima-se que a muralha poderia ter abrigado uma guarnição permanente de até 30.000 soldados, o que a tornaria uma das maiores concentrações militares do mundo antigo. Esse número impressionante sublinha a seriedade com que os Sassânidas encaravam a ameaça do norte.

O Mistério da Construção: Embora a maior parte da muralha seja sassânida, a datação por radiocarbono sugere que algumas seções podem ter sido iniciadas ainda no período Parta, indicando que a ideia de uma grande defesa na região era um projeto de longo prazo, atravessando diferentes impérios.

A Grande Muralha de Gorgan é, portanto, muito mais do que uma estrutura física. É um livro de história em tijolos, contando histórias de batalhas esquecidas, de engenheiros visionários e de um império que lutou para proteger seu legado. Suas curiosidades e ecos de confrontos continuam a fascinar, convidando-nos a desvendar os mistérios de um passado glorioso.

HISTÓRIA

O Homem da Máscara de Ferro: O Segredo Mais Sombrio do Rei Sol

O Mistério que Assombra a História Francesa há Três Séculos

HISTÓRIAS FASCINANTES
- Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

um prisioneiro de identidade desconhecida mantido em cativeiro luxuoso por 34 anos por Luís XIV, cuja existência foi deliberadamente apagada da história, transformando-o no fantasma vivo mais famoso do mundo.

Era uma manhã gelada de setembro de 1698 quando os parisienses testemunharam uma das cenas mais extraordinárias da história da França. Uma carruagem negra, pesadamente escoltada por mosqueteiros reais, atravessava lentamente as ruas de pedra em direção à sinistra Bastilha. No interior do veículo, sentado em silêncio absoluto, viajava um homem de postura inequivocamente nobre, mas cujo rosto permanecia completamente oculto por uma máscara de veludo negro com fechos de aço reluzente.



Ninguém nas ruas sabia quem era aquele prisioneiro. Ninguém podia saber. Na verdade, há quase três décadas, este homem vivia uma existência impossível, estava morto para o mundo, mas terrivelmente vivo para o rei. Sua história era um segredo tão perigoso que Luís XIV, o Rei Sol no auge de seu poder absoluto, havia tomado a decisão mais drástica possível: fazer desaparecer para sempre a identidade de um ser humano, transformando-o em um fantasma vivo que assombrava os corredores do poder francês.

A saga começara em 1669, quando uma carta lacrada e urgente partiu de Versalhes em direção à remota fortaleza de Pignerol, nos Alpes franceses. O remetente era François-Michel le Tellier de Louvois, o temido Ministro da Guerra de Luís XIV. O destinatário, Bénigne Dauvergne de Saint-Mars, um oficial militar de confiança absoluta do rei. O conteúdo da carta era tão explosivo que mudaria para sempre a vida de ambos os homens.

"O rei me ordena enviar-vos um prisioneiro de extrema importância", escrevia Louvois com sua caligrafia precisa. "É necessário que vós o prepareis uma cela com múltiplas portas, uma fechando sobre a outra, para impedir que seja ouvido por aqueles que passam. Vós mesmo deveis levar-lhe a comida uma vez por dia, e jamais escutar o que ele possa querer vos dizer, sempre sob ameaça de vossa própria vida."



O homem chegou a Pignerol em uma liteira completamente fechada, já com o rosto coberto pela máscara que se tornaria sua marca registrada. Desde o primeiro momento, estabeleceu-se um protocolo bizarro e inflexível que desafiava toda lógica prisional da época. Nenhum guarda podia vê-lo sem a máscara. Nenhuma palavra sobre qualquer assunto além de suas necessidades básicas mais elementares. Nenhum visitante jamais seria permitido. Nenhum objeto podia sair de sua cela sem ser completamente destruído.

Mas aqui residia o primeiro grande mistério que intrigaria gerações futuras de historiadores: este não era, de forma alguma, um prisioneiro

comum. Enquanto criminosos e dissidentes apodreciam em masmorras imundas e infectas, o homem da máscara vivia em condições que beiravam o luxo real. Sua cela era mobiliada com uma cama de dossel ornamentada, mesa de carvalho maciço, cadeiras estofadas em veludo e até mesmo um cravo para que pudesse tocar música nas longas horas de solidão. Suas refeições eram servidas em baixela de prata polida: perdizes assadas, vinhos finos das melhores vinícolas francesas, frutas frescas e doces refinados preparados pelos cozinheiros reais. Suas roupas eram de seda italiana e linho fino, trocadas regularmente por criados que jamais viam seu rosto.

O padre da prisão, que o confessava semanalmente através de uma grade especial, mais tarde escreveu em suas memórias uma observação que alimentaria décadas de especulação: "Jamais vi homem de porte mais nobre. Falava pouco, mas quando o fazia, era com a eloquência refinada de alguém nascido na mais alta sociedade. Suas mãos eram brancas e delicadas, jamais conheceram qualquer tipo de trabalho manual. Havia nele uma melancolia profunda, como se carregasse o peso de segredos terríveis."

Saint-Mars, por sua vez, tornou-se completamente obcecado por seu prisioneiro especial. Durante os 34 anos seguintes, nunca o deixou sozinho por mais de algumas horas. Quando foi promovido e transferido para outras fortalezas, algo que aconteceu três vezes durante sua carreira, levou o prisioneiro consigo, um procedimento absolutamente inédito na história prisional francesa. Era como se o destino de ambos os homens estivesse inexoravelmente entrelaçado por uma força maior que eles próprios.



Em 1681, quando Saint-Mars foi transferido para a fortaleza de Exilles, testemunhas relataram uma procissão surreal: uma carruagem blindada atravessando os Alpes franceses, escoltada por um pequeno exército, transportando um homem que oficialmente não existia. Seis anos depois, uma nova transferência levou o prisioneiro para a ilha de Sainte-Marguerite, no Mediterrâneo, onde ocorreria um dos episódios mais dramáticos e reveladores de toda a saga.

A ilha-prisão de Sainte-Marguerite era considerada inexpugnável, cercada por águas azuis cristalinas que serviam como a barreira natural perfeita. Foi ali que testemunhas ocasionais relataram uma cena que parecia saída de um sonho perturbador: um homem de máscara caminhando sozinho pela praia ao pôr do sol, sempre acompanhado à distância respeitosa por seu guardião incansável. Era como se fosse um fantasma tomando ar, uma aparição que desafiava a própria realidade. Foi também em Sainte-Marguerite que ocorreu o episódio mais desesperador de toda a história. Em 1694, um pescador local encontrou na praia um prato de prata com palavras cuidadosamente gravadas com uma faca. Aterrorizado pela descoberta, mas sem saber ler, levou o objeto diretamente ao governador. Saint-Mars examinou a gravação, empalideceu visivelmente e, sem hesitar, ordenou com voz trêmula: "Matem este pescador imediatamente. Ele viu o que jamais deveria ter visto."

O pescador foi executado no mesmo dia, sem julgamento ou explicação. O prato foi imediatamente derretido na fornalha da fortaleza. Jamais saberemos que mensagem desesperada o prisioneiro tentou enviar ao mundo exterior, que palavras de socorro ou revelação foram para sempre perdidas naquele metal fundido. O episódio demonstrava claramente que, mesmo após décadas de cativeiro, o homem da máscara ainda representava um perigo tão grande que qualquer tentativa de comunicação com o exterior justificava uma execução sumária.

Outro episódio igualmente intrigante ocorreu em 1691, quando o prisioneiro adoeceu gravemente. Em uma demonstração clara de sua importância, três dos melhores médicos da corte real foram enviados às pressas de Versalhes para a ilha. Eles o examinaram com a máscara posta e receberam ordens expressas de nunca falar sobre o caso sob pena de morte. Um deles, o



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/12/2025"

Dr. Antoine d'Aquin, médico pessoal do rei, anos depois confessou ao leito de morte a um padre: "Vi cicatrizes no pescoço que sugeriam origem nobre. Suas mãos... eram surpreendentemente idênticas às do rei. Havia nele algo que me perturbou profundamente, uma familiaridade que não consigo explicar."

Em 1698, Saint-Mars recebeu a nomeação máxima de sua carreira: governador da temível Bastilha, a fortaleza-prisão mais importante de Paris. E, como sempre, o prisioneiro o acompanhou nesta última transferência. A chegada à Bastilha foi deliberadamente teatral: carruagem blindada, escolta de elite, e o misterioso homem da máscara sendo conduzido diretamente para a Torre de la Bertaudière, considerada a mais segura de toda a fortaleza.



Na Bastilha, o prisioneiro recebeu o codinome "Marchioly" nos registros oficiais, mas uma camada de mistério em uma história já repleta de enigmas. Continuou recebendo o mesmo tratamento real de sempre: apartamento de dois cômodos com vista para o pátio interno, lareira própria, biblioteca pessoal cuidadosamente selecionada e até mesmo um criado pessoal que, curiosamente, também era obrigado a usar uma máscara quando na presença do prisioneiro misterioso.

O tenente da Bastilha, Étienne Du Junca, mantinha um diário secreto onde registrava os eventos mais significativos da prisão. Em suas anotações, ele descrevia o prisioneiro como "um homem de estatura mediana, com cabelos grisalhos e barba bem cuidada, que jamais demonstrava qualquer tipo de desespero ou revolta. Aceitava sua situação com uma resignação quase real, como se compreendesse perfeitamente as razões de seu cativeiro."

Em 19 de novembro de 1703, após exatos 34 anos de cativeiro, o Homem da Máscara de Ferro morreu repentinamente em sua cela. Sua morte foi tão misteriosa e cuidadosamente orquestrada quanto toda sua vida de prisioneiro. Saint-Mars, já um homem idoso e profundamente marcado por décadas de obsessão com seu prisioneiro especial, ordenou um protocolo de eliminação absoluta que chegava às raízes do paranóico.

O corpo foi enterrado imediatamente, sem cerimônia religiosa ou presença de testemunhas. Todos os pertences pessoais foram queimados na fornalha da prisão. As paredes da cela foram meticulosamente raspadas e repintadas. O colchão e todos os móveis foram completamente destruídos. Até mesmo as pedras do chão foram substituídas, como se fosse necessário eliminar qualquer vestígio da presença daquele homem. O registro de óbito na igreja de Saint-Paul foi deliberadamente lacônico: "Marchioly, prisione-

iro, idade aproximada 45 anos, morto de morte natural." Nem mesmo na morte ele recuperou sua verdadeira identidade.

Mas alguns vestígios conseguiram escapar da destruição sistemática. Du Junca anotou em seu diário: "O prisioneiro que há tanto tempo usava uma máscara de veludo negro morreu ontem às 10 horas da noite, após uma ligeira indisposição. Ele foi enterrado hoje, terça-feira, 20 de novembro. O que ele fez ou disse jamais foi descoberto. Ninguém jamais soube quem ele era."

Com a morte do prisioneiro, começaram a circular as teorias mais extraordinárias sobre sua identidade. A mais explosiva e persistente sugeria que ele seria um irmão gêmeo secreto de Luís XIV, nascido apenas alguns minutos após o rei. Para evitar disputas sucessórias que poderiam dividir e enfraquecer a França, a criança teria sido secretamente entregue a uma família camponesa. Ao crescer e descobrir sua verdadeira identidade, teria tentado reivindicar direitos ao trono, justificando assim o cativeiro perpétuo.

As evidências que sustentavam esta teoria eram perturbadoramente convincentes: a semelhança física notada pelos médicos, o tratamento real dispensado ao prisioneiro, o sigilo absoluto que só se justificaria por uma ameaça dinástica direta, e o fato de que Luís XIV nunca explicou o caso, nem mesmo em seu leito de morte, quando tradicionalmente os reis franceses confessavam seus segredos mais sombrios.



Documentos descobertos no século XX revelaram outra possibilidade igualmente fascinante: a existência de Eustache Dauger, um valet que serviu a figuras próximas ao rei e que desapareceu misteriosamente em 1669, exatamente quando o prisioneiro apareceu em Pignerol. Dauger teria presenciado negociações secretas entre Luís XIV e Carlos II da Inglaterra, incluindo subornos maciços pagos pelo rei francês para manter a Inglaterra neutra em suas guerras europeias. O conhecimento destes segredos de Estado justificaria perfeitamente o cativeiro perpétuo.

Uma terceira teoria apontava para Ercole Antonio Mattioli, um diplomata italiano que traiu Luís XIV em 1678, revelando planos militares franceses secretos ao Duque de Mântua. Mattioli desapareceu misteriosamente após a descoberta de sua traição e nunca mais foi visto, alimentando especulações de que teria se tomado o homem da máscara. Mais de três séculos depois, o Homem da Máscara de Ferro continua sendo o maior enigma da história francesa, uma figura que transcendeu os limites da realidade histórica para se tornar um símbolo universal do poder absoluto e dos segredos sombrios que os governantes são capazes de guardar. Sua história inspirou mais de uma centena de

livros, dezenas de filmes e incontáveis teorias conspiratórias que continuam alimentando a imaginação popular.

O que torna este mistério eternamente fascinante não é apenas a identidade desconhecida do prisioneiro, mas o que sua história representa: a capacidade aterrorizante do poder absoluto de apagar completamente uma pessoa da existência, transformando um ser humano em um fantasma vivo. Em uma época onde cada movimento nosso deixa rastros digitais indelévels, é quase impossível imaginar alguém sendo mantido em segredo total por décadas, tendo sua própria identidade sequestrada para sempre.



O Homem da Máscara de Ferro não foi apenas um prisioneiro comum, foi um homem deliberadamente transformado em fantasma pelos caprichos do poder real. Sua máscara de veludo negro tornou-se o símbolo perfeito dos segredos que os poderosos são capazes de guardar, mesmo que isso signifique condenar um ser humano ao limbo eterno entre a vida e a morte.

Talvez seja exatamente isso que Luís XIV pretendia: que seu segredo mais sombrio permanecesse para sempre nas sombras impenetráveis da história, alimentando eternamente nossa curiosidade e servindo como um lembrete sinistro de que alguns mistérios são mais poderosos quando permanecem sem solução. Quem era o Homem da Máscara de Ferro? Talvez nunca saibamos. E talvez essa seja precisamente a intenção do Rei Sol, que seu fantasma continue assombrando os corredores da história, sussurrando segredos que jamais poderão ser revelados.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

HISTÓRIA

A Caneta do Comerciante, não a do Poeta: Desvendando a Origem Administrativa da Escrita

HISTÓRIA

- Leia o artigo completo no Site

POR

The Bard News, Redação

"A visão romântica de que a escrita nasceu para registrar mitos, poemas e grandes narrativas, e mostra que sua origem é profundamente prática e administrativa."



A escrita é, sem dúvida, uma das invenções mais monumentais da humanidade. Ela nos permite transcender as barreiras do tempo e do espaço, conectar gerações e construir um legado cultural inestimável. Ao contemplar a escrita, nossa imaginação é rapidamente cativada por obras-primas da literatura: a epopeia de Gilgamesh, os versos de Homero, as peças de Shakespeare. Tendemos a associar sua gênese a um impulso inato de narrar, de expressar a alma humana em sua plenitude, de registrar mitos e lendas que dão sentido à nossa existência. Contudo, essa visão romântica, embora bela e inspiradora, está longe da realidade histórica de como a escrita realmente surgiu. A verdade é que a escrita não nasceu para contar histórias de deuses e heróis, mas para contar ovelhas, sacas de grãos e jarros de azeite. Sua origem é profundamente prática, enraizada nas necessidades administrativas e econômicas das primeiras civilizações.



Para desvendar essa história, precisamos viajar no tempo até a antiga Mesopotâmia, a "terra entre rios" (Tigre e Eufrates), onde

hoje se localiza o Iraque. Por volta do quarto milênio a.C., as comunidades agrícolas da região começaram a se organizar em cidades-estado complexas. Com o crescimento populacional, o desenvolvimento da agricultura irrigada e o surgimento de excedentes de produção, a vida social e econômica tornou-se cada vez mais intrincada. Templos e palácios, que funcionavam como centros de poder religioso, político e econômico, acumulavam vastas quantidades de bens, gerenciavam terras e supervisionavam o trabalho de centenas, senão milhares, de pessoas. Essa complexidade crescente exigia um sistema de registro que a memória humana, por mais prodigiosa que fosse, já não conseguia suportar de forma eficiente e confiável.



Foi nesse contexto de efervescência administrativa e econômica que a escrita emergiu. Os primeiros "escritores" não eram bardos, poetas ou filósofos em busca de immortalizar narrativas épicas, mas sim contadores, administradores e escribas. Suas ferramentas eram estiletes de junco e pequenas tábuas de argila úmida, e seu objetivo primordial era registrar transações, impostos, inventários de bens e alocações de recursos. As primeiras inscrições, datadas de cerca de 3400 a.C. em cidades sumérias como Uruk, eram predominantemente pictográficas, ou seja, representavam objetos por meio de desenhos simplificados. Um desenho de uma cabeça de boi significava "boi", um jarro significava "cerveja" ou "óleo", e assim por diante. Essas representações eram diretas e funcionais, projetadas para uma compreensão rápida e inequívoca no contexto comercial e administrativo.



Esses pictogramas eram frequentemente acompanhados por marcas numéricas, indicando quantidades específicas. Uma tábua de argila poderia, por exemplo, registrar "cinco ovelhas" ou "dez jarros de óleo" entregues a um templo ou a um indivíduo como pagamento ou contribuição. A preocupação central era a contabilidade, a organização de dados para fins de controle, planejamento e prestação de contas. Não havia enredo, personagens, desenvolvimento temático ou qualquer tentativa de expressar emoções ou ideias abstratas complexas; apenas a fria e objetiva catalogação de bens e serviços, essencial para a manutenção da ordem econômica e social.

Com o tempo, a necessidade de registrar informações mais complexas e abstratas, que iam além da simples representação de objetos,

levou a uma evolução significativa do sistema. Os pictogramas começaram a ser estilizados e a perder sua semelhança direta com os objetos que representavam. Eles foram girados em 90 graus e simplificados em uma série de marcas em forma de cunha, feitas pela pressão de um estilete de junco na argila macia. Esse sistema, conhecido como escrita cuneiforme (do latim *cuneus*, que significa "cunha"), tornou-se mais eficiente, abstrato e capaz de representar não apenas objetos, mas também sons e ideias abstratas. A transição de pictogramas para logogramas (símbolos que representam palavras) e, eventualmente, para um sistema silábico (símbolos que representam sílabas) foi um marco crucial na história da escrita. Essa evolução permitiu que a escrita se tornasse mais flexível e capaz de registrar a língua falada com maior precisão e nuance.



No entanto, mesmo com essa sofisticação crescente, o propósito principal da escrita cuneiforme permaneceu predominantemente administrativo por um longo período. Os textos mais antigos em cuneiforme continuavam a ser, em sua vasta maioria, listas de bens, contratos comerciais, recibos de pagamentos, códigos de leis (como o famoso Código de Hamurabi, que estabelecia regras para a sociedade e o comércio), registros de propriedades e inventários de templos e palácios. O Oriental Institute da Universidade de Chicago, por exemplo, possui vastas coleções de tábuas cuneiformes que ilustram essa realidade. Ao examinar esses

artefatos, os pesquisadores encontram uma janela para a vida cotidiana e burocrática da Mesopotâmia antiga: registros de salários pagos em cevada, listas de trabalhadores, inventários de templos e palácios, e até mesmo recibos detalhados de transações comerciais. Esses documentos, embora desprovidos de valor literário no sentido moderno, são inestimáveis para entender a estrutura econômica, social e legal da época.



A ideia de usar a escrita para expressar narrativas complexas, mitos, poemas, reflexões filosóficas ou correspondências pessoais surgiu muito mais tarde na evolução da escrita. A Epopeia de Gilgamesh, considerada uma das primeiras grandes obras literárias da humanidade, é um exemplo notável de como a escrita cuneiforme foi eventualmente adaptada para fins artísticos e narrativos. No entanto, ela representa um estágio avançado na evolução da escrita, não sua origem. A literatura, como a conhecemos, só pôde florescer e se desenvolver plenamente uma vez que o sistema de escrita se tornou suficientemente robusto, flexível e difundido para ser usado além das necessidades imediatas da administração e da contabilidade.

Essa distinção entre a função prática e a expressão artística da escrita é fundamental para compreender a verdadeira natureza da inovação humana. Ela nos lembra que as grandes invenções e avanços tecnológicos muitas vezes nascem da necessidade mais

mundana e urgente. A complexidade da vida em sociedade, a necessidade de gerenciar recursos de forma eficiente, de manter registros precisos e de estabelecer a ordem foram os catalisadores que levaram à invenção de um sistema que, eventualmente, nos permitiria registrar a própria alma humana, suas aspirações, medos e sonhos.



A escrita, portanto, é um testemunho da engenhosidade humana em resolver problemas práticos de grande escala. De simples marcas em argila para controlar o comércio e a burocracia, ela evoluiu para se tornar o veículo de nossa cultura, nossa história, nossa ciência e nossa imaginação. A jornada da escrita, de uma ferramenta puramente administrativa a um meio de expressão artística e filosófica, é uma das mais notáveis transformações na história da civilização, revelando que o controle e a organização foram os precursores indispensáveis da criação e da inspiração que hoje tanto valorizamos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/03/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/03/2026"

HISTÓRIA

O Papel: A Invenção Silenciosa que Reconstruiu o Mundo do Conhecimento

HISTÓRIA

- Leia o artigo completo no Site



IMAGEM GERADA POR IA "usando Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/03/2026"

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

"Em um mundo dominado por telas e informações digitais, é fácil esquecer a revolução silenciosa que o papel representou."

Em nossa era digital, onde a informação flui em gigabytes e é armazenada em nuvens etéreas, o papel pode, à primeira vista, parecer um anacronismo, um resquício de um passado distante. Contudo, subestimar a importância desta invenção é ignorar um dos pilares mais fundamentais sobre os quais a civilização moderna foi erguida. Longe de ser uma mera superfície para a escrita, o papel representou uma revolução silenciosa, mas de uma profundidade imensa, que transformou radicalmente a forma como o conhecimento era registrado, armazenado e, crucialmente, transmitido. Sua criação na China antiga não apenas mudou o curso da história, mas também pavimentou o caminho para avanços sem precedentes na educação, na ciência, na arte e na governança, libertando o intelecto humano das limitações impostas por materiais de escrita anteriores.



Para verdadeiramente compreendermos a magnitude da invenção do papel, é essencial traçar sua linha do tempo e contextualizá-la dentro da história da comunicação humana. Antes do papel, as civilizações antigas utilizavam uma variedade de suportes para a escrita, cada um com suas próprias vantagens e desvantagens, mas todos com limitações significativas. Na Mesopotâmia, a escrita cuneiforme era gravada em tábuas de argila úmida, que, embora duráveis, eram pesadas, frágeis e extremamente difíceis de transportar ou armazenar em grandes volumes. No Egito, o papiro, feito de hastes da planta de papiro, era mais leve e flexível, mas seu custo era elevado, era suscetível à umidade e sua vida útil, em comparação com outros materiais, era limitada. Na Europa e no Oriente Médio, o pergaminho, feito de pele animal tratada, destacava-se pela durabilidade e alta qualidade, mas sua produção era um processo demorado e de custo proibitivo, tornando-o um luxo acessível apenas a elites, monarcas e instituições religiosas.



A história do papel, como o conhecemos e utilizamos hoje, começa, de fato, na China. Embora haja evidências de formas rudimentares de papel ou materiais semelhantes sendo empregados antes, a invenção formal e o aprimoramento decisivo do processo são tradicionalmente atribuídos a Cai Lun, um eunuco da corte imperial chinesa, por volta do ano 105 d.C. Cai Lun, servindo ao Imperador Ho-Ti da Dinastia Han, é amplamente creditado por refinar um método de fabricação de folhas de material a partir de fibras vegetais. Ele utilizou uma mistura engenhosa de cascas de amoreira, cânhamo, trapos de tecido e até mesmo redes de pesca velhas. Esses materiais eram macerados até se tornarem uma pasta, misturados com água, e a suspensão resultante era espalhada sobre uma peneira de bambu para secar, formando uma folha fina, flexível e surpreendentemente resistente. O resultado foi um material de escrita significativamente mais barato, leve e, crucialmente, fácil de produzir em massa do que o papiro ou o pergaminho.

A inovação de Cai Lun não se resumiu apenas à criação de um novo material; ela representou a democratização do registro do conhecimento. O papel permitiu que a vasta burocracia imperial chinesa se expandisse e operasse com uma eficiência sem precedentes, que os registros fossem mantidos de forma mais organizada e que a educação se tornasse mais acessível a camadas mais amplas da população. A China, já uma civilização notavelmente avançada em muitos aspectos, viu sua cultura florescer ainda mais com a proliferação de livros, documentos oficiais, obras de arte e até mesmo papel-moeda.

A partir da China, a tecnologia de fabricação de papel começou sua lenta, mas inexorável, jornada para o Ocidente. Por volta do século VII, a técnica chegou à Coreia e ao Japão, onde foi aprimorada e adaptada, resultando em papéis de alta qualidade, muitas vezes utilizados para arte e caligrafia refinadas. O ponto de virada decisivo para o mundo ocidental ocorreu no século VIII. Em 751 d.C., durante a Batalha de Talas, na Ásia Central, os árabes capturaram prisioneiros chineses que, entre suas habilidades, dominavam a arte da fabricação de papel. Esses prisioneiros revelaram os segredos da produção, e a tecnologia foi rapidamente adotada e aprimorada pelo mundo islâmico, que já possuía uma rica tradição de erudição e bibliotecas.

Os árabes estabeleceram moinhos de papel em cidades estratégicas como Samarcanda, Bagdá, Damasco e, posteriormente, no Egito e no Norte da África. Eles introduziram inovações importantes no processo, como o uso de moinhos de água para macerar as fibras, o que aumentou drasticamente a eficiência da produção e a qualidade do produto final. A partir do mundo islâmico, o papel finalmente

chegou à Europa através da Península Ibérica (a Espanha moura) nos séculos X e XI. O primeiro moinho de papel europeu é registrado em Xàtiva, na Espanha, por volta de 1056. A partir daí, a tecnologia se espalhou gradualmente pela Itália, França, Alemanha e o restante do continente, embora a adoção em larga escala levasse ainda alguns séculos.

O impacto global do papel na Europa foi inicialmente lento, mas ganhou um impulso extraordinário e transformador com a invenção da prensa de tipos móveis por Johannes Gutenberg em meados do século XV. Antes de Gutenberg, os livros eram copiados à mão por escribas, um processo laborioso, demorado e extremamente caro que limitava a circulação do conhecimento a um círculo muito restrito. A prensa de Gutenberg, combinada com a disponibilidade de papel barato e abundante, revolucionou a produção de livros. De repente, era possível imprimir milhares de cópias de um texto em um tempo relativamente curto e a um custo infinitamente menor.

Essa combinação poderosa de papel e prensa de impressão desencadeou o que hoje conhecemos como a Revolução da Imprensa, um evento que teve consequências profundas e duradouras em todas as esferas da sociedade:

• **Democratização do Conhecimento:** Livros e panfletos se tornaram acessíveis a um público muito mais amplo, não apenas à elite clerical ou aristocrática. Isso impulsionou a alfabetização e a educação em massa, alterando fundamentalmente a estrutura social e intelectual.

• **Reforma Religiosa:** A impressão da Bíblia em línguas vernáculas e a disseminação rápida de ideias reformistas em panfletos foram cruciais para o sucesso e a propagação da Reforma Protestante, desafiando a autoridade estabelecida.

• **Revolução Científica:** A capacidade de

imprimir e distribuir rapidamente descobertas científicas, teorias e observações permitiu que os cientistas construíssem sobre o trabalho uns dos outros de forma mais eficiente e colaborativa, acelerando o progresso científico de maneira exponencial.

• **Desenvolvimento da Burocracia Moderna:** Governos e impérios puderam gerenciar seus vastos territórios com maior eficácia, utilizando documentos impressos para leis, registros, censos e comunicações oficiais, consolidando o poder estatal.

• **Expansão da Arte e da Cultura:** A impressão de partituras musicais, gravuras, mapas detalhados e obras literárias enriqueceu a vida cultural e artística, tornando-a mais diversificada e acessível.

A Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, por exemplo, é um testemunho vivo e monumental do legado do papel. Suas vastas coleções de livros, manuscritos, jornais, mapas e partituras, muitos dos quais existem e foram preservados graças à durabilidade e acessibilidade do papel, representam o acúmulo de séculos de conhecimento humano. A capacidade de preservar esses registros físicos por tanto tempo é um reflexo direto da eficácia e da resiliência do papel como meio de armazenamento de informações.

Hoje, vivemos inegavelmente na era digital, e a comparação com o papel é constante e inevitável. A internet e os dispositivos eletrônicos oferecem uma capacidade de armazenamento e transmissão de informações sem precedentes, superando o papel em velocidade, volume e alcance. O conhecimento pode ser acessado instantaneamente de qualquer lugar do mundo, e a produção de conteúdo é mais democrática do que nunca. No entanto, a era digital também apresenta seus próprios desafios: a efemeridade dos dados digitais, a obsolescência tecnológica, a segurança da informação e a sobrecarga de

dados, que muitas vezes dificultam a filtragem e a assimilação.



Apesar do avanço digital, o papel não desapareceu, nem parece que o fará tão cedo. Ele continua a ser valorizado por sua tangibilidade, sua confiabilidade (não depende de energia, software ou hardware específico), e por certas qualidades estéticas e sensoriais que o digital não consegue replicar. Livros impressos, documentos importantes, obras de arte, fotografias e até mesmo notas rápidas ainda encontram no papel seu suporte ideal. A transição para o digital não é uma substituição completa, mas sim uma evolução na forma como interagimos com o conhecimento, onde ambos os meios coexistem e se complementam.

Em retrospectiva, a invenção do papel por Cai Lun e sua subsequente disseminação global representam um dos maiores saltos na história da comunicação humana. De um humilde material feito de fibras vegetais, o papel se tornou o veículo indispensável para a disseminação de ideias que moldaram civilizações, impulsionaram revoluções e conectaram mentes através dos séculos. Sua história é um lembrete poderoso de como uma inovação aparentemente simples pode ter um impacto monumental e duradouro, redefinindo o que é possível para o conhecimento humano e para a própria civilização.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/03/2026"

EDUCAÇÃO

Por que a tradição da leitura clássica está desaparecendo?



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

"Uma Reflexão Sobre a Urgência Moderna e a Resistência da Literatura Atemporal"



Vivemos em uma era que idolatra o imediato! Tudo pulsa em velocidade, como se o tempo estivesse sempre prestes a nos escapar pelos dedos. A vida moderna exige movimento, resultados rápidos, respostas prontas. Nesse ritmo vertiginoso, a leitura clássica parece se tornar um luxo quase anacrônico. Ler um romance de séculos passados soa, para muitos, como um ato de resistência.

Os clássicos pedem silêncio. Pedem pausa. Pedem entrega! E o mundo atual não sabe mais esperar. A leitura profunda, aquela que exige introspecção e paciência, colide com a urgência das notificações e o frenesi das telas. O leitor contemporâneo, distraído por promessas instantâneas, raramente se demora em páginas densas, que pedem mais do que simples decodificação de palavras: pedem alma!

Preservar a base literária nunca foi tão desafiador. Não porque os livros tenham perdido o valor, mas porque o leitor perdeu o tempo. A pressa tornou-se a nova linguagem universal.

E, nessa fluência apressada, ler Virginia Woolf, Jane Austen, Emily Brontë ou Clarice Lispector passou a parecer um ato obsoleto, quando na verdade é um gesto de lucidez!

O desaparecimento da leitura clássica não é apenas um fenômeno cultural; é também um sintoma existencial. Revela o quanto temos fugido da profundidade para habitar a superfície.

Os clássicos nos convidam a encarar o espelho do humano, suas contradições, paixões, misérias e grandezas. Mas olhar para dentro dá trabalho, e poucos querem lidar com o próprio abismo.

A tradição da leitura clássica desaparece porque o mundo se acostumou com o efêmero. As palavras que duram assustam! Os pensamentos que ecoam incomodam. É mais fácil consumir fragmentos do que compreender ideias inteiras. Ainda assim, os clássicos permanecem, silenciosos, mas vivos, à espera de quem ainda acredita que a literatura não é apenas entretenimento, e sim sobrevivência!

Enquanto houver quem se emocione com uma vírgula bem colocada, quem se perca nas entrelinhas de uma frase e quem encontre sentido em um parágrafo antigo, os clássicos não morrerão. Eles apenas repousam, aguardando o retorno dos que ainda sabem que a pressa é inimiga da alma e que a leitura é, sobretudo, um ato de permanência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/01/2026"

Quando É Preciso Falar Sobre O Óbvio



Por Sandra Santiago
COLUNISTA

Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponete, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: "A história da exclusão das Pessoas com deficiência"; "Memórias de Estágio"; "Problematizando a inclusão do estudante surdo".

@sandraassantiago

"Num mundo que opera cirurgias à distância, ainda há crianças que não conseguem chegar à escola"



Parece tolice, nos dias atuais, se dedicar um espaço para discutir a Educação como direito de todos, mas, garanto que não o é. Em diversas partes do mundo, e também no Brasil, crianças e jovens estão privados do direito à educação. Nos discursos essa premissa

está amplamente difundida e reproduzida, mas, na prática, de fato, a educação não está garantida para todos.



Dados de um relatório da UNESCO, divulgados em 2024, portanto, muito recentemente, revelam que aproximadamente 251 milhões de crianças e jovens, em todo o mundo, ainda estão fora da escola e, grande percentual deles, nunca estudarão.

Por razões diversas, esta parcela bem significativa dos que se encontram no período mais propício à aprendizagem formal, não tem acesso a ela. Em alguns países, a guerra rouba esse direito, noutros, a miséria obriga crianças e jovens a abandonar a escola para trabalhar. Noutros, estudar ainda não é um direito das mulheres. Em algumas regiões, a escola não chega até os moradores do local, consequentemente, a distância e as dificuldades que elas representam, se transformam em obstáculos intransponíveis.

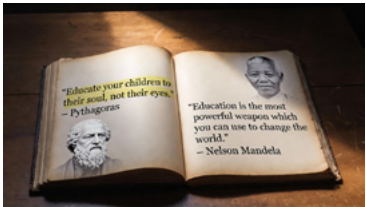
Nos perguntamos: como é possível que estejamos em 2026 e que testemunhemos tamanha contradição? De um lado, assistimos ao advento da ciência e da tecnologia gerando resultados e produtos inimagináveis há algumas décadas; enquanto de outro, vemos um direito básico negado, sem nenhum constrangimento.



Num tempo onde é possível realizar cirurgias à distância, explorar espaços siderais, produzir uma inteligência artificial, ainda, não protegemos os mais vulneráveis. Milhões de crianças e jovens são privados do direito de aprender e, são meninas, se possuem deficiências, e se são pretas, indígenas ou quilombolas, a situação piora sensivelmente.

A educação é pensada e defendida desde

épocas longínquas e muitos filósofos, pensadores, pedagogos e poetas, depositaram nela suas maiores apostas. Pitágoras, na Antiguidade clássica, já dizia que se educássemos as crianças, não teríamos necessidade de punir os homens, portanto, destacava o papel que a educação exerceria na construção de uma sociedade melhor. Mais recentemente, temos nas palavras do grande líder africano, Nelson Mandela, a valorização da educação como a arma mais poderosa que alguém pode usar para mudar o mundo.



Mas, a exclusão não ocorre somente quando não há escola; se dá ainda quando não há vagas suficientes para todos, como indica um levantamento feito pelo Unicef e pela Undime, divulgado em 2025, que aponta que, na Paraíba, mais de 30 mil crianças e jovens em idade escolar obrigatória, ou seja, entre 4 e 17 anos, estão fora da escola e que mais de 50% são meninas. E a situação piora quando as crianças e adolescentes da Paraíba são pretos, pardos e indígenas, pois o índice chega a 79% para esse público (UNICEF, 2024).

De fato, a educação é um bem essencial à condição humana. É através dela que nos humanizamos. A falta de educação gera a exclusão e esta é absolutamente perniciosa, pois, ao destituir alguém do direito à educação, o condenamos à marginalidade. Por sua vez, marginalizar é retirar a dignidade, promover a desesperança. Isso tem efeitos arrasadores, sobretudo, quando as vítimas são crianças e jovens, justamente aqueles a quem deveríamos cuidar, proteger, conduzir.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/02/2026"

EDUCAÇÃO

Olhos nas telas e estantes emboloradas? O futuro das bibliotecas na era digital



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz



Desde a Antiguidade, as bibliotecas simbolizam o desejo humano de preservar o conhecimento. A Biblioteca de Alexandria tornou-se um dos maiores exemplos desse esforço ao reunir obras filosóficas, científicas e literárias do mundo antigo. Mesmo após sua destruição, a ideia de biblioteca permaneceu viva ao longo dos séculos. Mosteiros medievais copiavam manuscritos, com muito afino de seus monges, para impedir a perda de textos clássicos; universidades criaram grandes acervos e, após a invenção da imprensa, os livros passaram a circular em escala muito maior. A atual proposta do Google, de arrolar e indexar tudo o que a humanidade sabe, remonta ao sonho dos enciclopedistas no século XVIII. Em todos esses momentos, ocorreram debates sobre a possibilidade de as novas tecnologias substituírem as formas anteriores de acesso ao conhecimento. O mesmo ocorre hoje, diante da expansão do universo digital.

Com o crescimento da internet, dos e-books e da inteligência artificial, muitos passaram a imaginar que as bibliotecas físicas desapareceriam. No entanto, a história demonstra justamente o contrário: as bibliotecas sempre se adaptaram às mudanças tecnológicas sem perder sua essência. O problema não está na tecnologia em si, mas na ideia de que o virtual seria suficiente para substituir completamente os espaços culturais e humanos ligados à leitura.

Essa angústia sempre fez parte dos meus pensamento também. Diante disso, em uma viagem a Buenos Aires, em 2007, comprei o livro Nadie acabará con los libros, que li imediatamente em um café. Na obra, Umberto Eco e Jean-Claude Carrière defendem que o livro físico dificilmente desaparecerá. Eco argumenta que cada nova mídia transforma as anteriores, mas não necessariamente as elimina. O cinema não acabou com o teatro, a televisão não destruiu o rádio e a fotografia não extinguiu a pintura. Da mesma forma, o ambiente digital não elimina o valor cultural, simbólico e material dos livros e das bibliotecas.

Isso porque as bibliotecas contemporâneas mostram claramente essa capacidade de reinvenção. Muitas passaram a oferecer acervos digitais, empréstimos de livros eletrônicos, acesso remoto a periódicos científicos e espaços

multimídia. Algumas também promovem oficinas tecnológicas, cursos e atividades culturais híbridas. Exemplo disso, é a biblioteca do colégio em que atualmente leciono. Criamos muitas propostas para vincular os alunos ao espaço e à prática de folhear páginas impressas. Nesse sentido, educadores como eu e as bibliotecárias Suely Pferferman Kagan e Priscila Louro entendemos que as bibliotecas não resistem ao digital por oposição, mas por adaptação. Elas incorporam novas ferramentas sem abandonar sua função histórica de democratizar o conhecimento.

Além disso, as bibliotecas exercem um importante papel pedagógico. Em uma época marcada pelo excesso de informações e pela disseminação de notícias falsas, o acesso rápido aos conteúdos não garante compreensão crítica. Nesse contexto, bibliotecas e bibliotecários tornam-se mediadores fundamentais, ajudando leitores a selecionar fontes confiáveis, interpretar dados e desenvolver autonomia intelectual. Mais do que oferecer livros, esses espaços ensinam a pensar.

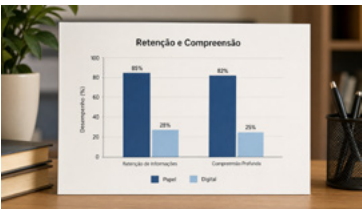
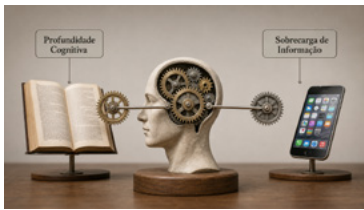
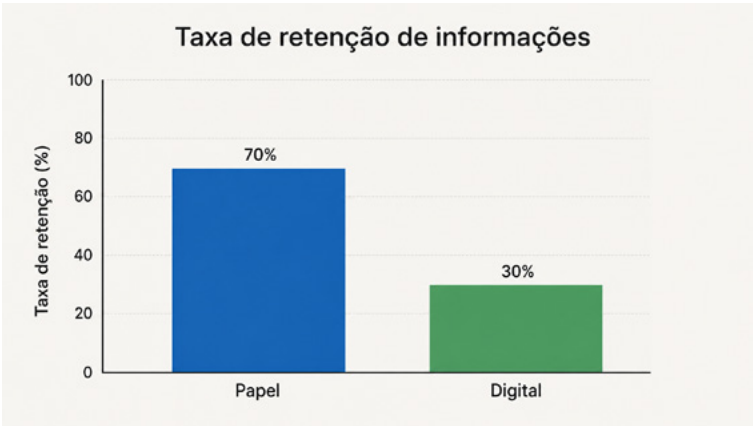
Outro aspecto essencial é o valor humano e cultural das bibliotecas físicas. O silêncio compartilhado, a experiência da leitura presencial e a convivência entre pessoas de diferentes gerações criam vínculos que o ambiente virtual dificilmente substitui. Em muitas comunidades, especialmente nas regiões socialmente

vulneráveis, as bibliotecas continuam sendo locais de acolhimento, de estudo e de inclusão social. Exemplo disso é o projeto “Canta o Conto”, desenvolvido pelo Paulo Petreca por meio da música na região do Grande ABC paulista.

As bibliotecas também preservam a memória coletiva. Arquivos digitais podem desaparecer por falhas técnicas, mudanças de formatos ou obsolescência tecnológica. Já documentos físicos, manuscritos e obras raras, se bem acondicionados, permanecem como testemunhos materiais da história humana. Assim, as bibliotecas, com suas estantes, continuam protegendo patrimônios culturais indispensáveis para a identidade das sociedades.

Portanto, o futuro das bibliotecas não está em competir com o mundo digital, mas em coexistir com ele. Ao longo da história, esses espaços sobreviveram porque atendem a necessidades humanas individuais e coletivas que são permanentes: aprender, preservar memórias e compartilhar conhecimento.

Neste cotidiano cada vez mais virtual, as bibliotecas seguem como forma de resistência ao domínio social dos robôs, para não nos esquecermos de que somos nós, seres humanos, quem pensamos de maneira criativa.



A comparação entre a Memória Espacial e o Fluxo Infinito revela como o suporte físico organiza nossa mente de forma distinta do ambiente digital:

O Livro Físico como Mapa: Ao ler um livro de papel, nosso cérebro cria um "mapa cognitivo" da informação. A materialidade, o peso das páginas, a textura e, principalmente, a posição fixa do texto (canto superior esquerdo, meio da página direita), atua como uma âncora mental. Sabemos "onde" a informação está guardada no espaço físico, o que facilita drasticamente a recuperação da memória a longo prazo.

A Desorientação do Scroll: Nas telas, o texto é fluido e instável. O movimento de deslizar (scroll) elimina as referências espaciais fixas. Sem um "início, meio e fim" palpáveis, o cérebro perde a capacidade de situar a informação em uma estrutura lógica, gerando uma sensação de desorientação. O resultado é uma leitura mais superficial, onde os dados parecem "flutuar" sem se fixar na arquitetura do conhecimento.

Enquanto o papel oferece um território sólido para a construção do saber, o fluxo digital exige um esforço cognitivo maior para manter a orientação, muitas vezes resultando em uma compreensão mais fragmentada da estrutura do texto.

A transição da leitura analógica para a digital representa uma mudança profunda na arquitetura do pensamento humano, conforme analisado no artigo de Renata Munhoz e detalhado nas comparações estruturais entre os dois suportes. Essa evolução revela uma dualidade central entre a profundidade e a agilidade, onde a leitura em papel favorece a imersão e a linearidade, recrutando circuitos neuronais essenciais para o pensamento crítico e a empatia. Em contrapartida, o ambiente digital estimula o escaneamento rápido e o padrão de leitura em F, que, embora eficiente para buscas pragmáticas, acaba por sacrificar a reflexão profunda em favor da velocidade.

Essa diferença se estende para a geografia do conhecimento, evidenciando o contraste entre a memória espacial e o fluxo infinito. O livro físico atua como um verdadeiro mapa cognitivo, utilizando sua materialidade, peso e posição fixa do texto para oferecer âncoras mentais que consolidam a retenção das informações a longo prazo. Já o movimento de deslizar das telas, conhecido como scroll, gera uma desorientação espacial que faz a informação parecer flutuar sem referências de início, meio ou fim, dificultando a construção de uma estrutura lógica de saber. Além disso, a carga cognitiva é severamente impactada pela distração digital, pois enquanto o papel oferece um ambiente de estímulo único, as telas são saturadas de interrupções e multitarefas que fragmentam a atenção e elevam o cansaço mental.

Em última análise, o impacto da leitura na era digital não é apenas uma mudança de formato, mas uma reconfiguração da nossa capacidade analítica. O desafio moderno reside na bi-alfabetização, que é a habilidade de transitar entre a eficiência rápida das telas e a profundidade reflexiva que apenas o suporte físico e linear consegue consolidar plenamente. Compreender essa dinâmica é fundamental para preservar a capacidade de imersão e o pensamento crítico em um mundo cada vez mais dominado pela fragmentação da informação.

A leitura em papel promove a profundidade e a memória espacial através de âncoras mentais fixas, enquanto o ambiente digital prioriza a agilidade e o escaneamento rápido, muitas vezes resultando em fragmentação da atenção e desorientação cognitiva. O equilíbrio entre essas duas modalidades, chamado de bi-alfabetização, é essencial para manter o pensamento crítico na era das telas.

EDUCAÇÃO

O papel da família na formação educacional

Entre os primeiros toques e as primeiras falas, a família constrói, de forma silenciosa e carinhosa, os capítulos iniciais da educação que transforma o indivíduo ao longo de toda a vida.



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I.Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.), @fontenellemagna

A família é o núcleo do desenvolvimento humano, onde sentimentos, valores e princípios se encontram e ajudam a formar a pessoa como um todo. É nela que se aprendem as primeiras lições de convivência, respeito e responsabilidade. Como lembra Jean-Jacques Rousseau, a família é a mais antiga de todas as sociedades e a única natural.

Quando a criança convive com a família, ela começa a compreender noções de poder, autoridade e hierarquia, que aparecem nas rotinas do dia a dia, contribuindo para a organização do pensamento crítico e no entendimento das diferenças entre deveres e obrigações. Ao mesmo tempo, ela aprende a seguir regras, a se adaptar a diferentes situações e a lidar com as demandas que surgem ao longo da vida.

Nesse processo, Médici (1961) afirma: todo o progresso psicológico acontece, até então, por meio das relações com o outro, principalmente com os pais. No início, a criança se funde com as pessoas que a cercam: ela se identifica com elas e é marcada pela presença dessas referências.

Esse convívio também ajuda a desenvolver várias habilidades, como aprender a falar, organizar as ideias e colocá-las em ordem. Aos poucos, a criança passa a reconhecer o que pode ou não fazer conforme as normas da família, a se ajustar a contextos diferentes, a ser mais flexível e a aprender a negociar.

Dessa forma, a família tem um papel importante nas formas de representar o mundo exterior. É por meio dela que o sujeito se insere nesse mundo e começa a compreender o conjunto de determinações do cotidiano um processo que permite vivenciar o universal de maneira particular e, assim, ir se constituindo.

Mais do que acompanhar tarefas escolares, a família exerce um papel essencial na formação integral do indivíduo. Ela atua como ponte entre o conhecimento formal e a experiência de vida, despertando a curiosidade, incentivando o pensamento crítico e fortalecendo a autoestima. Quando existem diálogo, acolhimento e incentivo, o aprendizado deixa de ser apenas obrigação e se transforma em descoberta.

Nesse sentido, Paulo Freire destaca: a educação não muda o mundo; a educação muda as pessoas. E, justamente por as pessoas transformarem o mundo, a educação se torna tão importante para construir uma sociedade mais humana e ética.

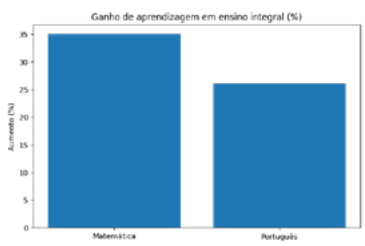
Valores funcionam como um guia firme e confiável quando são mantidos com consistência. Eles sustentam escolhas e ajudam a formar o caráter. Como disse Aristóteles, somos o que fazemos repetidamente; a excelência não é um ato, mas um hábito. Assim, o desenvolvimento ético é um hábito, não um momento isolado. Por isso, o desenvolvimento do caráter ético é fundamental para que as pessoas ajam com justiça, respeito e responsabilidade.

A responsabilidade, por sua vez, é uma expressão madura desse amor e desse cuidado pelos outros e pela comunidade. Immanuel Kant ensinou: aja de tal maneira que você possa desejar que o princípio da sua ação se torne uma lei universal. A ética é, portanto, o ponto de partida do comportamento humano. E é a família, junto com a educação e os valores, que forma a pessoa humana, que, orientada com sabedoria e vontade, pode contribuir para transformar a sociedade em que vive.

A família é o primeiro mundo social do indivíduo, onde se moldam as bases da identidade e da convivência. (Talcott Parsons)



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026”



VOCÊ SENTE QUE VOCÊ OU O SEU NEGÓCIO TEM POTENCIAL, MAS ALGO AINDA ESTÁ TRAVANDO O CRESCIMENTO?

Somos especialistas em criação de logos, artes visuais impactantes e mentoria estratégica de negócios.

QUER SABER COMO FUNCIONA?

81 99590.9237

Mais de 3 mil marcas criadas no Brasil e em mais 16 países.

MAIS DE 200 MASCOTES CRIADOS

MASCOTE PERSONALIZADO R\$100

EDUCAÇÃO

A educação como caminho de liberdade, inclusão e debate pedagógico



Por Edna Lessa
COLUNISTA

Professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poeta. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia, Vice-Presidente da Academia Tauaense de Letras, colunista da Revista Internacional The Bard
@ednalessa_escritora

EDUCAÇÃO

"A educação, mais que instrumento de mobilidade social, é apresentada como ato de libertação que amplia a capacidade de compreender o mundo, participar coletivamente e decidir com autonomia."



Em tempos marcados por desigualdades persistentes e desafios sociais complexos, a educação continua sendo um dos temas centrais do debate público. Ela costuma ser vista, ao mesmo tempo, como instrumento de mobilidade social, formação cidadã e desenvolvimento humano. Também é frequentemente associada à liberdade, no sentido de ampliar a capacidade de cada pessoa compreender o mundo, participar da vida coletiva e tomar decisões com mais autonomia.

Dentro dessa discussão, o pensamento de Paulo Freire ocupa um lugar importante e amplamente reconhecido no Brasil e em outros países. Sua obra influenciou gerações de educadores ao defender uma pedagogia baseada no diálogo, na escuta e na valorização da experiência do aluno. Em livros como Pedagogia do Oprimido, Freire propôs que ensinar não se resume à transmissão de conteúdos, mas envolve também a leitura crítica da realidade. Para seus defensores, essa abordagem fortalece a consciência cidadã e aproxima a escola da vida concreta dos estudantes.

Ao mesmo tempo, é importante observar que a metodologia freireana também é alvo de debates. Parte dos educadores considera que sua aplicação exige muito do contexto escolar, da formação docente e da realidade social em que é inserida. Há quem veja na ênfase política de sua obra uma contribuição indispensável para a formação crítica; há também quem considere que, em certos ambientes, essa abordagem pode ser interpretada de forma excessivamente ideológica ou insuficiente para responder a necessidades mais básicas, como alfabetização, disciplina pedagógica e aprendizagem sistemática. Ou seja, trata-se de uma referência central, mas não de um consenso absoluto.

A discussão, portanto, não está apenas em saber se a educação transforma, mas em como ela transforma. Sistemas educacionais com recursos limitados, currículos pouco conectados à realidade dos alunos e desigualdade de acesso continuam sendo obstáculos concretos. Em muitas regiões, a escola ainda enfrenta problemas estruturais que vão desde a falta de infraestrutura até a evasão escolar. Nesses casos, a capacidade de a educação produzir mudanças sociais depende de fatores que vão além da teoria pedagógica adotada.

Outro ponto relevante é o papel do professor. Independentemente da linha pedagógica, o educador segue sendo uma figura decisiva no processo de aprendizagem. Em algumas correntes, ele é visto como mediador do conhecimento; em outras, como transmissor de conteúdos organizados de forma progressiva e objetiva. Na prática, muitas escolas combinam elementos dessas diferentes visões. Isso mostra que o campo educacional é plural e que propostas distintas podem coexistir, desde que tenham como foco o aprendizado real dos estudantes.

Nas comunidades mais vulneráveis, a escola pode representar um espaço de proteção, convivência e abertura de horizontes. Para muitos alunos, ela é o primeiro lugar em que a palavra circula com mais liberdade, em que opiniões são ouvidas e em que o conhecimento aparece como ferramenta de construção de futuro. Ao mesmo tempo, essa promessa só se concretiza quando a instituição consegue oferecer condições mínimas de qualidade, estabilidade e acolhimento.

A educação também tem uma dimensão social mais ampla. Ela pode contribuir para reduzir desigualdades, fortalecer identidades e ampliar a participação na vida pública. Um país com ensino de qualidade tende a formar cidadãos mais preparados para interpretar informações,

dialogar com diferenças e participar de decisões coletivas. Nesse sentido, há amplo consenso de que investir em educação é estratégico. O debate começa, porém, quando se discute quais métodos são mais eficazes para atingir esse objetivo.

Por isso, em vez de tratar a educação como uma verdade única ou uma solução automática, talvez seja mais produtivo entendê-la como um campo de disputas e possibilidades. Há quem destaque a importância da consciência crítica; há quem priorize a alfabetização estruturada; há quem defenda o ensino por competências; há quem valorize a tradição disciplinar. Nenhuma dessas abordagens resolve sozinha os problemas educacionais. O que parece mais consistente é a combinação de princípios: boa formação docente, currículo claro, respeito à diversidade dos alunos, avaliação séria e compromisso com resultados concretos.

Nesse cenário, o pensamento de Paulo Freire permanece relevante justamente por provocar reflexão. Mesmo entre críticos de sua metodologia, sua influência é inegável. Ele ajudou a colocar no centro do debate a relação entre educação, poder e sociedade. Ao mesmo tempo, a escola do século vinte e um enfrenta desafios novos, que exigem adaptações, evidências e diálogo entre diferentes correntes pedagógicas. Defender a

educação como instrumento de liberdade não significa ignorar suas limitações práticas nem transformar uma teoria em dogma.

A força da educação talvez esteja exatamente nessa capacidade de reunir diferentes dimensões: conhecimento, disciplina, pensamento crítico, convivência, trabalho e cidadania. Mais do que preparar para o mercado, ela prepara para a vida em sociedade. Mais do que transmitir informações, ela pode formar a capacidade de compreender, argumentar e construir. Mas isso depende de escolhas pedagógicas responsáveis, de políticas públicas consistentes e de abertura para o debate.

Em última instância, a educação continua sendo um tema que merece menos slogans e mais seriedade. Ela pode, sim, ampliar liberdades e transformar trajetórias individuais e coletivas. Mas seu impacto real depende de método, contexto e compromisso. Reconhecer a importância de Paulo Freire, sem deixar de lado as críticas e os contrapontos, é uma forma de tratar o assunto com equilíbrio. E talvez seja justamente esse equilíbrio que mais falta ao debate educacional: respeito pelas ideias, atenção aos resultados e espaço para que diferentes visões contribuam para um objetivo comum, que é ensinar melhor.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"

RESENHA LITERÁRIA

O Apanhador no Campo de Centeio - J.D. Salinger

Por J.B Wolf



FAZER DOWNLOAD

Salinger apresenta um retrato cru e honesto da luta interna de Holden, destacando sua profunda sensação de desilusão com o mundo adulto, que ele vê como hipócrita e insensível. A jornada de Holden por Nova York, em busca de um lugar onde possa se sentir em casa, é um reflexo angustiante e comovente do desejo universal de conexão e compreensão.

A prosa de Salinger é marcada por um estilo coloquial e introspectivo que captura perfeitamente a voz de Holden, tornando suas experiências e pensamentos palpáveis e autênticos. A narrativa é repleta de momentos de humor e tristeza, oferecendo uma visão complexa e empática da mente de um jovem perturbado.

"O Apanhador no Campo de Centeio" é uma obra que continua a ressoar com leitores de todas as idades, oferecendo uma profunda reflexão sobre a vulnerabilidade humana e a dificuldade de encontrar um sentido no mundo. É um romance que não só entretém, mas também provoca uma introspecção sobre as próprias esperanças e angústias.

O Apanhador no Campo de Centeio", de J.D. Salinger, é um clássico da literatura americana que captura a turbulência da adolescência e a complexidade da busca por identidade. Narrado em primeira pessoa por Holden Caulfield, um jovem de 16 anos que foi expulso de sua escola preparatória, o romance explora temas de alienação, rebeldia e a transição para a idade adulta.

"O idiota de Fiódor Dostoiévski"

O idiota é uma das obras mais comoventes de Fiódor Dostoiévski. Abstrusa para os contemporâneos do escritor, mas atual e compreensível para quem a conhecer em nossos dias, ela conta a história de um jovem aristocrata russo que se atreve a defender o sublime ideal humanista numa sociedade regida pelas leis do livre comércio. Ovelha negra da alta-rodada de São Petersburgo, o príncipe Míchkin é tachado de idiota em virtude das suas qualidades morais e acaba perdendo de fato o juízo. Sua imagem de mártir e visionário, inspirada na do magnífico Dom Quixote de Cervantes, fica interiorizada pelo leitor; seu trágico fim leva-o a perguntar a si mesmo onde termina a loucura e começa a santidade do protagonista e, conseqüentemente, a repensar o próprio conceito daquilo que pode ser objeto de compra e venda no conturbado âmbito das relações humanas. Revisão técnica e notas da tradução por Oleg Almeida (escritor e tradutor bielorrusso).



FAZER DOWNLOAD

COMPORTAMENTO

Conectados: Como a era digital está moldando a adolescência.



Por Claudia Faggi
COLUNISTA

Jornalista Diplomada, Roteirista, Apresentadora de Televisão, Apaixonada pela sétima arte, Empreendedora digital do canal tudo_sobre cinema, Mulher e Mãe em construção.
@tudo_sobrecinema

Entre redes sociais, influenciadores e inteligência artificial, os adolescentes vivem hoje uma fase marcada por mudanças rápidas, oportunidades inéditas e novos desafios emocionais.



Nos últimos anos, a internet se consolidou como parte inseparável do cotidiano dos adolescentes. De tarefas escolares a momentos de lazer, das redes sociais aos jogos online, a vida digital tornou-se uma extensão da vida real. Se por um lado essa conexão amplia o acesso à informação e facilita a comunicação,

por outro, especialistas alertam para os riscos do uso excessivo.



De acordo com pesquisas recentes da Sociedade Brasileira de Pediatria, adolescentes passam, em média, mais de seis horas por dia conectados. Esse tempo, quando mal administrado, pode afetar o sono, prejudicar o

rendimento escolar e aumentar sintomas de ansiedade e depressão. O impacto vai além da saúde mental. Casos de cyberbullying, exposição a conteúdos impróprios e dependência de likes estão cada vez mais comuns. E ainda existe a cobrança. Se você não posta, parece que não existe. É como se tivesse que estar sempre mostrando alguma coisa. Por outro lado, a internet também oferece oportunidades importantes. Plataformas digitais aproximam amigos distantes, incentivam novas formas de aprendizado e possibilitam que jovens expressem suas opiniões. Acho que como tudo na vida, o segredo está no equilíbrio, além do acompanhamento dos pais.

Especialistas recomendam que famílias estabeleçam limites claros para o tempo de tela,

incentivem atividades fora do ambiente virtual e mantenham diálogo aberto sobre os desafios do mundo digital. Escolas também têm papel fundamental ao incluir a educação digital como parte da formação dos alunos. A internet é, sem dúvida, uma ferramenta poderosa. Cabe às novas gerações aprender a utilizá-la de maneira saudável e consciente, transformando riscos em oportunidades para crescer e se desenvolver.

Então, o que devemos fazer para minimizar os efeitos nocivos das redes e maximizar o que ela nos oferece de positivo?

Aqui vão algumas estratégias práticas para ajudar a estabelecer uma relação saudável com a internet.

Autoconsciência: Incentivar o adolescente a monitorar o tempo de uso. Conversar sobre seus sentimentos depois de passar muito tempo rolando o feed (ansiedade, comparação, cansaço).

Definir limites realistas: Usar ferramentas de controle de tempo no celular (como Bem-estar digital no Android ou Tempo de uso no iPhone), e começar diminuindo aos poucos.

Substituir, não só cortar: Trocar parte do tempo por atividades prazerosas offline: esportes, hobbies, leitura, música, encontros presenciais.

Propor desafios: “uma noite sem celular”, “fim de semana com mais tempo fora das telas”.

Criar zonas e horários sem celular: Durante refeições. Na hora de dormir (ideal: deixar o celular fora do quarto). Em momentos de estudo.

Apoio dos pais: Dar o exemplo: os adolescentes percebem quando os adultos também vivem grudados no celular. Negociar em vez de impor: ouvir o que eles acham justo e construir regras em conjunto.

Trabalhar o uso consciente: Incentivar a seguir perfis que inspiram e deixar de seguir os que geram comparação ou ansiedade. Praticar “desintoxicação digital” em períodos curtos, para sentir a diferença.

E por último, sempre acreditar no potencial dos nossos filhos. É possível criar relações profundas e sinceras na adolescência.

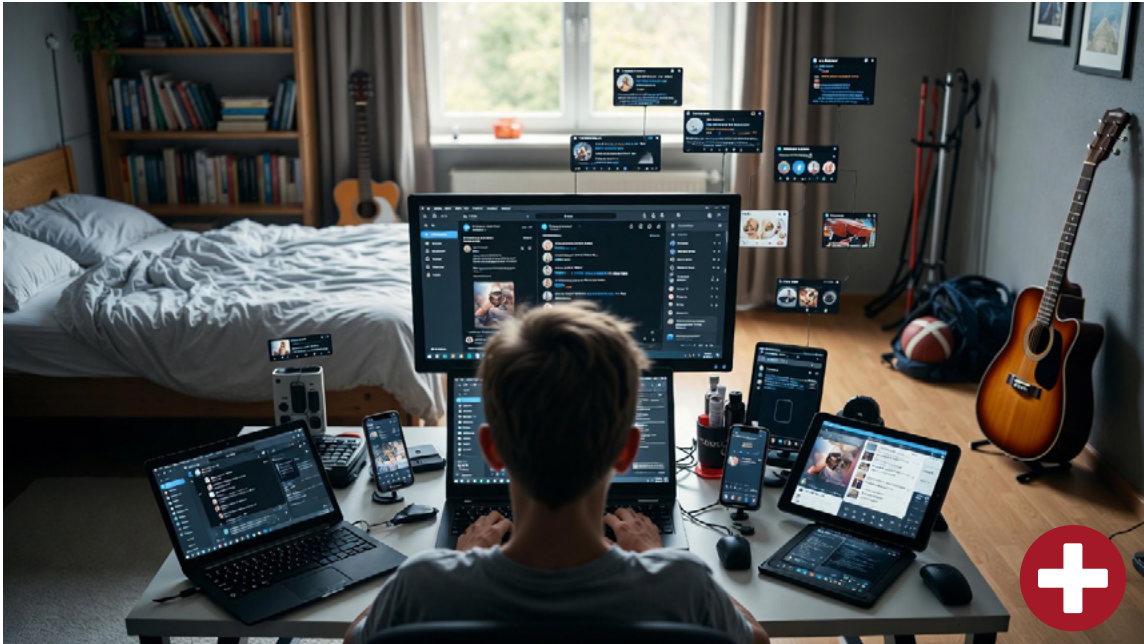
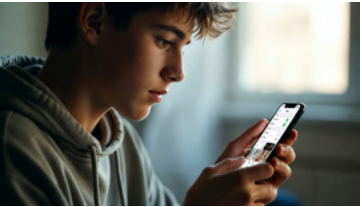


IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/12/2025”

Adolescentes e viagens em família: Desafios e descobertas na bagagem.

Por Claudia Faggi
COLUNISTA



Esses dias eu vi alguns vídeos na Internet, na verdade os famosos “memes”.

Foi muito divertido, aliás, mais do que isso, foi uma inspiração para essa coluna.

Quando eu era adolescente eu não tive a oportunidade de sair do Brasil. Eu e muitos brasileiros da minha geração. Tudo parecia mais difícil. Era inacessível.

O mais engraçado foi me deparar com pais levando seus filhos para viagens incríveis, lugares exóticos com culturas e biomas diferentes e seus adolescentes pareciam “sequestrados”, com

cara de tédio, como se estivessem na padaria da esquina.



Viajar em família sempre foi sinônimo de momentos especiais, mas quando os filhos

chegam à adolescência, o cenário pode mudar. E agora, o que devemos fazer?

Primeiro é interessante entender de qual fase estamos falando.

A adolescência é a fase da independência e é marcada pela busca de identidade.

É natural que o adolescente queira se afastar um pouco dos pais, testar seus limites e viver experiências próprias, o que pode gerar conflitos na hora de planejar férias em grupo.

Pais relatam dificuldade em escolher roteiros que agradem a todos. Enquanto os adultos desejam tranquilidade e cultura, os adolescentes pedem adrenalina, tecnologia e conexão com outros jovens.

É por isso que precisamos ter estratégias para evitar conflitos

Especialistas recomendam incluir os adolescentes no processo de escolha. Perguntar o que gostariam de fazer e reservar parte da viagem para atividades de interesse deles ajuda a reduzir resistências.

Quando o jovem sente que teve voz no planejamento, a experiência se torna mais positiva.

Outra dica é equilibrar momentos coletivos e individuais. Permitir que o adolescente tenha tempo para si, seja explorando um shopping, andando de bicicleta ou até navegando no celular contribui para um clima mais leve.

Benefícios para todos

Apesar dos desafios, viagens em família durante a adolescência podem fortalecer vínculos. É um período curto, logo eles estarão adultos e seguindo suas próprias rotas. Esses momentos ajudam a criar lembranças afetivas e referências de união.

Além disso, conviver em outros ambientes estimula empatia e colaboração. Dividir quartos, negociar passeios e lidar com imprevistos são aprendizados que vão além do lazer.

Tendência em alta

Agências de turismo já oferecem pacotes adaptados, com opções que conciliam passeios culturais para os pais e atividades de aventura ou tecnologia para os filhos. O objetivo é justamente tornar as férias uma experiência enriquecedora para toda a família.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/12/2025”



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

COMPORTAMENTO

Ansiedade Coletiva: Por que o mundo nunca esteve tão estressado?



Por Drika Gomes
COLUMNISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psiq

"Vivemos em uma Era em que a Mente Está Mais Exposta do que Nunca - A Hiperconexão nos Aproxima do Mundo, mas Também nos Aprisiona"

Vivemos em uma era em que a mente está mais exposta do que nunca. A hiperconexão nos aproxima do mundo em tempo real, mas também nos aprisiona em uma corrente invisível de informações, comparações e incertezas. Nunca fomos tão "conectados", e paradoxalmente, nunca estivemos tão perdidos dentro de nós mesmos.



A ansiedade coletiva cresce como uma onda silenciosa. De acordo com centros de pesquisa como o Harvard Center for Wellness, o estresse global vem atingindo índices alarmantes, não apenas pela velocidade da vida moderna, mas pela falta de pausas significativas. O ser humano deixou de ouvir o próprio ritmo interno para seguir o compasso de notificações incessantes, agendas exaustivas e expectativas inalcançáveis.

Na visão de Carl Gustav Jung, quando a sociedade se distancia dos símbolos que dão sentido à alma, a psique coletiva adocece. O que hoje chamamos de ansiedade em massa pode ser lido como um sintoma dessa desconexão: estamos abarrotados de estímulos externos, mas vazios de significado interno. A pressa, a comparação e o medo do futuro obscurecem o presente, e o inconsciente, não ouvido, grita através do corpo, palpitações, insônia, pensamentos acelerados.



A neurociência confirma esse movimento. O cérebro moderno vive em hiperativação da amígdala, região ligada ao medo e à resposta de luta ou fuga. O excesso de estresse mantém o corpo em alerta constante, liberando cortisol em doses que deveriam ser passageiras, mas se tornam crônicas. O resultado é uma mente fatigada, incapaz de focar, relaxar ou encontrar prazer no cotidiano.



No entanto, a mesma ciência nos mostra caminhos de retorno. A música, por exemplo, é uma ferramenta ancestral e atual: ativa o sistema límbico, regula neurotransmissores e pode nos levar a estados de ondas cerebrais



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/12/2025"

alfa e theta, associados à calma e à criatividade. Quando escolhemos conscientemente o que ouvir, estamos também escolhendo que química interna queremos estimular. Mozart, Bach ou sons da natureza não são apenas "relaxantes"; eles reprogramam o cérebro, trazendo ordem ao caos neuronal.

É nesse ponto que práticas ancestrais e modernas se encontram. Meditação, respiração consciente, caminhadas silenciosas ou até a coragem de simplesmente desligar o celular durante algumas horas, tudo isso são rituais de autocuidado que resgatam o indivíduo de uma cultura que idolatra a pressa. Como lembra Brené Brown em "A Coragem de Ser Imperfeito", precisamos aprender a ser vulneráveis e humanos novamente, aceitando limites, reconhecendo nossas falhas e escolhendo a pausa como ato de coragem.

O desafio da modernidade não é apenas lidar com crises externas, mas atravessar a crise interna que surge quando esquecemos de nós mesmos. A ansiedade coletiva é um reflexo da mente humana tentando sobreviver em um mundo que

exige superpoderes. A cura começa no instante em que decidimos estabelecer fronteiras: desligar as notificações, respirar antes de reagir, cultivar silêncio em meio ao barulho, criar beleza onde só há pressa.



Como psicanalista junguiana, vejo que cada crise também é um convite. A ansiedade é o chamado do inconsciente para que voltemos a nos ouvir. Como neurocientista, sei que é possível treinar o cérebro para reduzir os níveis de estresse e aumentar a resiliência. E como amante da música, acredito que cada nota pode ser um fio de Ariadne guiando a mente de volta ao centro.

A resposta à ansiedade global não está em

eliminar o mundo externo, mas em resgatar a harmonia interna. Porque, no fim, a verdadeira calma não é ausência de barulho, mas a capacidade de permanecer em silêncio mesmo quando tudo ao redor grita.



Por que nos apegamos tanto à nostalgia?



Por Stella Gaspar
COLUMNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar

O que é nostalgia?

O termo "nostalgia" é um composto neoclássico originado do grego, formado por (nóstos), um termo homérico que se traduz como "retorno ao lar", e (álgos), que tem o significado de "dor". Trata-se de um sentimento intrincado de afeto e nostalgia por acontecimentos, pessoas ou lugares do passado, que pode ser desencadeado por estímulos como músicas ou objetos, poesias, filmes, cenários, fotografias e aromas. Com o tempo, a palavra

perdeu parte de sua conotação patológica e passou a designar variados sentimentos. Seu conceito foi, inclusive, a palavra mais pesquisada em 2011, no Dicionário Priberam de Língua Portuguesa.

A visão moderna é que a nostalgia é uma emoção independente, e até positiva, que muitas pessoas vivenciam com frequência. Descobriu-se que a nostalgia desempenha funções psicológicas importantes, como melhorar o humor, aumentar a conexão social, aumentar a autoestima positiva e fornecer significado existencial.

Mas por que nos apegamos tanto à nostalgia?

Nos apegamos a ela porque oferece conforto, sentido e identidade, especialmente em tempos de incerteza. A nostalgia é um elo poderoso entre passado e presente, entre quem fomos e quem somos, é uma emoção, uma sensação complexa.

Ao longo da vida, do tempo vivido, cada pessoa encontra um mundo real repleto de oportunidades, criando histórias individuais, com marcas positivas ou negativas dentro de si. É sobre esse fenômeno que a nostalgia exerce seu poder: uma saudade doce do passado, que nos acompanha em diferentes fases da nossa existência, como as grandes emoções, as temuras, os vínculos afetivos profundos. O apego à nostalgia pode indicar tanto uma busca por sentido, quanto um refúgio diante das incertezas do agora.

A nostalgia é um encontro bonito, com o que somos e com o que fomos. Rememorar tempos em que nos sentíamos mais seguros, amados ou felizes acalma a mente e reduz o estresse. Ela é um convite para pensar, voltando ao passado, encontrando nele, lugar para a saudade, muitas vezes tornando o ontem mais atraente que

o hoje. Reverenciar o passado não significa rejeitar o presente, pelo contrário, é reconhecer que tudo o que vivemos faz parte de quem continuamos a ser e de quem ainda podemos nos tornar. Daí também ressaltamos a sua força cultural, moldando a sociedade contemporânea, inspirando, mesmo para aqueles que não viveram

essas épocas, unindo nossas memórias culturais, as enriquecendo dando uma nova cor, forma, as experiências que estão sendo vivenciadas na atualidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/12/2025"

COMPORTAMENTO

O Retorno à Natureza: Benefícios Mentais do Verde em Rotinas Urbanas



Por Drika Gomes
COLUNISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psique

A cidade nos ensina a acelerar.
A natureza nos ensina a permanecer.

Entre prédios, prazos e telas luminosas, o cérebro aprende a viver em estado de prontidão. Sons abruptos, notificações e fluxos constantes de informação exigem vigilância contínua, e vigilância prolongada se transforma em desgaste neurofisiológico.

Mas há algo curioso: bastam alguns minutos diante do verde para que o corpo mude de ritmo.

Não é romantização.
É neurobiologia.

Estudos conduzidos por Gregory Bratman, da Universidade de Stanford, demonstraram que caminhadas em ambientes naturais reduzem

significativamente a ruminação mental, aquele padrão repetitivo de pensamentos associado à ansiedade e depressão. Além disso, pesquisas em neuroimagem indicam diminuição da atividade em áreas ligadas ao estresse quando indivíduos são expostos a cenários naturais.

O cérebro humano não foi moldado pelo concreto. Foi moldado por paisagens abertas

O verde como sinal de segurança

Ambientes urbanos mantêm o sistema nervoso simpático ativado: ruído imprevisível, trânsito, excesso de estímulos visuais.

Já o verde, mesmo em pequenas doses, promove redução do cortisol e melhora da variabilidade da frequência cardíaca, indicadores fisiológicos de regulação autonômica.

Pesquisas sobre atenção restaurativa, desenvolvidas por Rachel e Stephen Kaplan, sugerem que ambientes naturais promovem o que chamaram de soft fascination, uma forma de atenção suave que permite ao cérebro recuperar sua capacidade de foco sem esforço cognitivo excessivo.

A natureza não exige resposta imediata. Ela oferece espaço.

A cidade fragmenta. A natureza integra.

Ambientes urbanos fragmentam a percepção: sinais, placas, anúncios, sons competitivos.

A natureza, por outro lado, apresenta padrões fractais, formas geométricas orgânicas que se repetem em diferentes escalas. Estudos sugerem que o cérebro responde positivamente a esses padrões por reconhecer coerência estrutural na paisagem.

Coerência reduz carga cognitiva

Redução de carga cognitiva facilita autorregulação.

Talvez o verde funcione como um afinador interno, não porque haja algo místico na cor, mas porque há memória no corpo.

Memória de cidos.
Memória de silêncio.
Memória de pertencimento.

E foi nesse ponto da reflexão que deixei

de pensar como pesquisadora, e voltei a sentir como corpo.

No início deste ano, passei alguns dias em um sítio.

Cavalos, galinhas, cabras, vacas.
Distante do ruído urbano.
Próxima do som da natureza.

Ali compreendi, na experiência direta, aquilo que tantos estudos descrevem em gráficos e dados.

Os sons naturais não competem com o sistema nervoso.

Eles o organizam.
O canto dos pássaros ao amanhecer.
A chuva caindo na terra.
O cantar dos galos na madrugada.
O relincho dos cavalos ecoando no vale.

Em três dias, descansei como se tivesse passado trinta.

Não foi apenas descanso físico.

Foi recalibração interna.

Cavalgando, senti o ritmo calmo e gentil dos cavalos sincronizando com minha respiração.

O cheiro de mato, a brisa suave com aroma de terra úmida, tudo vibrava em mim como se eu estivesse imersa em uma frequência orgânica, viva.

Era como se o ambiente inteiro pulsasse em 432 Hz natural.

Senti paz.
Serenidade.
Clareza.

Perguntas que me angustiavam perderam peso. Algumas respostas surgiram sem esforço, como se a mente tivesse finalmente encontrado espaço para ouvir.

Em determinado momento, parei diante de um rio de águas calmas.

Fiquei ali, apenas observando.

E era como se o silêncio do rio conversasse, sussurrando com o meu nervo vago.

Calmaria.
Paz.

Naquele instante, compreendi algo simples: a natureza não apenas regula o sistema nervoso.

Ela nos devolve à nossa própria natureza.

Micro-retornos como estratégia mental

Não é necessário abandonar a cidade para experimentar os efeitos do verde.

Pesquisas mostram que até mesmo a visualização de paisagens naturais em imagens pode reduzir marcadores fisiológicos de estresse. Plantas em ambientes internos, janelas com vista para árvores e pausas ao ar livre já produzem efeitos mensuráveis.

Em um mundo que exige desempenho contínuo, o contato com a natureza funciona como recalibração neural.

Desacelerar não é perder produtividade.
É recuperar equilíbrio.

Talvez o retorno à natureza não seja nostalgia.

Talvez seja memória biológica.

O cérebro ainda reconhece o que o acalma.

E, muitas vezes, esse reconhecimento começa com o verde.



IMAGEM GERADAPORIA "usando Grok" sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/03/2026"

Cyberbullying: o perigo silencioso que afeta a saúde emocional dos adolescentes



Por Claudia Faggi
COLUNISTA

Jornalista Diplomada, Roteirista, Apresentadora de Televisão, Apaixonada pela sétima arte, Empreendedora digital do canal tudo_sobre cinema, Mulher e Mãe em construção.
@tudo_sobrecinema

Quando a tela machuca, um risco real no ambiente digital

“O mundo mudou.” Nós escutamos isso todos os dias. O que nós chamamos de mudança gera consequências positivas e negativas em cada um de nós. Cada pessoa, independente da idade precisa se relacionar com o universo digital diariamente. Temos de nos atualizar, caso contrário ficamos para trás.

E com os nossos filhos adolescentes? Como funciona essas questões para quem já nasceu conectado? O que acontece quando é preciso se deparar com a opinião negativa, a brincadeira desnecessária e a violência digital? Como se defender de quem só criou coragem para falar atrás de uma tela?

O que antes terminava no portão da escola agora atravessa a madrugada dentro do quarto.

O cyberbullying, forma de violência praticada por meio de celulares, redes sociais, jogos online e aplicativos de mensagem, tornou-se um dos maiores desafios da adolescência. Os sinais são silenciosos. A provocação é constante e muitas vezes invisível aos adultos. O cyberbullying deixa marcas profundas emocionais.

O bullying tradicional acontece em espaços e horários específicos, o ataque virtual não tem pausa. A exposição é contínua. A humilhação pode ser compartilhada, curtida, comentada e replicada em segundos, ampliando o constrangimento e a sensação de impotência de quem é alvo.

A violência que não se vê, mas se sente. E o pior, muitas vezes o sofrimento é silencioso e camuflado por um adolescente que não quer contrariar “os amigos.”

Especialistas alertam que o cérebro adolescente ainda está em desenvolvimento,

especialmente nas áreas ligadas à autoestima, pertencimento social e regulação emocional. Por isso, comentários ofensivos, exclusões em grupos, montagem de imagens, boatos e mensagens agressivas têm impacto muito maior do que muitos imaginam e acreditam... a dor é grande e ecoa por toda família. Não é frescura e não é normal.

Do outro lado da tela, os abusadores são protegidos pelo anonimato ou pela sensação de “brincadeira”, agressores não percebem a dimensão do dano causado.

Para quem sofre, a situação é real, a dor profunda e os efeitos são claros. O importante é observar atentamente aos sinais:

- A queda no rendimento escolar, o isolamento social, a ansiedade e medo de se expor.
- Entre os alertas também existe a alteração no sono e no humor, Perda de autoconfiança e

sensação de vergonha constante.

- O adolescente passa a viver em estado de alerta, como se estivesse sempre sendo observado ou julgado.

O quarto deixou de ser refúgio

Se antes a casa era um lugar de proteção, hoje muitos jovens levam o problema no bolso. O celular, ferramenta de conexão e aprendizado, transforma-se também em canal de agressão. A violência acompanha notificações, vibra no silêncio da noite e invade momentos que deveriam ser de descanso.

Essa invasão contínua dificulta que o adolescente “desligue” emocionalmente da situação. A dor não encontra intervalo para cicatrizar.

Por que muitos pais não percebem?

O cyberbullying é discreto. Não deixa hematomas, não gera bilhetes da escola, não acontece na frente dos adultos. Além disso, adolescentes frequentemente evitam contar o que estão vivendo por medo de piorar a situação ou simplesmente perder o acesso ao celular.

O silêncio vira um mecanismo de defesa e é justamente nele que mora o perigo.

Educação digital é proteção, não controle.

Combater o cyberbullying não significa vigiar excessivamente, mas construir diálogo e confiança. Jovens precisam aprender que o mundo digital não é “terra sem lei” e que atitudes online têm consequências emocionais reais.

Tenho uma amiga pediatra. Um dia ela deixou o filho na minha casa para ir a um congresso sobre acidente infantil. Quando ela

veio buscar o filho eu perguntei qual era o maior acidente ligado a infância. A resposta foi clara. O pior acidente é aquele que desestabiliza a criança emocionalmente. Nunca esqueci disso!

Incentivar conversas abertas sobre o uso da internet é essencial para ensinar empatia e responsabilidade digital.

Orientar sobre como denunciar e bloquear agressões e observar mudanças de comportamento é muito importante.

Também temos de reforçar que pedir ajuda não é fraqueza.

Mais do que limitar telas, é necessário educar para o uso consciente delas... e isso não é fácil, não é cômodo.

Esse é um problema coletivo que exige atenção coletiva.

O cyberbullying não é apenas uma questão tecnológica é uma questão humana. Ele reflete relações, valores e a forma como uma geração está aprendendo a se comunicar.

Transformar esse cenário passa por escuta ativa, presença real e exemplos cotidianos de respeito. Porque, por trás de cada perfil, existe um adolescente em formação.

E nenhuma tela deveria ter o poder de ferir aquilo que ainda está aprendendo a se construir: a identidade, a autoestima e o sentido de pertencimento.

Vamos cuidar dos nossos filhos e prestar atenção nos nossos adolescentes.

Essa é a nossa responsabilidade.



IMAGEM GERADAPORIA "usando Grok" sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/03/2026"

COMPORTAMENTO

Redes Sociais e a Busca Pelo Status Efêmero



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

"Exibimos tudo para provar que existimos, mas o que sobra de nós quando o aplauso cessa?"



Hoje, ser não basta. É preciso exibir! Vivemos um tempo em que o brilho da aparência se confunde com a luz da presença. Cada gesto é calculado, cada instante é registrado, como se a vida só existisse quando confirmada pelo olhar alheio. Nunca fomos tão visíveis, e, paradoxalmente, nunca estivemos tão invisíveis!



As redes sociais transformaram o cotidiano em espetáculo. O "eu" virou vitrine, o sentir virou conteúdo, o instante virou performance! Publicamos tudo para provar que existimos, como se o silêncio significasse desaparecimento. E nessa ânsia de sermos vistos, esquecemos de nos enxergar.



Byung-Chul Han já alertava: vivemos a era da exposição, em que o sujeito se transforma em seu próprio produto. O elogio virou métrica, a intimidade, vitrine. Há mais autopromoção do que expressão, mais encenação do que encontro. Sherry Turkle chama isso de "solidão conectada": estamos cercados de vozes, mas carentes de presença real!

O status digital tornou-se a nova moeda



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/02/2026"

simbólica. Uma curtida vale um segundo de euforia, um comentário oferece o alívio de ser notado. Mas o efeito é curto, quase biológico. Passa rápido, e o vazio volta com mais fome! Buscamos, então, outra dose de aprovação, outro reflexo para preencher o espelho interno que nunca se satisfaz.

Zygmunt Bauman diria que vivemos numa modernidade líquida, onde até o afeto precisa de atualização constante. Nada fixa, tudo escorre. O amor, a opinião, o sucesso, o eu. O que era vínculo virou conexão instável, dependente da atenção do outro!

E o silêncio, esse território essencial do

pensamento, foi transformado em ameaça. Quem se cala parece sumir, quem não posta parece inexistir. O barulho digital é visto como sinal de vida. Mas o ruído não é presença, é fuga! O silêncio é onde o ser se reconcilia com o que é. Sem ele, restamos cansados, mesmo quando parecemos brilhantes.

O mais cruel é que a exibição constante nos rouba o direito de sermos inacabados. É preciso parecer feliz, parecer sábio, parecer interessante. Ser cansa, parecer dá trabalho, e ambos exaurem. O humano não cabe nesse molde de perfeição filtrada!

O que restará de nós quando o algoritmo

mudar? Quando o aplauso cessar? Talvez reste o que nunca dependeu da tela: o gesto, o encontro, o olhar que não precisa ser curtido para existir. Talvez reste a verdade que não se exhibe, mas se vive!

O maior ato de liberdade, hoje, talvez seja não mostrar. Guardar o instante. Deixar algo escapar da câmera. Viver o que não precisa ser visto. Ter segredos novamente! O que é íntimo não é o que se esconde, é o que se preserva. O essencial nunca foi efêmero. Apenas foi silenciado pelo barulho do exibido. Mas continua ali, à espera de quem ouse olhar de novo, sem filtro, sem público, sem pressa!

Rotinas matinais: como começar o dia com mais energia e foco?



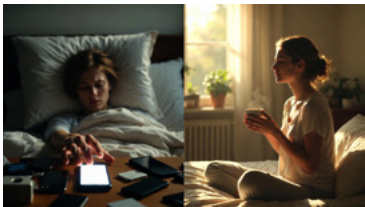
Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinamentos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

Acordar com o despertador do celular tornou-se a rotina de boa parte da humanidade em idade ativa (entre 15 e 64 anos). É natural, então que, mal abertos os olhos, já se chequem as notificações e se inicie o processo infinito de rolar a tela em busca de "não perder nenhuma informação importante". Apesar disso, vale lembrar que a forma como investimos nas primeiras horas do

dia é decisiva para a nossa qualidade de vida. O que entendemos como "produtividade" pode resultar em estados de saúde preocupantes. Isso porque é provado que, de maneira oposta, o contato imediato e prolongado com a tela logo ao acordar pode resultar na perda de foco nas horas seguintes.



Diante disso, não é coincidência que muitos empreendedores, como documentado em publicações como a Entrepreneur Magazine e livros de best-sellers como "The Miracle Morning", defendam a criação de um "ritual matinal". Isso seria a chave para um dia mais focado e com menos ansiedade. Ao invés de apertar o botão "soneca", sugere-se a construção de uma rotina matinal intencional e cientificamente testada.

Entende-se que o nosso "cérebro matinal" está mais receptivo à criação de hábitos. Isso porque as práticas matinais atuam diretamente no sistema nervoso, retirando-o do estado de alerta (ou inércia), em direção à ação consciente. Sendo assim, estudos de comportamento, publicados por periódicos balizados, como Harvard Business Review, propõem práticas matinais capazes de ativar o cérebro para a construção de uma mentalidade de desenvolvimento pessoal.

Dentre inúmeras sugestões de práticas pessoais, sugerem-se as atividades físicas, como o principal antídoto contra a inércia. Seja por meio de alongamentos ou exercícios leves ou até de treinos mais intensos, com musculação e cárdio, rotinas de exercícios físicos são excelentes para a manutenção da saúde de maneira global. Como ganho extra, esse "despertar físico", com vistas ao condicionamento do corpo, conta com elevação dos níveis de endorfina e o aumento do fluxo sanguíneo para o córtex pré-frontal, área do cérebro responsável pelo planejamento e pela tomada de decisões.

Em acréscimo, são sugeridas práticas de condicionamento mental, por meio de meditação ativa ou de estratégias de planejamento. Para o desenvolvimento da capacidade de atenção plena, também são muito bem-vindos momentos de silêncio e de oração; ou até mesmo práticas simples, como anotações das prioridades do dia em agenda física. Se empregados de maneira estratégica, esses mecanismos, aparentemente simples, podem combater a ansiedade do "muito a fazer" e, consequentemente, transformar um possível "dia caótico" em uma vivência organizada e mais gratificante.

Como professora de Língua Portuguesa, a minha sugestão é ainda mais simples: depende apenas de se ter um livro (mesmo que em versão digital!). Trata-se da leitura diária, hábito que atua como um desvio cognitivo de alta potência.

Prova disso é um estudo desenvolvido desde 2009 pela Universidade de Sussex (Inglaterra), que quantificou essa eficácia, revelando que apenas seis minutos de leitura

por dia podem reduzir os níveis de estresse em 68%! Impressionante, não é? Esse alívio é muito superior a outras atividades relaxantes comuns, como ouvir música (61%) ou tomar uma bebida quente (54%). Por quê? A leitura força a mente a focar em um universo fictício ou narrativo, distraindo-a ativamente dos pensamentos ansiosos, o que naturalmente desacelera o ritmo cardíaco e alivia a tensão muscular acumulada.

Foi com base nesta evidência científica sobre o poder da literatura, que desenvolvemos o projeto "6 minutos só meus". Trata-se de um convite para o investimento intencional no desenvolvimento pessoal. Nesse tempo curto, dedica-se à leitura profunda de literatura canônica, capaz de nutrir o intelecto e ressignificar emoções.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/01/2026"

CURIOSIDADES

Por que algumas estátuas antigas não têm narizes?



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar



Muitas estátuas antigas, especialmente da Grécia e do Egito, são vistas hoje sem nariz, gerando curiosidade em quem as observa. As estátuas não têm nariz principalmente por vandalismo intencional. Também por acidentes (o nariz, sendo uma parte saliente, é a primeira peça a quebrar em quedas ou impactos), e pelo desgaste natural causado pelo tempo e intempéries, especialmente em materiais mais frágeis como calcário ou terracota. Com o passar do tempo, fatores como erosão pelo vento, chuva, oxidação e mudanças de temperatura podem desgastar e enfraquecer a pedra ou o material usado na confecção da estátua. Assim, o nariz, por estar mais exposto, é uma das primeiras partes a se quebrar ou se desgastar. O nariz, por ser uma parte saliente e bastante exposta da figura esculpida, tende a ser uma das primeiras áreas a sofrer danos consideráveis. Sua posição e formato facilitam o desgaste acelerado, tornando-o especialmente suscetível a quebras, rachaduras e desintegração ao longo do tempo.

Alguns aspectos históricos

Em períodos de conflitos políticos, religiosos ou invasões, era comum que estátuas fossem danificadas propositalmente para desfigurar representações de reis, deuses ou figuras consideradas inimigas. Remover o nariz, por exemplo, era uma forma simbólica de retirar o “poder” ou a “vida” do retratado, já que, em algumas culturas, acreditava-se que a estátua poderia abrigar o espírito da pessoa representada.

- Egito Antigo: Muitas esculturas de faraós e divindades egípcias foram mutiladas em ataques iconoclastas ao longo dos séculos, principalmente no período greco-romano e durante invasões estrangeiras.
- Grécia Antiga: Guerras, invasões e mudanças religiosas também levaram à destruição de partes de esculturas, principalmente de deuses e líderes.

De acordo com Mark Bradley (2012), professor de clássicos da Universidade de Nottingham, mostra em suas pesquisas que foi exatamente isso que aconteceu com algumas dessas estátuas. No Egito, havia até um assentamento chamado Rhinokoloura (‘a cidade dos narizes cortados’) onde criminosos banidos, cujos narizes haviam sido cortados, eram enviados para o exílio. Além desses exemplos, existem inúmeros mitos e lendas que caracterizam a remoção do nariz como punição ou humilhação.



“Quem desfigurou essas obras de arte?”



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/02/2026”

O Nariz, como símbolo de clarividência.

Além de sua função fisiológica essencial, filtrando o ar e se comunicando com o cérebro por meio das células olfativas, o nariz também possui uma forte dimensão simbólica em diversas culturas. Em muitos contextos, é associado à intuição e à percepção aguçada do mundo, representando clarividência e uma conexão profunda com o ambiente ao redor. Essa simbologia se manifesta, por exemplo, na tradição bíblica, em que a expressão hebraica “longânimo” tem origem na ideia de “narizes longos”, sugerindo paciência e autocontrole. Assim, o nariz transcende o aspecto físico, tornando-se um atributo ligado à sabedoria, à capacidade de perceber além do óbvio e à tolerância diante das adversidades.

Ao longo dos séculos, estátuas antigas resistiram aos estragos de inúmeras batalhas ferozes. Essas estruturas não só eram frequentemente danificadas em guerras, como também eram alvos de novos governantes que buscavam afirmar seu poder, muitas vezes desfigurando e destruindo estátuas de dinastias anteriores.



Segundo Rachel Kousser (2024), professora de arte antiga na City University de Nova York,

todas as culturas do mundo antigo seguiam esse costume. Ao danificar estátuas, isso apagava e desacreditava indiretamente o prestígio histórico do antigo governante.

O legado histórico, das estátuas sem nariz, especialmente no contexto do Antigo Egito, revela uma profunda conexão entre arte, religião e política, indo muito além do simples desgaste natural.



A mutilação intencional das estátuas demonstra o quão poderosas essas representações eram para as civilizações antigas, servindo como pontos de encontro entre o divino e o humano.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

Participe do Edital da Revista The Bard

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:
Imagens que salvam a humanidade

40ª EDIÇÃO

Revista The Bard

Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS

Novembro e Dezembro 2026

22 categorias com temas livres

Clique aqui

Edital Novembro e Dezembro aberto até dia 30/09/2026.

CURIOSIDADES

Festas de Colheita, Solstício e Rituais de Passagem: As celebrações que moldaram o Ocidente



Por Edna Lessa
COLUNISTA

Professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poeta. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia, Vice-Presidente da Academia Tauaense de Letras, colunista da Revista Internacional The Bard
@ednalessa_escritora

"Antes dos relógios e calendários, eram a terra, o céu e os ritos que marcavam o tempo humano"

A Terra como centro das celebrações

Ao longo dos séculos a cultura ocidental foi marcada pelo ritmo da natureza. O ciclo das colheitas, os solstícios e os rituais de passagem organizavam não apenas o tempo, mas a vida social, espiritual e econômica das comunidades, antes mesmo da consolidação de estados modernos e das grandes religiões que foram institucionalizadas.

Na antiguidade, as sociedades agrícolas celebravam a colheita como uma questão de sobrevivência. Os povos antigos, a exemplo dos gregos, rendiam homenagens a divindades ligadas à fertilidade da terra em festivais para

agradecer a abundância recebida, e pedir proteção para o ciclo seguinte. Por toda a Europa festas semelhantes aconteciam e evidenciavam o fim do verão e o início do outono. Essas celebrações eram marcadas pela partilha de alimentos, oferendas, cantos e danças tradicionais. Eram verdadeiros momentos de coesão social, tendo em vista que fortaleciam laços comunitários e geravam dependência coletiva dos ciclos naturais.

Com o avanço do cristianismo, essas festividades foram sendo ressignificadas e incorporadas as novas tradições religiosas com novos cristãos. Um exemplo é o festival romano Saturnália que ocorria em dezembro e celebrava a abundância. Estudos apontam que algumas características e elementos festivos integram hoje a celebração da tradicional festa de natal.

Solstícios: quando o céu ditava o calendário

Por muito tempo o homem olhou para o céu como uma necessidade de entender melhor o tempo e a natureza. Antes de todo este aparato tecnológico que temos hoje, relógios, calendários, internet, satélites, entre tantos outros, o céu era o senhor do tempo. Era ele quem ensinava o homem quando plantar, colher, esperar e recomeçar de novo. E entre todos os eventos celestes observados na antiguidade, o solstício ocupava um lugar central.



O solstício é essencial para a organização do tempo na história da humanidade pois foi fundamental para a criação dos calendários agrícolas e religiosos que influenciaram o calendário ocidental. Este fenômeno natural ocorre duas vezes por ano, quando o sol atinge seu ponto mais extremo no céu, ou seja, o ponto máximo de afastamento do equador celeste, marcando os dias mais longos e mais curtos do ano. No hemisfério norte, o solstício de verão



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok" sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/02/2026"

acontece por volta de junho e o solstício de inverno, por volta de dezembro; no hemisfério sul ocorre o inverso.

Na antiguidade o sol funcionava como uma verdadeira bússola para os povos, pois observar seu movimento no céu permitia prevê as estações do ano e reconhecer os inícios e encerramentos de ciclos naturais. Por isso, tornou-se um símbolo crucial para os ritos e festividades das antigas civilizações. Assim, o solstício não é apenas um fenômeno astronômico. Ele representa um marco simbólico e prático na organização da vida humana influenciando a agricultura (orientando plantio e colheita), celebrações religiosas, festas populares e a própria estrutura do calendário usado no mundo contemporâneo.

Rituais de passagem: travessias e mudanças

A vida não é apenas uma sequência de dias, mas uma travessia permeada por ciclos que

constituem a existência humana. Desde as civilizações mais antigas, os rituais de passagem sinalizaram acontecimentos que marcam a vida de homens e mulheres: o nascimento, a entrada na vida adulta, o casamento, a velhice e até a morte. Os rituais de passagem desempenharam papel central na organização social do Ocidente. Na tradição cristã, sacramentos como o batismo e a crisma formalizam etapas espirituais e sociais do indivíduo. Em sociedades antigas, cerimônias de iniciação podiam envolver provas físicas ou espirituais, reforçando valores coletivos e preparando o jovem para assumir novas responsabilidades.



Embora o mundo contemporâneo seja predominantemente urbano e tecnológico, vestígios dessas celebrações continuam presentes em nossa cultura. As Festas juninas no Brasil, celebrações de natal, ano novo, os casamentos tradicionais e até as formaturas carregam traços simbólicos de antigas práticas. Ao longo do tempo, muitos desses rituais desapareceram ou foram ressignificados passando a ser vistos apenas como formalidades sociais. No entanto, enquanto humanidade, continuamos atravessando ciclos inevitáveis da existência: despedidas, perdas, amadurecimento, aprendizados e recomeços. A vida segue seu curso e as passagens continuam a marcar, de distintas formas, a nossa travessia.

 Sua marca aqui

Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto

"A arte do banner nós fazemos"

TÍTULO DO SEU ANÚNCIO AQUI

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates resipiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim bcatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaamdesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaamdesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure Seu endereço de Site aqui www.seusite.com.br

CURIOSIDADES

Música para Reis e para o Povo: Instrumentos Esquecidos e Rituais que Ainda Ecoam



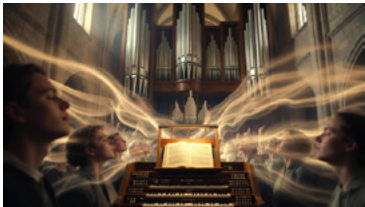
Por Drika Gomes
COLUNISTA

MBA em Neurociência, filosofia, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psique

Há algo na música que antecede a linguagem e, ainda assim, a organiza. Antes de ser entretenimento, ela foi estrutura. Antes de ser consumo, foi rito. Ao longo da história ocidental, a música não apenas acompanhou a vida coletiva, ela a moldou, definiu hierarquias e delimitou o sagrado e o cotidiano. Escutar esses vestígios hoje é, de certo modo, reencontrar a arquitetura invisível de uma civilização.

Nos grandes espaços de pedra das catedrais, o órgão não era apenas um instrumento. Era uma experiência física do divino. O ar atravessando seus tubos criava uma massa sonora contínua, capaz de envolver o corpo inteiro. Não se tratava de ouvir, mas de ser atravessado. O som organizava o espaço, elevava a percepção e conduzia a mente a um estado de solenidade que hoje raramente experimentamos. Havia ali uma intenção clara. A música como ponte entre o humano e o transcendente, como vemos nas composições de Johann Sebastian Bach, onde som e espiritualidade se tornam praticamente inseparáveis.



Nos mosteiros, o canto coral assumia outra função. Mais silenciosa, porém profundamente estruturante. O uníssono das vozes não buscava performance, mas alinhamento. Ao cantar junto, os indivíduos deixavam de operar como unidades isoladas e passavam a vibrar como um campo coletivo. O tempo desacelerava. A repetição criava estabilidade interna. Esses cantos, hoje chamados de gregorianos, carregam uma organização sonora que induz estados de calma e coerência fisiológica. O som não invadia. Ele organizava por dentro.

Mas a música não habitava apenas o sagrado. Nas ruas, nas feiras e nas celebrações populares, ela pulsava como extensão do corpo e da vida cotidiana. E é aqui que entram instrumentos que hoje parecem distantes, mas que já foram centrais na experiência coletiva.

A viela de roda, por exemplo, é um instrumento de cordas acionado por uma manivela. Em vez de arco, uma roda gira

continuamente e fricciona as cordas, produzindo um som constante, quase hipnótico. Algumas teclas permitem alterar as notas, criando melodias sobre um fundo sonoro contínuo. Era um instrumento de rua, muitas vezes associado a músicos itinerantes. Seu som carregava algo de repetição e transe, sustentando danças e narrativas populares.



A viola da gamba, por outro lado, pertence a um universo mais íntimo. Tocada com arco, apoiada entre as pernas, possui um timbre suave e profundo, diferente do violoncelo moderno. Seu som não projeta com força, ele convida à escuta próxima. Era comum em ambientes privados, salões e pequenas reuniões. Há nela uma qualidade quase confessional, como se cada nota carregasse uma nuance emocional delicada.

Já o saltério é um instrumento de cordas dedilhadas ou percutidas, com uma estrutura

plana, semelhante a uma caixa. Suas cordas são tocadas com os dedos ou pequenas palhetas, produzindo um som brilhante e vibrante. Foi muito utilizado em contextos tanto populares quanto religiosos, criando uma ponte entre esses dois mundos. Seu timbre claro atravessava ambientes abertos, acompanhando cantos, histórias e celebrações.

Esses instrumentos não eram apenas ferramentas sonoras. Eles organizavam a experiência coletiva. A música popular não era menor. Era outra forma de transcendência. Mais terrestre, mais corporal, mais visceral. Se nas catedrais o som elevava, nas praças ele enraizava. O corpo dançava, a comunidade se formava, o tempo era vivido em conjunto.

Esse contraste revela uma tensão que atravessa os séculos. Cultura erudita e cultura popular não são opostas, são dimensões diferentes de uma mesma linguagem. Uma estrutura o alto, a outra sustenta o chão. Quando essa relação se perde, a experiência se fragmenta.

Vivemos hoje um tempo que valoriza o novo como se ele fosse sinônimo de evolução. Sons são produzidos em escala, distribuídos com velocidade e consumidos de forma individual. Mas talvez a pergunta não seja apenas sobre inovação. Talvez seja sobre profundidade.



O que perdemos quando deixamos de viver a música como experiência coletiva e passamos a consumi-la de forma isolada? O que se desfaz quando os rituais desaparecem e o som se torna apenas fundo?

Redescobrir esses instrumentos e contextos não é um movimento nostálgico. É um retorno à origem da escuta. Quando revisitamos o órgão, o coro, a viela de roda, a viola da gamba ou o saltério, acessamos camadas da experiência humana que ainda estão vivas, mesmo que esquecidas.

A música sempre foi um espelho da sociedade. Onde há ordem, ela é harmonia. Onde há conflito, ela se fragmenta. Onde há transcendência, ela silencia.

E talvez, ao escutarmos o passado com mais atenção, possamos reorganizar o presente com mais consciência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026"

PUBLICQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI



CURIOSIDADES

A Língua Que Quase Conquistou o Mundo: o Legado Universal do Latim Pós-Roma

CURIOSIDADES
- Leia o artigo completo no Site



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/04/2026"

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

"A resiliência do latim, desvendando como, mesmo sem um império para sustentá-lo, ele manteve um domínio quase universal sobre o conhecimento e o poder."



Muito depois da queda do Império Romano, o latim, a língua dos césares e dos legionários, recusou-se a morrer. Em vez disso, ele se reinventou, tornando-se por séculos a língua franca da ciência, da diplomacia e da elite intelectual europeia. Este artigo explora a notável resiliência do latim, desvendando como, mesmo sem um império para sustentá-lo, ele manteve um domínio quase universal sobre o conhecimento e o poder. Mergulharemos nas razões de sua longevidade, seu papel crucial na formação da civilização ocidental e os fatores que, eventualmente, o levaram a ceder espaço às línguas vernáculas, deixando, contudo, uma marca indelével em nosso modo de pensar e comunicar.



A história das línguas é um espelho da história das civilizações. Impérios nascem e caem, fronteiras se movem, e com elas, as línguas florescem, se transformam ou desaparecem. No entanto, poucas línguas na história da humanidade exibem uma trajetória tão singular e resiliente quanto o latim. A língua dos césares, dos legionários e dos filósofos romanos, mesmo após a queda do Império Romano do Ocidente

em 476 d.C., recusou-se a ser relegada às páginas empoeiradas dos livros de história. Em vez disso, ela se reinventou, transcendendo suas origens geográficas e políticas para se tornar, por mais de mil anos, a língua franca indiscutível da ciência, da diplomacia, da lei e da elite intelectual em grande parte da Europa. O latim não apenas sobreviveu à ruína de seu império; ele prosperou, quase conquistando o mundo como uma língua universal do conhecimento.



Para entender essa notável longevidade, precisamos primeiro reconhecer o poder do Império Romano. Durante séculos, Roma impôs sua língua, sua lei e sua cultura sobre vastas extensões da Europa, Norte da África e Oriente Médio. O latim vulgar, a variante falada pelo povo e pelos soldados, espalhou-se e enraizou-se nas províncias, dando origem, séculos mais tarde, às línguas românicas que conhecemos hoje: italiano, francês, espanhol, português e romeno. Mas foi o latim clássico, o latim dos textos literários e filosóficos, que se tornou o veículo do saber e da administração.

Com a fragmentação do Império Romano do Ocidente, a Europa mergulhou em um período de instabilidade e transformações. No entanto, o latim não sucumbiu. Sua sobrevivência e proeminência foram, em grande parte, garantidas por uma instituição que se tornou a principal herdeira da organização romana: a Igreja Católica. O latim era a língua da liturgia, dos textos sagrados, dos documentos papais e da teologia. Através da Igreja, o latim manteve-se vivo nos mosteiros, nas escolas catedrais e, posteriormente, nas universidades medievais. Monges copistas preservaram e transcreveram não apenas os textos religiosos, mas também as obras dos autores clássicos, garantindo que o conhecimento da Antiguidade não se perdesse completamente.

Na Idade Média, o latim era a língua da erudição. Qualquer estudioso, de qualquer parte da Europa, que desejasse acessar o conhecimento acumulado, fosse ele teológico, filosófico, médico ou jurídico, precisava dominar o latim. As universidades, que começaram a surgir a partir do século XI, como Bolonha, Paris e Oxford, conduziam suas aulas, teses e debates inteiramente em latim. Era a língua que permitia a comunicação entre intelectuais de diferentes reinos, unindo-os em uma comunidade transnacional de saber. Um professor em Paris podia ler e debater as ideias de um colega em Bolonha, e um estudante em Oxford podia acessar os mesmos textos que um em Salamanca.

O Renascimento, a partir do século XIV, trouxe uma revitalização ainda maior para o latim. Os humanistas, fascinados pela cultura clássica, buscaram resgatar o latim em sua forma mais pura e elegante, o latim clássico de Cícero e Virgílio, que havia se distanciado um

pouco do latim medieval. Eles padronizaram a gramática e o vocabulário, transformando-o em um instrumento ainda mais preciso e sofisticado para a expressão de ideias complexas. O latim renascentista tornou-se a língua da filosofia, da poesia, da história e da correspondência entre os grandes pensadores da época, de Erasmo a Thomas More.



Foi nesse período que o latim consolidou seu status como a língua universal da ciência e da diplomacia. As grandes descobertas científicas, desde a astronomia de Copérnico e Galileu até a física de Newton, foram publicadas em latim. O "De Revolutionibus Orbium Coelestium" de Copérnico, o "Sidereus Nuncius" de Galileu e os "Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica" de Newton, obras que revolucionaram nossa compreensão do universo, foram escritas em latim. Isso garantia que suas ideias pudessem ser lidas e compreendidas por qualquer cientista ou intelectual em qualquer parte da Europa, independentemente de sua língua materna. O latim oferecia uma neutralidade e uma universalidade que nenhuma língua vernácula da época poderia igualar.

Na diplomacia, o latim era igualmente indispensável. Tratados internacionais, correspondências entre monarcas e papas, e os registros de concílios e assembleias eram redigidos em latim. Ele servia como uma ponte linguística entre nações com línguas e culturas diversas, facilitando as negociações e garantindo a clareza e a autoridade dos documentos oficiais. A pre-

cisão gramatical e a riqueza de seu vocabulário jurídico faziam do latim a escolha natural para a formulação de leis e acordos.

No entanto, a hegemonia do latim não duraria para sempre. A partir do século XVI, uma série de fatores começou a minar seu domínio, abrindo caminho para a ascensão das línguas vernáculas. A Reforma Protestante, por exemplo, incentivou a tradução da Bíblia para as línguas locais, tornando as escrituras acessíveis ao povo comum e diminuindo a dependência do latim eclesiástico. O surgimento dos estados-nação, com suas identidades culturais e linguísticas próprias, também impulsionou o desenvolvimento e a valorização das línguas nacionais.

Autores como Dante Alighieri na Itália, Geoffrey Chaucer na Inglaterra e Luís Vaz de Camões em Portugal demonstraram que as línguas vernáculas eram perfeitamente capazes de expressar a mais alta forma de arte e pensamento. A invenção da prensa de tipos móveis por Gutenberg, no século XV, embora inicialmente usada para imprimir muitos textos em latim, eventualmente acelerou a produção de livros em línguas vernáculas, tornando-os mais acessíveis e populares.



A ciência, que antes dependia do latim para sua universalidade, começou a perceber as vantagens de se comunicar nas línguas locais. A publicação em vernáculo permitia um alcance maior dentro de cada nação e, com o tempo, a tradução entre as línguas nacionais tornou-se

mais comum. No século XVIII, o Iluminismo, com sua ênfase na razão e na disseminação do conhecimento para um público mais amplo, consolidou o uso das línguas vernáculas na filosofia e na ciência.

Apesar de seu declínio como língua universal ativa, o latim deixou uma marca indelével. Sua influência é visível nas línguas românicas, que são suas filhas diretas, e também nas línguas germânicas, como o inglês, que absorveu uma vasta quantidade de vocabulário latino. Termos jurídicos, médicos, científicos e filosóficos em muitas línguas modernas têm raízes latinas. O latim moldou a lógica, a gramática e a estrutura de pensamento de gerações de intelectuais, e seu estudo ainda é considerado fundamental para a compreensão da cultura ocidental.

Hoje, o latim é uma língua "morta" no sentido de não ter falantes nativos, mas está longe de ser esquecida. Ele continua a ser estudado em escolas e universidades, é a língua oficial do Vaticano e é a base para a nomenclatura científica de espécies biológicas. Sua presença é sentida em cada palavra derivada, em cada expressão idiomática, em cada conceito jurídico ou filosófico que herdamos.

A história do latim pós-Roma é uma prova da capacidade de uma língua de transcender seu contexto original e se adaptar, de se tornar um veículo essencial para a construção e a transmissão do conhecimento humano. Ele não conquistou o mundo pela força das armas, mas pela força de suas palavras, de sua lógica e de sua capacidade de unir mentes através dos séculos. O latim, a língua que quase se tornou universal, permanece como um testemunho silencioso, mas poderoso, da interconexão do saber e da perene busca humana por compreensão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

CURIOSIDADES

A fascinante história do Trem Fantasma: Mito ou Realidade?



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

Muito além do suspense. Presente em lendas ferroviárias e em parques de diversão, o Trem Fantasma atravessa gerações como uma imagem que reúne medo, memória e entretenimento. Entre o sobrenatural e o susto encenado, a atração segue viva no imaginário popular, inclusive em festas tradicionais do Nordeste, nas festividades juninas.

Nos parques de diversão, o Trem Fantasma ganhou outra forma e outro destino: o entretenimento. O conceito remete às antigas atrações conhecidas como dark rides, popularizadas entre o fim do século XIX e o início do século XX e, ainda hoje, presentes em parques de vários países. No Brasil, diferentes lugares já abrigaram versões desse brinquedo. Entre os exemplos mais lembrados estão o Parque Guanabara, em Minas Gerais; o Parque Marisa, em São Paulo; e o Beto Carrero World, que mantém experiências imersivas de terror, como o Portal da Escuridão.

Para a ciência, os relatos de trens fantasmas podem ser explicados por fenômenos naturais mal interpretados, pela força da sugestão ou pelo peso da memória coletiva. Para muitos, no entanto, o enigma resiste. Há quem jure ter visto luzes sobre os trilhos, ouvido apitos na madrugada ou sentido o chão vibrar com a passagem de um trem que jamais chega à estação. É nesse cruzamento entre medo, lembrança e imaginação que a lenda permanece viva. Alimentada por acidentes históricos, depoimentos orais e pelo fascínio humano diante do inexplicável, ela continua a ocupar um lugar duradouro no imaginário popular.

Trem Fantasma junino no Maior São João do Mundo, em Campina Grande (PB)

No universo das festas juninas, o Trem Fantasma também encontrou espaço para se reinventar. Em Campina Grande, no contexto do Maior São João do Mundo, a atração já apareceu adaptada ao imaginário do folclore brasileiro, reunindo personagens como Cumadi Fulozinha, Caipora, Boitatá, Lobisomem, Vaqueiro Misterioso e Saci. A proposta transforma o susto em celebração cultural e aproxima o brinquedo de tradições e narrativas profundamente enraizadas no Nordeste.

Nessa versão, o visitante embarca em um percurso curto, cercado por cenografia, fumaça, iluminação e trilha sonora, enquanto encontra figuras lendárias transmitidas pela tradição oral. Mais do que um brinquedo, a experiência

funciona como porta de entrada para um repertório de histórias que atravessa gerações.

Em alguns casos, a atração é acompanhada de material explicativo sobre as lendas apresentadas no trajeto, reforçando seu caráter educativo e ampliando o vínculo entre entretenimento e cultura popular.

O Trem Fantasma e a nostalgia dos parques de diversão

Os parques de diversão atraem. Neles, famílias, crianças e amantes da aventura com adrenalina encontram um território onde luz, música, velocidade e fantasia se combinam para produzir experiências intensas. Mais do que simples passatempo, esses espaços acionam memórias, despertam sentidos e transformam o lazer em espetáculo compartilhado.

Entre mito e memória, o Trem Fantasma consolidou-se como uma das imagens mais nostálgicas dos parques de diversão. Para muitos, ele guarda o susto da infância; para outros, o encanto das atrações clássicas que marcaram as décadas de 1980 e 1990. Em sua forma mais conhecida, o brinquedo conduz os visitantes em minicarros por corredores escuros, povoados por monstros, múmias, vampiros e criaturas com vasto repertório do imaginário popular.

Em João Pessoa, o Trem Fantasma costuma integrar o parque de diversões montado no Parque Solon de Lucena, durante a Festa de Nossa Senhora das Neves. A celebração, além de homenagear a padroeira, marca o aniversário da capital paraibana e, tradicionalmente, ocupa o calendário da cidade entre o fim de julho e o dia 5 de agosto.

Na infância e na adolescência, eu me sentia irresistivelmente atraída por esse tipo de diversão, feito de sustos, suspense e expectativa. Mesmo cercado de carrosséis e rodas-gigantes, o Trem Fantasma sempre me parecia uma atração à parte. Havia nele algo que mobilizava até a imaginação dos adultos: bastava entrar no carrinho, sobre trilhos, para começar uma breve travessia no escuro, por um castelo povoado de monstros, fantasmas, múmias e outras criaturas ameaçadoras. Eu demorava a entrar, porque sabia que enfrentaria o medo do escuro e a sensação de que, a qualquer momento, alguém poderia puxar meu cabelo, segurar minha perna ou me arrancar do carrinho. A música alta aumentava o suspense; as mãos começavam a suar e, quando o trem partia, eu já me sentia envolvida por um medo sem forma, acompanhado de um frio na barriga. No percurso, surgiam os fantasmas, e a única certeza era a de que os sustos só terminariam quando o trenzinho parasse. O alívio vinha com a luz da saída, meu e de tantos

outros que desciam dali entre risos, tensão e encantamento.

Quando a viagem termina, o corpo ainda guarda um leve sobressalto, mas a memória já começa a filtrar o medo e a transformá-lo em diversão. Fica à vontade para esperar que o próximo parque seja montado, e para reunir coragem para embarcar outra vez.

Entre a memória e as emoções

Entre a assombração e a brincadeira, o Trem Fantasma atravessa o tempo como imagem viva do imaginário popular. Seja nos trilhos da lenda, seja nos carrinhos dos parques de diversão, ele continua a mobilizar emoções antigas: o medo do desconhecido, o fascínio pelo mistério e a alegria nervosa de quem encara a escuridão sabendo que, ao final, restará uma cativante história para contar. Talvez por isso nunca desapareça por completo, porque, mais do que uma atração ou uma narrativa de terror, o Trem Fantasma é também uma memória coletiva em movimento.

Como uma atração que mistura medo, memória, nostalgia e cultura popular. Entre lendas ferroviárias, parques de diversão e festas juninas do Nordeste."



IMAGEM GERADA POR IA “usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/06/2026”

PUBLIQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

CURIOSIDADES

A Sinfonia da Alma: como ordens religiosas desvendam o poder curativo do som muito antes da ciência

CURIOSIDADES

- Leia o artigo completo no Site



IMAGEM GERADA POR IA “usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/05/2026”

POR
The Bard News, Redação

“Hoje a neurociência confirma que essas práticas influenciam o sistema nervoso autônomo, reduzem o estresse e fortalecem laços sociais.”

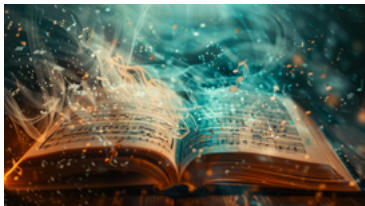


Durante séculos, a religião tratou o som como ponte entre o corpo e o invisível. Em mosteiros, abadias, templos e retiros espirituais, cânticos repetidos, mantras, salmódias e coros não serviam apenas para ornamentar a fé. Eles organizavam o tempo, disciplinavam a respiração, unificavam a comunidade e, muitas vezes, produziam uma experiência subjetiva de calma, concentração e transcendência. Hoje, com a neurociência e a psicologia do estresse avançando sobre temas antes reservados à espiritualidade, cresce o interesse por uma pergunta antiga: haveria, por trás do silêncio sagrado e da repetição sonora, um efeito real sobre o corpo e a mente?

A resposta mais honesta é que sim, mas com nuances. A ciência contemporânea já reconhece que determinadas práticas sonoras podem influenciar a respiração, a frequência cardíaca, a atenção, o nível de estresse e até marcadores fisiológicos ligados ao bem-estar. Isso não significa que cânticos e frequências tenham poderes milagrosos nem que curas instantâneas possam ser atribuídas ao som. Significa, porém, que as tradições religiosas podem ter intuitivamente descoberto um mecanismo poderoso muito antes de a linguagem científica existir para descrevê-lo.

Em várias culturas, o som sempre foi mais do que arte. No cristianismo medieval, especialmente nas ordens monásticas, o canto gregoriano ganhou status de disciplina espiritual. Suas linhas longas, cadência livre e ausência de virtuosismo instrumental criavam uma atmosfera de reco-

lhimento. Em vez de excitar, o canto parecia acalmar. Em vez de impor velocidade, induzia lentidão. A repetição, a melodia monofônica e o ambiente acústico das igrejas de pedra ajudavam a prolongar a reverberação e a mergulhar os fiéis em uma experiência de escuta mais profunda.



Não era por acaso que arquitetos e religiosos davam tanta importância ao espaço. As grandes catedrais europeias, com arcos altos, naves extensas e superfícies duras, funcionavam como câmaras de ressonância. A voz se espalhava, retornava, pairava no ar. O efeito não era apenas estético. Em contextos de baixa iluminação, ritos demorados e pouca distração visual, o som preenchia o ambiente e ajudava a produzir estados de atenção concentrada. Para os monges, isso fazia parte da oração. Para a ciência atual, pode ser descrito como modulação da excitação fisiológica e indução de relaxamento.

Em tradições orientais, o princípio era semelhante, embora com outras linguagens. No budismo, no hinduísmo e em outras correntes contemplativas, a repetição de mantras é usada para focar a mente, reduzir dispersão e ancorar a atenção em um padrão sonoro estável. O valor do mantra não está apenas em seu significado literal. Está também na vibração produzida pela repetição ritmada, na cadência respiratória e na concentração que ela exige. Em práticas de japa, dhikar e outras formas de vocalização meditativa, o som se torna uma técnica de atenção.

Esse ponto é importante porque ajuda a separar ciência de crença. Quando praticantes falam em energia, alinhamento ou ressonância espiritual, estão descrevendo experiências vividas e sistemas simbólicos legítimos. A ciência, por sua vez, consegue medir alguns efeitos associados: menor ativação do sistema de estresse, sensação subjetiva de tranquilidade, melhora de foco e redução de ruminação mental. O que ela ainda não pode fazer, com a mesma segurança, é confirmar alegações mais amplas sobre cura de doenças complexas ou reparação de DNA por frequências específicas. Essas hipóteses circulam em ambientes de bem-estar, mas carecem de validação robusta e consistente.

Ainda assim, o campo da musicoterapia e da pesquisa em neurociência do som oferece indícios sólidos de que o corpo responde ao ambiente acústico de modo significativo. Ritmos lentos podem favorecer a desaceleração fisiológica. Vocalizações repetidas podem sincronizar respiração e reduzir a atividade associada ao alerta. Canto coletivo pode reforçar vínculos sociais e diminuir a sensação de isolamento. Mesmo a experiência de ouvir música de modo contemplativo já foi associada, em diferentes estudos, à redução de ansiedade e à melhora do humor em alguns contextos clínicos.

Há também uma dimensão neurológica menos visível, mas igualmente relevante. Práticas sonoras repetitivas podem ajudar a interromper a ruminação, aquele ciclo mental de pensamentos repetidos que costuma acompanhar ansiedade, estresse e sofrimento emocional. Quando a mente se ocupa de um padrão sonoro estável, há menos espaço para a espiral do excesso de pensamento. É uma lógica simples, mas poderosa: a repetição organizada do som ocupa o lugar do ruído interno. Por isso tantas tradições insistem na recitação, no canto e na escuta disciplinada.

O interesse contemporâneo por esses efeitos levou o tema para além dos claustros e dos centros espirituais. Hospitais, clínicas de reabilitação e consultórios têm incorporado práticas ligadas à musicoterapia em apoio a tratamentos convencionais. Não se trata de substituir medicamentos ou terapias clínicas, mas de usar o som como ferramenta complementar. Em alguns ambientes de cuidado, música calma e ritmada ajuda pacientes a relaxar antes de procedimentos. Em outros, a participação em atividades sonoras contribui para aliviar o desconforto emocional em quadros de ansiedade, dor crônica e estresse.

Essa redescoberta moderna, porém, deve ser acompanhada de cautela. Há uma tendência crescente de transformar qualquer prática sonora em promessa terapêutica universal. Isso é um erro. Nem todo som cura, nem toda frequência faz o que a publicidade promete. A popularização de conceitos como frequências “mágicas” e tons capazes de “harmonizar células” costuma misturar ciência real com linguagem mística de consumo rápido. Em vez de rejeitar o tema, o jornalismo responsável deve separar o que é observado experimentalmente do que pertence ao campo da crença ou do marketing.

Mesmo assim, o fascínio persiste porque a experiência humana do som é profunda. Ao contrário de outras formas de estímulo, o som atravessa o corpo. Ele não é apenas ouvido, é

sentido. Vibra no peito, altera a percepção de espaço, modifica o ritmo da respiração e molda a atenção. Quem já participou de um coro, assistiu a uma liturgia cantada ou permaneceu em silêncio dentro de uma igreja com boa acústica sabe que o som pode produzir efeitos difíceis de reduzir a números. O que as ordens religiosas compreenderam, talvez sem fórmulas laboratoriais, foi que a repetição sonora organizada é capaz de criar um ambiente interno e externo de recolhimento.

A arquitetura reforçou esse efeito. Mosteiros e templos não eram apenas cenários da prática sonora, mas instrumentos dela. Corredores longos, abóbadas, pedras frias e espaços vazios aumentavam a reverberação e davam à voz uma espécie de prolongamento sagrado. Em vez de competir com o som, o ambiente o amplificava. Isso criava uma experiência sensorial total, na qual o praticante não apenas ouvia, mas era envolvido pelo som. É uma tecnologia antiga, simples e sofisticada ao mesmo tempo.

Há, inclusive, uma dimensão social nesse uso. O som compartilhado organiza o grupo. Quando uma comunidade canta junto, respira junto e repete a mesma sequência de palavras, produz uma forma de sincronização coletiva. Essa sincronização pode reforçar pertencimento, disciplina e confiança mútua. Em tempos de fragmentação social, não é surpreendente que muitos busquem novamente essas práticas, ainda que em versões laicizadas, como corais, meditação guiada e sessões de escuta terapêutica.

O desafio contemporâneo é não transformar esse legado em superstição nem desprez-lo como mera curiosidade folclórica. As ordens religiosas podem não ter falado em neurotransmissores, sistema nervoso autônomo ou variabilidade da frequência cardíaca, mas observaram efeitos que hoje começam a ser descritos com precisão científica. Em vez de opor fé e ciência, talvez o mais correto seja reconhecer que a fé

preservou, por séculos, uma prática cuja racionalidade só agora começa a ser compreendida em outra linguagem.

Isso não significa que o som substitua tratamento médico, psicoterapia ou mudanças concretas de vida. Significa que ele pode ser um aliado real, sobretudo quando integrado a práticas mais amplas de cuidado. O canto, o mantra, o coral, o silêncio entre as notas e a atenção à respiração podem compor uma ecologia de bem-estar que atue sobre estresse, foco e sensação de presença. O valor disso é enorme, especialmente em um mundo marcado por excesso de estímulo, pressa e dispersão.

No fundo, a história do som sagrado é a história de uma intuição humana persistente: a de que vibração, repetição e escuta podem reorganizar não apenas o ambiente, mas o próprio estado interior. Talvez seja por isso que essas práticas sobreviveram a impérios, reformas religiosas, revoluções tecnológicas e ceticismos de toda ordem. Elas tocam em algo elementar. Antes de ser linguagem de fé, o som é linguagem do corpo. Antes de ser doutrina, é ritmo. Antes de ser explicação, é experiência.

E é justamente essa experiência que explica sua permanência. Em tempos em que a ciência reconhece cada vez mais a relação entre atenção, respiração, emoção e fisiologia, o legado sonoro das tradições religiosas deixa de parecer um enigma místico e passa a ser visto como uma herança sofisticada de cuidado humano. Nem milagre, nem ilusão. Apenas uma forma antiga e surpreendentemente atual de lembrar que ouvir, em certos contextos, também é uma maneira de curar.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/06/2026”

SAÚDE & BEM-ESTAR

O retorno à cozinha caseira: um caminho para a saúde familiar



Por Renata Munhoz
COLONISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

Basta rolar a tela em qualquer rede social para assistir a centenas de vídeos com dicas de receitas culinárias. Cozinhar voltou a ser uma prática reconhecida socialmente. Isso porque muitos são os estudos que associam a longevidade e a qualidade de vida a dietas de alimentação balanceada e saudável. Comer bem, com alimentos orgânicos e de processamento lento, voltou a ser uma prática de destaque social, sobretudo pelo custo elevado dos alimentos mais nutritivos.



Sendo assim, a alimentação deixa de ter como finalidade única a sobrevivência. Ela representa um meio de construção e manutenção dos laços afetivos, afinal no ritmo da vida cotidiana, poucas famílias conseguem sequer se reunir no momento das refeições, quiçá cozinhar em grupo.

Já não se discute o alto preço à saúde do consumo constante dos alimentos ultraprocessados. É do senso comum que a conveniência e a rapidez da ingestão de produtos industrializados repercute em graves distúrbios da saúde. Nesse contexto, o retorno ao hábito ancestral de alimentos preparados em casa não é apenas um resgate da tradição, mas uma estratégia fundamental para a saúde familiar e do fortalecimento dos laços afetivos.



A culinária doméstica, como explica Michael Pollan em *Cooked: A Natural History of Transformation*, é um dos pilares da cultura humana, além de representar um ato de carinho e cuidado com os familiares. Cozinhar em casa é uma prática que contém em si duas etapas de empenho pessoal: a cuidadosa curadoria dos ingredientes e o domínio dos métodos de preparo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok" sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/01/2026"



Quanto à curadoria, a busca pela qualidade nutricional costuma contar com a seleção de alimentos naturais, in natura ou minimamente processados, como vegetais, grãos e carnes frescas. Essa seleção é a base de uma dieta saudável e equilibrada, conforme consistentemente recomendado pelos Relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS).



Sobre o método de preparo dos alimentos, entende-se que a prática possa representar consistente forma de desenvolver a criatividade e garantir o senso de realização no ambiente doméstico, dentre outras tarefas rotineiras que costumam ser consideradas socialmente "inglórias".

Além dos benefícios óbvios para a saúde física e mental, o ato de cozinhar em casa impacta diretamente na conexão familiar. A cozinha, historicamente o coração do lar, tem o poder de unir. A renomada cronista gastronômica Nina Horta ressalta a importância da culinária afetiva, aquela que reconecta as pessoas à sua história e aos seus entes queridos por meio dos sentidos do paladar e do olfato.

Não costumo escrever em primeira pessoa, mas neste texto tomo a liberdade de trazer um depoimento pessoal, com o exemplo do Fábio Retta, meu marido, um cozinheiro apaixonado pelas minúcias das receitas. Para ele, o ato de cozinhar começa bem antes da panela: ir ao supermercado ou ao hortifruti, escolhendo pessoalmente os melhores ingredientes, é o passeio mais interessante que pode existir, um ritual de carinho e dedicação. Ele usa sua balancinha de precisão para pesar todos os ingredientes. Essa prática chama a atenção de nosso filho de 7 anos, que costuma se envolver nos preparos de maneira colaborativa.



Esse exemplo pessoal mostra que cozinhar em sua própria casa pode significar mais do que mero um fardo a ser cumprido diariamente. Ao contrário, pode representar uma forma potente de, a partir de receitas simples, envolver todos os membros da família com vistas a planejar as refeições em prol da saúde e da integração familiar.

Isso porque cenários de cozinha promovem interação familiar e permitem que os adultos e as crianças desenvolvam habilidades essenciais e criem memórias afetivas longe das telas. Afinal, quanto mais receitas reais são preparadas, menos minutos são empregados na rolagem das telas e, por consequência, os conceitos de "conexão" e de "compartilhamento" voltam a integrar a vida real e não apenas a digital.



Participe do Edital da Revista The Bard

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:

Imagens que salvam a humanidade

40ª EDIÇÃO

Revista *The Bard*
Poesia, arte e música
MATERIA DE CAPA
DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS
Ano 8 - Nº 48 - Edição Novembro e Dezembro 2025

22 categorias com temas livres

Clique aqui

Edital Novembro e Dezembro aberto até dia 30/09/2026.

SAÚDE & BEM-ESTAR

Jejum de Dopamina: A Chave para Recuperar o Foco na Era da Distração Infinita?

SAÚDE & BEM-ESTAR
Leia o artigo completo no Site

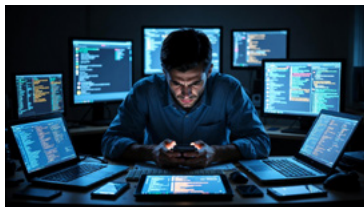
POR
The Bard News, Redação

"Como o Detox Digital Pode Reeducar Nosso Cérebro e Reconquistar a Capacidade de Concentração Perdida"



A cena é familiar para quase todos nós: o dia termina com uma sensação de esgotamento, mas com a frustrante percepção de que pouco foi de fato realizado. A lista de tarefas permanece intacta, a mente parece nublada e a ansiedade pulsa silenciosamente. Onde foram parar as horas? A resposta, muitas vezes, está na palma da nossa mão, vibrando com notificações, piscando com curtidas e oferecendo um fluxo interminável de conteúdo. Vivemos imersos na era da distração infinita, e nossa saúde mental está pagando o preço.

Nesse cenário de sobrecarga digital, uma tendência ganha força e adeptos em busca de um alívio: o jejum de dopamina. O nome pode soar extremo, quase como uma privação autoimposta do prazer. Contudo, a proposta é mais sutil e profunda. Não se trata de eliminar a alegria da vida, mas de reeducar um cérebro que se tornou dependente de estímulos rápidos e artificiais. Seria este "detox digital" a solução para reconquistar nosso foco, nossa paz interior e nossa produtividade?



Desvendando a Dopamina: O Motor da Motivação

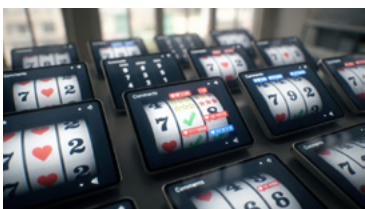
Para entender o conceito do jejum, primeiro é preciso corrigir um erro comum sobre a dopamina. Popularmente conhecida como o "neurotransmissor do prazer", sua função é, na verdade, mais complexa. A dopamina não é a recompensa em si, mas sim o motor que nos impulsiona em direção a ela. É a molécula da antecipação, do desejo e da motivação.

Ela é liberada quando antecipamos algo bom, seja uma refeição saborosa, uma interação social ou a conclusão de uma tarefa. É o que nos faz levantar da cama para buscar o café, o que nos move a trabalhar em um projeto na expectativa do resultado. O problema não está na dopamina, mas no que a tecnologia moderna fez com seu delicado sistema de funcionamento.



O Sequestro Digital do Nosso Sistema de Recompensa

As plataformas digitais, de redes sociais a aplicativos de streaming, são projetadas com uma precisão cirúrgica para explorar nosso sistema dopaminérgico. Cada curtida, cada comentário, cada nova postagem no feed funciona como um pequeno e imprevisível pulso de recompensa. É o princípio da "recompensa variável intermitente", o mesmo que torna as máquinas de caça-níqueis tão viciantes. Nunca sabemos quando virá o próximo estímulo positivo, então continuamos a verificar, a rolar a tela, a atualizar a página.



Essa estimulação constante e de alta frequência cria um ciclo perigoso. O cérebro, inundado por esses picos artificiais de dopamina, começa a se adaptar. Os receptores de dopamina perdem a sensibilidade, um processo conhecido como regulação para baixo. Na prática, isso significa que precisamos de estímulos cada vez maiores para sentir o mesmo nível de motivação ou satisfação.

O resultado é uma apatia generalizada. Atividades que antes eram prazerosas, como ler um livro, caminhar ao ar livre ou ter uma conversa profunda, parecem entediadas e sem graça. Elas não oferecem a mesma descarga dopaminérgica instantânea que um vídeo curto ou uma notificação. Nosso cérebro foi "sequestrado", condicionado a desejar apenas o próximo clique, a próxima atualização, a próxima dose digital.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok" sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/01/2026"

O Jejum de Dopamina: Resetando o Cérebro

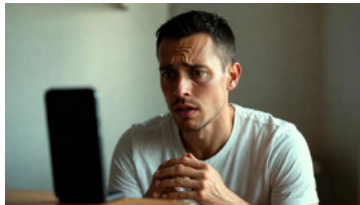
É aqui que entra o jejum de dopamina. Popularizado pelo psiquiatra californiano Dr. Cameron Sepah, o termo refere-se a uma prática de se abster temporariamente de comportamentos impulsivos que ativam o sistema de recompensa de forma problemática. É crucial entender: o objetivo não é evitar a dopamina, o que é impossível e indesejável, mas sim reduzir a exposição a estímulos de gratificação instantânea.

O jejum permite que os receptores de dopamina do cérebro "descansem" e se recuperem. Ao cortar o fluxo incessante de estímulos digitais, damos a eles a chance de voltar ao seu estado normal de sensibilidade. A meta é que, após o período de abstinência, atividades simples e naturais voltem a ser percebidas como recompensadoras e prazerosas. É como limpar o paladar após consumir alimentos muito açucarados para poder apreciar novamente o sabor sutil de uma fruta.

Uma Jornada Prática: Acompanhando um Detox Digital

Imagine uma rotina de Marcos, um profissional de marketing de 32 anos. Ele se sentia constantemente ansioso, procrastinava tarefas importantes e passava horas rolando o feed de redes sociais sem propósito. Decidido a mudar, ele se propôs a um jejum de dopamina de uma semana.

As regras eram claras: nada de redes sociais, vídeos online ou jogos no celular. O trabalho seria feito em blocos de foco, com o celular em outro cômodo. As primeiras 48 horas foram, segundo ele, "agonizantes". O tédio era imenso, e o impulso de pegar o celular para "verificar algo rapidinho" era quase incontrolável. Ele se sentia inquieto e irritado.



No entanto, a partir do terceiro dia, algo começou a mudar. O tédio forçou Marcos a procurar outras atividades. Ele desenterrou um violão antigo, começou a ler um romance que estava na estante há meses e passou a fazer caminhadas mais longas no parque perto de casa. Pela primeira vez em muito tempo, ele conseguiu se concentrar em um relatório de trabalho por mais de duas horas seguidas. No final da semana, o sentimento era de clareza. "Eu me sentia mais calmo, mais presente. O mundo parecia ter mais cores, mais texturas. Eu percebi que não estava perdendo nada importante online, mas estava perdendo a vida que acontecia bem na minha frente", relatou.

Um Guia para Começar seu Próprio Jejum

A experiência de Marcos ilustra o potencial da prática. Para quem deseja experimentar, não é preciso tomar medidas radicais imediatamente. O processo pode ser gradual e adaptado à realidade de cada um.

1. Identifique os Comportamentos Problemáticos: O primeiro passo é a autoconsciência. Quais são os seus gatilhos? É a rolagem infinita no Instagram? São as notificações do trabalho fora do horário? É o consumo de notícias 24 horas por dia? Seja específico e honesto consigo mesmo.

2. Defina Regras Claras e Atingíveis: Comece com um período curto. Por exemplo, proponha-se a ficar uma hora por dia sem o celular, ou determine um "toque de recolher digital", desligando todos os aparelhos eletrônicos após

as 21h. Outra regra pode ser não usar o celular durante as refeições.

3. Substitua, Não Apenas Remova: O vácuo deixado pela ausência dos estímulos digitais precisa ser preenchido. Planeje atividades analógicas que você goste ou queira experimentar: praticar um esporte, aprender um instrumento, cozinhar uma nova receita, encontrar amigos pessoalmente, ou simplesmente sentar em silêncio e organizar os pensamentos.

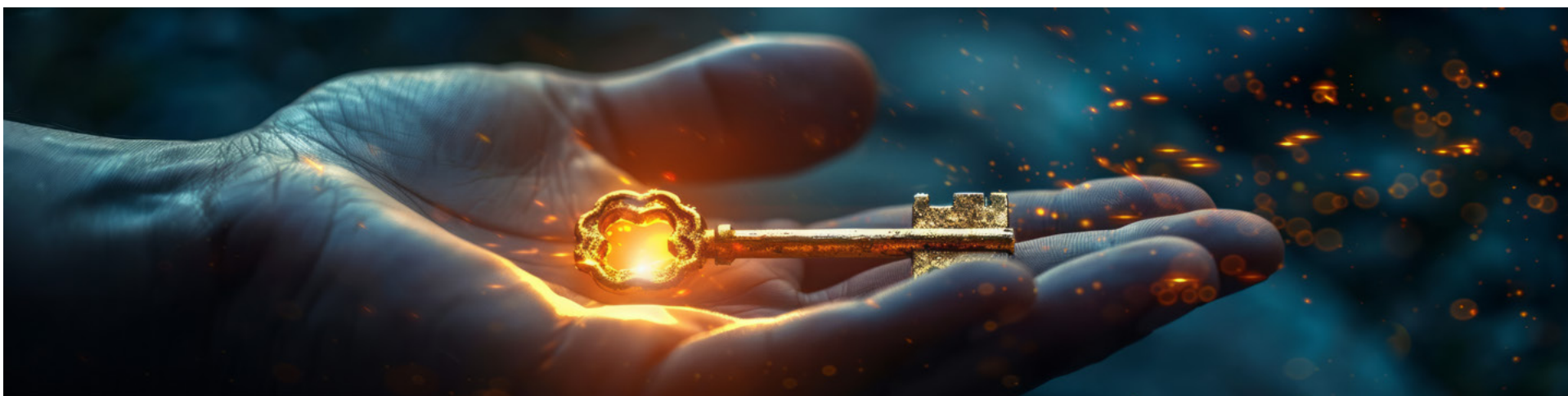
4. Encare o Desconforto Inicial: Espere sentir tédio, ansiedade e uma forte vontade de voltar aos velhos hábitos. Isso é normal e é um sinal de que o cérebro está começando a se reajustar. Encare esse desconforto como parte do processo de cura.

5. Reintegre a Tecnologia com Intenção: O objetivo final não é viver como um eremita digital, mas desenvolver uma relação mais saudável e intencional com a tecnologia. Após o período de jejum, ao reintroduzir os aplicativos e plataformas, faça isso com um propósito claro. Use as redes sociais para se conectar com pessoas específicas, e não para consumir conteúdo passivamente.

Recuperando as Rédeas da Nossa Atenção

O jejum de dopamina não é uma panaceia milagrosa, mas sim uma ferramenta poderosa de autoconhecimento e autocontrole em um mundo projetado para nos manter distraídos. Ele nos convida a questionar nossa relação com a tecnologia e a reconhecer o valor inestimável do nosso foco e da nossa saúde mental.

Ao reduzir a cacofonia digital, permitimos que a sinfonia sutil da vida real volte a ser audível. Redescobrimos o prazer em uma conversa sem interrupções, a beleza de uma paisagem observada com atenção plena e a profunda satisfação de concluir uma tarefa com foco total. Em última análise, a prática nos ensina que a verdadeira recompensa não está na próxima notificação, mas na capacidade de estar verdadeiramente presente em nossa própria vida.



SAÚDE & BEM-ESTAR

Frequências sonoras como 432 Hz e 528 Hz ganham espaço na regulação do sistema nervoso



Por Drika Gomes
COLONISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psique

SAÚDE & BEM-ESTAR
- Leia o artigo completo no Site



O uso de frequências sonoras específicas, como 432 Hz e 528 Hz, tem despertado interesse crescente em abordagens voltadas à saúde mental e ao bem-estar. Embora ainda não exista consenso científico sobre efeitos diretos dessas frequências isoladas, observações clínicas e estudos exploratórios indicam que determinados estímulos sonoros podem contribuir para a regulação do sistema

nervoso, favorecendo estados de relaxamento, reorganização da atenção e redução de padrões de hiperalerta.

A música, de forma ampla, já é reconhecida pela neurociência como um modulador potente de estados emocionais e fisiológicos. Pesquisas demonstram que o som é capaz de ativar estruturas cerebrais como amígdala, hipocampo, tálamo e córtex pré-frontal, regiões diretamente envolvidas na memória, na emoção e na tomada de decisão. Autores como Daniel Levitin e Jaak Panksepp destacam que a experiência musical mobiliza circuitos profundos do cérebro, incluindo sistemas ligados ao prazer, à antecipação e à regulação afetiva.

Nesse contexto, as frequências puras - aquelas apresentadas sem melodia, ritmo ou composição musical - vêm sendo estudadas por sua capacidade de reduzir a complexidade cognitiva do estímulo auditivo. Isso tende a diminuir a sobrecarga mental e facilitar o direcionamento da atenção para o mundo interno. Em um estudo observacional qualitativo com 12 adultos, realizado em ambiente terapêutico controlado, a exposição contínua a frequências como 432 Hz e 528 Hz, durante sessões de 45 minutos, revelou padrões consistentes de resposta subjetiva.



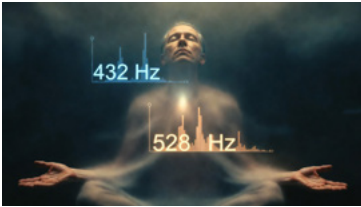
Na frequência de 432 Hz, os participantes relataram, de forma unânime, relaxamento profundo, sensação de leveza corporal e redução significativa do estado de alerta externo. Houve também aumento da introspecção e maior clareza emocional. Esses efeitos são compatíveis com uma possível redução da atividade do sistema nervoso simpático, responsável por respostas de estresse, e maior ativação de estados parassimpáticos, associados ao repouso e à recuperação. Do ponto de vista neurobiológico,



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

isso pode indicar menor reatividade da amígdala e maior estabilidade nos circuitos de regulação emocional.

Já a frequência de 528 Hz apresentou respostas mais heterogêneas, mas igualmente relevantes. Parte dos participantes descreveu relaxamento e sensação de flutuação, enquanto outros relataram experiências de expansão perceptiva e conexão ampliada com o ambiente ou com a própria consciência. Tais relatos são frequentemente observados em estados meditativos profundos e podem estar associados à modulação da Rede de Modo Padrão (DMN), sistema cerebral relacionado à construção do "eu" e à atividade mental autorreferente.



Especialistas apontam que a redução de estímulos auditivos complexos, como melodia e ritmo, pode favorecer o chamado processamento interoceptivo - a capacidade de perceber

sinais internos do corpo. Esse processo está diretamente ligado à regulação emocional e à diminuição da ansiedade, uma vez que desloca a atenção de estímulos externos potencialmente estressores para uma experiência interna mais estável e integrada.

Outro aspecto relevante é a repetição e a constância do estímulo sonoro. Diferentemente de músicas com variações dinâmicas, as frequências puras mantêm uma estabilidade que pode atuar como um "âncora neural", auxiliando o cérebro a sair de estados de dispersão ou hiperatividade. Essa característica pode ser especialmente útil em contextos de ansiedade, insônia e dificuldade de foco.



Apesar dos resultados promissores, a comunidade científica ainda ressalta limitações importantes. O estudo citado baseia-se em dados subjetivos, sem medições fisiológicas

como eletroencefalograma (EEG), variabilidade da frequência cardíaca (HRV) ou marcadores hormonais. Além disso, o número reduzido de participantes e a ausência de grupo controle indicam a necessidade de pesquisas mais robustas e controladas para validar essas hipóteses.

Ainda assim, o interesse por intervenções baseadas em som cresce à medida que se amplia a compreensão sobre a relação entre cérebro, corpo e ambiente. Em um cenário contemporâneo marcado por excesso de estímulos, aceleração mental e altos níveis de estresse, estratégias que favoreçam estados de calma e reorganização interna ganham relevância.

A principal conclusão, até o momento, é que a experiência não depende exclusivamente da frequência em si, mas da interação entre o estímulo sonoro, o contexto em que é aplicado e a organização neural de cada indivíduo. Nesse sentido, as frequências como 432 Hz e 528 Hz se apresentam não como soluções isoladas, mas como ferramentas potenciais dentro de um campo mais amplo de cuidado e regulação do sistema nervoso.



PUBLIQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião).
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

SAÚDE & BEM-ESTAR

A Inflamação Emocional: Quando Conflitos Constantes Envenenam o Corpo



Por J.B Wolf
EDITOR-CHEFE

Poeta e Escritor
@poetajbwolf

“

Em um mundo cada vez mais interconectado, mas paradoxalmente isolado, as relações humanas tornaram-se um campo fértil para conflitos e tensões.”



Em uma época em que todos falam de alimentação saudável, atividade física e exames de rotina, um dos fatores mais destrutivos para a saúde continua frequentemente ignorado: os conflitos emocionais constantes. Discussões que nunca terminam, ambientes hostis, relacionamentos tóxicos e a sensação de estar permanentemente na defensiva não afetam apenas o humor. Eles podem inflamar o corpo por dentro, alterar o sistema imunológico e abrir caminho para doenças que vão do coração à depressão. O que a ciência chama hoje de inflamação crônica de baixo grau tem, muitas vezes, origem em algo que não aparece em exames de imagem: a forma como vivemos e administramos nossas emoções.

A ligação entre mente e corpo sempre fez parte de tradições filosóficas e espirituais, mas só nas últimas décadas ganhou corpo em pesquisas sistemáticas. A psiconeuroimunologia, campo que estuda a interação entre sistema nervoso, sistema imunológico e estados psicológicos, vem demonstrando que emoções não são apenas experiências subjetivas. Situações de estresse, medo, raiva e tristeza prolongadas se traduzem em alterações químicas mensuráveis, que envolvem hormônios, neurotransmissores e moléculas inflamatórias. Nesse contexto, conflitos constantes funcionam como um gatilho que mantém o organismo em alerta, como se estivéssemos sempre diante de um perigo iminente.

Para entender essa dinâmica, é preciso olhar primeiro para o funcionamento natural do corpo diante de uma ameaça. Em situações de risco agudo, como um assalto, um acidente ou um ataque físico, o organismo aciona uma resposta conhecida como luta ou fuga. Glândulas adrenais liberam adrenalina e noradrenalina, aumentando batimentos cardíacos, pressão arterial e fluxo de sangue para músculos. Em paralelo, o hormônio cortisol é liberado, ajudando a mobilizar energia e modulando o sistema imunológico. É uma resposta inteligente e adaptativa, que serviu à sobrevivência da espécie.



O problema começa quando essa resposta, pensada para momentos pontuais, torna-se quase permanente. Conflitos constantes, humilhações repetidas, expectativas de explosões de raiva, bullying, violência psicológica e ambientes familiares ou profissionais tensos mantêm o organismo nesse estado de alerta prolongado. O que era para ser um mecanismo de emergência transforma-se em rotina. O cortisol deixa de ser um aliado e passa a desregular processos fundamentais, como o sono, o apetite, o metabolismo da glicose e a própria resposta imune.

É nesse ponto que entra a inflamação. Em condições ideais, a inflamação é um processo benéfico. Quando há um corte na pele ou uma infecção localizada, células de defesa são ativadas e liberam substâncias que ajudam a combater agentes invasores e a reparar tecidos. A região fica quente, vermelha e dolorida, sinais de que o corpo está trabalhando para se proteger. Isso é a inflamação aguda, um recurso essencial para a sobrevivência.

Já a inflamação crônica se comporta como um incêndio de baixa intensidade que nunca se apaga. Não há um corte evidente nem uma bactéria específica a combater, mas o sistema imunológico segue produzindo mediadores inflamatórios em excesso. Entre essas substâncias estão as citocinas pró inflamatórias, como interleucina 6 e fator de necrose tumoral alfa, e a proteína C reativa, produzida pelo fígado. Exames de sangue podem detectá las em níveis elevados em pessoas aparentemente saudáveis, mas submetidas a estresse emocional prolongado.

Estudos conduzidos em universidades e centros de pesquisa de renome vêm reforçando essa conexão. Pesquisas com casais em conflito mostraram que discussões hostis não só pioram a percepção de bem estar, como também elevam marcadores inflamatórios horas e até dias depois do episódio. Em experimentos controlados, casais que discutiam temas sensíveis com agressividade verbal apresentavam níveis de proteína C reativa mais altos do que aqueles que, mesmo discordando, mantinham um tom de respeito. Em outros estudos, pessoas que relataram viver em ambientes de trabalho tóxicos, com assédio moral ou pressão constante, exibiram ativação inflamatória superior à de colegas que atuavam em condições menos hostis.

A lista de doenças ligadas à inflamação crônica é ampla. Doenças cardiovasculares estão entre as mais estudadas. A formação de placas de gordura nas artérias, processo conhecido como aterosclerose, não é apenas um acúmulo mecânico de colesterol. Envolve um componente inflamatório forte. Citocinas em excesso contribuem para lesar a parede dos vasos e facilitar o depósito de gorduras e células de defesa mal reguladas. Ao longo do tempo, essas placas podem se romper, originando coágulos que levam a infartos e derrames. Quando conflitos emocionais mantêm o corpo em estado inflamatório, eles se tornam um fator indireto, mas real, de risco para o coração.

Outra área sensível é o metabolismo. A resistência à insulina, passo importante no caminho para o diabetes tipo dois, também está relacionada à inflamação. Em organismos inflamados cronicamente, células tornam se menos sensíveis à ação da insulina, o hormônio que facilita a entrada de glicose nos tecidos. O pâncreas precisa trabalhar mais, liberando quantidades maiores de insulina, até que, em muitos casos, não consegue mais compensar. A combinação de alimentação inadequada, sedentarismo e inflamação emocional cria um terreno fértil para o surgimento dessa doença, que hoje é epidemia global.



A saúde mental também não passa ilesa. Durante muito tempo, depressão e ansiedade foram tratadas como problemas restritos à mente, desvinculados do corpo. Hoje, pesquisas sugerem que, em muitos casos, a inflamação crônica participa ativamente desses quadros. Níveis elevados de certas citocinas foram encontrados em pessoas deprimidas. Experimentos mostram que indivíduos submetidos a injeções de



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/04/2026”

substâncias pró inflamatórias passam a relatar sintomas depressivos, mesmo sem mudanças significativas em sua biografia. A hipótese é que a inflamação altere a produção e a ação de neurotransmissores como serotonina e dopamina, interferindo diretamente em humor, motivação e prazer. Isso não reduz a importância de fatores psicológicos e sociais, mas amplia o quadro para incluir uma dimensão biológica da dor emocional.

Doenças autoimunes, em que o sistema imunológico passa a atacar tecidos do próprio corpo, também parecem ser sensíveis ao impacto do estresse emocional prolongado. Pacientes com lúpus, artrite reumatoide, psoríase e outras condições relatam piora dos sintomas após períodos de conflitos intensos, lutos mal elaborados ou crise familiar. A explicação, ainda em construção, aponta para uma combinação de predisposição genética, exposição a fatores ambientais e um sistema imune constantemente provocado por descargas hormonais relacionadas ao estresse.

Nesse cenário, ambientes tóxicos deixam de ser apenas incômodos e passam a ser vistos como ameaças à saúde integral. Convivências marcadas por críticas constantes, manipulação, violência verbal, desqualificação e falta de empatia funcionam como uma espécie de vazamento crônico de veneno no organismo. Relações em que não há espaço para descanso emocional, seja em casa ou no trabalho, mantêm o corpo em modo de combate, dia após dia. Parece exagero, mas, na prática, é como se cada discussão agressiva ou humilhação acrescentasse uma pequena dose de combustível à fogueira inflamatória interna.

Diante disso, a pergunta inevitável é: o que fazer para reduzir esse impacto sem cair em soluções simplistas? Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que a mudança raramente é possível apenas da porta da pele para dentro.

Técnicas individuais de manejo de estresse, como meditação, exercícios respiratórios e psicoterapia, são ferramentas importantes e têm eficácia demonstrada em reduzir a reatividade fisiológica a estímulos estressantes. Práticas de atenção plena, por exemplo, ajudam o indivíduo a perceber seus estados internos e a criar um espaço entre o estímulo e a resposta, diminuindo a intensidade com que conflitos são vividos.

No entanto, não basta ensinar alguém a respirar fundo se o ambiente em que essa pessoa vive é estruturalmente abusivo. Há casos em que a única estratégia realmente eficaz é afastar se. Encerrar relações marcadas por violência, buscar outro emprego quando o trabalho se transforma em agressão diária, estabelecer limites claros com familiares que ultrapassam fronteiras de respeito repetidamente, tudo isso faz parte de um pacote de autocuidado que tem impacto direto na inflamação emocional. É uma decisão difícil, muitas vezes dolorosa, mas ignorar o preço cobrado pelo corpo pode sair ainda mais caro no futuro.

A construção de redes de apoio é outro elemento central. Relações saudáveis, baseadas em respeito, escuta e cooperação, têm efeito protetor. Estudos com grupos de pessoas que relatam sentir se apoiadas por amigos, família ou comunidade mostram níveis mais baixos de marcadores inflamatórios, mesmo em contextos de dificuldade. Compartilhar dores, dividir responsabilidades e ter com quem contar reduz a sensação de ameaça permanente. O organismo, nessa situação, pode finalmente baixar a guarda em alguns momentos, e isso se reflete em quedas reais na ativação do sistema de estresse.

Há ainda o papel das políticas públicas e da cultura organizacional. Empresas que tratam o adoecimento mental como fraqueza ou mimimi contribuem, diretamente, para inflamar seus funcionários. Ambientes de trabalho que valorizam metas a qualquer custo, normalizam

jornadas abusivas e banalizam assédio criam caldo ideal para inflamação emocional em larga escala. O mesmo vale para sistemas educacionais que produzem competição desmedida e humilhação constante. Se a ciência mostra que conflitos constantes envenenam o corpo, a lógica aponta para a necessidade de rever conceitos de produtividade e sucesso que se alimentam do esgotamento dos indivíduos.

Finalmente, não se pode ignorar o papel da informação qualificada. Em tempos de redes sociais, mensagens alarmistas e conselhos rasos, existe o risco de transformar qualquer desconforto em diagnóstico ou de culpabilizar indivíduos por adoecimentos que têm raízes profundas em estruturas sociais. Falar de inflamação emocional não significa dizer que toda doença é resultado de pensamento negativo ou má gestão de conflitos. Trata se, ao contrário, de reconhecer a complexidade do organismo humano e lembrar que saúde não é apenas ausência de sintomas físicos, mas também equilíbrio nas relações e nos afetos.

Em última análise, a ideia de que conflitos constantes envenenam o corpo é um convite a levar a sério aquilo que muitas vezes tentamos minimizar. A discussão que parece apenas mais uma, o relacionamento que se arrasta em agressões veladas, o ambiente de trabalho em que a tensão é rotina, tudo isso pode estar se convertendo em mensagens químicas silenciosas, escritas no sangue, nos vasos, no cérebro. Ninguém tem como eliminar totalmente o estresse e os conflitos da vida. Mas é possível, e necessário, escolher com mais cuidado quais batalhas valem a energia e quais relações merecem permanecer. Cuidar da saúde emocional, nesse contexto, é também cuidar do coração, do sistema imunológico, do cérebro e de cada célula que responde, em silêncio, àquilo que vivemos por fora.

SAÚDE & BEM-ESTAR

A Espiritualidade é uma Aliada ou uma Alienante para a Saúde Mental?



Por Sandra Santiago
COLONISTA

Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: “A história da exclusão das Pessoas com deficiência”; “Memórias de Estágio”; “Problematizando a inclusão do estudante surdo”.

@sandraassantiago

Desde que se tem registros, o ser humano deixa evidências de sua necessidade de explicações, de uma busca por sentidos que escapam à dimensão material. Rituais, danças, cantos, simbolismos etc. ocuparam (e ocupam) lugar de destaque no cotidiano dos grupos, em contextos distintos, com diferentes objetivos. No passado, seja para vencer uma batalha ou para curar uma doença, o ser humano não o fez sozinho; buscou na natureza, nos ancestrais, nos guias ou nos deuses, o apoio necessário para enfrentar adversidades, compreendendo que há uma dimensão, para além da física, que é possível alcançar, cuidar, tratar e curar.

Assim, desde tempos remotos, temos exemplos claros da interação humana com o que se convencionou chamar de espiritualidade, ou seja, uma atividade do espírito, enquanto esfera não física. De tal forma, a busca pela espiritualidade é uma busca de conexão com algo que seja maior do que o próprio homem; com algo que transcende o mundo material; que escapa ao que é tangível, e cujo acesso se dá por vias como a fé, os sonhos, a intuição e os sentimentos, pois, estes seriam os verdadeiros elos de ligação entre a dimensão física e a dimensão não física, entendidas como parte da natureza humana.

Nessa conexão, para muitas abordagens espiritualistas (Chinesa, Hindu, Cristã), o ser vivencia a expressão máxima de uma convicção profunda, que não exige provas ou garantias materiais para se estabelecer. Mais recentemente, essa visão encontra ressonância com a visão de mundo quântica, uma visão científica, cuja premissa básica é de que a essência de tudo é a energia (não a matéria como defende a física clássica). Portanto, as experiências que o ser humano assimila não se dão somente no plano físico, ou seja, através do corpo físico, mas, em outros corpos mais sutis que integram o ser humano.

Dessa perspectiva, o ser humano possui corpos: espiritual, mental, emocional, físico etc. e, com base nisso, podemos inferir que o adoecimento mental, assim como seu tratamento e a cura não pode se dá (tão somente) por ações direcionados ao corpo físico; precisam alcançar os outros corpos, oferecendo-lhes o “medicamento” compatível com suas necessidades. Então, buscar tratamentos não físicos é, por assim dizer, buscar esse poder superior que os antigos povos acreditavam e buscavam na natureza, nos ancestrais, na divindade etc., integrando todos os corpos em prol da saúde.

Por outro lado, ao longo de séculos, a humanidade foi se distanciando desta concepção, destinando à espiritualidade ao campo das religiões, o que em alguma medida atribuiu a ela um olhar de descrédito. Em meio ao progresso científico, buscando responder às necessidades humanas apenas pela dimensão material, a relação do ser humano com a espiritualidade ficou cada vez mais confusa. Talvez numa necessidade de se sentir poderoso, capaz de caminhar sozinho, sem a presença de algo maior do que ele mesmo, o homem de ciência se destituiu de espírito. Talvez esse desejo desenfreado pelo poder afastou a humanidade daquilo que lhe é inerente: sua espiritualidade. Pouco a pouco, a ciência foi ocupando esse lugar e de algum modo, o ser humano se sente mais criador do que criatura. Mas, isso teve um preço.

É sabido que as sociedades usufruem, na atualidade, de muito mais conforto, facilidades materiais, acesso às informações e às tecnologias de ponta, como nunca antes visto. Mas, contraditoriamente, as pessoas estão cada vez mais perdidas, desamparadas e adoecidas, principalmente, sob o ponto de vista mental. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que desde a última pandemia, o mundo registrou um aumento de 25% em quadros de ansiedade. De acordo com a World Health Organization (WHO), um em cada sete jovens entre 10 e 19 anos sofre de algum transtorno mental. Além disso, a depressão, a ansiedade e outros distúrbios comportamentais estão entre as principais causas de doenças e incapacidades em adolescentes e de que o suicídio é, atualmente, a terceira principal causa de morte entre pessoas de 15 a 29 anos de idade.

No Brasil, não é diferente. Dados do Observatório da Saúde Pública da UMANE indicam que 26,8% da população apresenta diagnóstico de ansiedade. E na última década se registrou um aumento de 43% nos casos de suicídio no Brasil, sendo ainda maior esse percentual entre crianças e adolescentes. Mas, sabemos que há inúmeros casos subnotificados, o que significa que os índices podem ser ainda mais alarmantes.

Diante deste quadro, nos parece sensato admitir que, mesmo em meio grandes achados científicos e avanços tecnológicos, ainda há muita dor, sofrimento e adoecimento mental em todo o planeta, para os quais os recursos materiais não encontram respostas. Fica patente que a ciência não foi capaz de minimizar esses desequilíbrios e trazer paz e felicidade à população. As drogas podem aliviar os sintomas, mas, não resolvem as causas. A medicina convencional ou alopática



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/07/2026”

compreende que a doença advém de agentes externos que atingem o corpo físico ou do mal funcionamento de algum de seus órgãos e, portanto, o tratamento deve incidir sobre esse mesmo corpo em busca de corrigir tais desajustes ou combater agentes nocivos a ele.

Com o advento do pensamento científico clássico, a partir do qual, “tudo é matéria” se observou um distanciamento entre ciência e espiritualidade, colocando sobre essa última um caráter místico e de menor importância. O viés materialista presente nos diferentes ramos da ciência se faz refletir na Medicina, onde a alopatia carrega a supremacia da dimensão física para os processos de adoecimento, de tratamento e de cura. Nesse sentido, é evidente que nenhuma atenção se dá a espiritualidade como parte da dimensão humana e, portanto, capaz de contribuir como coadjuvante nos processos de tratamento e de cura.

A partir do século XIX, diferentes ramos da ciência moderna, cujas bases são de cunho exclusivamente materiais, passam a explicar o funcionamento da mente humana e nesse sentido, os adoecimentos mentais, começaram a ser estudados como doenças do cérebro ou disfunções orgânicas. Nesse contexto, temos a influência da psicanálise no início do século XX, definindo, grosso modo, a religião e a espiritualidade como fenômenos psicológicos, ilusões, projeções ou necessidades inconscientes, o que, em certa medida, alimenta a ideia de que a fé seria um sintoma ou um sinal de fraqueza, portanto, algo que deveria se afastado do processo de tratamento ou de cura.

Diferente disso, outras medicinas muito antigas (homeopática, chinesa, Ayurveda etc.), seguem apostando na integração de várias dimensões: corpo, mente, espírito como requisitos para a saúde dos corpos. Para a medicina convencional, tudo se processa num

corpo biológico. Para a medicina alternativa, há desequilíbrios no campo energético que exigem tratamentos na energia vital. A meditação, o uso de ervas, a massagem, a contemplação ou a oração são recomendados como importantes aliados da saúde física e mental, em diferentes abordagens.

É, somente, mais recentemente, que se observa uma reaproximação entre ciência e espiritualidade. Algumas pesquisas já indicam a espiritualidade como um importante componente da experiência humana e um aliado na busca por significado, portanto, capaz de auxiliar na busca pela saúde mental. Alguns centros médicos e acadêmicos, como a Universidade de Medicina de Harvard, nos Estados Unidos ou na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e na Universidade de São Paulo (USP), no Brasil, têm debatido os benefícios da fé para a saúde emocional.

De tal modo, nas últimas décadas, a espiritualidade passou a ser investigada cientificamente e alguns estudos já apontam que indivíduos com uma vida espiritual ativa apresentam, em média, menores índices de depressão, menor incidência de abuso de álcool e drogas e menor risco de suicídio. Tais estudos destacam ainda que práticas como a meditação e a oração estão associadas a uma melhor regulação emocional e resiliência, especialmente, em quadros de doenças mentais.

No passado, se evidencia um esforço da ciência para afastar a dimensão espiritual da prática clínica, mas, no presente, existe um movimento de parte da academia que busca integrar o tratamento médico com a espiritualidade, com respeito ao modo como cada indivíduo a experimenta. Assim, temos um conceito de saúde como um bem estar que não se limita ao corpo físico, mas, se relaciona com elementos espirituais, emocionais, mentais, sociais etc.

Ainda é forte a associação da espiritualidade às práticas religiosas, pois, tem sido, tradicionalmente, por meio da religião que muitas pessoas se dedicam à espiritualidade, mas, é importante salientar que a espiritualidade não se limita à religião. Na verdade, a espiritualidade é um conceito que escapa ao âmbito religioso, pois, não necessita de dogmas ou de instituições para se manter. Pode se dizer, então, que a espiritualidade tem um caráter universal e cada pessoa pode experimentar à sua maneira.

Várias pesquisas já estudam práticas como a oração, o passe e a meditação, compreendendo que carregam elementos ainda desconhecidos pela maioria dos cientistas, mas, há muito utilizadas pelas pessoas, especialmente em momentos de sofrimento, de dor, de desespero. Hoje, já há comprovações de que 15 minutos de meditação, duas vezes ao dia, conseguem atuar diretamente na diminuição da frequência cardíaca e respiratória, melhorar a qualidade do sono e reduzir a ansiedade. Portanto, a adoção de técnicas que atuam diretamente no não físico, quando se associam a outras, como o uso de medicamentos, às terapias psicológicas e psiquiátricas podem ser muito eficazes para tratar doenças mentais, ao mesmo tempo em que, também podem ser ainda mais importantes na prevenção de adoecimentos dessa ordem.



SAÚDE & BEM-ESTAR

Depois Do Prazo: O Que A Nr-1 Realmente Passou a Exigir Das Empresas



Por Aline Abreu Santana
COLONISTA

Jornalista, Comendadora e Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras da Humanidade, Professora de Português e Literatura, MBA em Saúde Mental no Trabalho, Palestrante Internacional e Pesquisadora em Educação e Tecnologias Educacionais.
@prof.alinecabreu



Com o marco de 26 de maio de 2026 já superado, encerrou-se também o tempo da ambiguidade confortável. A data, antes tratada por muitas organizações como horizonte de adaptação, tornou-se um divisor concreto entre discurso e comprovação. A partir dali, a saúde mental no trabalho deixou de ocupar um espaço periférico nas empresas para assumir, de forma definitiva, o lugar de indicador organizacional, critério de avaliação institucional e objeto de verificação técnica.



Isso significa uma mudança profunda. Durante muito tempo, questões relacionadas ao sofrimento psíquico no ambiente laboral foram empurradas para iniciativas paralelas, campanhas internas ou ações pontuais de acolhimento. Falava-se em bem-estar, qualidade de vida e equilíbrio emocional, mas quase sempre sem tocar no ponto central: a própria forma como o trabalho era estruturado. Metas desproporcionais, equipes reduzidas, pressão

contínua, retrabalho, comunicação falha e lideranças despreparadas permaneceram, em muitos contextos, fora do centro da análise.

A nova redação da NR-1 alterou esse enquadramento. Ao incorporar os riscos psicossociais ao gerenciamento de riscos ocupacionais, a norma impôs às empresas a obrigação de tratá-los com o mesmo rigor aplicado aos demais riscos do trabalho. Já não basta reconhecer que o tema é importante. É preciso demonstrar, com documentos, registros e medidas verificáveis, que ele está sendo efetivamente gerenciado.



Essa talvez seja a ruptura mais significativa do novo cenário: a saúde mental deixou de ser tratada como assunto acessório e passou a integrar o núcleo da governança. Indicadores como afastamento por transtornos relacionados à saúde mental, rotatividade associada ao desgaste organizacional e conflitos recorrentes já não podem ser vistos como simples dificuldades administrativas. Eles exigem leitura técnica. Exigem análise de contexto. Exigem resposta estruturada.

No fundo, o que mudou foi a pergunta. Antes, diante do adoecimento, olhava-se quase sempre para o indivíduo. Agora, a atenção se desloca para a estrutura. A questão deixa de ser apenas quem adoeceu e passa a incluir o que, na organização do trabalho, pode estar contribuindo para esse adoecimento. Essa mudança é desconfortável porque obriga a empresa a examinar seu próprio desenho interno. Obriga a rever metas, práticas de cobrança, distribuição de tarefas, fluxos de comunicação e modos de liderança.

E esse é justamente o ponto que muitas organizações ainda tentam evitar.

Há anos, o ambiente corporativo aperfeiçoou uma linguagem capaz de suavizar a violência organizacional. Pressão excessiva virou “alta performance”. Sobrecarga passou a ser chamada de “comprometimento”. Mudanças abruptas de prioridade receberam o nome de “dinamismo”. Ambientes hostis foram descritos como “competitivos”. O problema dessas expressões não está apenas na escolha vocabular, mas no que elas ajudam a esconder: estruturas que operam à custa do desgaste contínuo de quem trabalha.

A exigência regulatória, agora, torna mais difícil sustentar essa encenação. A fiscalização já não se orienta por intenções declaradas, mas por evidências formais. A empresa precisa ser capaz de responder, tecnicamente, se possui diagnóstico dos riscos psicossociais, plano de ação documentado, registro das medidas adotadas e acompanhamento contínuo. A ausência desses elementos deixa de ser detalhe

burocrático e passa a sinalizar ausência de gerenciamento.



Mas reduzir essa mudança a uma questão de conformidade legal seria insuficiente. Por trás dos indicadores existem pessoas. Cada afastamento é uma experiência concreta de ruptura. Há impacto na vida profissional, na estabilidade familiar, na autoestima, na renda e na saúde de quem já não consegue sustentar determinado contexto de trabalho. O que muitas planilhas registram como afastamento ou absenteísmo costuma esconder histórias de esgotamento, ansiedade, sofrimento persistente e perda da capacidade de seguir funcionando sob certas condições.

É por isso que a diferença entre ação simbólica e gerenciamento real se tornou tão importante. O exemplo descrito no texto-base é revelador. A empresa vistoriada afirmava já ter adotado ações de cuidado: palestras motivacionais, campanha interna e atendimento psicológico conveniado. Em aparência, havia preocupação. Mas a análise mais profunda revelou outro cenário: quadro reduzido havia mais de um ano, metas elevadas após reestruturação, exposição pública de desempenho e mudanças abruptas de prioridade, gerando retrabalho constante. Quando os afastamentos foram cruzados com os períodos de maior sobrecarga, o padrão apareceu com clareza. O problema não era falta de palestra. Era estrutura organizacional.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok” sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/06/2026”

Esse caso revela uma verdade que muitas empresas ainda resistem em admitir: não se corrige uma engrenagem adoeccedora apenas com discurso acolhedor. Uma cartilha não reorganiza fluxos. Uma palestra não reduz sobrecarga. Um convênio psicológico não substitui a necessidade de rever metas incompatíveis, recompôr equipes, redistribuir responsabilidades e corrigir práticas de cobrança. Suporte posterior é importante, mas não substitui prevenção estrutural.



E prevenir, nesse contexto, exige decisões que nem sempre são confortáveis. Significa rever crenças gerenciais, ajustar planejamento, reconhecer excessos naturalizados e, em alguns casos, aceitar custos imediatos para evitar danos maiores no médio e longo prazo. Ainda assim, ignorar esses ajustes tende a ser mais caro. O adoecimento recorrente desorganiza equipes, desgasta lideranças, reduz previsibilidade, compromete a produtividade e corrói a confiança interna. A empresa que não revisa sua estrutura pode até sustentar aparência de normalidade por algum tempo, mas acumula um passivo humano e institucional cada vez mais difícil de esconder.

Depois de 26 de maio de 2026, portanto, já não se pode alegar surpresa. O período de transição ficou para trás. A saúde mental no trabalho deixou de ser pauta emergente para se tornar requisito normativo, critério de avaliação institucional e elemento de responsabilização organizacional.



No entanto, o mais importante talvez esteja além da própria norma. O que está em jogo não é apenas a capacidade de uma empresa produzir documentação defensiva. É sua disposição de reconhecer que a forma como o trabalho é organizado tem efeitos diretos sobre a vida humana. Nenhuma organização pode reivindicar maturidade enquanto trata sofrimento recorrente como fragilidade individual. Nenhuma gestão pode falar em sustentabilidade enquanto depende do desgaste silencioso de suas equipes para manter resultados.

No fim, a questão central continua simples: a empresa reorganizou de fato sua estrutura ou apenas aperfeiçoou seu discurso?

Agora que o prazo passou, essa pergunta já não pertence apenas ao campo moral. Ela pertence também ao campo da prova.

OPINIÃO

O consumo da sociedade do entretenimento: comentando Byung Chul-Han



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.

@marianapacheco.mp

"Como a Era Digital Transformou Cidadãos em Sujeitos do Desempenho que Buscam Analgésicos Digitais para Escapar da Realidade"

Com o avanço da tecnologia no decorrer dos anos, como nos comunicamos e nos socializamos se moldou aos novos meios e mídias. Estabelecemos contatos pelas redes sociais, construímos nossa imagem pelo que postamos, nosso tempo escoou mais rápido, e queremos fazer mais coisas ao mesmo tempo.



Nossa sociedade hoje, por esta inserção do universo digital, encara duas faces obscuras: de sujeitos voltados ao desempenho e auto exploração, entrando também em um cansaço constante por conta do nível elevado de produção exigido; e, ao mesmo tempo, também encaramos uma sociedade que não suporta a dor, e precisa, a todo custo, desonerar toda a forma de negatividade, pois ela não gera utilidade.

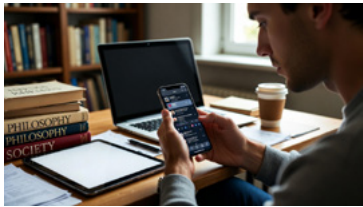
O cenário atual exige autores atuais para discutir assuntos que envolvem uma visão que aborde o universo digital e significados inéditos. A semiótica francesa não é mais suficiente para analisar a construção discursiva. A sociologia precisa expandir sua visão para bibliografias globais que incluam a tecnologia como fator de influência. E a comunicação tem que encarar o novo público consumidor que procura analgésicos do presente.



O autor sul-coreano Byung Chul-Han, que também é professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim, tem conseguido discutir essa nova classificação da nossa sociedade, do Ocidente ao Extremo-

Oriente. Ele coloca definições coincidentes sobre nós: uma sociedade paliativa, que busca curar suas dores; a sociedade do desempenho, que se submete aos extremos das pressões internas, declinando à sociedade do cansaço, fruto de esgotamento excessivo e de não tornar objetivos possíveis.

Essas três definições estão em uma mesa sociedade atual, virtual e mais individual, que quer uma dopamina de suas dificuldades diárias – stress, correria, cansaço –, e usa o consumo como esta pílula. É aqui que entra a sociedade do consumo e entretenimento. Inicialmente, se trata de tornar tanto o sujeito quanto o produto midiático consumível, dar uma função social pelas narrativas.



Pelo autor, conseguimos entender que nossa sociedade ganha novas faces em efeito dominó, e que, principalmente para a comunicação, o entretenimento se torna um novo hábito de consumo que nos alivia das outras definições. O público agora quer produtos curtiáveis ou instagramáveis, levando a “despolitização e à dessolidificação da sociedade” (Han, 2021) e ao foco apenas na própria felicidade e da própria imagem.

Não se quer mais consumir produtos ou informações aprofundadas. Se quer o que nos felicite e entretenha, misturando esferas e tornando arte e cultura, por exemplo, relevantes apenas se consumíveis. O mesmo ocorre com o que vemos nas redes sociais e o que



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/12/2025”

compartilhamos e com o que interagimos nas plataformas digitais. Na prática, um influenciador vende mais que um estudo sobre um produto, e se o uso dele alcançar seguidores para o consumidor, vale mais a pena ser comprado.



Porém, notamos que as dores crônicas da sociedade se tornam cada vez mais agressivas e extremas – suicídios, abusos físicos e psicológicos são um exemplo – e que, talvez, as doses de consumo positivo não suportem segurar as pressões. Para sobreviver, o que nos machuca por fora, teremos que nos insensibilizar.

E esse é o perigo: um consumo insensível em busca de uma felicidade imediata, enquanto tentamos nos tornar sempre positivos diante das telas e das poucas pessoas de nossa rotina, enquanto as violências se internalizam, se enraízam. Uma hora, nos saturaremos, e vídeos, séries, filmes, músicas, e outros produtos da indústria do entretenimento não serão suficientes para a saturação mental e física, seguido por colapsos em esferas diversas: primeiro individual, depois coletivamente.

Byung Chul-Han não desenvolve uma previsão para o futuro – até mesmo porque não é esta a função de um pesquisador –, mas de seus estudos, conseguimos imaginar que é preocupante para onde vai nossa sociedade, cercada de um enxame digital, sem sentir as dores das picadas e das bolhas em seus pés, suportando com um sorriso sádico um caminho infundável e cada vez mais desgastante, disfarçando suas feridas com maquiagens borradas e roupas desconexas. Consegue imaginar este andarilho aberrante? Ele pode nos representar.

Opinião Especializada vs. Opinião Popular: Quem Tem Autoridade para Falar?

OPINIÃO

Leia o artigo completo no Site

POR

The Bard News, Redação

"A tensão entre o conhecimento técnico e a sabedoria coletiva, e como definir quando uma opinião merece ser ouvida."

A sociedade moderna vive um momento em que todo mundo tem algo a dizer, mas nem sempre é simples entender quem realmente deve ser ouvido. O conflito entre opinião especializada e opinião popular se tornou um dos debates mais urgentes do nosso tempo. De um lado estão os especialistas, respaldados por anos de estudo, pesquisa e método. Do outro, a voz do povo, que fala a partir da experiência, da realidade cotidiana, dos afetos e das necessidades imediatas. No meio desse embate, surge uma pergunta delicada: afinal, quem tem autoridade para falar?



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/12/2025”

Esse dilema não é novo, mas ganhou proporções inéditas com o avanço da tecnologia, das redes sociais e da circulação instantânea de ideias. Em poucos segundos, uma opinião pessoal pode alcançar milhares de pessoas, gerar debates acalorados e até influenciar decisões políticas. A democratização da fala trouxe potência, mas também trouxe ruído. Se antes apenas alguns tinham espaço para se pronunciar, hoje todos podem, e isso é, ao mesmo tempo, libertador e caótico.

Especialistas defendem que, em temas complexos, o conhecimento técnico precisa ser respeitado. Médicos, biólogos, economistas, engenheiros e cientistas sociais dedicam anos a entender fenômenos que não são visíveis a olho nu. Eles dominam dados, analisam padrões, testam hipóteses, confrontam teorias. Suas opiniões são moldadas por evidências, não por impressões momentâneas. Ignorar esse tipo de conhecimento pode custar caro. Foi assim na pandemia, quando parte da população desconfiou de vacinas, tratamentos e orientações básicas enquanto especialistas tentavam, desesperadamente, comunicar riscos reais.

Ao mesmo tempo, a opinião popular não pode ser tratada como irrelevante, e muito menos como ignorância. O senso comum é construído a partir da vida nas ruas, das histórias de família, da convivência com a violência, com a desigualdade, com a falta de acesso. Ele nasce da urgência de quem precisa resolver problemas reais, todos os dias. E essa vivência é uma forma legítima de conhecimento. Uma mãe de periferia falando sobre segurança pública carrega observações que nenhum livro acadêmico pode oferecer. Um agricultor que vive os efeitos das mudanças climáticas entende a terra de um jeito que muitos especialistas jamais entenderão.



O problema, portanto, não é decidir quem está certo ou errado, mas reconhecer que especialização e experiência não são inimigas. A tensão surge quando uma tenta silenciar a outra. Especialistas, muitas vezes, falam de cima para baixo, como se o povo fosse incapaz de compreender. A população, por sua vez, reage rejeitando o conhecimento técnico, como se ele fosse manipulação ou elitismo. No fundo, é um problema de confiança, uma ferida que se abriu e que ainda não foi devidamente tratada.

A crise de confiança se agrava pelo papel das redes sociais. Algoritmos premiam quem fala mais alto, não quem fala melhor. A opinião que emociona ganha mais espaço do que a opinião que explica. A indignação circula mais rápido do que a prudência. Em meio a esse cenário, especialistas muitas vezes parecem frios demais, distantes demais, enquanto influenciadores, vizinhos e amigos soam mais próximos, mais humanos, mais compreensíveis. A consequência é uma confusão crescente entre verdade e viralização.

No entanto, existe um caminho possível, e ele passa pelo encontro. Quando especialistas se dispõem a ouvir a população antes de falar, e quando a população sente que está sendo respeitada e não subestimada, surge um terreno fértil para a compreensão mútua. Foi assim em muitos projetos de saúde pública: a ciência só avançou quando dialogou com líderes comunitários, acolheu medos reais e tratou a população como parceira, não como obstáculo. Em processos participativos ao redor do mundo, assembleias cidadãs têm mostrado que decisões complexas podem ser tomadas com base na colaboração entre quem sabe pela teoria e quem sabe pela vivência.

No final das contas, a pergunta "quem tem autoridade para falar?" talvez esteja mal formulada. A autoridade não está em títulos, diplomas ou no número de seguidores. Ela nasce da responsabilidade com o impacto da

própria fala, da honestidade na argumentação e da abertura ao diálogo. Autoridade verdadeira não é quem grita mais alto, mas quem constrói pontes. Não é quem impõe, mas quem conecta.

O desafio do nosso tempo é aprender a ouvir, ouvir com paciência, com abertura, com humildade. A opinião especializada ilumina caminhos com método e evidência; a opinião popular ilumina com sensibilidade e experiência. Quando essas duas luzes se encontram, o debate deixa de ser disputa e se transforma em construção. E talvez seja exatamente isso que a democracia moderna mais precisa: menos guerra de certezas e mais colaboração entre mundos que, embora diferentes, têm muito a aprender um com o outro.



OPINIÃO

A família tradicional ainda é o pilar da sociedade?



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

Costuma-se repetir, quase como mantra, que a família tradicional é o pilar da sociedade. Mas pilares também racham, e o tempo revela suas fissuras. A imagem perfeita de pai, mãe e filhos enfileirados como moldura de propaganda antiga não dá conta da vastidão da vida. A existência é mais ampla que qualquer retrato emoldurado.



Quando Pilares Racham: Repensando Estruturas Familiares Entre Tradição e Reinvenção no Século XXI



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/12/2025"

Família não é uma forma rígida. É raiz, mas não de uma única árvore. São raízes múltiplas, que se entrelaçam em terrenos diversos. Há famílias que nascem do sangue, outras que se reinventam na amizade, no cuidado, no amor que escolhe permanecer. Um avô que vira porto seguro, duas mulheres que constroem juntas um lar, um pai solo que se desdobra em afeto, amigos que se tornam irmãos de caminhada... tudo isso é família.



A sociedade não desmorona quando um modelo se transforma. Desmorona quando falta afeto, quando a violência silencia os lares, quando a tradição vira máscara para encobrir o vazio. Muitos lares ditos "tradicionais" sustentaram dor e ausência, enquanto tantos considerados "atípicos" florescem em dignidade e temura.



O verdadeiro pilar não é a forma, é a substância. Não é a foto emoldurada na parede,

mas o abraço que acolhe. Não é a repetição da norma, mas a reinvenção que se mantém fiel ao essencial: amar, cuidar, partilhar.

O século XXI nos convida a abrir a janela e deixar entrar o vento das mudanças. Não é a tradição cega que nos mantém de pé, e sim a coragem de reinventar os laços sem perder a raiz. Essa, sim, é a família que sustenta, que resiste, que se torna pilar de uma sociedade mais humana

A família tradicional como "pilar da sociedade" é questionada: pilares racham e a vida é mais ampla que retratos emoldurados. Família não é forma rígida, mas raízes múltiplas que se entrelaçam - sangue, amizade, cuidado, amor escolhido. O verdadeiro pilar não é a forma, mas a substância: amar, cuidar, partilhar. A sociedade se sustenta pela coragem de reinventar laços sem

perder raízes essenciais..



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

Sua marca aqui

Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto "A arte do banner nós fazemos"

TÍTULO DO SEU ANÚNCIO AQUI

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim bcatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaundeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaundeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** www.seusite.com.br

OPINIÃO

A Cultura do Cancelamento e a Morte da Conversa Civilizada

REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE COMO O CANCELAMENTO VIRTUAL SUBSTITUI DIÁLOGO POR DESTRUIÇÃO E ESCUTA POR VINGANÇA



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

A fogueira agora é virtual, mas o desejo é o mesmo: queimar o outro para aliviar as próprias angústias. Não se escuta, não se conversa, não se ensina. Cancela-se! Como se o erro do outro fosse um espelho intolerável. Como se apontar o dedo fosse mais urgente que estender a mão.

A cultura do cancelamento é o novo coliseu. Multidões famintas por um erro alheio, por um tropeço gravado em tela, por um nome a ser apagado do mundo. E, no centro, alguém sendo julgado por um deslize recortado, por uma fala descontextualizada, por uma versão higienizada da realidade.



"Reflexão crítica sobre como o cancelamento virtual substitui diálogo por destruição e escuta por vingança"



A civilidade morreu no mesmo instante em que preferimos viralizar um erro a compreendê-lo. A conversa deixou de ser ponte e virou trincheira. O outro virou inimigo. A escuta virou ameaça. E o pensar virou perigo!

Mas justiça que não educa é só vingança estilizada. E vingança travestida de moralidade é um veneno que adoça na entrada, mas corrói por dentro. O cancelamento não constrói. Ele interrompe. Interditado. Estanca o crescimento de quem poderia se tornar melhor.

Responsabilizar, sim. Silenciar, não! O erro deve ser janela, não cova. E toda evolução começa com desconforto, não com destruição.



O que se perdeu foi o sagrado da escuta. A coragem de sentar diante de quem pensa diferente e perguntar por quê. A humildade de reconhecer que ninguém nasce pronto. Que a consciência é escada e nem todo mundo começou do mesmo degrau.

E então me pergunto: de que serve tanta militância se ela é surda? De que serve tanto discurso se ninguém está disposto a ser contradito? A cultura do cancelamento não exige coerência, exige obediência! Quem escapa da cartilha, mesmo com boas intenções, é apagado.

Não há redenção para quem não se encaixa no roteiro. E não há evolução possível quando o medo cala mais que a reflexão.

Se não defendermos a conversa, vamos viver num mundo mudo de ideias e gritado de vaidades. E quem silencia o outro hoje, amanhã se cala sem perceber.

A morte da conversa civilizada é o luto da própria humanidade. E eu recuso esse funeral!



Geração Instantânea: A Epidemia Silenciosa Que Está Destruindo Nossa Sanidade Mental

OPINIÃO

Leia o artigo completo no Site

POR

The Bard News, Redação

"Três segundos de espera já causam ansiedade. Filas viram tortura. A velocidade digital reprogramou nossos cérebros e as consequências são devastadoras."

Nossos cérebros foram literalmente reprogramados pela velocidade digital. Três segundos para um site carregar geram irritação. Quinze minutos sem resposta no WhatsApp criam ansiedade. Filas provocam estresse físico real. Não é simples impaciência - é uma transformação neurológica profunda que está causando uma epidemia silenciosa de deterioração mental.

Vivemos a primeira geração da história que transformou a espera em patologia. Há trinta anos, aguardar semanas por uma carta era normal. Esperar episódios semanais criava expectativa prazerosa. Relacionamentos se desenvolviam gradualmente. Hoje, qualquer demora é percebida como falha do sistema.

Cada inovação prometia mais tempo livre, mas criou o oposto: uma sociedade viciada em velocidade. Netflix eliminou esperas entre episódios. Google entrega resultados em milissegundos. WhatsApp exige respostas imediatas. Delivery substituiu o tempo de cozinhar.

Os sintomas estão normalizados: crianças em crise quando WiFi demora, adolescentes abandonando vídeos nos primeiros segundos, adultos verificando celulares 150 vezes por dia.

Desenvolvemos medo do tempo "perdido" - qualquer momento sem estímulo constante parece desperdício.

Perdemos capacidades fundamentais: antecipação prazerosa, tempo contemplativo, tolerância à frustração. Aqueles momentos "mortos" eram espaços preciosos para reflexão e criatividade. Hoje, preenchemos obsessivamente cada segundo, eliminando o diálogo interno que nos tornava conscientes.

As consequências psicológicas são devastadoras. Transtornos de ansiedade dispararam entre jovens digitais. A incapacidade de tolerar demoras gera estresse constante. A concentração profunda está se atrofiando - nossos cérebros rejeitam atividades que exigem tempo sem recompensa imediata.

O paradoxo cruel: as experiências mais valiosas não podem ser aceleradas. Criatividade exige incubação. Aprendizado profundo demanda repetição. Relacionamentos íntimos se

desenvolvem ao longo de anos. Cura emocional e crescimento pessoal operam em ritmos que não respondem à velocidade digital.

A cultura da velocidade promove o mito da eficiência, mas velocidade e qualidade são frequentemente inversas. Decisões rápidas são ruínas. Relacionamentos acelerados são superficiais. Multitasking reduz produtividade real.

Movimentos de resistência emergem: "slow living", mindfulness, detox digital, redescoberta de hobbies lentos. Reconquistar a paciência não é nostalgia - é sobrevivência mental. Estratégias incluem criar "zonas de lentidão", praticar espera consciente, valorizar processos sobre resultados.

Ensinar paciência às próximas gerações é crucial. Crianças precisam aprender que nem tudo pode ser instantâneo. A velocidade digital continuará acelerando, mas talvez percebamos que eliminar completamente a espera nos fez perder algo essencial sobre estar vivo.

A paciência não é obstáculo ao progresso - é condição para experiências profundas. As melhores coisas da vida - amor, sabedoria, beleza, crescimento - não podem ser baixadas instantaneamente. Exigem tempo, paciência e coragem de esperar.

Nossa impaciência não é falha de caráter, mas sintoma de reprogramação mental coletiva que precisa ser revertida. A humanidade sobreviveu milênios praticando a arte da espera. Nossa sanidade mental depende de recuperarmos essa habilidade fundamental perdida.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/08/2025"

OPINIÃO

A Intimidade em Praça Pública: Quando o Desabafo Vira Espetáculo e a Terapia se Dilui em Conteúdo



Por J.B Wolf
EDITOR-CHEFE

Poeta e Escritor
@poetajbwolf

“Em uma era onde a vulnerabilidade se tornou moeda de troca nas redes sociais, assistimos a uma transformação radical: o desabafo, antes um ato de confiança íntima, agora é performado para uma audiência global”



A fronteira entre o que é privado e o que é público nunca foi tão porosa quanto na atualidade. Houve um tempo, não muito distante, em que o desabafo, a confissão e a exposição de vulnerabilidades eram atos reservados a espaços de extrema confiança: o silêncio do confessorário, a confidencialidade do consultório terapêutico ou o círculo íntimo e seguro de amizades e familiares. Hoje, no entanto, assistimos a uma transformação radical, quase vertiginosa: a intimidade, antes um santuário pessoal, tornou-se uma mercadoria de alto valor no mercado da atenção digital. O fenômeno de transformar dores, traumas e crises existenciais em publicações, transmissões ao vivo e vídeos curtos levanta uma questão central e inquietante sobre a nossa época: estaríamos vivendo uma genuína democratização da saúde mental, ou apenas a espetacularização do sofrimento humano em busca de engajamento e validação efêmera?



Para compreender por que tantas pessoas optam por expor suas feridas mais profundas em redes sociais, é preciso mergulhar na complexa psicologia por trás de cada clique, cada postagem. O ser humano possui uma necessidade intrínseca e ancestral de ser visto, compreendido e validado. No ambiente digital, essa validação é quantificada de forma palpável: curtidas, comentários, compartilhamentos e o número crescente de seguidores. Quando alguém compartilha uma vulnerabilidade e recebe uma onda de apoio virtual, o cérebro experimenta uma descarga de dopamina, um neurotransmissor associado ao prazer e à recompensa, que traz um alívio temporário para a solidão e a angústia. O problema reside no fato de que essa conexão, por mais imediata que pareça, é, muitas vezes, superficial e efêmera. O desabafo público cria a ilusão de uma comunidade terapêutica, de um espaço de acolhimento, mas as plataformas são, em sua

essência, desenhadas para o consumo rápido de conteúdo, não para o acolhimento profundo e a construção de laços significativos que a verdadeira terapia exige.

Além disso, vivemos em uma era de performance da autenticidade. Existe uma pressão invisível, mas poderosa, para que sejamos "reais", para que mostremos nossa "verdadeira face". Contudo, essa realidade precisa ser cuidadosamente curada, esteticamente aceitável ou narrativamente interessante para o algoritmo e para a audiência. O desabafo, nesse contexto, deixa de ser um processo orgânico de cura para se tornar um roteiro. As pessoas selecionam meticulosamente quais partes de sua dor serão mostradas, quais palavras evocarão mais empatia, qual filtro visual será aplicado e qual trilha sonora acompanhará o relato de uma crise de ansiedade ou de um momento de depressão. Nesse processo, a vulnerabilidade, que em sua essência deveria ser um estado de abertura genuína e risco emocional, acaba sendo domesticada, lapidada e, por vezes, distorcida para servir ao entretenimento e ao engajamento. A terapia, que é um processo muitas vezes feio, demorado, silencioso e repleto de altos e baixos, é convertida em um conteúdo de sessenta segundos com legendas dinâmicas, perdendo sua profundidade e seu propósito original.

Essa mudança de comportamento também reflete uma alteração profunda na forma como lidamos com o sofrimento e a adversidade. Em contextos institucionais e militares, por exemplo, a discrição, a resiliência e o estoicismo são valores fundamentais, muitas vezes essenciais para a coesão e a eficácia. A exposição pública de fraquezas pode ser vista como uma quebra de protocolo, uma vulnerabilidade estratégica ou até mesmo uma falta de profissionalismo. No entanto, a cultura digital caminha na direção oposta, pregando que o silêncio é sinônimo de repressão, que toda dor precisa ser vocalizada e exposta para ser validada. O perigo reside no desequilíbrio: ao transformar todo sofrimento em postagem, corremos o risco de perder a capacidade de processar a dor internamente, de encontrar recursos em nosso próprio eu ou em ambientes verdadeiramente seguros e confidenciais, tornando-nos excessivamente dependentes da aprovação e da atenção de estranhos para dar sentido ao que sentimos.

As redes sociais não são espaços neutros; são, na verdade, mercados de atenção regidos por algoritmos complexos que priorizam conteúdos de alta carga emocional. O sofrimento humano, por ser universal e gerar identificação imediata, é um dos combustíveis mais potentes para o engajamento. Quando um influenciador digital compartilha um momento de choro, um diagnóstico de saúde mental ou um relato de superação de trauma, os números de visualizações, curtidas e comentários costumam disparar. Isso cria um incentivo perverso e muitas vezes inconsciente: a vulnerabilidade torna-se uma moeda de troca. Se o trauma gera lucro, visibilidade e novos seguidores, a linha entre o desabafo genuíno, nascido da necessidade de expressão, e a estratégia de marketing pessoal, torna-se quase invisível, turva e perigosa.

Esse cenário deu origem ao que muitos chamam de terapia-espetáculo. Profissionais de saúde mental e, mais frequentemente, leigos, utilizam um vocabulário clínico para descrever situações cotidianas, popularizando termos como "gaslighting", "narcisismo", "gatilho", "responsabilidade afetiva" e "trauma". Embora a disseminação de informações sobre saúde mental seja, em princípio, positiva e necessária, a sua simplificação excessiva para caber em vídeos curtos ou posts rápidos pode ser perigosa. O público passa a se autodiagnosticar e a rotular os outros com base em pílulas de conteúdo que carecem de profundidade, contexto e, crucialmente, da complexidade inerente à psique humana. A riqueza e a nuance da experiência humana são reduzidas a listas de "cinco sinais de que você tem trauma infantil" ou "dez frases que um narcisista diz", transformando o autoconhecimento em um produto de consumo rápido e superficial.

Outro ponto crítico é o fenômeno do "trauma dumping", que ocorre quando alguém despeja informações traumáticas, pesadas e não processadas sobre uma audiência que não pediu por aquilo e, mais importante, não tem as ferramentas emocionais ou profissionais para lidar com o peso do relato. Diferente de uma sessão de terapia, onde há um contrato ético, um ambiente seguro e um profissional treinado para acolher e processar a dor, no desabafo



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok" sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/03/2026"

público não há filtros, nem salvaguardas. O espectador, muitas vezes também fragilizado por suas próprias lutas, pode ser impactado negativamente pelo conteúdo alheio, criando uma rede de angústia compartilhada que não leva necessariamente à resolução do problema, mas sim à sua perpetuação ou amplificação. A exposição constante e indiscriminada ao sofrimento dos outros pode gerar uma "fadiga de empatia", onde deixamos de nos importar genuinamente porque a dor tornou-se apenas mais um item no feed, logo abaixo de uma receita de bolo ou de um vídeo de dança.

O impacto de longo prazo dessa cultura de exposição ainda é incerto e está em constante evolução, mas já podemos observar algumas cicatrizes e consequências preocupantes. A distinção entre o eu privado e o eu público está desaparecendo a uma velocidade alarmante. Quando transformamos nossas crises mais íntimas em conteúdo, estamos, de certa forma, fixando nossa identidade em um momento de dor que, em condições normais, seria transitório e passível de superação. Um vídeo gravado em um momento de desespero ou vulnerabilidade extrema permanece na rede para sempre, podendo ser resgatado em contextos completamente diferentes e afetar a vida profissional e pessoal do indivíduo anos depois. Para quem trabalha em ambientes de alta responsabilidade e hierarquia, como o Ministério

da Defesa ou outras instituições que exigem uma imagem de estabilidade, discrição e confiança, essa "pegada digital" pode ter repercussões sérias e duradouras sobre a percepção de sua capacidade de exercer a função.



A longo prazo, corremos o risco de perder a capacidade de estar a sós com nossos sentimentos, de processar a dor em silêncio e de encontrar resiliência interna. Se toda dor precisa ser postada para ser validada, o que acontece quando não temos sinal de internet, ou quando a validação externa não chega? A solidão produtiva, aquela que permite a reflexão profunda, o autoconhecimento e o amadurecimento, é substituída por uma busca incessante por testemunhas e por uma validação externa que, muitas vezes, é vazia. A intimidade, que deveria ser o nosso santuário, o nosso refúgio mais seguro, torna-se um palco. Precisamos resgatar a ideia de que nem tudo o que sentimos precisa ser compartilhado e que o valor intrínseco

de uma experiência, seja ela de dor ou de alegria, não depende da quantidade de pessoas que a testemunharam ou aplaudiram.

O caminho para uma relação mais saudável e consciente com o mundo digital passa, inevitavelmente, pelo estabelecimento de limites claros e pela redescoberta do valor do silêncio e da privacidade. É perfeitamente possível usar as redes sociais para inspirar, conectar e até mesmo buscar apoio, mas é fundamental preservar espaços de silêncio, de reflexão interna e de intimidade genuína. A verdadeira terapia, aquela que promove a cura e o crescimento, acontece no anonimato do consultório, no esforço corajoso de olhar para si mesmo sem filtros, sem a preocupação com o que os seguidores vão pensar ou com a performance da autenticidade. A vulnerabilidade é, sim, uma força poderosa, mas apenas quando é compartilhada com quem tem o direito, a capacidade e a responsabilidade de segurá-la com cuidado e respeito. Em um mundo que nos empurra para a transparência absoluta e a exposição constante, o maior ato de resistência e de autocuidado pode ser, justamente, manter uma parte de nós protegida do olhar público, reservada para o verdadeiro processo de cura e autoconhecimento.

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

A Inquietante Realidade da Vigilância Digital

Cada clique, pausa, omissão e hesitação se torna dado, compondo perfis comportamentais mais precisos do que qualquer observação direta.



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

CIÊNCIA & TECNOLOGIA
- Leia o artigo completo no Site

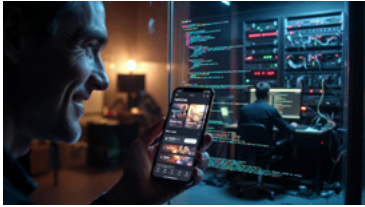
Raramente a vigilância começa com um sinal evidente. Ela se instala de forma quase imperceptível, diluída nos gestos cotidianos que repetimos sem esforço. Desbloquear a tela, aceitar termos sem leitura atenta, navegar entre conteúdos sugeridos com a sensação de escolha livre. Nada disso parece extraordinário. Ainda assim, é nesse terreno aparentemente banal que se estrutura uma das transformações mais profundas do nosso tempo.



A experiência digital deixou de ser apenas uma ferramenta e passou a funcionar como um ambiente contínuo, no qual cada ação, por menor que seja, contribui para a formação de um registro. Não se trata apenas do que é dito explicitamente, mas também do que é evitado, do tempo de permanência em um conteúdo, da hesitação antes de uma decisão. Esses elementos, quando reunidos, formam um conjunto de informações capaz de descrever comportamentos com um nível de detalhe que dificilmente seria alcançado por observação direta.

O que torna esse processo particularmente inquietante não é apenas sua existência, mas a forma como ele se integra à rotina sem provocar estranhamento proporcional. A vigilância digital não se apresenta como imposição, mas como conveniência. Ela organiza informações, antecipa interesses, oferece caminhos que

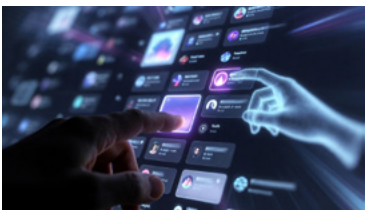
parecem adequados ao perfil de cada usuário. Essa funcionalidade, embora eficiente, opera a partir de critérios que nem sempre são visíveis, o que desloca parte significativa do controle para estruturas externas ao indivíduo.



Nesse contexto, a noção de escolha permanece, mas se torna mais complexa. As opções disponíveis não surgem de maneira neutra; elas são filtradas, organizadas e priorizadas com base em dados acumulados ao longo do tempo. O resultado é um ambiente em que as decisões continuam sendo tomadas individualmente, mas dentro de um conjunto de possibilidades previamente estruturado. Essa mediação constante não elimina a autonomia, mas a condiciona de maneiras que nem sempre são percebidas.

Há também uma alteração importante na relação com o tempo. O que antes poderia ser esquecido ou perder relevância permanece registrado, passível de análise e reutilização. O passado, nesse sentido, não se encerra, mas continua ativo, influenciando recomendações, previsões e interações futuras. Essa continuidade transforma experiências isoladas em padrões e, a partir deles, constrói perfis que passam a orientar o que será apresentado ao usuário.

Esse processo não se limita à observação. Ele também intervém. Ao identificar regularidades, os sistemas digitais não apenas registram comportamentos, mas também os influenciam, ainda que de forma indireta. Sugestões de conteúdo, destaques específicos, ausência de determinadas informações. Cada uma dessas escolhas contribui para a formação de um ambiente que orienta a atenção e, consequentemente, as decisões.



Outro aspecto relevante diz respeito à distribuição de poder nesse cenário. Enquanto indivíduos produzem dados de forma contínua, as estruturas responsáveis por coletá-los e analisá-los operam com recursos técnicos e informacionais significativamente superiores. Essa assimetria não é imediatamente visível, mas tem implicações profundas, especialmente quando se considera a capacidade de prever e influenciar comportamentos em larga escala.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

Ainda assim, a adesão a esse sistema ocorre, na maioria das vezes, de forma voluntária. Termos de uso são aceitos, permissões são concedidas, serviços são incorporados à rotina. No entanto, a formalidade desse consentimento não garante, necessariamente, uma compreensão efetiva de suas consequências. A complexidade dos processos envolvidos dificulta uma avaliação clara do que está sendo compartilhado e de como essas informações serão utilizadas.



Além das dimensões técnicas e estruturais, há efeitos mais sutis, relacionados à forma como os indivíduos se comportam em ambientes potencialmente monitorados. A possibilidade de registro constante pode levar a ajustes de conduta, ainda que inconscientes. Certos conteúdos deixam de ser acessados, determinadas opiniões deixam de ser expressas, escolhas são revistas antes mesmo de se concretizarem. Esse movimento não decorre de uma imposição direta, mas da percepção de que ações podem ser observadas e, eventualmente, interpretadas.

É nesse ponto que a vigilância digital deixa de ser apenas um fenômeno externo e passa a influenciar a própria forma de agir. O controle não se exerce apenas de fora para dentro, mas também se internaliza, moldando comportamentos de maneira difusa. Essa característica torna o fenômeno mais difícil de identificar e, consequentemente, de um questionar.



Não se trata de negar os benefícios associados às tecnologias digitais. A capacidade de acesso à informação, a otimização de serviços e a ampliação de possibilidades de comunicação são aspectos relevantes e amplamente reconhecidos. O desafio está em compreender que esses benefícios coexistem com dinâmicas que exigem análise crítica, especialmente quando envolvem a coleta e o uso de dados em larga escala.

A vigilância digital, ao se tornar parte integrante da experiência cotidiana, redefine limites que antes pareciam mais claros. Privacidade, autonomia e liberdade passam a ser conceitos que precisam ser revisitados à luz de um contexto em que a observação é constante, ainda que invisível. Essa redefinição não ocorre de forma abrupta, mas por meio de ajustes graduais, que muitas vezes passam despercebidos.

Nesse sentido, torna-se fundamental desenvolver uma postura mais atenta em relação às práticas digitais. Isso não implica necessariamente rejeição, mas exige compreensão. Questionar o funcionamento das plataformas, refletir sobre o uso de dados e reconhecer os mecanismos que orientam a experiência online são passos importantes para ampliar o nível de consciência sobre o ambiente em que estamos inseridos.

A inquietação, nesse caso, não deve ser

entendida como paralisia, mas como ponto de partida. É a partir dela que se torna possível interromper automatismos, reconsiderar escolhas e, eventualmente, redefinir a forma de interação com as tecnologias disponíveis.

A vigilância digital não se impõe de maneira explícita, e talvez seja justamente por isso que exige maior atenção. Quando o controle não se apresenta como controle, mas como parte natural do funcionamento das coisas, a capacidade de percebê-lo se torna um elemento essencial para qualquer tentativa de reflexão crítica.

Sob esse cenário, preservar a possibilidade de escolha consciente depende, em grande medida, da disposição para observar aquilo que normalmente permanece oculto. E essa observação, embora não ofereça respostas imediatas, abre espaço para um tipo de liberdade que não se limita à ação, mas inclui também a compreensão das condições em que essa ação ocorre.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

O Corpo como Senha Universal: A Revolução Biométrica entre Conveniência e Distopia



Por Redação, The Bard News JORNAL

@thebardnews



Digitar senhas, decorar combinações numéricas, carregar cartões e crachás. Tudo isso parece cada vez mais anacrônico em um mundo em que um olhar, um toque ou até a forma de caminhar podem liberar acesso a contas bancárias, aeroportos, edifícios e dispositivos pessoais. Na era da biometria, o corpo humano se converte em chave mestra, apresentado como solução elegante para problemas de segurança e usabilidade. Por trás dessa promessa, porém, cresce um debate incômodo: ao transformar características biológicas em credenciais digitais, o que ganhamos em conveniência pode ser eclipsado por um novo tipo de vulnerabilidade, em que privacidade, liberdade e até direitos civis entram na zona de risco.



A biometria, no sentido mais amplo, é o conjunto de técnicas que identificam pessoas com base em características físicas ou comportamentais únicas. Impressões digitais, traços do rosto, contornos da íris, timbre da voz, padrões de veias, modo de andar, batimentos cardíacos, tudo isso pode ser transformado em dado. Essa transformação é feita por sensores e algoritmos que, em vez de perguntarem "quem é você?", calculam probabilidades, comparam padrões e devolvem uma resposta binária: corresponde ou não corresponde. O que antes era usado quase exclusivamente em perícia policial e controle de fronteiras, hoje está no bolso, no relógio, na catraca, na câmera do shopping e, em alguns lugares, nas ruas inteiras de cidades monitoradas.

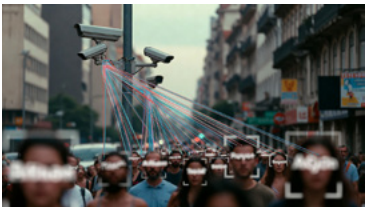
A explosão da biometria no cotidiano só foi possível graças ao avanço da inteligência artificial, em particular do aprendizado de máquina. Algoritmos modernos conseguem processar enormes bancos de imagens e sinais, encontrar padrões e melhorar sua precisão ao longo do tempo. No reconhecimento facial, por exemplo, sistemas mais recentes identificam indivíduos em diferentes ângulos, com mudanças de iluminação e de aparência, como barba, óculos ou envelhecimento. No reconhecimento de íris, a leitura de desenhos microscópicos ao redor da pupila confere uma precisão altíssima, praticamente impossível de replicar. Há também a biometria comportamental, menos visível, mas igualmente poderosa: a forma como digitamos, a cadência da voz, o modo de segurar o celular ou o ritmo da passada podem gerar assinaturas únicas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepix sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

Os argumentos a favor da biometria são sedutores. Em teoria, o corpo não se esquece da senha e não a anota em papel algum. Smartphones que liberam acesso com um toque de dedo ou um olhar reduziram o atrito de interação e, em muitos casos, aumentaram a segurança em relação a senhas simples. Sistemas de autenticação biométrica em bancos tentam dificultar fraudes, exigindo que o criminoso tenha não apenas um número, mas a presença física do cliente. Em aeroportos, portões automatizados com leitura de rosto ou de passaporte biométrico prometem filas mais curtas e processos mais ágeis. Em hospitais, a identificação biométrica pode evitar trocas de pacientes, medicações erradas e fraudes em planos de saúde. Na narrativa dos entusiastas, a biometria representa um próximo passo natural rumo a uma sociedade mais eficiente.

É nesse ponto que a mesma tecnologia que protege pode se converter em instrumento de controle. Se o corpo é senha, cada passagem diante de uma câmera pode ser um login silencioso em algum sistema de vigilância. Em cidades com milhares de câmeras conectadas a bancos de dados de identidade, o reconhecimento facial permite seguir trajetos inteiros, mapear rotinas, registrar encontros e, eventualmente, associar pessoas a eventos políticos, religiosos ou sociais. Empresas e governos passam a dispor de um poder de observação que antes exigia grande esforço humano e hoje pode ser automático, barato e contínuo.



Os casos mais avançados de uso de biometria em larga escala vêm de países que fazem da vigilância um pilar explícito de governança. Em algumas regiões, câmeras capazes de identificar rostos são combinadas a sistemas que atribuem pontuações a comportamentos considerados desejáveis ou indesejáveis. A presença em um protesto, uma multa não paga, um comentário nas redes, tudo pode alimentar um perfil digital. O rosto, que um dia serviu para garantir que apenas o dono do celular o desbloqueasse, passa também a funcionar como etiqueta em sistemas de reputação social. A fronteira entre segurança pública e controle político torna-se nebulosa.

Mesmo em democracias com proteção a dados pessoais, a biometria levanta questões difíceis. Quem é o dono desses dados? Uma vez coletado o mapa de sua face, a digital do seu dedo, o padrão do seu coração, a quem pertencem essas informações? A você, ao fabricante do dispositivo, ao governo, à empresa que gerencia o serviço? Leis de proteção de dados, como as que vigoram no Brasil e na Europa, tentam responder impondo regras de consentimento, finalidade e armazenamento. Na prática, porém,

o cidadão comum raramente tem clareza sobre a extensão do uso de sua biometria. Termos de uso extensos e pouco transparentes, associado a notificações genéricas, tornam o consentimento quase automático.



Outro ponto crítico é que dados biométricos não podem ser trocados. Se uma senha vaza, você cria outra. Se o número de um cartão vaza, o banco emite um novo. Mas se o banco de dados com rostos, íris ou impressões digitais é comprometido em um ataque cibernético, não existe um novo rosto para ser emitido. Os dados roubados podem alimentar, por anos, tentativas de fraude, criação de identidades falsas e ataques sofisticados. Especialistas em segurança digital alertam que a biometria, ao contrário do que o marketing costuma sugerir, não deve ser vista como substituta absoluta de outros métodos, e sim como mais uma camada combinada de autenticação.

Os sistemas biométricos, além disso, não são neutros. Eles são treinados com dados coletados de populações específicas e carregam os vieses dessas amostras. Pesquisas independentes mostraram que muitos modelos de reconhecimento facial apresentam desempenho pior para pessoas negras, mulheres e determinados grupos étnicos em comparação com homens brancos. Em contextos de policiamento, isso pode significar abordagens erradas, prisões injustas e reforço de desigualdades já existentes. Quando um algoritmo confunde um rosto com outro, o erro tem peso humano: alguém pode ser acusado de um crime que não cometeu, ou impedido de acessar um serviço legítimo.



Claro que empresas e órgãos de pesquisa trabalham para mitigar esses vieses, ampliando a diversidade dos conjuntos de treinamento e ajustando modelos. Mas a existência de falhas estruturais em sistemas que identificam cidadãos lembra que a biometria não é apenas uma questão técnica, é também política. Quem define o que é aceitável em termos de precisão? Quantos erros são tolerados e sobre quais corpos esses erros recaem?

A expansão da biometria também alcança

o campo militar e de segurança nacional. Equipamentos capazes de identificar alvos à distância, drones que reconhecem rostos, bancos de dados globais integrando informações biométricas de migrantes, suspeitos e soldados, tudo isso compõe um cenário em que o corpo físico se torna, literalmente, um alvo codificado. Em zonas de conflito, a captura de bancos biométricos pode representar não apenas dano estratégico, mas risco direto para a sobrevivência de populações inteiras.

Diante desse horizonte, a questão central deixa de ser se usaremos biometria e passa a ser como, em que limites e sob quais salvaguardas. Um dos caminhos discutidos por especialistas é a adoção do princípio da minimização: coletar apenas o estritamente necessário, por tempo limitado, com transparência sobre a finalidade e com possibilidade de revogação do consentimento. Outra linha defende o uso de biometria sobretudo em dispositivos pessoais, armazenada localmente, sem envio permanente a servidores centrais. Nesse modelo, o reconhecimento facial para desbloquear o celular aconteceria dentro do próprio aparelho, sem que o mapa do rosto fosse automaticamente compartilhado com terceiros.

Além da engenharia e das leis, há um componente cultural nessa discussão. A sociedade está, pouco a pouco, se acostumando a trocar privacidade por conveniência. Abrimos mão de detalhes sobre deslocamentos, preferências de consumo, rotinas de sono e batimentos cardíacos em troca de aplicativos que contam passos, sugerem rotas, montam playlists personalizadas. A biometria se insere nessa lógica, oferecendo desbloqueios mais rápidos e acessos mais fluidos. O risco é que, sem que percebamos, ela deixe de ser uma opção confortável e se torne um requisito, obrigatório para o uso de serviços públicos e privados. Quando o rosto é exigido para entrar no transporte, no prédio, na escola, no hospital e no banco, recusar-se pode significar exclusão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepix sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/04/2026"

A discussão ética sobre a biometria, portanto, não se limita à técnica. Inclui refletir sobre que tipo de sociedade estamos construindo. Uma sociedade em que o corpo é constantemente vigiado, medido e avaliado, ou uma em que a tecnologia é usada com parcimônia, como ferramenta a serviço da autonomia humana? A resposta não está dada. Ela será, em grande medida, resultado de decisões tomadas hoje, em legislações, tribunais, conselhos de empresa, assembleias legislativas e também na escolha individual de ligar ou não determinada função, de consentir ou não com determinado uso.



O corpo como senha universal é símbolo de um tempo em que a fronteira entre o físico e o digital quase desapareceu. Cabe a nós decidir se essa senha abrirá portas para mais liberdade ou para um tipo sofisticado de confinamento invisível. O fato de a tecnologia existir não a torna inevitável nem neutra. Ao contrário, torna urgente uma discussão madura sobre limites, responsabilidades e garantias. A biometria pode, sim, trazer mais segurança e conforto. Mas, sem vigilância cidadã e marcos regulatórios robustos, pode também inaugurar uma fase em que a própria identidade se torna objeto de negócios e de vigilância permanente. E, nesse cenário, talvez a pergunta mais importante não seja como usar o corpo como senha, mas como garantir que ele continue sendo, antes de tudo, nossa última fronteira de liberdade.

CRÍTICA

Soluções para Resgatar a Literatura como Espaço de Diálogo

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

A polarização ideológica na literatura contemporânea é um desafio real, mas não é insuperável. Para mudar esse cenário, o primeiro passo é simples e essencial: abraçar a diversidade de perspectivas. A literatura precisa voltar a ser um espaço de questionamento, onde ideias podem ser exploradas sem medo de julgamentos precipitados.

Os escritores, por sua vez, têm o poder de liderar essa transformação. Ao invés de seguir fórmulas que reafirmam ideologias específicas, eles podem criar histórias que mergulhem nas nuances da experiência humana. O segredo está em abraçar a complexidade, revelando contradições e provocando reflexões. Quando uma narrativa desafia o leitor, ela se torna inesquecível.

Já os críticos e mediadores literários devem focar no que realmente importa: a qualidade da obra. Avaliar livros por sua profundidade artística, e não por alinhamentos políticos, é uma maneira de devolver à literatura seu papel de arte e não de instrumento de polarização.

E os leitores? Aqui está a chave: sair da zona de conforto. Descobrir autores novos, gêneros inesperados e perspectivas diferentes pode ser transformador. A leitura é uma oportunidade única de entender o mundo pelos olhos de outra pessoa.

Por fim, iniciativas como clubes de leitura inclusivos, oficinas criativas e eventos literários que incentivam o diálogo são fundamentais. A literatura, no fundo, é um elo — e pode voltar a ser o que une as pessoas, desde que a permitamos cumprir esse papel.



CRÍTICA - Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

Os desafios dos prêmios literários entre mérito artístico e discursos sociais

"Por décadas, os prêmios literários celebraram o poder transformador da literatura. Hoje, muitos questionam se ainda premiam mérito artístico ou se privilegiam discursos políticos e sociais. Como resgatar a excelência literária sem excluir vozes diversas?"

Durante décadas, os prêmios literários representaram algo quase sagrado para escritores e leitores. Eles simbolizavam mais do que troféus ou cifras: eram sinais de reconhecimento por talento, profundidade narrativa e impacto cultural. Mas, ultimamente, muita gente tem se perguntado: será que esses prêmios continuam premiando, de fato, a literatura? Ou estariam se deixando levar por interesses ideológicos, dando mais importância ao que a obra representa do que ao que ela é?

Wayne Booth, em *"The Rhetoric of Fiction"*, defendia que a literatura deve ser julgada por sua força narrativa, pelo modo como nos prende e nos transforma, não por atender a um conjunto de exigências políticas ou sociais. No entanto, ao olharmos para muitos dos prêmios atuais, percebemos um certo deslocamento. A representatividade, as causas sociais e os discursos



identitários ganharam protagonismo. E, apesar de serem temas necessários, a ênfase excessiva neles levanta um alerta: e o valor literário, onde ficou?

Muitos escritores hoje enfrentam uma espécie de barreira invisível. Por mais que tenham talento e domínio técnico, suas vozes podem ser ignoradas se não se encaixarem no que é considerado "urgente" ou "relevante" por comissões julgadoras. O que era para ser um

espaço de celebração da diversidade acaba se tornando, curiosamente, mais restrito.



E o público sente. Leitores mais atentos percebem quando uma obra premiada parece mais uma escolha política do que literária. Isso gera desconfiança, cansaço e até desinteresse, justo num momento em que a literatura compete com distrações cada vez mais rápidas e visuais.

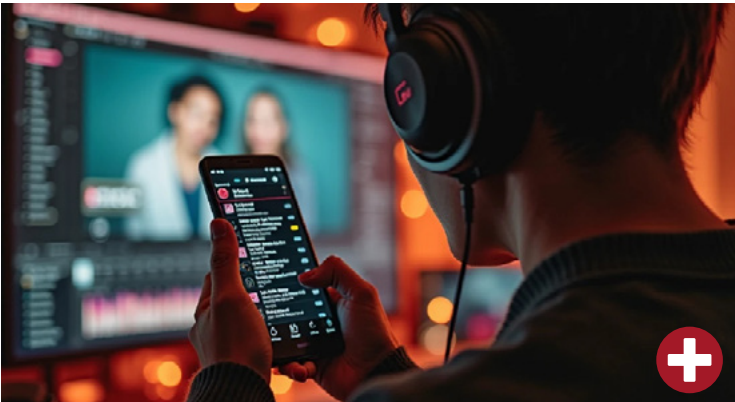


IMAGEM GERADA POR IA "usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/07/2025"

Por que a Cultura do Fútil Está Dominando a Música?

O impacto do consumo rápido e das redes sociais no empobrecimento musical

Por The Bard News, Redação
CRÍTICA - Leia no Site



Música sempre foi uma ponte entre emoções e realidades. Em cada época, ela traduziu sentimentos, retratou conflitos, embalou sonhos e deu voz a quem não podia falar. Mas algo parece ter mudado. Hoje, boa parte do que toca nas paradas soa raso, repetitivo e descartável. Onde antes havia poesia e profundidade, agora reina a batida pronta para viralizar. Será que estamos trocando arte por entretenimento vazio?

David Byrne, no livro *How Music Works*,

observa que a música é moldada por seu tempo. Ela responde ao ambiente onde nasce, às tecnologias que a propagam e aos interesses que a financiam. Na era do streaming e das redes sociais, onde tudo é imediato e mensurável em cliques, visualizações e curtidas, o valor da música parece ter sido reduzido à sua capacidade de engajar — rápido e sem esforço. O algoritmo dita o que ouvimos. E o que ouvimos, muitas vezes, mal passa da superfície.

A crítica musical também vem alertando

sobre isso. A *Rolling Stone*, por exemplo, tem questionado o empobrecimento lírico de muitas produções atuais. Canções que antes contavam histórias e tocavam o coração agora giram em torno de temas rasos — ostentação, desejos instantâneos, frases feitas. E isso não é só culpa da indústria. É também reflexo de um público condicionado à pressa, à distração, ao consumo rápido e fácil.



O problema não está em gostar de músicas leves ou dançantes. O risco está em perder o equilíbrio. Quando tudo vira fórmula, previsibilidade e superficialidade, empobrecemos a própria ideia de arte. Muitos artistas acabam se sentindo pressionados a seguir essa lógica, abrindo mão da autenticidade em troca de visibilidade.

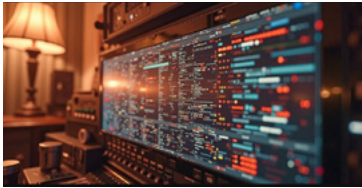
Mas nem tudo está perdido. Ainda existem músicos comprometidos com a verdade do que criam — e ouvintes dispostos a escutá-los.

Gravadoras independentes, cenas alternativas e artistas que resistem à padronização mantêm acesa a chama da criação genuína. E cada pessoa, ao apoiar uma música mais profunda, mais honesta, ajuda a reequilibrar esse cenário.



Educação musical também é chave. Conhecer a história dos gêneros, entender o contexto das composições, prestar atenção nas letras e nos arranjos... tudo isso amplia nosso olhar e nos convida a uma escuta mais sensível. Quando ouvimos com o coração aberto, percebemos que a música é muito mais do que trilha de fundo — ela pode ser voz, memória, abrigo.

A cultura do fútil pode até dominar o mercado por um tempo. Mas a música que atravessa gerações sempre foi aquela que ousou ser verdadeira, mesmo quando isso custava fama instantânea. Cabe a nós, como ouvintes, escolher qual música queremos levar conosco: a que passa, ou a que permanece.



Afinal, como escreveu David Byrne, a música é uma maneira de dar sentido ao mundo. E em tempos tão confusos, o que mais precisamos é justamente disso — de arte que nos lembre de quem somos e de tudo o que ainda podemos sentir.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

CRÍTICA

Literatura de Aeroporto: Mata o Prazer de Ler e Cria Geração de Falsos Leitores

Como Combater a Literatura de Aeroporto

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

A resistência à literatura de aeroporto começa com uma mudança simples: parar de tratar livros como produtos de consumo rápido e voltar a vê-los como experiências que merecem tempo e atenção.

Primeiro, abandone as armadilhas comerciais das livrarias. Ignore mesas de lançamentos, displays promocionais e listas de mais vendidos. Explore seções menos movimentadas, procure editoras independentes como 34, Cosac Naify e Fósforo. Visite sebos onde tesouros literários aguardam descoberta longe do barulho comercial.

Desenvolva critérios próprios de qualidade. Desconfie de livros excessivamente longos sem necessidade narrativa, séries infinitas e obras vendidas através de comparações vazias. Leia sempre as primeiras páginas antes de comprar - a linguagem revela imediatamente se você está diante de literatura genuína ou produto industrial.

Pratique "leitura lenta". Leia menos livros, mas com profundidade. Releia trechos importantes, faça anotações, aceite que boa literatura exige esforço e recompensa com insights genuínos. Desenvolva tolerância à complexidade, começando com clássicos acessíveis e progredindo gradualmente.

Busque fontes confiáveis longe dos algoritmos comerciais. Siga críticos literários sérios, professores universitários, revistas especializadas. Explore literaturas marginalizadas: autores de editoras pequenas, traduções de países não-hegemônicos, poesia contemporânea.

Crie redes de resistência cultural. Forme clubes de leitura focados em qualidade, apoie livrarias independentes, compartilhe descobertas genuínas. Eduque outros leitores explicando diferenças entre entretenimento e literatura, sem pedantismo mas com firmeza.

O combate mais importante acontece na sua própria mente. Questione a compulsão por velocidade, a necessidade de "terminar logo", a ansiedade quando uma narrativa não oferece gratificação imediata. Redescubra o prazer de não entender tudo na primeira leitura, de voltar a trechos que revelam novas camadas.

Esta não é uma batalha elitista, mas uma questão de saúde cultural. Quando perdemos a capacidade de ler textos complexos, perdemos também a capacidade de pensar de forma complexa sobre o mundo. A literatura de aeroporto atrofia nossa reflexão, nossa tolerância à nuance, nossa habilidade de lidar com contradições.

Seu cérebro, condicionado pela dopamina fácil dos best-sellers, vai resistir inicialmente. Mas persista. Do outro lado dessa dificuldade está o verdadeiro prazer da leitura: aquele que expande vocabulário, desafia certezas, oferece insights profundos sobre a condição humana.

Comece hoje escolhendo um livro que vai desafiar você. Leia devagar, com atenção, sem pressa. Permita-se questionar, voltar atrás, pesquisar. A literatura de aeroporto conquistou o mercado, mas não precisa conquistar sua mente. O prazer genuíno da leitura ainda existe, esperando que você tenha coragem de procurá-lo além das pilhas de produtos descartáveis.

Combater a literatura de aeroporto é resistir à lógica que transforma tudo em mercadoria, inclusive nossa vida interior. É preservar espaços de reflexão e genuína transformação pessoal num mundo cada vez mais superficial e acelerado.



CRÍTICA - Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

Indústria editorial transforma livros em fast-food cultural e destrói capacidade de reflexão

"Por que você lê 50 livros por ano mas não consegue terminar um clássico? A resposta está na manipulação da indústria editorial que transformou literatura em produto descartável. Descubra como os best-sellers estão matando sua capacidade de pensar e por que você pode estar se tornando um não-leitor disfarçado."

Você está na fila do aeroporto, olhando as prateleiras da livraria, e todos os livros parecem iguais. Capas brilhantes com tipografia dramática, títulos que prometem reviravoltas impossíveis de largar, sinopses que soam familiares mesmo sendo de autores diferentes. Você pega um, folheia rapidamente e reconhece a fórmula: capítulos curtos, linguagem simples, protagonista "relacionável". Compra, lê durante o voo, esquece no hotel.



Parabéns, você acabou de participar do maior esquema de destruição cultural dos últimos cinquenta anos.

A literatura virou fast-food. E assim como o McDonald's não mata sua fome de verdade, os best-sellers não estão alimentando sua mente - estão apenas criando a ilusão de que você está lendo.

Caminhe por qualquer livraria hoje e você verá o resultado de uma transformação radical que aconteceu nas últimas duas décadas. As editoras descobriram que livros podem ser fabricados como qualquer produto industrial: pesquise o que vende, extraia a fórmula, reproduza em massa, embale com marketing agressivo. O resultado são prateleiras abarrotadas de clones literários que diferem apenas no nome do autor.



A fórmula é simples e devastadoramente eficaz. Capítulos de no máximo três páginas para manter a atenção fragmentada. Linguagem reduzida ao vocabulário de um adolescente de quinze anos. Cliffhangers obrigatórios a cada final de capítulo, como episódios de novela. Protagonistas sem profundidade psicológica real, mas com traumas "relacionáveis" que servem como ganchos emocionais baratos.

Os gêneros se multiplicaram não por diversidade criativa, mas por segmentação de mercado. Thriller psicológico virou sinônimo de "mulher desconfia do marido por 300 páginas". Romance histórico significa "heroína anacrônica

com mentalidade do século XXI em vestido de época". Ficção científica se reduziu a fantasia com naves espaciais. Young Adult se tornou triângulos amorosos com criaturas sobrenaturais intercambiáveis.

O mais perverso é que essa industrialização criou uma geração de pessoas que se consideram grandes leitoras, mas perderam completamente a capacidade de ler literatura de verdade. Conhecem dezenas de autores contemporâneos, devoram lançamentos, participam de clubes de leitura online, mas não conseguem passar da página vinte de um clássico. Reclamam que Machado de Assis é "lento demais", que Clarice Lispector é "confusa", que Guimarães Rosa usa "palavras difíceis".



Essas pessoas leem cinquenta, sessenta livros por ano, mas seu vocabulário não se expande, sua capacidade de interpretação não se desenvolve, sua tolerância à complexidade narrativa diminui. São leitores que não sabem ler. Consumidores de texto que perderam o prazer da descoberta, da surpresa genuína, do desafio intelectual que a boa literatura sempre ofereceu.

A velocidade se tornou mais importante que a profundidade. Editoras estabelecem prazos impossíveis para autores, que passam a escrever no piloto automático. Revisões se tornaram superficiais porque o importante é manter o ritmo de lançamentos. Alguns "autores" chegam a publicar um livro por mês, obviamente usando ghostwriters ou fórmulas tão automatizadas que dispensam criatividade.

O marketing literário adotou as mesmas táticas da indústria do entretenimento. Livros são vendidos como "o novo fenômeno que você não pode perder", "impossível de largar", "perfeito para fãs de". As comparações se tornaram vazias: todo thriller é "o novo Gillian Flynn", todo romance é "o novo Nicholas Sparks". A originalidade virou pecado mortal porque confunde o algoritmo de recomendação.



Influencers literários promovem apenas lançamentos comerciais, criando um ciclo vicioso onde apenas livros com grande investimento em marketing ganham visibilidade. Pequenas editoras que publicam literatura de qualidade não conseguem competir com campanhas milionárias. Autores genuinamente talentosos permanecem invisíveis enquanto fábricas de best-sellers dominam as listas de mais vendidos.

A consequência mais grave é cultural. Estamos perdendo a capacidade coletiva de lidar com narrativas complexas, ambiguidade moral, sutileza psicológica. Uma geração inteira está sendo condicionada a esperar resoluções fáceis, personagens maniqueístas, conflitos que se resolvem em trezentas páginas. A literatura sempre foi o espaço onde exercitávamos nossa capacidade de pensar sobre questões difíceis, de tolerar incertezas, de expandir nossa compreensão da condição humana.

Quando transformamos livros em produtos de consumo rápido, perdemos essa função essencial. A leitura deixa de ser um exercício de crescimento intelectual e emocional para se tornar apenas mais uma forma de entretenimento passivo. Como assistir televisão, mas com a ilusão de que estamos fazendo algo culturalmente superior.

O problema não é que existam livros comerciais - sempre existiram e sempre existirão. O problema é que eles se tornaram praticamente a única opção disponível no mercado mainstream. Livrarias independentes fecham, editoras pequenas são engolidas por

conglomerados, crítica literária séria desaparece dos jornais. O espaço para literatura genuína está sendo sistematicamente eliminado.



Mas talvez o aspecto mais trágico seja que muitas pessoas nem percebem o que perderam. Acreditam sinceramente que estão lendo literatura de qualidade porque consomem dezenas de livros por ano. Não sabem que existem formas de narrativa que podem transformar completamente sua visão de mundo, expandir seu vocabulário, desafiar suas certezas, oferecer insights profundos sobre a experiência humana.

É como alguém que só come fast-food a vida inteira e não sabe que existe alta gastronomia. Não sente falta do que nunca experimentou. Mas quando finalmente prova comida de verdade, percebe que estava apenas sobrevivendo, não se alimentando.

A resistência a esse processo existe, mas é marginal. Editoras independentes continuam publicando literatura de qualidade, movimentos de "leitura lenta" ganham adeptos, alguns jovens redescobrem clássicos por conta própria. Críticos literários sérios mantêm espaços online para discussão genuína sobre livros. Professores resistem à pressão de usar apenas best-sellers em sala de aula.



Mas essa resistência precisa se tornar consciente e organizada. Precisamos reconhecer que a industrialização da literatura não é apenas uma questão de gosto pessoal - é uma questão de

saúde cultural. Quando perdemos a capacidade de ler textos complexos, perdemos também a capacidade de pensar de forma complexa sobre o mundo.

A solução não é elitismo literário ou nostalgia romântica pelos "bons tempos". É defender o direito de ter acesso a literatura genuína, de desenvolver capacidades críticas através da leitura, de experimentar o prazer único que vem do encontro com uma obra que nos desafia e transforma.

Isso significa apoiar editoras independentes, buscar ativamente livros fora do mainstream, desenvolver tolerância para narrativas que exigem mais de nós como leitores. Significa aceitar que nem toda leitura precisa ser "fácil" ou "relaxante", algumas das experiências mais valiosas da vida exigem esforço.

A próxima vez que estiver numa livraria, experimente ignorar as mesas de lançamentos e os displays promocionais. Vá até as seções menos movimentadas, procure editoras que você não conhece, autores que não estão nas listas de mais vendidos. Pegue um livro que pareça desafiador, que prometa te fazer pensar em vez de apenas te entreter.

Pode ser difícil no começo. Seu cérebro, condicionado pela literatura fast-food, vai resistir. Mas persista. Porque do outro lado dessa dificuldade está o verdadeiro prazer da leitura, aquele que expande horizontes, que oferece insights genuínos, que nos torna pessoas mais complexas e interessantes.



A literatura de aeroporto pode ter sequestrado o mercado editorial, mas não precisa sequestrar sua mente. O prazer de ler ainda existe. Só está escondido atrás das pilhas de best-sellers descartáveis, esperando que você tenha coragem de procurá-lo.



CRÍTICA

O Desaparecimento do Artista? Inteligência Artificial e a Crise da Assinatura Criativa



Por Redação, The Bard News JORNAL

@thebardnews

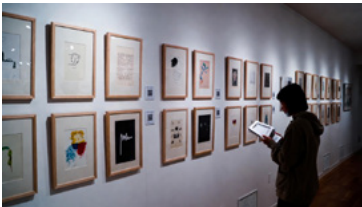
"A crise existencial que a IA impõe ao mundo criativo, explorando como ela desafia conceitos de estilo, originalidade e autoria que sustentaram séculos de crítica artística."

CRÍTICA

- Leia o artigo completo no Site



Por séculos, a arte ocupou o lugar de último reduto da experiência humana irrepetível. Enquanto máquinas tomavam fábricas e escritórios, acreditava-se que o ateliê, o estúdio e a página em branco permaneceriam intocados, protegidos por algo chamado inspiração, sensibilidade, subjetividade. Hoje, essa certeza está em xeque. Sistemas de inteligência artificial escrevem poemas, roteiros e reportagens, compõem trilhas sonoras, criam quadros em alta resolução, geram personagens, logos e campanhas publicitárias inteiras. A pergunta que inquieta artistas, juristas, críticos e tecnólogos é direta: se uma máquina pode produzir algo que emociona, surpreende ou conquista o público, o que significa, afinal, ser autor?



A crise atual não surge do nada. A ideia moderna de artista, tal como a conhecemos, é relativamente recente. Durante boa parte da história, pintores e compositores eram artesãos, muitas vezes anônimos, a serviço de mecenas, igrejas e cortes. Foi a partir do Renascimento e, depois, do romantismo que a figura do gênio individual ganhou centralidade. A assinatura passou a valer tanto quanto a obra. Saber que um quadro é de um determinado pintor passou a influenciar não só o preço, mas a forma de interpretar a imagem. No século vinte, essa lógica se extremou: um simples traço poderia ser arte se viesse acompanhado do nome certo. Agora, a inteligência artificial coloca esse modelo de cabeça para baixo.

Modelos generativos de texto, imagem, som e vídeo aprendem a partir de um oceano de exemplos humanos. Textos, músicas, fotografias,

pinturas e filmes alimentam sistemas que extraem padrões, combinam estilos, identificam estruturas narrativas, harmônicas e visuais. Ao contrário do que muitos imaginam, essas máquinas não "entendem" o mundo no sentido humano. Elas calculam probabilidades. Dado um começo de frase, qual a palavra mais provável a seguir? Dada uma descrição, qual combinação de cores e formas se aproxima do que já foi visto? Ainda assim, o resultado, muitas vezes, soa assustadoramente criativo. A fronteira entre copiar e inventar fica turva.

Essa turvação atinge em cheio o conceito de originalidade. Durante séculos, original foi aquilo que se afastava do já conhecido. No entanto, nenhuma obra humana nasce do zero. Todo escritor é leitor, todo compositor é ouvinte, todo cineasta foi espectador antes de pegar a câmera. O que os sistemas de IA revelam, de forma brutal, é que parte do que chamamos de novidade é recombinação sofisticada de referências. A diferença é que a máquina faz isso em escala e velocidade fora do alcance humano. Ao mesmo tempo, falta-lhe um elemento fundamental: a experiência vivida, a biografia, a dor e a alegria que moldam sensibilidade e escolha.



É nesse ponto que a crise da assinatura criativa ganha contornos filosóficos. Se uma IA produz um romance, uma canção ou um quadro, quem assina? O programador que escreveu o código? A equipe que treinou o modelo em milhões de exemplos? A empresa que detém os servidores? O usuário que descreveu, em poucas linhas, o que queria ver? Ou ninguém? A legislação de direitos autorais foi construída sobre a premissa de um criador humano identificável. Obras em domínio público, contratos, licenças, tudo se organiza em torno dessa figura. A inteligência artificial introduz uma autoria difusa, compartilhada e, em muitos casos, opaca.

Na prática, o mercado está respondendo de maneiras diferentes. Algumas plataformas exigem que conteúdos gerados com IA sejam identificados como tal. Outras estimulam sua produção, barateando custos para empresas de mídia, publicidade e entretenimento. Há narrativas de "parceria criativa", em que o humano é apresentado como diretor e a IA como ferramenta. Em outros casos, porém, o papel humano parece reduzido ao de operador. Em vez de meses de trabalho de um ilustrador,

uma campanha opta por imagens geradas em poucos minutos. Em vez de contratar um time de redatores, uma empresa recorre a textos automáticos adaptados por poucos editores.

Isso levanta uma questão concreta: o que acontece com o trabalho artístico quando parte significativa da demanda é absorvida por algoritmos? Quem vive de tarefas consideradas "intermediárias" na cadeia criativa é o primeiro a sentir o impacto. Designers que produzem variações de layout, ilustradores de baixa remuneração, compositores de trilhas genéricas, produtores de conteúdos padronizados para redes sociais, todos se veem diante da concorrência de sistemas capazes de gerar, em segundos, o que antes levava horas. O risco não é apenas econômico, mas formativo: se menos pessoas conseguem sobreviver da arte, menos gente terá tempo e espaço para amadurecer linguagens próprias.

Por outro lado, há relatos de usos da IA que ampliam possibilidades em vez de substituí-las. Roteiristas que usam modelos de linguagem para testar alternativas de diálogo, compositores que exploram harmonias que não imaginariam sozinhos, artistas visuais que tratam o algoritmo como colaborador, gerando material bruto para depois intervir manualmente. Nesses casos, a tecnologia funciona como extensão da imaginação, não como atalho para reduzir o humano a espectador de sua própria irrelevância. A diferença entre um cenário e outro muitas vezes está nas condições em que a ferramenta é introduzida: se é apresentada como recurso auxiliar, com tempo e remuneração adequados para elaboração humana, ou se entra apenas como mecanismo de corte de custos.



Sob a superfície técnica, existe uma camada ética espinhosa. Grande parte dos sistemas de inteligência artificial criativa foi treinada com obras de artistas vivos, sem consentimento explícito, sem pagamento e, não raro, contra a vontade dos autores. Pinturas, livros, músicas e fotografias foram coletados em massa na internet, sob a justificativa de que estavam publicamente acessíveis. Na prática, o que se vê é um processo assimétrico: trabalhos individuais, alguns produzidos ao longo de décadas, alimentam modelos que, depois, concorrem com esses mesmos artistas em licitações, concursos e mercados. Há quem chame isso de nova forma de apropriação, uma

espécie de industrialização do plágio, ainda que juridicamente difícil de enquadrar.

Frente a esse quadro, cresce a defesa da transparência. Exigir rastreabilidade de dados de treino, mecanismos de exclusão para quem não quer ver sua obra integrada a modelos, regras claras de remuneração quando estilos individuais são reproduzidos, tudo isso aparece na pauta de organizações de artistas. A discussão não é apenas sobre dinheiro, mas sobre reconhecimento. Se um estilo visual ou sonoro é tão marcante que o público identifica referências claras a um autor específico, por que esse autor ficaria fora da distribuição de benefícios?

Ao mesmo tempo, a inteligência artificial força uma revisão do mito do gênio isolado. Mesmo antes dela, a criação artística sempre envolveu colaboração, influência, diálogo. Editoras, galerias, produtores, críticos, professores, amigos, todos interferem no processo. A tecnologia apenas torna mais explícito algo que já existia: a arte é resultado de redes. Isso não elimina a importância da assinatura, mas talvez a desmistifique, deslocando o foco da ideia de origem absoluta para uma noção de autoria situada, relacional.

Nesse contexto, surgem novas funções. O chamado engenheiro de prompt, figura ainda em consolidação, é responsável por formular instruções complexas para sistemas de IA, guiando-lhes a produção. Em vez de escolher cada nota, cada cor ou cada palavra, esse profissional decide parâmetros, estilos e combinações. É possível ver nessa função uma forma de arte conceitual, em que o gesto criativo está em definir o enquadramento e os critérios, não em executar cada detalhe. Críticos argumentam que isso diminui o contato com a matéria, com a prática artesanal que sempre foi parte da formação artística. Defensores veem aí uma evolução natural, semelhante ao que aconteceu quando cineastas passaram a delegar a técnicos de fotografia, edição, som e efeitos parte importante do trabalho.

Outra questão que ganha força é a da autenticidade. Em um cenário em que obras tecnicamente impecáveis podem ser geradas em massa por máquinas, o público passará a valorizar ainda mais o traço humano reconhecível? Haverá mercado para pinturas com erros, canções com falhas, textos com pausas e hesitações, justamente porque refletem o esforço de alguém? Alguns sinais apontam nessa direção. Há interesse crescente por processos, bastidores, rascunhos, diários de criação. Saber como uma obra veio ao mundo torna-se quase tão importante quanto a obra em si. É uma forma de reconectar a arte à biografia, em resposta a uma produção algorítmica que, por mais sofisticada, carece de contexto humano.



Nada disso significa que a inteligência artificial jogará o artista para fora do palco de forma definitiva. Mas a posição tradicional está, sem dúvida, em transformação. Em muitos casos, o papel do criador se desloca de executor exclusivo para curador, diretor, editor, alguém que seleciona e organiza resultados produzidos em parte por sistemas automatizados. Essa mudança pode ser vista como perda de território ou como chance de explorar linguagens ainda indefinidas. A escolha, em alguma medida, está nas mãos da própria comunidade artística e das instituições que a cercam.

O desafio é evitar dois extremos: demonizar toda forma de IA como inimiga da arte ou aceitá-la de maneira acrítica como solução mágica. Entre a recusa absoluta e o entusiasmo ingênuo, há um campo de disputas em que se definem normas, direitos, responsabilidades. Leis de direitos autorais, políticas de plataformas, contratos de trabalho e decisões de tribunais moldarão, nos próximos anos, o contorno dessa crise. Sem participação ativa de artistas, pesquisadores, jornalistas e público, há o risco de que prevaleça apenas a lógica de quem controla infraestrutura e dados.

No fim, a pergunta sobre o desaparecimento do artista talvez esteja mal formulada. O que está desaparecendo, ou ao menos se desmanchando, é uma certa imagem romântica de autoria solitária, desconectada de redes e de sistemas. Em seu lugar, surge um cenário mais ambíguo, em que a criatividade se distribui entre humanos e máquinas, entre indivíduos e coletivos, entre intenções declaradas e efeitos imprevistos. A assinatura continua lá, mas cercada de asteriscos e notas de rodapé.

A verdadeira questão, então, pode ser outra: em um mundo em que algoritmos conseguem imitar quase qualquer estilo, o que fará a arte humana valer a pena? Talvez a resposta esteja menos na perfeição formal e mais na capacidade de assumir risco, de errar de maneira interessante, de falar a partir de uma experiência que nenhuma máquina pode ter. A crise da assinatura criativa não elimina a necessidade de artistas. Ao contrário, torna mais claro o que só eles podem oferecer: um modo particular de estar no mundo, com todas as contradições e vulnerabilidades que nenhuma linha de código consegue armazenar por completo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok" sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"



CRÍTICA

O Que Aconteceu com as Universidades como Espaços de Debate Livre?



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

CRÍTICA

Leia o artigo completo no Site

"Cresce a cautela, a autocensura e a busca por estabilidade aparente, enquanto o medo de exposição, o julgamento rápido das redes e a associação rígida entre ideias e identidades retraem a disposição ao confronto de ideias."



Houve um tempo em que a universidade era um território inquieto, quase elétrico, onde ideias não apenas circulavam, mas se chocavam com intensidade suficiente para produzir faíscas. Não se tratava de um espaço confortável. Ao contrário, era um ambiente em que o desconforto fazia parte do processo de aprendizagem. Questionar era esperado. Discordar era necessário. E, sobretudo, pensar implicava correr riscos.



Esse cenário, no entanto, parece cada vez mais distante. Não porque as universidades tenham se tornado menos relevantes, mas porque algo em sua dinâmica interna mudou de forma significativa. A disposição para o risco intelectual, que antes era um dos pilares da vida acadêmica, vem sendo substituída por uma cautela excessiva. Em muitos contextos, a preocupação em evitar conflitos ultrapassa o compromisso com o debate, criando um ambiente onde o silêncio se torna mais seguro do que a exposição de ideias.

O debate livre exige mais do que liberdade formal. Ele depende de uma cultura que valorize a dúvida, que reconheça o erro como parte do processo de construção do conhecimento e que encare a discordância como uma oportunidade, não como uma ameaça. Quando essa cultura enfraquece, o que resta é uma espécie de consenso superficial, mantido não pela força dos argumentos, mas pelo receio das consequências de divergir.



A universidade, que deveria funcionar como um espaço de experimentação intelectual, começa então a se transformar em um ambiente de validação. Em vez de testar ideias, passa a confirmar posições já estabelecidas. Em vez de estimular perguntas difíceis, tende a privilegiar respostas aceitáveis. Essa mudança, ainda que sutil em alguns casos, tem efeitos profundos sobre a qualidade do pensamento produzido.

Parte desse processo está relacionada a transformações mais amplas na sociedade. Vivemos um tempo em que a exposição é constante e as repercussões de qualquer posicionamento podem ser imediatas e

amplificadas. O ambiente digital contribui para isso ao criar uma lógica de julgamento rápido, em que nuances são frequentemente ignoradas e a complexidade dá lugar a interpretações simplificadas. Esse contexto inevitavelmente atravessa as universidades, influenciando a forma como estudantes e professores se posicionam.

Além disso, há uma crescente tendência de associar ideias a identidades de maneira rígida. Embora o reconhecimento de diferentes perspectivas seja um avanço importante, essa associação pode dificultar o debate quando qualquer questionamento é interpretado como um ataque pessoal. Nesse cenário, a discordância deixa de ser um exercício intelectual e passa a ser percebida como uma forma de deslegitimação do outro. O resultado é um ambiente em que o diálogo se torna mais difícil e o confronto de ideias, mais raro.

Outro aspecto relevante é a transformação do papel da universidade na sociedade contemporânea. Pressionadas por demandas de produtividade, rankings e resultados mensuráveis, muitas instituições acabam priorizando eficiência em detrimento da reflexão crítica. O tempo necessário para o debate, para a elaboração cuidadosa de argumentos e para a escuta atenta, torna-se escasso. O pensamento, que exige pausa e aprofundamento, passa a competir com a lógica da rapidez.



Essa combinação de fatores contribui para a construção de um ambiente em que o debate livre não desaparece completamente, mas se torna mais restrito. Ele passa a ocorrer em espaços informais, entre grupos de confiança, ou em contextos onde o risco de exposição é menor. No espaço público da universidade, por outro lado, prevalece muitas vezes uma postura mais cautelosa, marcada pela tentativa de evitar contravérsias.

Contudo, é importante reconhecer que a ausência de conflito não significa harmonia. Um ambiente sem debate pode parecer estável à primeira vista, mas essa estabilidade frequentemente esconde uma fragilidade estrutural. Ideias que não são questionadas tendem a se tornar rígidas, incapazes de se adaptar a novas informações ou perspectivas. O conhecimento, nesse contexto, perde sua capacidade de renovação.

Recuperar a universidade como espaço de debate livre não implica retornar a um modelo idealizado do passado. Significa,

antes, repensar as condições que tornam o debate possível no presente. Isso envolve criar ambientes em que a discordância seja tratada com responsabilidade, mas também com abertura. Envolve reconhecer que o confronto de ideias é parte essencial do processo de aprendizagem e que evitar esse confronto pode comprometer a própria função da universidade.

Também é necessário desenvolver uma cultura de escuta mais consistente. Ouvir não apenas para responder, mas para compreender. Essa prática, embora frequentemente mencionada, ainda é pouco cultivada em muitos contextos acadêmicos. Sem ela, o debate tende a se transformar em uma sucessão de monólogos, em que cada parte reafirma sua posição sem realmente considerar a do outro.

Outro ponto fundamental é a valorização da complexidade. Em um cenário marcado por polarizações, há uma tendência de simplificar questões que, na realidade, são multifacetadas.

A universidade, por sua natureza, deveria resistir a essa simplificação. Deveria ser o espaço onde as contradições são exploradas, onde as respostas fáceis são questionadas e onde a incerteza é reconhecida como parte do processo de conhecimento.

Em suma, é preciso resgatar a ideia de que mudar de opinião não é sinal de fraqueza, mas de maturidade intelectual. O debate livre só faz sentido em um ambiente onde as pessoas estão dispostas a revisar suas próprias posições. Sem essa disposição, o debate se torna apenas uma formalidade, um exercício retórico sem impacto real.

A universidade continua sendo um dos espaços mais importantes para a produção e a circulação de conhecimento. No entanto, sua relevância depende, em grande medida, da capacidade de sustentar o debate livre como prática cotidiana. Sem ele, o pensamento perde profundidade, a crítica se enfraquece e o conhecimento se torna repetitivo.

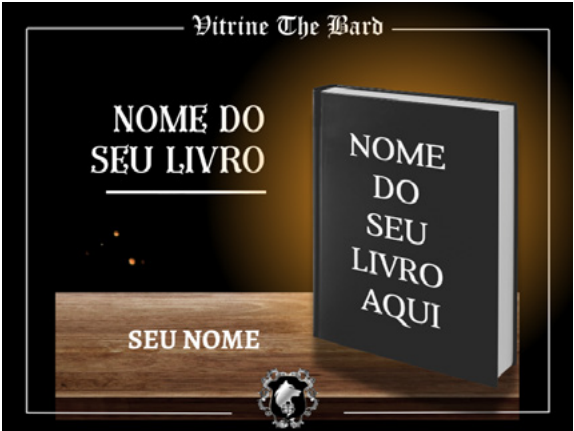
Se há um desafio a ser enfrentado, ele não está apenas nas estruturas institucionais, mas nas atitudes que moldam o cotidiano acadêmico. Reaprender a conviver com a discordância, valorizar o questionamento e aceitar o risco intelectual são passos essenciais para que a universidade recupere sua vitalidade.

Caso contrário, corre-se o risco de transformar um espaço que deveria ser marcado pela inquietação em um ambiente excessivamente previsível. E a previsibilidade, quando se trata de pensamento, raramente é um bom sinal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/05/2026"

VITRINE THE BARD



Clique aqui para anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

CLASSIFICADOS

ANUNCIE
SEU NEGÓCIO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SUA EMPRESA

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU EVENTO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

 Sua marca aqui



Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

CLIQUE AQUI
PARA ANUNCIAR

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim beatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** www.seusite.com.br

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO SITE

ANÚNCIO 1 - 1196X212



ANÚNCIO 2 - 1000X212



ANÚNCIO 3 - 400X300



ANÚNCIO 4 - 1080X1920



ANUNCIE

ANÚNCIOS NO JORNAL EM PDF

Pub1

ANUNCIE

Pub2

ANUNCIE

Pub3

ANUNCIE

Pub4

ANUNCIE

Pub5

ANUNCIE

Pub6

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

Clique aqui para Anunciar

AGRADECIMENTOS



No dia 07 de Setembro de 2026, celebramos a concretização de um sonho coletivo: o lançamento da 13ª edição do Jornal The Bard News®, no Brasil e no mundo.

Em um tempo marcado por transformações rápidas e profundas, seguimos acreditando na força da arte, da literatura, da ciência e do conhecimento como instrumentos capazes de construir pontes, ampliar horizontes e provocar reflexões indispensáveis. O The Bard News nasce como um espaço aberto, plural e generoso, voltado a todos que compreendem o diálogo, a diversidade e a cultura como pilares essenciais de transformação. Hoje, nosso agradecimento é sincero e profundo a cada pessoa que tornou este projeto possível. À equipe incansável, que entregou talento, dedicação, noites de trabalho e paixão; aos colaboradores e artistas convidados, que confiaram ao jornal suas vozes, ideias e olhares singulares; a todos que divulgaram, apoiaram, sugeriram e acreditaram desde o início. Nosso reconhecimento especial aos leitores, razão maior da nossa existência e parceiros fundamentais na construção de cada edição. Ao reunir temas como Arte, Literatura, História, Educação,

Filosofia, Psicologia, Ciência, Tecnologia, Saúde & Bem-Estar, Cultura e Opinião, buscamos oferecer mais do que informação. Nosso propósito é proporcionar experiências, despertar descobertas e provocar inquietações. O The Bard News nasce para ser vitrine e espelho do nosso tempo, fiel à missão de abrir espaço para o novo, para o debate, para o questionamento e para a proposição de ideias.

Nesta e em todas as edições, convidamos você a se conectar, participar e compartilhar sua voz conosco. Nosso compromisso permanece firme com o acesso democrático a conteúdos relevantes, nacionais e internacionais, guiados pela ética, pelo respeito e pela inovação.

A todos que caminharam e continuam caminhando ao nosso lado, o nosso mais sincero agradecimento. O The Bard

News é, acima de tudo, uma obra coletiva. Por isso, celebramos juntos cada conquista, cada desafio e cada página escrita dessa história que está apenas começando.



A Redação – Jornal The Bard News

JORNAL THE BARD NEWS



BAIXE NOSSO APLICATIVO

QR CODE

1

Aponte a camera do seu celular



OU

SITE

Clique aqui para acessar o Site

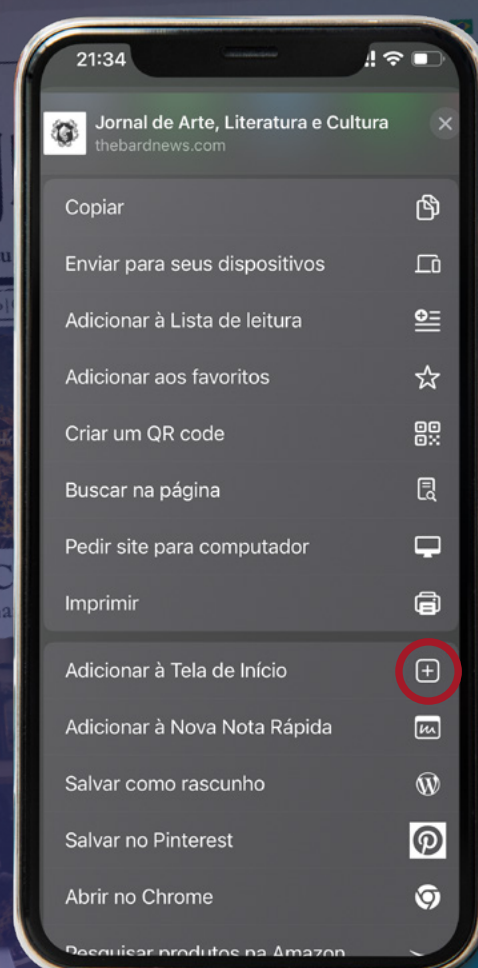


2

Procure este "ícone" no seu navegador.

3

Selecione a opção "Adicionar à tela de início."



4

Clique em "Adicionar"

5

Pronto! Seu app já estará instalado e está na sua tela inicial.

